

**Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras**



AQUISIÇÃO DE INTERROGATIVAS-WH MÚLTIPLAS EM PORTUGUÊS L2

Nailia Rafikovna Baldé

Orientadoras:

Professora Doutora Ana Lúcia da Silva Dias Gonçalves dos Santos

Professora Doutora Maria Inês Pedrosa da Silva Duarte

Tese especialmente elaborada para a obtenção do grau de Doutor em Linguística,
na especialidade de Linguística Portuguesa

2019

**Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras**



**AQUISIÇÃO DE INTERROGATIVAS-WH MÚLTIPLAS EM
PORTUGUÊS L2**

Nailia Rafikovna Baldé

Orientadoras:

Professora Doutora Ana Lúcia da Silva Dias Gonçalves dos Santos

Professora Doutora Maria Inês Pedrosa da Silva Duarte

Tese especialmente elaborada para a obtenção do grau de Doutor em Linguística,
na especialidade de Linguística Portuguesa

Júri

Presidente: Doutora Ana Maria Martins, Professora Catedrática e Directora da Área de Ciências
da Linguagem da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Vogais:

Doutora Cristina Maria Moreira Flores, Professora Associada

Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho;

Doutora Ana Maria Lavadinho Madeira, Professora Auxiliar

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa;

Doutora Larysa Shotropa, Investigadora

Instituto de Línguas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e Centro de Linguística da
Universidade Nova de Lisboa;

Doutora Ana Lúcia da Silva Dias Gonçalves dos Santos, Professora Associada

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, orientadora;

Doutora Maria Madalena Coelho da Mota de Brito Colaço Belo, Professora Auxiliar

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Instituição Financiadora
Fundação para a Ciência e Tecnologia
SFRH/BD/80579/2011

2019

ÍNDICE

ÍNDICE	I
AGRADECIMENTOS.....	III
ABREVIATURAS.....	V
LISTA DE TABELAS	VII
LISTA DE FIGURAS	IX
RESUMO.....	XI
ABSTRACT	XII
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I. IWHM: ESTRUTURA SINTÁTICA.....	7
1.1. TIPOLOGIA DA ESTRUTURA IWHM	7
1.2. PROBLEMÁTICA DAS ESTRUTURAS IWHM	11
1.2.1. Tipologia de línguas [+MWF] (Rudin, 1988).....	12
1.3. O RUSSO COMO LÍNGUA [-MFS]	18
1.3.1. Movimento de Foco.....	23
1.3.2. Problemas levantados pela possibilidade de Movimento de Foco em russo.....	26
1.3.3. Estrutura da interrogativa-WH múltipla em russo: uma proposta de análise	28
1.3.3.1. Posição dos constituintes-WH	29
1.3.3.2. Constituintes-WH em russo	37
1.3.3.3. <i>Triggers</i> para o movimento múltiplo	43
1.4. ESTRUTURA-WH INTERROGATIVA EM PORTUGUÊS.....	46
1.4.1. Interrogativas-WH simples em português	46
1.4.2. Movimento-WH em português.....	49
1.4.3. Movimento V-para-T-para-C	52
1.4.4. Estrutura-WH múltipla em português.....	57
1.4.4.1. Posição e ordem de constituintes-WH múltiplos	57
1.4.4.2. Constituintes interrogativos e indefinidos em português	59
1.5. COMPARAÇÃO DE ESTRUTURA IWHM EM RUSSO E EM PORTUGUÊS	61
CAPÍTULO II. IWHM: AQUISIÇÃO EM L2	64
2.1. O QUE É QUE UM FALANTE DE L2 ADQUIRE E COMO?	55
2.1.1. GU na aquisição de L2	56
2.1.2. <i>Transfer</i>	61
2.1.3. <i>Input</i>	64
2.1.4. Período Crítico.....	67
2.2. PARA ALÉM DO MODELO DE PRINCÍPIOS & PARÂMETROS: <i>FEATURE-DRIVEN HYPOTHESIS</i>	72
2.2.1. Hipóteses de Interpretabilidade (HI)	72
2.2.2. Hipóteses de Reconfiguração de Traços (HRT)	75
2.2.3. Estruturas IWHM nos estudos anteriores	81
2.3. UMA HIPÓTESE PARA A AQUISIÇÃO DE IWHM EM L2 PORTUGUÊS POR FALANTES RUSSOS	88
2.4. PERGUNTAS DE INVESTIGAÇÃO E PREDIÇÕES	91
CAPÍTULO III: ESTUDO EXPERIMENTAL.....	105
3.1. PARTICIPANTES	106

3.1.1. Grupo de controlo (PL1).....	107
3.1.2. Falantes de português como língua não materna (PL2)	108
3.1.2.1. Teste diagnóstico.....	108
3.1.3. Perfil dos Falantes de PL2	109
3.2. DESENHO EXPERIMENTAL.....	113
3.2.1. Seleção do léxico	114
3.2.2. Composição do desenho experimental.....	116
3.2.3. Aplicação das tarefas experimentais	121
3.3. RESULTADOS	123
3.3.1. Grupo de Controlo (PL1)	123
3.3.2. Grupos de falantes de PL2 de nível básico (<i>Late Acquisition/Late Arrivals</i>)	129
3.3.2.1. Falantes de PL2 de nível básico – aquisição em contexto académico (PL2_LA_CA_Bas)	130
3.3.2.2. Falantes de PL2 de nível básico – aquisição em imersão linguística (PL2_LA_IL_Bas)	137
3.3.2.3. Comparação dos grupos PL2_LA_CA e PL2_LA_IL de nível básico	141
3.3.3. Grupos de falantes de PL2 de nível intermédio	146
3.3.3.1. Falantes de PL2 de nível intermédio – aquisição em contexto académico (PL2_LA_CA_Int)	147
3.3.3.2. Falantes de PL2 de nível intermédio – aquisição em contexto de imersão linguística (PL2_LA_IL_Int)	156
3.3.3.3. Comparação dos grupos PL2_LA_CA_Int e PL2_LA_IL_Int.....	163
3.3.4. Grupo 5: falantes de PL2 <i>Early Arrivals</i>	167
3.4. SUMÁRIO.....	176
CAPÍTULO IV. INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	181
4.1. ESTRUTURA IWHM DE PORTUGUÊS EM L1	182
4.2. (RE)CONFIGURAÇÃO DE TRAÇOS NAS IWHM: NÍVEL BÁSICO VS. NÍVEL INTERMÉDIO	184
4.3. POBREZA DE ESTÍMULOS E TRIGGERS PARA O REAGRUPAMENTO DE TRAÇOS.....	191
4.4. CONTEXTO ACADÉMICO VS. CONTEXTO DE IMERSÃO LINGUÍSTICA	194
4.5. FATOR IDADE NA AQUISIÇÃO DAS IWHM	198
CAPÍTULO V. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	202
BIBLIOGRAFIA	209
ANEXO 1. PERFIL DO INFORMANTE (VERSÃO EM RUSSO)	224
ANEXO 2. PERFIL DO INFORMANTE (VERSÃO EM PORTUGUÊS)	225
ANEXO 3. TESTE DE DIAGNÓSTICO.....	226
ANEXO 4. TAREFA DE JUÍZO DE GRAMATICALIDADE.....	230
ANEXO 5. ESTRUTURAS INTERROGATIVAS-WH MÚLTIPLAS E NÃO MÚLTIPLAS: RESULTADOS GLOBAIS	241

AGRADECIMENTOS

Às minhas orientadoras, Professora Ana Lúcia Santos e Professora Inês Duarte. Não consigo medir em palavras a admiração que tenho pelas Professoras. Muito obrigada pelos comentários, conversas interessantes ao longo desta caminhada, pelo rigor, paciência e inúmeras revisões de que esta tese é o resultado final.

Aos membros do júri da prova intermédia, Professora Ana Maria Madeira, Professora Gabriela Matos e Professora Madalena Colaço, pelas preciosas observações que me fizeram olhar de ângulos diferentes para o projeto e pela partilha do conhecimento.

Ao Professor José Pascoal, Subdiretor do CAPLE-FLUL, pela elaboração do teste de diagnóstico e pela disponibilidade para partilhar os detalhes da sua construção e discutir os moldes em que deve ser feita a avaliação dos resultados e a consequente atribuição do nível.

A todos os professores que tornaram possível a aplicação do estudo experimental, Professora Anabela Gonçalves, Professor José Pascoal, Professora Galina Petrova, Professor Nikolai Ivanov, Professor Dmitry Gurevich, Professora Maria Khvan, Professora Ksenia Nechaeva.

Aos meus informantes que abdicaram do seu tempo para poderem participar no estudo. Na verdade, sem eles o trabalho não existiria.

Ao Professor Gueorgui Hristovsky, Diretor do Centro das Línguas e Culturas Eslavas, por compreender e aceitar as minhas justificações nas alturas, quando me afastava por completo da vida do Centro.

Às minhas amigas do Centro, Jayanti e Ana Carina, pelo convívio, conversas longas e cumplicidade, e a todas as colegas eslavas, Anna Almeida, Zlatka Timenova, Mateja Rozman, Arijana Medvedec, Ewa Komorowska pela atenção e prontidão de ouvir.

Às minhas colegas do grupo de sintaxe, Aida Cardoso, Silvana Abalada, Ana Espírito Santo, que, por seguirem um caminho semelhante, partilham as mesmas preocupações e, por vezes, desesperos. A Rita Gonçalves, pelo interesse manifestado.

Aos meus amigos do peito, Viktoria, Nikolai e Svetlana, que não fazem parte do mundo mágico das letras, mas, ao ouvir tantas vezes sobre as interrogativas múltiplas e a Gramática Universal, já são capazes de dar uma pequena palestra.

Finalmente, quero destacar as pessoas que mais amo neste mundo, a minha família. Quem está na linha da frente é quem sofre mais. Mário, Nhima, foram vocês que me acompanharam sempre sem reservas nem restrições. Muito obrigada por me tolerarem nas alturas mais difíceis.

Aos meus pais, que me amam independentemente de tudo e cujo ombro amigo está sempre presente nos bons e nos maus momentos.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta tese, o meu sincero obrigada.

ABREVIATURAS

ACC.	Caso acusativo
ADJ	Adjetivo
ADV	Advérbio
AgrP	<i>Agreement Phrase</i> / Sintagma Concordância
AUX	Verbo auxiliar
C_∅	Núcleo C <i>bare</i>
C_{é que}	Núcleo C preenchido com o morfema cristalizado <i>é que</i>
C_T	Núcleo C preenchido com verbo
CH_L	<i>Universal Computational System</i>
CL	Clítico
COMPL CONJ	Complementador de Conjuntivo
COND	(Partícula) Condicional
CP	<i>Complementizer Phrase</i> / Sintagma Complementador
DAT	Caso Dativo
DET	Determinante
DEF	Definido
ESP	Específico
FA/FT	<i>Full Access/Full Transfer Hypothesis</i>
FocP	<i>Focus Phrase</i> / Sintagma Foco
FUT	Futuro
FF	Forma Fonológica
FL	Forma Lógica
FRH	<i>The Feature Re-Assembly Hypothesis</i>
GU/UG	Gramática Universal/ <i>Universal Grammar</i>
HI	Hipóteses de Interpretabilidade
HRT	Hipóteses de Reconfiguração de Traços
IP	Inflection Phrase /Sintagma Flexão
INF	Infinitivo
ISV	Inversão Sujeito-Verbo
IWHM	Interrogativa-WH múltipla
L1	Língua materna
L2	Línguas segunda/Língua não materna
LAD	<i>Language Acquisition Device</i>
LEX	Item lexical
LGU	Universidade Estatal de Línguística de Moscovo
MGIMO	Instituto Estatal de Relações internacionais de Moscovo
MGU	Universidade Estatal de Moscovo
MWF	<i>Multiple Wh-Fronting</i>
MFS	<i>Multiply-filled Spec, CP</i>
N	Nome
NEG	Negação
NOM	Caso nominativo
NP	<i>Noun Phrase</i> / Sintagma Nominal
OD	Objeto Direto

P & P	Teoria de Princípios e Parâmetros
PART CONJ	Partícula de Conjuntivo
PE	Português Europeu
PL1	Português como língua materna
PL2	Português como língua não materna
PL2_EA	Grupo de falantes não nativos de aquisição precoce (<i>early arrivals</i>)
PL2_LA_CA_Bas	Grupo de falantes não nativos de aquisição tardia (<i>late acquisition</i>) em contexto académico e inseridos em nível básico
PL2_LA_CA_Int	Grupo de falantes não nativos de aquisição tardia (<i>late acquisition</i>) em contexto académico e inseridos em nível intermédio
PL2_LA_IL_Bas	Grupo de falantes não nativos de aquisição tardia (<i>late arrival</i>) em contexto de imersão linguística inseridos em nível básico
PL2_LA_IL_Int	Grupo de falantes não nativos de aquisição tardia (<i>late arrival</i>) em contexto de imersão linguística inseridos em nível intermédio
PL	Plural
PLE	Português Língua Estrangeira
PM	Programa Minimalista
PROCL	Proclisador
[Q]	interrogativo (question)
[REL]	relativo
SLA	<i>Second Language Acquisition</i>
Spec	Especificador
SU	Sujeito
S V O	Ordem de palavras: Sujeito – Verbo – Objeto
TP	<i>Tense Phrase</i> / Sintagma Tempo
V	Verbo
V2	<i>Verb Second</i>
vP/VP	<i>Verbal Phrase</i> / Sintagma Verbal
WH	Constituinte-WH
WHP	<i>Wh Phrase</i> / Sintagma WH

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Tipologia de construções-WH múltiplas	8
Tabela 2. Tipologia de construções-WH múltiplas reformulada.....	9
Tabela 3. Constituintes-WH em russo.....	37
Tabela 4. Dados estatísticos do <i>Corpus</i> Principal.	39
Tabela 5. Dados de ocorrência de palavras-WH com ou sem inserção de material lexical..	40
Tabela 6. Propriedades de elementos-WH em diferentes tipos de estruturas em russo.....	42
Tabela 7. Constituintes interrogativos e indefinidos em português.....	60
Tabela 8. Propriedades de interrogativas-WH múltiplas em português	61
Tabela 9. Propostas para existência de limites temporais de períodos críticos dentro de diferentes domínios da língua (Hopp, 2007: 12). Os períodos indicados numericamente correspondem a anos.....	69
Tabela 10. Choi (2009a: 45): “Feature Organization and Spell-outs for Clause Typing”	86
Tabela 11. Choi (2009a: 46): Selection and Assembly of Features of Wh-expressions in the C domain.....	86
Tabela 12. Resultados globais do grupo de controlo nas condições que testam estruturas IWHM.....	124
Tabela 13. Resultados globais do grupo de controlo nas condições que testam estruturas interrogativas-WH não múltiplas.....	127
Tabela 14. Resultados globais do grupo PL2_LA_CA_Bas nas condições que testam estruturas IWHM.	130
Tabela 15. Resultados globais do grupo PL2_LA_CA_Bas nas condições que testam estruturas interrogativas-WH não múltiplas.	135
Tabela 16. Resultados globais do grupo PL2_LA_IL_Bas nas condições que testam estruturas IWHM.	137
Tabela 17. Resultados globais do grupo PL2_LA_IL_Bas nas condições que testam estruturas interrogativas-WH não múltiplas.	140
Tabela 18. Resultados globais do grupo PL2_LA_CA_Int nas condições que testam estruturas IWHM.	147
Tabela 19. Resultados globais do grupo PL2_LA_CA_Int nas condições que testam estruturas interrogativas-WH não múltiplas.	153
Tabela 20. Resultados globais do grupo PL2_LA_IL_Int nas condições que testam estruturas IWHM.	156
Tabela 21. Resultados globais do grupo PL2_LA_IL_Int nas condições que testam estruturas interrogativas-WH não múltiplas.	160
Tabela 22. Resultados globais do grupo PL2_Early Arrivals nas condições que testam estruturas IWHM.	168
Tabela 23. Resultados globais do grupo PL2_Early Arrivals nas condições que testam estruturas interrogativas-WH não múltiplas.	174
Tabela 24. Percentagem das correções das estruturas que exigem a realização de <i>é que</i> calculada em 100% de oportunidades de resposta.....	179
Tabela 25. Constituintes-WH em russo.	193
Tabela 26. Constituintes-WH e quantificadores indefinidos em português.....	193
Tabela 27. Uso da estrutura WH _{0D} SU V <i>ontem</i> em 100% de oportunidades de resposta nas condições 6 e 8.....	199

Tabela 28. Desempenho dos informantes que têm uma taxa igual ou superior a 90% no teste de diagnóstico, relativamente ao uso de estruturas IWHM.....	200
--	-----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Exemplo de extração de dois elementos-WH negativos adjacentes.....	40
Figura 2. Diagrama de Período Crítico de aquisição (Birdsong, 2005: 112).....	68
Figura 3. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Bas e PL2_LA_IL_Bas: Condição 1	142
Figura 4. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Bas e PL2_LA_IL_Bas: Condição 3	142
Figura 5. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Bas e PL2_LA_IL_Bas: Condição 2	143
Figura 6. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Bas e PL2_LA_IL_Bas: Condição 3	143
Figura 7. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Bas e PL2_LA_IL_Bas: Condição 4	144
Figura 8. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Bas e PL2_LA_IL_Bas: Condição 5	144
Figura 9. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Bas e PL2_LA_IL_Bas: Condição 7	145
Figura 10. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Bas e PL2_LA_IL_Bas: Condição 6	145
Figura 11. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Bas e PL2_LA_IL_Bas: Condição 8	145
Figura 12. Desempenho dos grupos em contexto acadêmico: Condição 1	149
Figura 13. Desempenho dos grupos em contexto acadêmico: condição 2	149
Figura 14. Desempenho dos grupos em contexto acadêmico: Condição 3	150
Figura 15. Desempenho dos falantes em contexto acadêmico: Condição 4	152
Figura 16. Desempenho dos falantes em contexto acadêmico: Condição 5	152
Figura 17. Desempenho dos falantes em contexto acadêmico: Condição 6	154
Figura 18. Desempenho dos falantes em contexto acadêmico: Condição 7	154
Figura 19. Desempenho dos falantes em contexto acadêmico: Condição 8	155
Figura 20. Desempenho dos falantes em imersão linguística: Condição 1	157
Figura 21. Desempenho dos falantes em imersão linguística: Condição 2	157
Figura 22. Desempenho dos falantes em imersão linguística: Condição 3	159
Figura 23. Desempenho dos falantes em imersão linguística: Condição 4	159
Figura 24. Desempenho dos falantes em imersão linguística: Condição 5	159
Figura 25. Desempenho dos falantes em imersão linguística: Condição 6	161
Figura 26. Desempenho dos falantes em imersão linguística: Condição 7	161
Figura 27. Desempenho dos falantes em imersão linguística: Condição 8	162
Figura 28. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Int e PL2_LA_IL_Int: Condição 1	163
Figura 29. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Int e PL2_LA_IL_Int: Condição 2	164
Figura 30. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Int e PL2_LA_IL_Int: Condição 3	164
Figura 31. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Int e PL2_LA_IL_Int: Condição 4	165

Figura 32. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Int e PL2_LA_IL_Int: Condição 5	165
Figura 33. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Int e PL2_LA_IL_Int: Condição 6	166
Figura 34. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Int e PL2_LA_IL_Int: Condição 7	166
Figura 35. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Int e PL2_LA_IL_Int: Condição 8	166
Figura 36. Desempenho dos falantes em imersão linguística de <i>Early Arrivals</i> e <i>Late Arrivals/Acquisition</i> : Condição 1	168
Figura 37. Desempenho dos falantes em imersão linguística de <i>Early Arrivals</i> e <i>Late Arrivals/Acquisition</i> : Condição 2	169
Figura 38. Desempenho dos falantes <i>Early Arrivals</i> : Condição 3	171
Figura 39. Desempenho dos falantes PL2 de nível intermédio e de <i>Early Arrivals</i> : Condição 4	171
Figura 40. Desempenho dos falantes <i>Early Arrivals</i> : Condição 5	172
Figura 41. Desempenho dos falantes PL2 de nível intermédio e de <i>Early Arrivals</i> : Condição 5	173
Figura 42. Desempenho dos falantes PL2 de nível intermédio e dos <i>Early Arrivals</i> : Condição 6	174
Figura 43. Desempenho de todos os informantes: Condição 7	175
Figura 44. Desempenho dos falantes PL2 de nível intermédio e dos <i>Early Arrivals</i> : Condição 8	176
Figura 45. Contraste entre os falantes em contexto académico de nível básico e nível intermédio: Condição 1	177
Figura 46. Contraste entre os falantes em imersão linguística de nível básico e nível intermédio: Condição 1	178
Figura 47. Período temporal de exposição ao português: nível básico	186
Figura 48. Período temporal de exposição ao português: nível intermédio	187
Figura 49. Desempenho de todos os falantes PL2: Condição 6	190

RESUMO

O assunto central desta dissertação é a aquisição de estruturas interrogativas-WH múltiplas (IWHM), por falantes não nativos de português adultos em diferentes estádios e ambientes de aquisição e que têm russo como língua materna. Trata-se de estruturas muito pouco frequentes no *input*, numa situação de aquisição que envolve duas línguas em que tanto os constituintes-WH como também o núcleo funcional C são compostos e especificados de modo diferente, o que pode determinar configurações da periferia esquerda distintas. Adopta-se como hipótese orientadora a *Feature Reassembly Hypothesis* (Lardiere 2007, 2008, 2009) e tem-se em conta a discussão sobre a estrutura de CP nas línguas eslavas em estruturas interrogativas-WH. No estudo, são incluídos quatro grupos de falantes de L2 de aquisição tardia que, de acordo com um teste de diagnóstico, foram distribuídos entre nível básico e nível intermédio, sabendo-se ainda que se encontram inseridos em ambientes de aquisição distintos (formal e informal), e um grupo de falantes adultos que começaram a aquisição de português L2 na infância. O grupo de controlo é composto por 25 falantes nativos de português europeu.

Os resultados recolhidos através de uma tarefa de juízo de gramaticalidade escalar sugerem que: 1) existe uma diferença relevante entre os falantes de PL2 de aquisição tardia de nível básico e de nível intermédio que sugere que as estruturas IWHM são passíveis de aquisição, apesar da sua presença escassa no *input*; 2) no caso da aquisição tardia, o processo de reconfiguração de traços dos constituintes-WH parece não apresentar muitas dificuldades, no entanto, a reconfiguração do núcleo C de CP relativamente ao traço [T] parece envolver custos mais elevados; 3) o processo de aquisição em contexto académico é, no caso das estruturas em estudo, mais célere do que a aquisição em contexto de imersão linguística; 4) o *steady state* dos falantes que começaram a sua aquisição na infância (*early arrivals*) é idêntico ao *steady state* dos falantes nativos de português.

Palavras-chave: (re)configuração de traços em L2, constituintes-WH múltiplos, movimento-WH, aquisição de interrogativas-WH múltiplas, aquisição tardia e precoce de português L2, *Feature Reassembly Hypothesis*

ABSTRACT

The central topic of this dissertation is the acquisition of multiple WH-Questions (IWHM), which are extremely scarce in the input, by non-native speakers of Portuguese at different stages and in different acquisition environments and who have Russian as their L1. This work takes into account the fact that the Wh-constituents of the two languages, as well as the functional head C, are specified differently. Thus, based on the Feature Reassembly Hypothesis (Lardiere 2007, 2008, 2009) as the guiding hypothesis, I intend to explain the variability in the acquisition of morphosyntactic categories in L2 Portuguese by speakers whose L1 is typologically distinct from the language in acquisition. In this study, four groups of late L2 speakers were included, which were allocated between elementary and upper intermediate level according to a diagnostic test. The subjects are also grouped according to distinct acquisition environments (formal and informal). Finally, a group of adult speakers who started the acquisition of L2 Portuguese in childhood was also included in the study. The control group includes 25 native speakers of European Portuguese.

The results collected through a scalar grammaticality judgment task suggest that: 1) there is a relevant difference between the late L2 speakers of elementary and upper intermediate level, a fact that indicates that multiple wh-questions can be acquired, despite their scarce presence in input; 2) in the case of late acquisition, the reconfiguration of features of WH-phrases does not seem to present many difficulties; however, the reconfiguration of the head C of CP with respect to the feature [T] seems to involve higher costs; 3) the acquisition process in formal instruction contexts is faster, if compared to the acquisition in naturalistic settings; 4) the steady state of *early arrivals* is identical to the steady state of native Portuguese speakers.

Keywords: Feature-(Re)assembly in SLA, Multiple WH-Phrases, WH-movement, Acquisition of Multiple WH-Questions, Late and Early Second Language Acquisition of Portuguese, Feature Reassembly Hypothesis

INTRODUÇÃO

Existem vários estudos na área da aquisição de língua não materna (abreviadamente, SLA) que mostram que alguns falantes têm dificuldade na aquisição de algumas estruturas sintáticas diferentes das da sua língua materna (L1). Por outro lado, existem estruturas que têm propriedades parcialmente idênticas à L1, mas que, ao mesmo tempo, podem apresentar dificuldades no processo de aquisição. As interrogativas-WH múltiplas (IWHM) constituem um exemplo deste último caso. Considerando o português e o russo, verificamos que as duas línguas movem um constituinte-WH para a periferia esquerda da frase, embora diverjam quanto à posição do(s) restante(s) constituinte(s)-WH. Assim, em português não é possível mover mais do que um constituinte-WH para a periferia esquerda (1), enquanto em russo todos os constituintes interrogativos se movem para posições periféricas pré-verbais nas interrogativas-WH padrão¹ (2).

(1) a. **O que** ofereceu o João **a quem**?

b. * **O que a quem** ofereceu o João?

(2) a. **Chto**² **komu** Ivan podaril?

o que_{ACC} quem_{DAT} Ivan_{NOM} ofereceu

O que ofereceu o Ivan a quem?

b. * **Chto** Ivan podaril **komu**?

o que_{ACC} Ivan_{NOM} ofereceu quem_{DAT}

Apresentando as duas línguas estas (dis)semelhanças, levantam-se várias questões do âmbito de SLA, relacionadas, por um lado, com a transferência de propriedades da língua materna para a língua não materna (L2) – o que, no quadro teórico de Princípios & Parâmetros (P&P) (Chomsky, 1981), é explicado como a manutenção na interlíngua do falante do valor paramétrico fixado na L1 (*e.g.*, Schwartz & Sprouse, 1994/1996) –, e, por outro lado, com a eventual dificuldade na refixação de valores distintos dos da L1.

Antes de responder às questões específicas levantadas pelo problema da aquisição de uma L2 (ou antes mesmo de as formular de forma mais fina), é necessário definir os valores

¹ Por interrogativas-WH padrão (*standard* na designação de Ambar, 2000, 2001) entende-se uma construção interrogativa que contém uma variável que tem de ser identificada, *i.e.* a interrogativa exprime um genuíno pedido de informação. As interrogativas-WH pragmaticamente marcadas (*non-standard*) não são objeto do presente estudo.

² Em diversos trabalhos, os itens lexicais que integram uma fricativa [tʃ] são transliterados de modo diferente. Para efeitos da uniformização, neste trabalho, para itens lexicais russos que correspondem ao item lexical português *que*, ou que integra este item (*para que*, *porque*, *porquê*, *e.o.*) é adotada a seguinte transliteração: **chto** (*que*), **chto**by (*para que*), **pochemu** (*porque*). A mesma grafia é adotada no caso das citações de exemplos de outros autores.

de que estamos a falar, *i.e.*, em primeiro lugar, temos de caracterizar o tipo de estrutura em aquisição, compará-la com a estrutura correspondente da língua materna, deslindando semelhanças e diferenças entre as duas línguas. Sendo assim, antes de tudo, pretende-se fazer uma análise comparativa das interrogativas-WH múltiplas em português (variante europeia) e em russo, com base em análises propostas por vários autores (Bailyn, 2011; Bošković, 1997, 1998, 2002; Rudin, 1988; Stepanov, 1997; Zavitnevich, 2002; Zavitnevich-Beaulak, 2005, *e.o.*, para o russo; Ambar, 1988; Barbosa, 2001; Duarte, 2000; Soares, 2006, *e.o.*, para o português).

A construção escolhida para análise representa um caso desafiante do ponto de vista teórico, devido à pluralidade de propostas existentes. Portanto, no âmbito desta exposição, será feita uma revisão da literatura relevante, pesando os prós e os contras das hipóteses sugeridas para a análise das estruturas IWHM do russo, e será avançada uma proposta baseada nos dados empíricos desta língua, de acordo com a qual todos os constituintes-WH ocupam posições no domínio periférico pré-verbal, estando, no entanto, apenas um constituinte-WH sujeito a movimento para a posição de Spec, CP. Para explicar a motivação para o movimento múltiplo em umas línguas e não em outras, adoto a hipótese de Cheng (1991), cuja proposta se baseia no facto de, em línguas diferentes, os constituintes interrogativos serem formados de modo diferente. Em particular, em russo, os morfemas-WH terão natureza ambígua, sendo subespecificados na numeração, e, portanto, serão movidos por razões de desambiguação, *i.e.*, todas as palavras que funcionam como palavras-WH em russo têm forma morfológica idêntica, recebendo, no entanto, leitura diferente (interrogativa, específica, negativa), dependendo da (não) realização de uma partícula ligada a *WH-*, da mudança do contorno entoacional e/ou da ordem de palavras.

Por sua vez, em português, em interrogativas-WH múltiplas padrão, os constituintes-WH não são ambíguos quanto a traços de negação e de especificidade, e a subida de um, e apenas um, constituinte-WH é necessária para ativação do nó C por intermédio da verificação de traços [*uwh/iQ*], e consequente atribuição de *clause type* (*The Clausal Typing Hypothesis* de Cheng, 1991). Tendo esta diferença tipológica presente, observa-se que, por um lado, o russo e o português partilham o fenómeno de movimento-WH para a periferia esquerda da frase, sendo que, no caso de aquisição de português como L2, e assumindo a hipótese *Full Transfer Full Access* de Schwartz & Sprouse (1994/1996) como hipótese geral, este facto poderá traduzir-se na transferência positiva dos valores paramétricos do russo para português. Para estes autores, a Gramática Universal (GU), composta por princípios invariáveis para todas as línguas, que estarão disponíveis para os falantes, e um número finito de parâmetros que explicam a variação linguística, medeia, portanto, o processo de aquisição. A variação dita paramétrica pode ser associada às propriedades de itens lexicais

ligadas a categorias funcionais, que, por sua vez, são combinações de determinados traços formais. Como White (2003: 10) indica, tendo em conta o que eram as hipóteses sobre variação sintática nesse momento:

There are three potential sources of crosslinguistic variation relating to functional categories:

i. Languages can differ as to which functional categories are realized in the grammar. On some accounts, for example, Japanese lacks the category Det (Fukui and Speas 1986).

ii. The features of a particular functional category can vary from language to language. For instance, French has a gender feature, while English does not.

iii. Features are said to vary in strength: a feature can be strong in one language and weak in another, with a range of syntactic consequences. For example, Infl features are strong in French and weak in English [...], resulting in certain word-order alternations between the two languages.

The lexicons of different languages, then, vary as to which functional categories and features are instantiated and what the strength of various features may be. Such variation has a variety of syntactic effects.

Contudo, nas estruturas em análise, falta explicar a diferença na posição dos diferentes constituinte(s)-WH nas duas línguas. Trata-se de valores paramétricos opostos em russo e em português ou o assunto tem de ser visto por outro ângulo? Ou seja, apesar de o quadro teórico de Princípios e Parâmetros ter sido, até um dado momento, amplamente adotado na área de aquisição de L2, ele não explica inteiramente a eventual variabilidade de dados de falantes não nativos na aquisição da estrutura IWHM em línguas tipologicamente distintas, visto que a (re)fixação de valores paramétricos é ligada ao *all-or-nothing phenomenon*.

Assumindo que todos os traços que compõem determinadas categorias gramaticais realizadas em itens lexicais estão disponíveis na aquisição de L2, creio que a *Feature Reassembly Hypothesis* (Lardiere, 2005, 2007, 2008, 2009, *e.o.*) poderá ser um bom candidato para explicar a variabilidade na aquisição de categorias morfossintáticas por falantes não nativos. No quadro do Programa Minimalista (PM), o conhecimento linguístico envolve um sistema computacional universal (*universal computational system* = CH_L) e o léxico (*lexicon* = LEX), que contém itens lexicais compostos por matrizes de traços formais, semânticos e fonológicos que fazem parte do inventário universal disponibilizado pela GU e estão acessíveis na aquisição de L1. O processo de aquisição, neste caso, caracteriza-se por dois processos: 1) a seleção de traços relevantes do inventário universal; 2) o agrupamento destes traços num item lexical (Chomsky, 2000, 2001). A variação entre línguas pode envolver, portanto, diferente seleção ou agrupamento de traços. Enquanto, no caso das crianças, os dois processos convergem na gramática-alvo, ou seja, a aquisição de L1 tem sempre, em condições normais, um desfecho bem sucedido, a aquisição de L2 é descrita em termos de variabilidade interlinguística e, frequentemente, de insucesso parcial, observável

em determinados conjuntos de estruturas (Hawkins & Chan, 1997; Hawkins & Hattori, 2006; Tsimpli & Mastropavlou, 2001; Tsimpli, 2003; Lardiere, 2000, 2007, 2009; White, 2003, *e.o.*). Ao passo que alguns autores explicam este insucesso com a impossibilidade de adquirir determinados (tipos de) traços que não são selecionados na L1 depois do período crítico (Hawkins & Chan, 1997; Hawkins & Hattori, 2006; Tsimpli & Mastropavlou, 2001; Tsimpli, 2003, *e.g.*) – *i.e.*, o fracasso é justificado, de alguma forma, pelo acesso parcial à GU –, outros autores defendem a ideia de que a variabilidade interlinguística se deve à dificuldade na reconfiguração de traços (Lardiere, 2007, 2008, 2009, 2013, *e.o.*; Goad & White 2004, Prévost & White, 2000; Shimanskaya, 2015, *e.o.*). Neste último caso, não se trata de acesso, seleção e reagrupamento de apenas traços não interpretáveis não instanciados na L1, mas de acesso, seleção e reagrupamento de todos os traços, interpretáveis e não interpretáveis, necessários a um item lexical particular (Lardiere, 1998, 2000, 2007, 2009; Choi & Lardiere, 2006; Choi, 2009a, 2009b; Dominguez, Arche & Myles, 2011; Shimanskaya, 2015; Shimanskaya & Slabakova, 2014).

Assim, tendo em conta a diferença na composição morfológica e realização sintática de constituintes-WH em russo e em português, pretende-se analisar os dados de falantes não nativos de português como L2, testando a hipótese de reagrupamento de traços, não descartando, no entanto, a validade de outras propostas.

Para além disso, pretende-se saber como as estruturas são adquiridas quando são não só tipologicamente distintas em L1 e L2 como também escassas no *input* (Grebnyova, 2006)³. Será que o volume de dados a que um falante de L2 é exposto é relevante? E de que tipo de dados se trata? Espera-se que o trabalho sobre as estruturas escolhidas para o presente estudo possa ajudar a esclarecer algumas das dúvidas e contribua para explicar como se adquire uma L2 face a estímulos pobres. As estruturas sintáticas selecionadas como objeto deste estudo parecem, assim, ser perfeitas para avaliar algumas questões frequentes no domínio da aquisição de uma língua não materna.

Finalmente, vários investigadores defendem que um dos fatores de insucesso na aquisição de L2 se deve ao fenómeno do denominado “período crítico de aquisição” (Johnson & Newport, 1989; Hawkins & Chan, 1997; Hawkins & Hattori, 2006; Tsimpli & Mastropavlou, 2001; Tsimpli, 2003). No entanto, apesar da assunção geral de que os falantes adultos têm dificuldade em alcançar o nível de proficiência em L2 de um falante nativo, sugere-se que alguns domínios linguísticos são mais acessíveis para os falantes de L2 do que outros. De acordo com Hopp (2007:1), por exemplo, “late L2 learners are typically better at

³ Grebnyova (2006) apresenta dados relativos à pouca frequência de estruturas interrogativas múltiplas no *input* em russo e em inglês. Veja-se também a nota 4 em Bley-Vroman e Yoshinaga (2000) sobre a ocorrência de IWHM em inglês.

acquiring the syntax of the target language (TL) than they are at acquiring native-like phonology” – esta é, aliás, uma observação comum nos estudos em aquisição de L2.⁴ Embora, no presente estudo, de âmbito sintático, não se pretenda comparar vários domínios linguísticos, pretende-se avaliar se falantes com diferentes perfis terão dificuldade na aquisição de interrogativas-WH múltiplas.

No estudo, foram incluídos vários perfis de falantes de L2 adultos: falantes de L2 de aquisição tardia (*adult learners/late acquisition/late arrivals*) em diferentes estádios de aquisição e inseridos em ambientes de aquisição distintos (formal e informal) – tendo em conta que as estruturas em análise não são objeto de ensino explícito em contexto de aula – e um grupo de aquisição de português L2 na infância (falantes de herança do russo/*early arrivals*) que, na altura de aplicação do estudo, eram já adultos. A comparação deste último grupo com os restantes permitirá observar o efeito da idade de primeira exposição à língua. Será ainda avançada uma proposta quanto à natureza do *input* relevante na aquisição de estruturas IWHM, sugerindo pistas para aquisição de estruturas IWHM em L2.

Assim, definidas as propriedades da estrutura IWHM, o presente estudo pretende responder às seguintes questões, formuladas, por agora, de modo genérico e ainda informal:

i) no caso de estruturas interrogativas-WH múltiplas em português, que propriedades sintáticas e morfológicas é que os falantes de L1 russo têm de adquirir?

ii) será observável o fenómeno de *transfer* na aquisição de IWHM e, em caso de resposta positiva, isso verificar-se-á em todos os estádios de aquisição ou apenas no estádio inicial?

iii) quais as propriedades do *input* que são pertinentes na aquisição de IWHM?

iv) (de forma relacionada com iii) será que falantes em situação de imersão têm um comportamento diverso de falantes que adquirem a língua em situação de aprendizagem formal?

v) os comportamentos de falantes de L2 não conformes à gramática-alvo poderão ser explicados pelo fator idade e verificar-se-á o aumento deste tipo de comportamentos em casos de aquisição tardia, relativamente à aquisição de L2 na infância?

A dissertação está organizada em cinco capítulos: dois capítulos dedicados ao enquadramento teórico, sendo o primeiro centrado na descrição e análise de construções interrogativas múltiplas do russo e do português; o segundo incidirá sobre fenómenos gerais discutidos do ponto de vista da aquisição de L2 e sobre as hipóteses de investigação, tendo em consideração a estrutura em análise. O terceiro capítulo da dissertação contém a

⁴ Veja-se, também, Lardiere (2007), VanPatten & Benati (2010), sobre o mesmo assunto.

descrição do estudo experimental, que incluirá a justificação da metodologia escolhida, a caracterização do público-alvo, a descrição do desenho experimental propriamente dito e a apresentação dos resultados observados. A discussão dos resultados obtidos será apresentada no capítulo quatro, sendo que a tese encerra com o capítulo cinco, em que são resumidas as conclusões a que se chegou.

CAPÍTULO I. IWHM: estrutura sintática

Neste capítulo descrevem-se estruturas interrogativas-WH múltiplas padrão (doravante IWHM), *i.e.*, frases em que ocorrem dois ou mais morfemas-WH interrogativos (*Quem comprou o quê?*), considerando várias propostas existentes e avançando uma hipótese para a sua derivação em russo e português. Na primeira secção do capítulo (1.1.), apresenta-se a tipologia de estruturas IWHM sugerida por Stoyanova (2008). A seguir, exponho a polémica em torno de interrogativas-WH múltiplas com movimento de constituintes-WH para as posições periféricas pré-verbais, citando a hipótese clássica de Rudin (1988) e o debate que se lhe seguiu (Bailyn, 2011; Khomitsevich, 2007; Liakin, 2003, 2005; Scott, 2012 vs. Bošković, 1997, 1998, 2002; Stepanov, 1997; Grebenyova, 2006) (secção 1.2.). Com base na hipótese de Rudin (1988) para existência de movimento-WH em algumas línguas eslavas e assumindo que o russo faz parte do conjunto de línguas com movimento de um constituinte-WH para a posição de especificador da projeção periférica CP, discuto a estrutura IWHM do russo e do português (secção 1.3. e secção 1.4., respetivamente). Os meus argumentos assentam nos dados empíricos do russo e nas análises de Bailyn (2011) e de Khomitsevich (2007). Por último, é proposta uma análise comparativa da estrutura IWHM nestas línguas e apresenta-se motivação para movimento múltiplo em russo, mas não em português, com base na proposta de Cheng (1991) e Zavitnevich (2002), Zavitnevich-Beaulak (2005) (secção 1.5.).

1.1. Tipologia da estrutura IWHM

O português e o russo dispõem de estratégias diferentes para formar IWHM. O português pertence ao grupo de línguas em que apenas um constituinte-WH pode ser movido para uma posição periférica pré-verbal (1). Por sua vez, em russo, o recurso ao movimento de todos os constituintes-WH para o início da frase é obrigatório (2).

- | | |
|---|-----------|
| (1) a. Quem escolheu o quê ? | Português |
| b. * Quem o que escolheu? | |
| (2) a. Kto chto vibral? | Russo |
| quem _{NOM.} o que _{ACC.} escolheu | |
| <i>Quem escolheu o quê?</i> | |
| b. * Kto vibral chto ? | |
| quem _{NOM.} escolheu o quê _{ACC.} | |

Para além da diferença entre línguas com movimento de mais do que um WH- e línguas com movimento de apenas um constituinte-WH, exemplificada pelo contraste

entre o russo e o português, há línguas em que, nas interrogativas-WH múltiplas, todos os constituintes-WH se mantêm *in situ*, e há línguas que não admitem interrogativas-WH múltiplas. Assim, apesar de existirem pontos de vista diferentes quanto à tipologia de IWHM (veja-se Rudin, 1988; Bošković, 1997, 1998, 2002; Cheng, 1991, *e.o.*), adopto aqui a proposta de Stoyanova (2008), que sugere incluir na tipologia línguas sem possibilidade de construir orações com vários constituintes-WH. De acordo com a autora, estas línguas não podem ser excluídas, visto que representam uma opção tipológica adicional (Tabela 1).

Tabela 1. Tipologia de construções-WH múltiplas.

Línguas que permitem IWHM			Línguas sem IWHM
<p>1. Línguas Wh-in situ</p> <p>Ex: chinês, japonês, hindi</p>	<p>2. Línguas Wh-ex-situ</p> <p>Ex: russo, búlgaro, romeno</p>	<p>3. Línguas do tipo “misto”</p> <p>Ex: português, inglês, Francês</p>	<p>4. As línguas incluídas neste grupo, em geral, não permitem Wh-in situ</p> <p>Ex: italiano, berbere, irlandês</p>

(adaptado de Stoyanova, 2008: 163)

No entanto, a distribuição de línguas em função de características estruturais apresentada na tabela 1 necessita de ser revista e completada, como se fará na tabela 2⁵. Enquanto, em línguas apenas com *WH- in situ*, todos os constituintes-WH se mantêm na sua posição de base, *i.e.*, não se verifica o movimento visível de elementos interrogativos (3), no caso de línguas *ex-situ*, observa-se o movimento obrigatório de todos os constituintes-WH (veja-se o exemplo 2 acima).

(3) John gei-le **shei shenme?**Chinês
John give_{PERF} who what

'What did John give to who?'

(ex. de Bošković, 2002: 352)

Todavia, ao olhar com mais atenção para línguas com movimento obrigatório de todos os *WH*- (“Línguas de Wh-ex-situ”, tipo 2 na tabela 1), verifica-se que, apesar das semelhanças, a estrutura sintática das IWHM não é idêntica (proposta de Rudin, 1988). Este facto obriga-nos a rever a distribuição destas estruturas, definindo-a da forma mais

⁵ As línguas são organizadas tendo em conta apenas a possibilidade de movimento de constituintes interrogativos. Portanto, nas tabelas apresentadas, a distribuição é feita sem distinguir as línguas quanto à existência de outros tipos de movimento, por exemplo, movimento do verbo. Contudo, esta questão será abordada na secção 1.4.3.

detalhada possível. A descrição de línguas do tipo *ex-situ* será exposta na secção 1.2.1., sendo, nesta parte, determinada a existência de, no mínimo, dois tipos de línguas que exigem o movimento de todos os constituintes-WH para posição pré-verbal, estando esta diferença relacionada com a posição ocupada pelos elementos-WH (veja-se a coluna 2 da tabela 2).

Tabela 2. Tipologia de construções-WH múltiplas reformulada.

Línguas que permitem IWHM			Línguas sem IWHM
1. Línguas de Wh-in situ	2. Línguas de Wh-ex-situ		4. As línguas incluídas neste grupo, em geral, não permitem Wh-in situ
Ex: chinês, japonês, hindi	a. Ex: búlgaro, romeno	b. Ex.: russo, checo	Ex: italiano, berbere, irlandês
	3. Línguas do tipo “misto”		
	Ex: português, inglês, francês		

A terceira opção (coluna 3 da tabela 2) abrange línguas que Stoyanova denominou de “tipo misto”, o que não significa opcionalidade em mover ou não mover os constituintes-WH aleatoriamente, mas antes no movimento de apenas um constituinte-WH, enquanto o outro permanece *in situ*. Este é o caso do português (4).

(4) a. **O que** ofereceu o João **a quem**? Português

b. * **O que a quem** ofereceu o João?

Importa referir que, em línguas como o inglês e o português, o movimento de elementos-WH não é um requisito obrigatório nem nas interrogativas-WH simples nem nas múltiplas, embora seja a estratégia mais frequente quando se trata de interrogativas-WH padrão. Como Pires & Taylor (2007) indicam, nestas línguas, o sintagma interrogativo pode ser mantido *in situ* não apenas em interrogativas de eco, mas também em outro tipo de interrogativas marcadas discursivamente. De acordo com os autores, a possibilidade de ocorrência de *WH- in situ* está ligada ao conceito de pressuposição (pragmática), definido por Stalnaker (1978): “Presuppositions are what is taken by the speaker to be the common ground of the participants of the conversation, what is treated as their common knowledge or mutual knowledge.” (*apud* Pires & Taylor, 2007). Ou seja, pelo menos em interrogativas-WH não múltiplas, “wh-in situ requires specific discourse-pragmatic conditions in English and in Brazilian Portuguese. We propose that the different types of wh-in situ questions (...) are special in that the set of possible answers to them is part of the Common Ground (CG)” (*idem*, p. 5). Por sua vez, em russo, os *WH- in situ* são também possíveis tanto em

estruturas com um *WH*- como nas IWHM, mas só quando se trata de interrogativas-*WH* não padrão, *i.e.*, interrogativas discursivamente marcadas sem verdadeiro valor de pergunta, por exemplo: interrogativas de eco, surpresa, etc.. Nas IWHM padrão, é obrigatório o movimento de todos os constituintes-*WH*⁶.

O último grupo identificado na tabela 2 engloba línguas que não permitem IWHM (5). De acordo com Stoyanova (2008), línguas como o somali, o berbere, o italiano e o irlandês exemplificam uma opção paramétrica diferente, devido a propriedades internas específicas responsáveis pela ausência de um mecanismo sintático capaz de derivar estruturas interrogativas-*WH* múltiplas.

(5) a. **Che cosa** ha fatto, Carlo? Italiano
 what have-3SG done Carlo
What did Carlo do?

b. ***Chi che cosa** ha fatto?
 who what have-3SG done
Who did what?

(Rizzi, 1997, *apud* Stoyanova, 2008: 3)

c. ***Che cosa** hai dato a **chi**?
 what have-2SG given to whom
What did you give to whom?

(Calabrese, 1987, *apud* Stoyanova, 2008: 3)

Encontrando-se este grupo de línguas fora do escopo do presente estudo, limito-me apenas a citar a hipótese defendida por Stoyanova (2008: 5) (6), que assume que “wh-phrases in languages that do not admit multiple wh-questions have an uninterpretable strong focus feature:

(6) The Uniqueness Hypothesis

Languages that license wh-phrases only in a unique structural focus position are languages without multiple wh-questions. The notion of uniqueness has to be understood as the interaction of the following three parameters:

- a. no focus in situ
- b. no multiple specifiers of a FocP or alternatively no clustering of focused constituents

⁶ Khomitsevich (2007: 11) observa que, em russo, os *WH*- *in situ* só podem ocorrer em casos muito específicos: “for example, in questions with a pronominal subject the wh-word often follows the subject: *Ty gde?* (*You where?*) = *where are you?*”

Na verdade, no exemplo referido na citação, não temos a certeza se o *WH*- está *in situ*. Não sendo o verbo copulativo realizado, é difícil determinar se o *WH*- subiu para a periferia esquerda ou não. O pronome pessoal poderia estar numa posição interna a TopP e o *WH*- em Spec, CP.

c. no FocP-recursion”.

Em síntese, as línguas representam opções tipologicamente distintas quanto a:

- 1) possibilidade de formar estruturas IWHM;
- 2) extração de elemento(s)-WH: a) não se observa movimento-WH visível; b) observa-se movimento visível de um ou mais constituintes-WH (incluindo casos de línguas [+MWF] – *Multiple Wh-Fronting* – e casos de línguas sem movimento múltiplo, designadas como [-MWF]⁷) para a periferia esquerda da oração em que são inseridos (merged) (Huang, 1982; Cheng, 1991; Rudin, 1988, *e.o.*);
- 3) (aplica-se a (2b)) posição dos constituintes-WH múltiplos extraídos para o domínio periférico pré-verbal⁸.

Ora, comparando o russo e o português, pode dizer-se que as duas línguas permitem a formação de estruturas IWHM e dispõem de movimento-WH obrigatório de pelo menos um elemento-WH para a posição pré-verbal. Embora exista esta semelhança, o português e o russo diferem, como veremos, quanto à natureza do movimento observado e à (não) obrigatoriedade de subida de todos os constituintes-WH. Seguindo a *Clausal Typing Hypothesis* de Cheng (1991), que se baseia em Chomsky & Lasnik (1977), assumo ainda que “the clause type of sentence must be identified. In other words, every clause must be typed.” (Cheng, 1991: 25). Assim, no caso de frases interrogativas, a verificação do traço [Q] (*question*) revela-se um requisito obrigatório em todas as línguas.

A seguir, apresento uma análise de cada língua isoladamente, começando por expor as principais questões sintáticas que as estruturas IWHM levantam, nomeadamente, o tipo de movimento e a posição-alvo dos constituintes-WH.

1.2. Problemática das estruturas IWHM

Embora a discussão em torno das estruturas IWHM seja já longa, algumas línguas suscitam mais polémica do que outras. Por exemplo, línguas como o inglês, o francês e o português parecem não gerar muitas divergências teóricas quanto ao tipo de movimento dos constituintes interrogativos, *i.e.*, de acordo com a análise clássica, apenas um constituinte-WH precisa de ser movido para a posição Spec, CP para efeitos de verificação do traço [*uwh*]. Por sua vez, as línguas com movimento múltiplo continuam a atrair muita atenção e as dúvidas quanto à posição dos constituintes movidos ainda perduram.

⁷ Designação de Bošković (2002).

⁸ Na expressão “domínio periférico pré-verbal” incluo todas as projeções originadas por movimento-A’.

Observando várias propostas para as línguas com movimento múltiplo de constituintes-WH, as mesmas poderiam ser englobadas em dois grandes tipos: i) análises que recorrem a movimento-WH, de acordo com as quais pelo menos um elemento-WH é movido para a posição clássica dos constituintes interrogativos, a posição de Spec, CP (Rudin, 1988; Bailyn, 2011; Khomitsevich, 2007), com a possibilidade de os restantes constituintes-WH ocuparem uma posição entre CP e TP; ii) análises que recorrem a movimento de Foco, que sustentam que, em algumas das línguas [+MWF], os morfemas-WH ocupam uma posição abaixo de CP (por exemplo, interna à projeção FocP), alegando que o movimento se dá não devido ao traço [*uwh*], mas para verificar o traço forte de Foco (Bošković, 1997, 1998, 2002; Stepanov, 1997; Grebenyova, 2006).

Nesta secção, discuto ambos os tipos de análise, começando por apresentar uma descrição da proposta clássica de Rudin (1988), que aponta para a existência de dois tipos de línguas que, apesar de pertencerem ao tipo [+MWF], apresentam estruturas distintas (1.2.1.). Com base nos testes de Rudin (1988) e em dados empíricos, em (1.3.), define-se o tipo do russo. Em 1.3.1., exponho os argumentos de Bošković e de Stepanov, que defendem o movimento de Foco para estruturas IWHM para algumas línguas do tipo [+MWF], baseando-se no Efeito de Superioridade e no tipo de interpretação observados nestas línguas, seguidos de raciocínio assente nas considerações de Bailyn (2011) e Khomitsevich (2007) para excluir o russo das línguas com movimento de Foco (1.3.2.).

1.2.1. Tipologia de línguas [+MWF] (Rudin, 1988)

Ao observar várias línguas que permitem o movimento múltiplo de constituintes-WH, verifica-se que as mesmas, apesar de parecerem superficialmente semelhantes, apresentam estruturas diferentes nas frases interrogativas-WH múltiplas. Assim, Rudin (1988) elabora uma hipótese formulada do seguinte modo:

[...] in some multiple Wh-fronting languages all Wh-phrases are in Spec CP at S-structure, while in others only one Wh-phrase is in Spec CP and the others occupy an IP-initial position; I will argue that they are adjoined to IP. [...]

(Rudin, 1988: 449)

No estudo, a autora analisa quatro línguas eslavas, búlgaro, polaco, checo e servo-croata, e uma língua românica, o romeno, todas elas línguas [+MWF] (7).

- | | |
|---|---------|
| (7) a. Koj kogo vižda?
who whom sees
<i>Who sees whom?</i> | Búlgaro |
| b. Cine cu ce merge?
who with what goes | Romeno |

Who goes by what (i.e. means of transportation)?

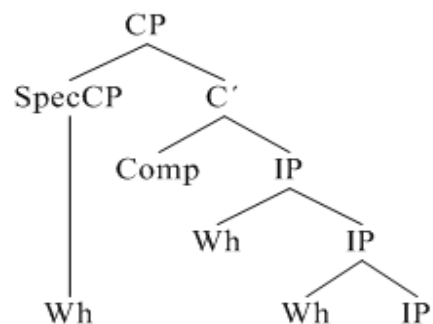
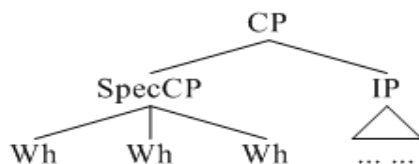
- | | |
|---|--------------|
| c. Ko koga vidi?
who whom sees
<i>Who sees whom?</i> | Servo-croata |
| d. Kdo koho videl?
who whom saw
<i>Who saw whom?</i> | Checo |
| e. Kto co robit?
who what did
<i>Who did what?</i> | Polaco |

(Rudin, 1988: 449)

Rudin considera que a semelhança entre elas é apenas aparente e que as diferenças se tornam evidentes quando analisamos detalhadamente as estruturas IWHM. Assim, de acordo com a sua análise, as línguas [+MWF] podem ser agrupadas em dois tipos: línguas em que os morfemas-WH formam um único constituinte que é movido em bloco para a posição de Spec, CP (abreviadamente, especificador [+ MFS]: *Multiply-filled Spec, CP*, Rudin, 1988) (veja-se 8) e línguas em que apenas um morfema-WH preenche a posição de Spec, CP, enquanto outros morfemas-WH ficam em adjunção a IP (especificador [- MFS]) (veja-se 9).

(8) Especificador [+MFS] (Rudin, 1988: 479)⁹

(9) Especificador [-MFS] (Rudin, 1988: 486)



A evidência para a diferença estrutural ilustrada advém do facto de as línguas [+MFS] e [-MFS] se comportarem de maneira distinta quanto a:

- a) *extração de morfema(s)-WH de domínios encaixados;*
- b) *efeito de ilha-WH;*

⁹ Para a análise detalhada do Especificador de CP preenchido com múltiplos elementos-WH veja-se Rudin (1988). Como irei mostrar adiante, o russo, língua relevante para o presente estudo, não pertence ao tipo de línguas com a posição de Spec, CP preenchida com múltiplos constituintes-WH. Sendo assim, não considere relevante especificar a estrutura em (8).

- c) posição de clíticos, advérbios e expressões parentéticas;
 d) ordem dos morfemas-WH (efeito de superioridade).

Em seguida, irei analisar os argumentos de Rudin (1988) mais detalhadamente.

a) *Extração de morfema(s)-WH do domínio encaixado*

Ao observar a possibilidade de extração de morfema(s)-WH, Rudin (1988) conclui que, em frases complexas em línguas de Spec, CP [+MFS], os morfemas-WH interrogativos têm de ser obrigatoriamente extraídos do domínio encaixado, independentemente do tipo de sintagma interrogativo, mesmo se para isso tiver de se extrair mais de um morfema-WH¹⁰ (10).

- (10) a. **Koj kŭde** misliš [če e otišŭl __]? Búlgaro
 who where think-2s that has gone __
 Who do you think (that) went where?
- b. ***Koj** misliš [če e otišŭl **kŭde**]?
 who think-2s that has gone _ where
- c. ***Koj** misliš [**kŭde** (če) e otišŭl __]?
 who think-2s where that has gone __
- (ex. de Rudin, 1988: 450)

Por sua vez, em línguas de Spec, CP [-MFS], no caso de extração a partir de uma oração encaixada, a extração múltipla de morfemas-WH é agramatical. Em servo-croata, por exemplo, um morfema-WH é extraído para Spec, CP da frase superior, mas pelo menos um elemento interrogativo tem de permanecer na frase encaixada¹¹ (11).

- (11) a. **Ko** želite [da vam **šta** kupi __]? Servo-croata
 who want-2p to you **what** buy-3s __
 Who do you want to buy you what?
- b. ***Ko šta** želite [da vam kupi __]?
 who what want-2p to you buy
- c. ***Ko** želite [**šta** da vam kupi __]?
 who want-2p to you buy

¹⁰ Como se pode ver em Rudin 1988: 451, (7), a autora não apresenta exemplos de búlgaro e de romeno que mostrem agramaticalidade de dois morfemas-WH *in situ* ou em Spec, CP da encaixada; no entanto, ao descrever o romeno, indica que “This sentence (ver em i.) with one or more of the WHs left behind, either *in situ* or in the lower Spec CP position, would be ungrammatical” (Rudin, 1988:452).

i. **Cine cui ce** ziceai [că i -a promis __ _]?
 who to whom what said-2s that to him has promised __ _
 Who did you say promised what to whom?

¹¹ Contudo, Rudin indica que alguns falantes aceitam interrogativas múltiplas com extração de todos os morfemas-WH para a frase superior.

who want-2p **what** to you buy _ _

(ex. de Rudin, 1988: 453-454)

Em polaco e checo, línguas em que, em frases simples, todos os constituintes-WH são movidos para posições periféricas à esquerda, o movimento longo de mais do que um constituinte-WH também é agramatical, apesar de a extração de apenas um elemento interrogativo ser possível (vejam-se exemplos em Rudin, 1988: 453-454).

b) *Efeito de ilha-WH*

Assumindo o Princípio de Subjacência como uma explicação para o efeito de ilha-WH e seguindo o raciocínio de Comorovski (1986), Rudin observa que “a language that allows multiple Wh-elements in Comp at the level at which Wh-movement occurs ‘will not obey any form of the Wh-island Constraint’, since in such a language a Wh-phrase could not be blocked from moving through or leaving a trace in a Comp that contains another WH.”, predizendo que, enquanto o búlgaro e o romeno (12-13) não são sensíveis a ilhas-WH, o servo-croata, o polaco e o checo são (14-16).

- (12) Vidjah edna kniga, **kojato**_i se čudja [**koj** znae [**koj** prodava --_i]] Búlgaro
 saw-1s a book **which** wonder-1s **who** knows **who** sells
I saw a book which I wonder who knows who sells (it).

- (13) Romeno
Pentru care clauzi_i vrei să afli **cine** nu a decis încă **ce** va vota _i?
for which paragraph want-2s to learn **who** not has decided yet **what** will-3s vote
For which paragraph do you want to learn who has not decided yet what he will vote?

- (14) ***Sta** si me pitao **ko** mole da uradi? Servo-croata
what have-2s me asked **who** can to do
What did you ask me who can do?

- (15) ***Co** on zapytat [_s **kto** wynalazl _]? Polaco
what he asked **who** invented
What did he ask who invented?

- (16) ***Kdo** se tě ptal **co** dělá? Checo
who have-3p you asked **what** does
Who did they ask you what (he) does?

(exemplos de Rudin, 1988: 457-460)

A autora considera que a ausência do efeito de ilha-WH em búlgaro e romeno não se deve à ausência de efeitos da Subjacência, pois estas línguas exibem efeitos de ilha imputáveis à Subjacência como, por exemplo, a Ilha de NP Complexo. Quanto a línguas [-MFS], o efeito da ilha-WH está presente, em geral. Em servo-croata e em polaco, a extração múltipla de constituintes-WH interrogativos ou relativos é proibida. Em checo, também se

observa a restrição da ilha-WH, no entanto, a opinião dos falantes nativos não é consensual.

Apesar de Rudin (1988) aceitar o efeito da ilha-WH como um argumento para determinar a derivação de frases IWHM, os exemplos da autora apresentados em (12-16) são dificilmente comparáveis. Enquanto, em (13-16), temos construções interrogativas que representam casos de extração de um constituinte-WH da ilha-WH, em (12), estamos perante uma estrutura relativa. Para além disso, Rudin indica que, em búlgaro, a extração de um WH- simples de uma interrogativa-WH encaixada é menos aceitável (17) do que o movimento de um WH- pesado, com restrição lexical (18). A mesma situação verifica-se em romeno.

- (17) * **Kakvo** se čudiš **koj** znae **koj** prodava?
 what wonder-2s who knows who sells
What do you wonder who knows who sells?

- (18) ? **Koja ot tezi knigi** se čudiš **koj** znae **koj** prodava?
 which of this books wonder-2s who knows who sells
Which of this books do you wonder who knows who sells?

(Rudin, 1988: 457)

Sendo assim, o efeito de ilha-WH não constitui um argumento decisivo para determinar a posição dos constituintes-WH movidos.

c) Posição de clíticos, advérbios e parentéticas

Outra diferença entre línguas [+MFS] e [-MFS] diz respeito à posição dos clíticos. Rudin indica que, enquanto em búlgaro e romeno os clíticos seguem todas as palavras-WH (19), em servo-croata, polaco e checo, a posição do clítico é logo a seguir ao primeiro morfema-WH (20). A autora nota que, apesar de as línguas [-MFS] terem um comportamento diferente entre si quanto à colocação dos clíticos, os clíticos são sempre posicionados logo a seguir ao primeiro constituinte da frase e nunca podem seguir-se ao segundo ou ao terceiro morfema-WH.

- (19) [SpecCPWH WH WH] clitics [IP...] [+MFS]

- (20) [SpecCP WH] clitics [IP WH WH ...] [-MFS]

(Rudin, 1988: 463)

A possibilidade de interromper a sequência de morfemas-WH com expressões parentéticas, partículas ou advérbios também constitui um argumento a favor da existência de dois padrões distintos. Assim, mais uma vez, búlgaro e romeno apresentam o mesmo padrão, *i.e.*, não permitem a inserção de elementos entre as palavras-WH; já em

servo-croata, polaco e checo, material lexical diverso pode ocorrer depois do primeiro sintagma-WH¹².

d) *Ordem de morfemas-WH (efeito de superioridade)*

Quanto à ordem dos morfemas interrogativos, os juízos dos falantes apontam para que, em línguas [+MFS], o WH- Nominativo preceda sempre o WH- não Nominativo, ou seja, é observado o Efeito de Superioridade (Chomsky, 1973), o que não se verifica em línguas [-MFS] – ou seja, nestas últimas, a possibilidade de um morfema-WH não-Nominativo preceder o morfema-WH Nominativo é mais aceitável.¹³ Rudin sugere que esta diferença pode constituir outra evidência para a diferença das propriedades estruturais dos constituintes-WH em línguas [+MFS] e [-MFS]. Para explicar a assimetria entre as línguas [+MFS] e [-MFS], a autora adota a versão de *split* ECP desenvolvida por Aoun, Hornstein, Lightfoot e Weinberg (1987), que se baseia em dois tipos de localidade. De acordo com a proposta de Aoun, Hornstein, Lightfoot e Weinberg, os vestígios-WH devem satisfazer duas condições: a) regência por núcleo (*head government*) na Forma Fonológica, e b) ligação local (*local binding*) na Forma Lógica (21).

(21) a) *An empty element must be governed by a lexical head (at PF).*

b) *An A' anaphor must be A' bound in its Domain (at LF)."*

(Rudin, 1988: 477)

Rudin sugere que a impossibilidade de ocorrência de um morfema-WH não-Nominativo antes do morfema-WH Nominativo em línguas [+MFS] decorre da condição apresentada em (21b) e eventualmente da condição (21a), propondo que, para satisfazer estas condições, a ordem de constituintes-WH seja irrelevante em línguas [-MFS].

Apresentadas as propriedades das línguas [+MFS] e [-MFS], de acordo com Rudin (1988: 478), as IWHM têm as seguintes estruturas sintáticas:

(22) [+MFS]

[_{CP} [_{Spec CP} WH WH WH] [_{IP} ...]]

¹² Para exemplos de ocorrência de frases parentéticas e de advérbios, ver Rudin (1988: 467-472).

¹³ De acordo com a versão original, a condição de Superioridade de Chomsky (1973) é formulada do seguinte modo:

"The Superiority Condition

a. No rule can involve X, Y in the structure

... x ... [... Z ... WYV ...] ...

where the rule applies ambiguously to Z and Y, and Z is superior to Y.

b. the category A is 'superior' to category B if every major category dominating A dominates B as well but not conversely."

(23) [-MFS]

[CP [Spec CP WH] [IP WH WH ...]]

De acordo com o descrito, para as línguas [-MFS], que, como veremos, constituem o tipo relevante para este estudo, a autora sugere que apenas um morfema-WH sobe para a posição Spec, CP, enquanto outros sintagmas-WH se movem para uma posição de adjunção a IP.

1.3. O russo como língua [-MFS]

Os dados do russo mostram que, nas estruturas IWHM, os constituintes-WH nem são movidos em bloco, nem ocupam todos a mesma posição, *i.e.*, de acordo com a caracterização de Rudin, o russo é uma língua [-MFS]. Para o comprovar, basta aplicar o teste de inserção de advérbios temporais, clíticos discursivos, modais, ou outro material, entre os morfemas interrogativos (24).

(24) a. Ne znaiu **chto** by¹⁴ **komu** podarit'.
 não sei o que_{ACC.} CL. quem_{DAT.} oferecer_{INF}
Não sei o que oferecer a quem.

b. **Kto** zhe¹⁵ **chto** kupil?
 quem_{NOM.} CL. o que_{ACC.} comprou
Quem é que comprou o quê?

c. ? **Kto** vchera **chto** kupil?
 quem_{NOM.} ontem o que_{ACC.} comprou
Quem comprou o quê ontem?

d. ? **Kto** tebe **chto** podarit?
 quem te_{DAT.} o que ofereceu
Quem é que te ofereceu o quê?

Em (24 a-b) são apresentados dois exemplos com inserção de clíticos, um clítico modal em (24a) e um clítico associado a ênfase em (24b). Em (24 c-d) é ilustrada a possibilidade de inserção de um advérbio temporal (c) e de um pronome pessoal (d). Note-se que a posição dos elementos introduzidos entre os dois morfemas interrogativos em

¹⁴ A partícula *by* é uma partícula modal que pode ocorrer em vários contextos discursivos, expressando dúvida, permissão, obrigação, volição, possibilidade, necessidade. A partícula *by* pode ser ligada a várias classes de palavras (nomes, verbos finitos ou não finitos, adjetivos, advérbios, alguns complementadores), sendo que o paradigma do Conjuntivo resulta da coocorrência do verbo no Pretérito do modo Indicativo e *by* ou quando *by* é ligado ao complementador *chto* (vejam-se a nota 18 e a nota 30). Para a descrição detalhada de contextos de uso da partícula *by*, veja-se Dobrushina (2004), Sai (2013).

Em alguns trabalhos, a partícula *by* é transliterada como *bi*. Neste trabalho, a grafia *by* é adotada.

¹⁵ Ver a secção 1.3.3.1. para a descrição de clíticos não pronominais russos.

(24 c-d) não é a única posição possível nem é a posição preferencial. Tanto advérbios como pronomes pessoais podem estar imediatamente antes do verbo ou mesmo preceder o primeiro constituinte-WH (25). No caso de pronomes pessoais, Bailyn (2011: 94) sugere, por exemplo, que estes são movidos para posições periféricas e podem ser alojados em TopP, acima dos elementos-WH.

- (25) a. (vchera) **Kto** **chto** (vchera) kupil?
 (ontem) quem_{NOM.} o que_{ACC.} (ontem) comprou
 Quem é que comprou o quê ontem?
- b. (tebe) **Kto** **chto** (tebe) podaril?
 (te_{DAT.}) quem o que (te_{DAT.}) ofereceu
 Quem é que te ofereceu o quê?

Por outro lado, o teste de colocação de advérbios fornece mais evidências para a posição do verbo, sendo, aliás, a impossibilidade, na maioria de casos, de ocorrência de advérbios entre o verbo e o argumento interno nominal o principal indício usado por vários autores a favor da inexistência de subida de verbo em russo (Bailyn, 2011; Slioussar, 2007; Kallestinova, 2007; Kallestinova & Slabakova, 2008).¹⁶

No caso de estruturas IWHM, o teste de distribuição de advérbios, para além de clíticos discursivos, é usado como mais um indício que aponta para a possibilidade de ocorrência de palavras correspondentes a diferentes categorias gramaticais entre constituintes-WH. Pela mesma razão, apresento exemplos com pronomes pessoais com função sintática de argumentos internos em posições pré-verbais (24d e também 25b).

Os clíticos modais (24a) ou enfáticos (24b) não têm a mesma mobilidade, *i.e.*, nos

¹⁶ Bailyn (2011: 23) observa que, em russo, os advérbios (como outros modificadores de vP) podem ocorrer à esquerda ou à direita do vP, mas revelam uma *relative inability* de ocorrência em posições internas ao vP; :

- a. ??? Borja [pišet casto pesni].
 Borya [writes oftenADV songs]vP
 ‘Borya writes often songs.’

A *relative inability* é justificada, neste caso, de seguinte modo:

Because of the relatively free word order found within Russian clauses, there will naturally be many instances where the surface word order does not obey a requirement that the verb and its complement not be separated by a modifier. This is why it is important to generalize about such orders assuming both neutral discourse status of the various elements, and neutral intonation. Insofar as variation on these orders are possible, we should expect them to correlate with the intonation and discourse factors known to be associated with marked word order.

Vejam-se Slioussar (2007: 145), Kallestinova (2007: 72) para os dados recolhidos no âmbito de testes de colocação de advérbios em russo.

exemplos apresentados, o clítico tem de ocupar obrigatoriamente a segunda posição, quer se trate da frase encaixada (26a) quer se trate da superior (26b)¹⁷.

- (26) a. * Ne znaiu **chtsu** **komu** by podarit?
 não sei o que_{ACC} quem_{DAT} CL. oferecer
- b. * **Kto** **chtsu** zhe kupil?
 quem_{NOM} o que_{ACC} CL. comprou

Quanto a outras propriedades, tais como extração de constituinte(s)-WH do domínio encaixado, efeito de ilha-WH e ordem dos sintagmas-WH, as mesmas não parecem ser argumentos fortes para decidir se os constituintes-WH múltiplos formam ou não um *cluster*. É este assunto que irei abordar em seguida.

A extração de constituintes-WH da frase encaixada, apesar de ser possível em russo, está sujeita a algumas restrições. Como Khomitsevich (2007: 134) observa, “the properties of long-distance movement in Russian have been a puzzle for linguists for some time. Since (Ross, 1967; Comrie, 1971), it has been noted that long-distance movement in Russian is very restricted: in addition to the island constraints established for English and many other languages (adjunct island, complex NP island, etc), Russian disallows extraction out of indicative complement clauses.” De facto, em frases subordinadas com o modo Indicativo, a extração é possível apenas se o complementador não estiver realizado (27). No entanto, o movimento do constituinte-WH não é obrigatório e o mesmo pode perfeitamente permanecer no domínio encaixado (28).

- (27) a. ?* **Kogo** ty dumaeš, **chtsu** Ivan priglasil_?
 whom you think **that** Ivan invited _
 Who do you think that Ivan invited?
- b. **Kogo**, ty dumaeš, Ivan priglasil _?
 who you think Ivan invited _
 Who do you think Ivan invited?

(ex. de Khomitsevich, 2007: 134)

- (28) Ty dumaeš, **kogo** Ivan priglasil _?
 you think who Ivan invited _
 Who do you think Ivan invited?

Quando se trata de anteposição (*fronting*) múltipla, a extração longa de vários constituintes-WH é marginal para os falantes de russo consultados, mesmo com o complementador omitido (29).

- (29) a. ?? **Kto** **kogo**, ty dumaeš, _ priglasil_?

¹⁷ Os clíticos exemplificados em (24 a-b) não ocorrem exclusivamente em frases interrogativas-WH, mas são também possíveis em construções declarativas e em interrogativas totais (ver 1.3.3.1.).

who_{NOM} who_{ACC} you think _ invited _

- b. Ty dumaesh, **kto kogo** _ prigrasil _?
 You think who_{NOM} who_{ACC} _ invited _

A omissão do complementador é pertinente apenas nas encaixadas do modo Indicativo. No caso de subordinadas no Conjuntivo, o complementador deve obrigatoriamente estar presente, visto que é precisamente o complementador o portador da modalidade em russo. Nestas estruturas de Conjuntivo, o complementador é composto pelo clítico modal *by*, que se liga ao complementador indicativo *chto* (*chtoby*)¹⁸. Quanto à extração a partir de frases encaixadas de Conjuntivo, segundo os juízos de gramaticalidade apresentados em Sekerina (1997), a extração de um constituinte-WH é marginal, quando se trata da extração de um WH- Objeto Direto (30a), e é agramatical, devido a *that-trace effect*, no caso da extração de um WH- Sujeito (30b).

- (30) a. ? **Kogo_i** ty xoches, chtoby Ivan poljubil t_i?
 who-ACC you want that-SUBJU Ivan-NOM loved
Who_i do you want Ivan to love t_i?

- b. ***Kto_i** ty xoches, chtoby t_i poljubil Ivana?
 who-NOM you want that-SUBJU loved Ivan-ACC
Who do you want to love Ivan?

(ex. de Sekerina, 1997: 36)

Por sua vez, quando se trata das estruturas IWHM, a extração de constituintes-WH múltiplos (31a), ou mesmo de apenas um WH- (31b), é considerada agramatical por quase todos os informantes.

- (31) a. *? **Kto kogo** ty khoches, chtoby prigrasil?
 quem_{NOM} quem_{ACC} tu queres COMPL CONJ convidou

¹⁸ O modo Conjuntivo em russo não tem nenhum paradigma verbal específico, apresentando o verbo no modo Conjuntivo as mesmas marcas morfológicas de Pretérito do modo Indicativo e sem fixar, no entanto, a semântica do Tempo Passado (veja-se também a nota 30). Como Bailyn (2011) aponta, “Exact tense assignments must be calculated contextually and are not morphologically encoded with Russian subjunctives.” Assim, a diferença entre o modo Indicativo e o modo Conjuntivo em russo é expressa morfológicamente pela ocorrência da partícula modal *by* no complementador (i-ii).

(i) Modo Indicativo

Maria skazala, **chto** Ivan poshiol v kino.
 Maria disse que Ivan foi a cinema
A Maria disse que o Ivan foi ao cinema.

(ii) Modo Conjuntivo

Maria khochet, **chtoby** Ivan poshiol v kino.
 Maria quer quePART CONJ Ivan foi a cinema
A Maria quer que o Ivan vá ao cinema.

Quem é que tu queres que convida quem?

b. *? **Kto** ty khoches, chtoby **kogo** priglasil?
 quem_{NOM} tu queres COMPL CONJ quem_{ACC} convidou
Quem é que tu queres que convida quem?

c. ? Ty khoches, chtoby **kto** **kogo** priglasil?
 tu queres COMPL CONJ quem_{NOM} quem_{ACC} convidou

Importa referir que, mesmo sem a extração dos *WH*-, este tipo de enunciados causa estranheza ou é rejeitado, existindo bastante variação nos juízos de gramaticalidade (32c). Podemos especular que a não aceitabilidade ou hesitação quanto a estas estruturas com *WH*- múltiplos pode dever-se não tanto à agramaticalidade das mesmas, mas antes a dificuldades de processamento.

Sendo a análise de construções complexas com extração de constituintes problemática, devido a razões tanto do foro teórico como do âmbito de oscilações nos juízos de gramaticalidade sobre os dados empíricos, não considero possível para a minha investigação avançar com uma análise detalhada destas estruturas. Sublinho apenas que a extração não constitui um teste robusto para a definição da estrutura sintática das interrogativas-*WH* múltiplas na língua russa.

Em relação ao efeito da ilha-*WH*, pode dizer-se que, em russo, é proibido o cruzamento de um constituinte-*WH* por cima de outro, o que, de acordo com os argumentos de Rudin (1988), representa mais um argumento a favor da hipótese de que esta é uma língua [-MFS] (32).

(32) ?***chto**_i on sprosil Kolju, **kto** izobrel **t_i**?
 what he asked Kolja-ACC who-NOM invented
What_i did he ask Kolja who invented t_i?

(ex. de Sekerina, 1997: 36)

Quanto à ordem dos constituintes-*WH*, foi observado que, em russo, o movimento do constituinte-*WH* Nominativo antes do constituinte-*WH* não-Nominativo é preferencial, embora, para obter determinados efeitos discursivos, a subida de um *WH*- não-Nominativo cruzando o *WH*- Nominativo seja marginalmente aceitável¹⁹. Assim, ao testar o Efeito de Superioridade em russo, polaco e checo, Meyer (2004) aponta para o facto de que existe “a general preference for the *wh* subject to precede the *wh* object, which could be interpreted as a superiority effect. This effect seemed somewhat stronger with an animate object (*kogo*) than with an inanimate one (*chto*), but the difference in strength was not

¹⁹ Liakin (2005) sugere que a ausência do Efeito de Superioridade em russo é uma ilusão e que os sintagmas-*WH* ocupam projeções distintas. O autor sugere que os *WH*- são ligados a uma posição discursiva (D-WhP) e a uma posição de foco (FocP).

significant and does not support a fundamental distinction between the types of object with respect to superiority. The matrix/embedded clause distinction was irrelevant. These findings support the claim by Comrie (1984) and Rudin (1996) that R(ussian)²⁰ has clear *wh* order preferences (*contra* Stepanov 1997) [...] The conclusion suggests itself: R shows a *grammatical* superiority effect.”.

Concluindo, o russo pode ser considerado uma língua [-MFS] precisamente por causa da possibilidade de inserção de diverso material lexical entre constituintes-WH, como foi indicado no início desta secção.

1.3.1. Movimento de Foco

Nesta secção, exponho uma hipótese que defende que, em algumas línguas que Rudin (1988) classifica como [-MFS], os constituintes-WH sobem para posições periféricas pré-verbais não devido ao movimento-WH, mas ao movimento de Foco.

Ao observar propriedades de estruturas IWHM em várias línguas, Bošković (1997, 1998, 2002, 2007) faz uma generalização tipológica que organiza as línguas em três grupos: 1) línguas que têm movimento-WH na sintaxe, por exemplo, inglês, alemão, búlgaro; 2) línguas que não têm movimento-WH na sintaxe, por exemplo, chinês, japonês, russo; e 3) línguas que combinam as duas estratégias anteriores, *i.e.*, têm movimento-WH visível apenas em alguns contextos, por exemplo, francês e servo-croata.

Bošković baseia os seus argumentos nos fenómenos associados a estruturas-WH múltiplas, tais como o Efeito de Superioridade e o tipo de interpretação de respostas a estruturas IWHM. De acordo com a análise de Bošković (2002: 355), “there is a parallelism in the behavior of English, French, and Chinese with respect to *wh*-movement and the behavior of the MWF languages with respect to Superiority: SC (Servo Croatian)²¹ exhibits Superiority effects where French requires *wh*-movement, Bulgarian where English requires *wh*-movement (all contexts), and Russian where Chinese requires *wh*-movement (namely, never).” O autor apresenta então uma generalização, sugerindo que, nas línguas como o russo, apesar de existir movimento de todos os *WH*- para a periferia esquerda, este movimento é desencadeado por razões de natureza diferente da que desencadeia movimento-WH. Bošković estende ao servo-croata a proposta de Stjepanović (1998, 1999), de acordo com a qual, nesta língua, os elementos-WH são focos inerentes e como tal o movimento dá-se para verificar o traço forte de Foco, indicando que, em línguas com uma ordem livre no movimento de constituintes-WH em interrogativas múltiplas, estes

²⁰ O acréscimo é meu.

²¹ O acréscimo é meu.

constituintes se movem para a posição de Spec, FocP para verificar o traço forte [+focus] (e não para Spec, CP, de forma a verificar um traço [wh]). Para explicar o diferente comportamento do movimento de Foco e do movimento-WH face à Superioridade, Bošković (1998: 14) afirma que “Focus-movement differs from wh-movement with respect to where the strong feature driving the movement resides. With focus-movement, the strong feature resides in the elements undergoing movement and with wh-movement in the target.”

Outro argumento de Bošković (1998, 2002, 2003, 2007) a favor destes dois tipos de movimento resulta do contraste da interpretação entre as respostas *pair-list* e *single-pair*, chamadas também respostas exaustivas e respostas não exaustivas²². Assim, nas línguas com movimento-WH obrigatório, por exemplo, em inglês, para uma pergunta como “Who bought what?” é possível apenas a resposta *pair-list* (33).

(33) Who bought what?

- a. Maria bought books, John bought pens, and Dave bought pencils.
- b. * Maria bought books.

De acordo com Bošković (2007: 2), “overt movement of a wh-phrase to Spec CP results in the loss of single-pair answers”. Por sua vez, nas línguas com *WH- in situ*, como chinês ou japonês, são possíveis ambos os tipos de resposta²³. Embora não dê exemplos, o autor afirma que o russo pertence a este último tipo de línguas, ou seja, é possível dar resposta quer de interpretação *pair-list* quer de *single-pair*, o que apontaria no sentido de que o russo é uma língua semelhante ao chinês, *i.e.*, línguas sem movimento-WH (para Spec, CP) na sintaxe visível.²⁴

Stepanov (1997) segue a proposta de Bošković (1997) para o movimento de Foco em servo-croata, sugerindo que o traço [+focus], o traço inerente dos morfemas-WH, é incluído na numeração e os *WH-* são movidos “to check the [+focus] feature of the *wh-* words against a correspondent [+focus] feature in Agr” (34). Stepanov indica que o

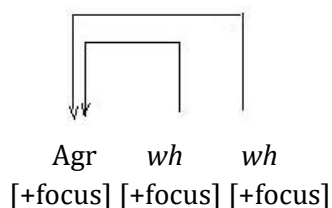
²² Vaz (2012): “Em português, uma interrogativa como *Quem comeu o quê?*, com dois pronomes interrogativos, exige como resposta todos os pares de indivíduos que satisfaçam o valor das variáveis numa determinada situação discursiva.”

²³ Apesar de Bošković (1998, 2002, 2007) apresentar exemplos de IWHM em chinês e japonês, não indica as respostas apropriadas às IWHM citadas.

²⁴ Bošković indica, no entanto, que, ao testar estruturas IWHM, quanto ao Efeito de Superioridade e ao tipo de interpretação, as respostas de informantes não são uniformes. Por exemplo, no caso de russo, “Léa Nash informs me that for her, Russian patterns with SC in all relevant respects (thus, for her, Russian shows superiority effects exactly where S(erbo)C(roatian) shows it). On the other hand, Asya Pereltsvaig informs me that for her, Russian behaves like Bulgarian – it always has superiority effects and disallows S(ingle)P(air) readings.” (*idem*, 2007: 4)

movimento obrigatório dos constituintes-WH sugere que os próprios *WH*- possuem um traço [+focus] forte.

(34) **Verificação do traço forte de Foco em servo-croata (Stepanov, 1997: 3)**



A ordem de verificação não é relevante, visto que “The derivation in which the higher *wh* checks its focus feature by adjoining to AgrP first is equally economical to the derivation in which the lower *wh* checks its focus feature by adjoining to AgrP first: in each case, the same number of (full) nodes is crossed” (Stepanov, 1997: 3). Já quanto a um possível movimento para Spec, CP, o autor assume que, dada a ausência do Efeito de Superioridade em russo, e tendo em conta o Princípio de Economia, a operação *Attract* não tem lugar e, portanto, os sintagmas-WH em russo nunca se movem para Spec, CP para verificar o traço [+wh] na sintaxe visível. Baseando-se na análise de Bošković (1997), Stepanov afirma, portanto, que, em russo, o traço [wh] é fraco.

Para mostrar a posição-alvo dos morfemas-WH, Stepanov apresenta exemplos que envolvem advérbios, negação e auxiliares (35).

- (35) a. **Kogo** vchera vstretil Ivan?
whom yesterday met Ivan
Whom did Ivan meet yesterday?
- b. **Kogo** (ne) budet vstrechat Ivan?
whom not will meet Ivan
Who will Ivan (not) meet?

(ex. de Stepanov, 1997: 10)

Tendo em conta que os advérbios de localização temporal podem estar adjungidos a TP (Watanabe, 1993 e Bošković, 1995, *apud* Stepanov, 1997), ou seja, ocupam uma posição acima de TP, e assumindo que, em russo, os morfemas-WH não sobem para Spec, CP, Stepanov propõe a posição AgrsP como a posição mais provável para os constituintes interrogativos (36).

- (36) [_{CP} Q [_{AgrsP} **Kto** [_{AgrsP} **kak** [_{AgrsP}... spit]]]]
who how sleeps

(ex. de Stepanov, 1997: 10)

1.3.2. Problemas levantados pela possibilidade de Movimento de Foco em russo

Existem várias críticas à hipótese de movimento de Foco em russo. Bailyn (2011), por exemplo, argumenta contra a ideia de Bošković (1998) e Stepanov (1997) de que, em russo, os morfemas-WH múltiplos sofrem movimento de Foco, mantendo a versão clássica que consiste na proposta de movimento de elementos interrogativos para a posição de Spec, CP. Bailyn (2011) questiona a afirmação “wh-phrases are inherently focused” e indica que ela não é muito clara, visto que o foco ocorre na resposta à interrogativa e não na própria pergunta, ou seja, uma pergunta serve para identificar o foco.

“Now, the Bošković/Stepanov claim is that the Wh-phrase itself also fulfills the role of Focus. This is quite difficult to evaluate because the question test tells us something about the discourse structure of the answer but not of course of the question. In fact, if there is no prior context, one could consider the entire question to be new information. Or it could be argued that there is no coherent Topic/Focus structure in questions, only in their answers. But if one is to analyze the question itself in terms of discourse structure, there is no definition in the discourse literature that I am aware of whereby the question phrase itself can be seen as Focus more than any other part of the question (which is what is needed to motivate the Bošković/Stepanov account of Wh-fronting referred to above). Furthermore, the intonation facts directly contradict this view. It is possible to stress the Wh-question, but it is certainly not required.”

(Bailyn, 2011: 97-98)

Mesmo se mantivermos o raciocínio de que os WH- são focos por natureza, isto não implica movimento obrigatório, visto que, aparentemente, o russo não tem uma posição fixa para elementos focalizados. Como Bailyn (2011: 99) aponta, “Focused elements *may* be fronted through A'-movement [...], but clearly, *they do not have to be*; various intonation and other devices are available to mark the focused elements as such”.

Para além disto, de acordo com Kiss (1998), por exemplo, numa oração, tipicamente, não ocorrem dois elementos de Foco. No entanto, em russo, é possível encontrar interrogativas parciais que contêm um elemento focalizado que não seja sintagma-WH (37). Deste modo, de acordo com Bailyn, acerca da assunção e da abordagem em Bošković/Stepanov: “any instance like (52) [aqui (37)] would contradict that assumption.”

(37) **Gde** rabotaet IVAN?

where works IVAN

Where does IVAN (and not Boris) work?

(ex. de Bailyn, 2011: 98)

Por último, Bailyn (2011) apresenta como contra-argumento o efeito de Ilha-WH. A

impossibilidade de extrair um morfema-WH de ilhas-WH mostra que, em russo, um *WH*-bloqueia a extração do outro *WH*- (38).

(38) a. * **Komu** ty sprosil, **kogda** Ivan pozvonil __?

who_{DAT} you asked when Ivan phone __

* *Who did you ask when Ivan phoned _?*

b. * **Kogda** ty sprosil, **komu** Ivan pozvonil __?

when you asked who_{DAT} Ivan phone __

* *When did you ask who Ivan phoned _?*

(ungrammatical on lower reading of *when* as modifying *phone*, not *ask*)

(exemplos e comentário de Bailyn, 2011: 101)

Também o facto de o russo admitir clíticos entre dois morfemas-WH aponta, segundo Bailyn, para a posição Spec, CP como a posição mais provável para os *WH*-, visto que, de acordo com a análise clássica, os elementos clíticos são associados à posição de C (39).

(39) **Kto** by **kogo** uvidel?

who_{NOM} COND who_{ACC} saw

Who would have seen whom?

(ex. de Bailyn, 2011: 103)

Khomitsevich (2007) também adopta a hipótese clássica, de acordo com a qual pelo menos um constituinte-WH sobe para a posição Spec, CP, argumentando contra a hipótese de movimento de Foco. Aceitando os argumentos de Bailyn (2011) referidos antes, a autora indica que, em russo, os constituintes contrastivos não têm obrigatoriedade de subir, ou seja, não têm nenhuma posição fixa na frase, contrariamente ao que acontece em línguas como o servo-croata, em que, de acordo com a proposta de Stjepanović (1999), os constituintes-WH são elementos marcados como foco contrastivo, sendo este tipo de elementos obrigatoriamente movido para a projeção FocP.

Por outro lado, Khomitsevich sugere que, tendo em conta a generalização de Bošković de que “overt wh-movement to Spec, CP (not to the focus position) excludes single-pair answers to multiple wh-questions”, o russo não poderia ter movimento de Foco, visto que, para as perguntas exemplificadas em (40), a única interpretação possível é de *pair-list*, contra os juízos de gramaticalidade indicados em Bošković (1997, 1988, 2002, 2007) e Stepanov (1997).

(40) **Kto** **chto** kupil?

quem o que comprou

Quem comprou o quê?

A resposta esperada seria de *pair-list* (41a) e nunca *single-pair* (41b):

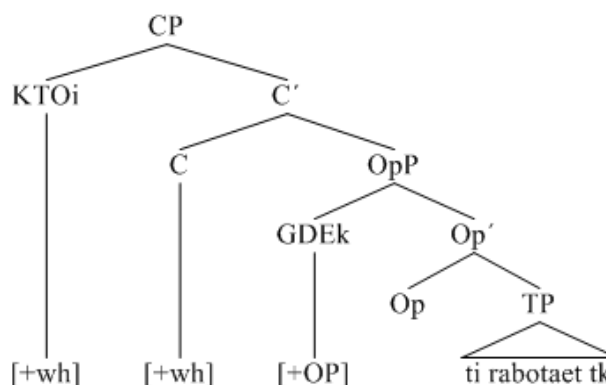
- (41) a. Maria kupila knigi, a Elena tetradi.
 Maria comprou livros, e Helena cadernos
A Maria comprou livros e a Helena cadernos.

- b. * Maria kupila knigi.
 Maria comprou livros

Sendo assim, segundo Bailyn (2011) e Khomitsevich (2007), o russo pertence ao mesmo tipo de língua que o inglês ou o português quanto ao tipo de movimento, no sentido em que pelo menos um constituinte-WH se move para Spec, CP, quer nas interrogativas-WH simples, quer nas IWHM. Na linha de pensamento de Citko (1998) e de Dornisch (1998) para o polaco, e Bošković (1999) para o servo-croata, Bailyn (2011) defende que, nas estruturas IWHM do russo, o constituinte-WH mais alto ocupa a posição de Spec, CP, subindo o(s) outro(s) WH- para uma posição de Operador (OpP) que fica abaixo da projeção CP²⁵ (42).

(42) **Proposta de Baylin (2011: 104)**

Kto gde rabotaet?
 quem onde trabalha
Quem trabalha onde?



1.3.3. Estrutura da interrogativa-WH múltipla em russo: uma proposta de análise

Ao observar o comportamento de constituintes-WH em russo, verificámos o movimento obrigatório destes constituintes para a posição pré-verbal²⁶. No entanto, apresentaram-se também dados que mostram que nem todos os constituintes-WH se

²⁵ Veja-se o seguinte comentário sobre a categoria OpP de Bailyn (2011: 104): “The nature of the OpP category shown here is a matter more dependent on one’s theoretical orientation, it appears, than other factors. The OpP notation used here, taken from Citko 1998, is an attempt to remain neutral on the issue of the complete inventory of functional categories in the so-called “left-periphery” (Rizzi, 1997, 2004).”

²⁶ A posição *in situ* é permitida apenas em construções interrogativas múltiplas de “eco” e em construções nominais referidas na nota 6.

encontram na mesma posição (veja-se a possibilidade de intervenção de diverso material lexical entre dois constituintes-WH movidos). Assim, e assumindo que o russo é uma língua [-MFS], ou seja, os constituintes-WH deslocados ocupam posições distintas na estrutura, pretende-se nesta secção responder às seguintes questões:

- i) Que posição ocupam os constituintes-WH em russo?
- ii) O que é que desencadeia o movimento dos constituintes-WH?

1.3.3.1. Posição dos constituintes-WH

Assumindo que, em russo, todos os elementos-WH sofrem *fronting* obrigatório, mas que ocupam, no entanto, posições diferentes, e descartando a hipótese de movimento de Foco, pelas razões apontadas por Bailyn (2011) e Khomitsevich (2007) (veja-se a secção anterior), a tendência intuitiva e geral é aceitar a hipótese clássica de acordo com a qual, em construções-WH interrogativas, pelo menos um sintagma-WH se desloca para a posição Spec, CP para verificar o traço [*uwh*], movimento esse que se observa também em línguas como português e inglês (43).

- | | |
|--|-----------|
| (43) a. Chto Ivan kupil _? | Russo |
| que _{Acc.} Ivan _{Nom.} comprou | |
| b. O que comprou Ivan _? | Português |
| c. What did Ivan buy _? | Inglês |

O movimento-WH é desencadeado em estruturas interrogativas-WH, quer sejam múltiplas ou não, e, como se verá mais adiante, permitirá ainda a identificação da frase como interrogativa, associada a um traço [+ Q]²⁷. Para este efeito, basta mover apenas um

²⁷ Por oposição a interrogativas parciais, em algumas línguas, como o português, por exemplo, interrogativas totais não envolvem movimento visível obrigatório para posições no sistema CP. No entanto, em russo, existem várias estratégias para formar interrogativas *sim-não*:

1) Sem movimento visível. Neste caso, a construção interrogativa mantém a ordem de palavras de uma construção declarativa e a diferença reside na alteração de curva prosódica (i).

(i) My **poedem** zavtra v gory?

we.NOM go.FUT.1PL tomorrow to mountains.ACC

'Are we going to the mountains tomorrow?'

2) Com movimento visível de Verbo para a posição inicial. Como Dyakonova (2002: 11) indica, "the word order change becomes obligatory if the question involves the particle *li*. In this case the verb should move to the sentence-initial position where it is immediately followed by *li* (ii). The particle cannot attach to the verb in situ".

(ii) Poedem *li* my zavtra v gory?

go.FUT.1PL LI we.NOM tomorrow to mountains.ACC

'Are we going to the mountains tomorrow?'

(ex. de Dyakonova, 2002: 11)

constituente-WH, que, ao subir para a periferia esquerda, mais precisamente, para a posição de Spec, CP, tem escopo sobre toda a projeção TP.

A evidência empírica para a posição do constituinte-WH mais alto pode ser observada em estruturas que incluem clíticos. Em russo não existem clíticos pronominais, no entanto, há clíticos de outra natureza, designados tradicionalmente como partículas discursivas, que correspondem a marcadores, por exemplo, modais (*by*), interrogativos (*li*) ou que atribuem ao constituinte a que estão ligados um valor enfático, contrastivo, etc. (Vinogradov, 1972; Franks & King, 2000; Hagstrom & McCoy, 2001; McCoy, 2001). Enquanto o clítico interrogativo *li* ocorre apenas em interrogativas totais, outros tipos podem aparecer também em interrogativas-WH. No caso de interrogativas-WH múltiplas, estes clíticos estão alojados, na maioria dos casos, na segunda posição, o que, como já foi indicado antes, vai ao encontro da hipótese clássica de que os clíticos ocupam a 2ª posição na frase, formulada na chamada Lei de Wackernagel (44).

(44) a. Ne znaiu **chto** by **komu** *by podarit'.
 não sei que_{ACC} CL quem_{DAT} *CL oferecer
 Não sei o que oferecer a quem.

b. **Kto** zhe **chto** *zhe kupil?
 quem_{NOM} CL que_{ACC} *CL comprou
 Quem é que comprou o quê?

A posição dos clíticos representa um argumento para compreender a posição do constituinte-WH mais alto em construções IWHM. Os dados sobre interrogativas totais russas fornecem também pistas sólidas para determinar a posição de clíticos. Como já foi referido na nota 27, em russo, uma das estratégias existentes para construir interrogativas *sim-não* envolve movimento obrigatório do Verbo para a posição inicial acompanhado pela partícula *li*, que fica na posição enclítica ao Verbo, quer seja em frases simples quer em encaixadas (45).

(45) a. Mogu **li** já zajti k nemu sejčas?
 can Q I go to him now
 Can I go to him now?

b. On sprosil menja, končil **li** ja zanimat'sja.
 he asked me finished Q I study
 He asked me whether I had finished studying.

(ex. de Franks & King, 2000: 188)

Como Franks & King (2000) indicam, o facto de o verbo finito ter o papel de um hospedeiro do clítico pode ser observado através da agramaticalidade das construções em

que o clítico ocupa a posição inicial ou é precedido por uma pausa (#) (46).

- (46) * **Li** uznala ona menja?
 Q recognized she me
 Did she redcognize me?

(ex. de Franks & King, 2000: 188)

A agramaticalidade deste exemplo mostra que, em russo, este clítico obedece à Lei de Tobler-Moussafia, *i.e.*, não pode ocorrer em posição inicial absoluta (cf. 46), (veja-se Sekerina, 1997; Franks & King, 2000; Schwabe, 2004; Dyakonova, 2009, *e.o.*). Em Franks & King (2000) é citada a hipótese de King (1994), de acordo com a qual a partícula *li* se comporta como um clítico simples²⁸ no nó C e se assemelha a um complementador: “All finite subordinate clauses in Rus(sian)²⁹ must have C or [Spec, CP] filled; unlike in English, complementizers cannot be omitted. In embedded yes-no questions, *li* must be presented.” Apesar de o clítico interrogativo *li* se restringir apenas a interrogativas totais, e de não ser óbvio como a análise possa ser estendida a interrogativas-WH, a obrigatoriedade de mover para o início de frase o elemento focado e a impossibilidade de ocorrência do clítico *li* em outras posições é crucial para provar que o sistema CP é ativado mesmo em frases interrogativas totais.

Quanto a outro tipo de clíticos discursivos russos que não estão restritos apenas a frases interrogativas totais, por exemplo, o clítico modal *by*, normalmente, eles também ocorrem em segunda posição (47).

- | | |
|---|------------------------------|
| (47) a. Ya by poela morogenogo.
eu CL comia gelado
<i>(Eu) gostava de comer um gelado.</i> | Declarativa |
| b. Poekhala by ti v Antarktidu?
ias CL tu a Antártida
<i>Gostavas de ir a Antártida?</i> | Interrogativa <i>sim-não</i> |
| c. Kuda by ti poekhala?
onde CL tu ias
<i>Para onde é que gostavas de ir?</i> | Interrogativa-WH |

Por outro lado, a ocorrência deste tipo de clíticos em segunda posição não é obrigatória (48) e até é possível encontrar, sobretudo na oralidade, o uso múltiplo da mesma partícula na mesma frase (48e).

²⁸ Veja-se Franks & King (2000) para a descrição de clíticos simples por oposição a clíticos especiais.

²⁹ O acréscimo é meu.

- (48) a. Ja s udovol'stviem posel **by** zavtra v teatr.
 I with happiness went cond tomorrow to theater
I would happily go to the theatre tomorrow.
- b. Ja **by** s udovol'stviem posel zavtra v teatr.
 I cond with happiness went tomorrow to theater
- c. Ja s udovol'stviem **by** posel zavtra v teatr.
 I with happiness cond went tomorrow to theater
- d. Ja s udovol'stviem posel zavtra v teatr **by**.
 I with happiness went tomorrow to theater cond
- e. Ja s udovol'stviem posel **by** zavtra **by** v teatr.
 I with happiness went cond tomorrow cond to theater

(ex. de Franks & King, 2000: 191)

No caso de estruturas IWHM, no entanto, pode observar-se em (49a vs. 49b) que o clítico pode seguir o primeiro elemento-WH, mas não o segundo, um facto que serve como indício de que os elementos-WH não constituem um *cluster*³⁰.

- (49) a. Ne znaiu **chto** *by* **komu** podarit'.
 não sei que_{ACC} CL quem_{DAT} oferecer
Não sei o que ofereça a quem.
- b.* Ne znaiu **chto** **komu** *by* podarit'.
 não sei que_{ACC} quem_{DAT} CL oferecer

No discurso informal, o clítico pode ocorrer em várias posições. Contudo, este último facto não contraria a afirmação de que, no caso de estruturas IWHM, o clítico serve como indicador para a posição do constituinte-WH mais alto, *i.e.*, considerando que todos os constituintes-WH foram movidos para a periferia esquerda da frase e que a posição reservada a clíticos é o núcleo da projeção CP que alberga traços interrogativos, a posição mais provável para o WH- mais alto é o especificador de CP.

Como foi indicado nas secções anteriores, os clíticos não são os únicos elementos que

³⁰ Na nota 18, indiquei que o paradigma de Conjuntivo em russo é expresso através do conjunto “Tempo Passado + clítico *by*”. Para além desta possibilidade, pode também ser usada a forma infinitiva do Verbo (é o caso do exemplo 49a).

É interessante observar que, no caso de interrogativas indiretas, a ocorrência do clítico *by* não é obrigatória (i), sendo que a diferença no significado destas duas construções (com e sem o clítico *by*) é quase impercetível. Igualmente, em português, é possível a ocorrência do modo Conjuntivo ou a forma infinitiva do Verbo neste tipo de estruturas (veja-se a versão em português de (49a) vs. a versão em português de (i)).

(i) Ne znaiu **chto** **komu** podarit'.
 não sei que_{ACC} quem_{DAT} oferecer
Não sei o que oferecer a quem.

podem ser inseridos entre dois constituintes-WH. Os advérbios de localização temporal ou espacial também têm esta possibilidade, não obstante ocuparem uma posição diferente na estrutura sintática. A questão que se levanta é: de que posição se trata? Em (50), temos uma frase declarativa simples em que o advérbio de tempo está em posição inicial.

- (50) Vchera Maria khodila v kino.
 ontem Maria foi a cinema
Ontem a Maria foi ao cinema.

Assumindo que a posição sintática do advérbio *ontem* é a adjunção a TP (Iatridou, 1990; Johnson, 1991; Bowers, 1993, *apud* Potsdam, 1999), no caso de uma interrogativa-WH simples (51), a posição do advérbio indica que o WH- ocupa a posição de Spec, CP.

- (51) a. **Kuda** vchera Maria khodila?
 onde ontem Maria foi
Onde é que ontem foi a Maria?
- b. ? [_{CP} **Kto** [_{vchera} [**chto** [_{TP} __ kupil __]]]]?
 Quem ontem que comprou
Quem é que comprou o quê ontem?

Por sua vez, considerando a posição de adjunção a TP como posição mais provável para advérbios, a possibilidade (ainda que marginal para alguns falantes) de inserção do advérbio entre dois constituintes-WH levanta problemas quanto à posição do segundo WH-, devido à assunção de que o mesmo é alojado numa posição mais alta do que TP.

Assumindo que os WH- não estão ambos em Spec, CP, mas sabendo que podem estar ambos à esquerda do advérbio temporal, como em (52), propomos que o WH- mais baixo ocupe o Spec da posição periférica WHP, ocupando o WH- mais alto a posição de Spec, CP.³¹

- (52) [_{CP} **Kto** [_{WHP} **chto** [_{TP} vchera [_{TP} kupil]]]]]?
 quem que ontem comprou
Quem é que comprou o quê ontem?

Por outro lado, no caso de estruturas IWHM, uma pista complementar de que os WH- ocupam posições periféricas tem origem nos dados sobre o movimento do Verbo. Segundo

³¹ Em (i) podemos ver que o advérbio pode também estar à esquerda do constituinte-WH mais baixo, porém esta posição à esquerda é sentida como marginal por falantes de russo, sendo por eles preferida a opção em que todos os constituintes-WH ocorrem à esquerda do advérbio (veja-se a informação nas págs. 18-19 sobre o mesmo assunto).

(i) ?[_{CP} **Kto** [_{WHP} vchera [_{WHP} **chto** [_{TP} __ kupil __]]]]?
 Quem ontem que comprou
Quem é que comprou o quê ontem?

vários autores, o russo pertence ao tipo de línguas em que o verbo principal, pelo menos em declarativas, nunca sai do domínio de v/V^{32} (Bailyn, 1995, 2011; Kallestinova, 2007; Slioussar, 2007). Tendo este facto em conta, poderíamos ponderar uma hipótese alternativa de acordo com a qual, em estruturas IWHM, o constituinte interrogativo mais baixo não sobe para a periferia esquerda, mas permanece dentro do domínio de TP. Neste caso, o sintagma-WH mais alto mover-se-ia para a posição periférica Spec, CP para verificar o traço não interpretável [wh], os restantes sintagmas-WH subiriam, por exemplo, para uma posição de adjunção a vP/VP . Enquanto, no caso das estruturas com verbos simples (*i.e.*, com um único núcleo verbal), a hipótese parece funcionar (53a), as construções em que um verbo auxiliar está presente constituem um contra-argumento empírico, pois a hipótese prediz erradamente a gramaticalidade de estruturas como (53b), que contrasta com (53c).

- (53) a. [_{CP} **Kto** [_{TP} [_{VP} **chto** [_{VP} [_{v'} kupil...]]]]]?
 quem o que comprou
 Quem comprou o quê?
- b. * **Kto** budet **chto** chitat'?
 quem vai o que ler
- c. **Kto** **chto** budet chitat'?
 quem o que vai ler
 Quem vai ler o quê?

Considerando que o verbo auxiliar ocupa a posição de T (veja-se Kallestinova, 2007; Slioussar, 2007; Dyakonova, 2009), o exemplo em (53b) exemplifica a impossibilidade de instanciar o segundo constituinte-WH abaixo deste auxiliar. Pelo contrário, quando o segundo sintagma-WH está numa posição acima do verbo auxiliar (53c), a estrutura é totalmente gramatical, o que aponta para a extração deste sintagma do domínio TP.

Um argumento adicional para a existência de movimento-WH para Spec, CP advém da observação de interrogativas complexas. Como vimos na secção 1.2., as interrogativas complexas russas representam um caso desafiante, devido à disparidade de juízos de gramaticalidade entre falantes nativos consultados³³. De acordo com os comentários dos

³² Ao defender a ausência de movimento do Verbo em russo, alguns autores reparam, no entanto, que, no caso de frases interrogativas *sim-não*, o movimento do Verbo é necessário, como já anteriormente referimos neste trabalho. Quanto a interrogativas-WH, parece que o verbo principal não sai do domínio v/V .

³³ Para este efeito, foi apresentado a cinco falantes nativos de russo um pequeno questionário informal que continha uma tarefa como se exemplifica de seguida:
 “Assinale cada pergunta como “boa”, “estranha”, “má”.

1. Ti khochesh, chtoby **kto** uekhal?

informantes, pareceu-me que os juízos de gramaticalidade se baseavam não tanto na atribuição da “gramaticalidade” às construções em análise, mas na interpretação a atribuir às mesmas. Portanto, antes de avançar com uma hipótese sobre a estrutura sintática de IWHMs e eventuais fenómenos ocorridos em IWHMs complexas – por exemplo, ilha-WH, extração de constituintes-WH do domínio encaixado –, é necessário determinar se estamos perante construções agramaticais ou difíceis de processar, devido a um grau elevado de complexidade. No entanto, considero relevante apresentar aqui o argumento de Bailyn (2011), que se baseia num caso de extração de um constituinte-WH de um domínio encaixado que contém um constituinte topicalizado (54a-b), em comparação com a extração de um constituinte-WH de um domínio encaixado que contém um outro constituinte-WH encaixado, ou seja, com extração de uma ilha-WH (54c-d).

(54) a. **Komu** ty xočes', chtoby posle obeda Ivan pozvonil __ ?

who_{DAT} you want that after lunch Ivan phone

Who do you want that after lunch Ivan phone?

b. **Kogda** ty xočes', chtoby Maše Ivan pozvonil __ ?

when you want that Masha_{DAT} Ivan phone

When do you want that Masha Ivan phone?

c. ***Komu** ty sprosil, **kogda** Ivan pozvonil __ __ ?

who_{DAT} you asked when Ivan phone

**Who did you ask when Ivan phoned __?*

d. ***Kogda** ty sprosil, **komu** Ivan pozvonil __ __ ?

when you asked when³⁴ Ivan phone

**When did you ask who Ivan phoned __?*

(ungrammatical on lower reading of *when* as modifying *phone*, not *ask*)

(ex. de Bailyn, 2011: 101)

Como o autor indica, os exemplos mostram claramente o contraste entre duas estruturas. No caso das construções com topicalização encaixada (54a-b), parece que não existem impedimentos para extrair o constituinte-WH para a frase superior, enquanto em (54c-d) o constituinte-WH encaixado bloqueia a extração do outro *WH*-. Ora:

tu queres que_{CL. CONJ.} quem parta

Quem é que tu queres que parta?

2. Ti khochesh, **kto** chtoby uekhal?

3. Ti khochesh, chtoby uekhal **kto**?

4. **Kto** ti khochesh, chtoby uekhal?

Os itens foram construídos tanto com um como com dois elementos interrogativos.

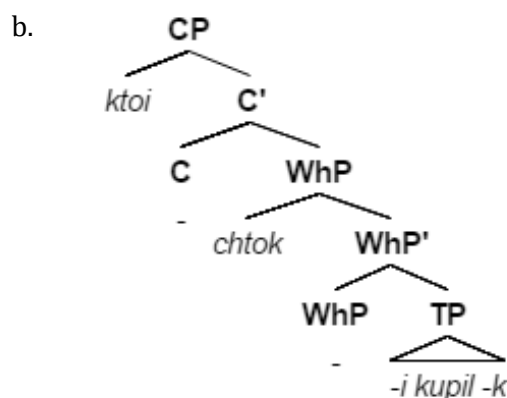
³⁴ A glosa apresentada em Bailyn (2011:101) contém uma gralha: ler *who_{DAT}* em vez de *when*.

If Wh-phrases are in fact in FocusP or TP-adjoined positions, as the Bošković/Stepanov hypothesis proposes, then we do not have an explanation for this clear contrast without further stipulation. However, if the lower Wh-phrase is in fact in SpecCP, as proposed here, the contrast shown above is expected without further stipulation.

(Bailyn, 2011: 102)

Tendo a hipótese de movimento de Foco sido já descartada, assumo aqui que, em russo, em estruturas IWHM, um constituinte-WH se move obrigatoriamente para a posição de especificador de CP para efeitos de valoração de traços relevantes do núcleo C. Sugiro ainda que o movimento dos restantes constituintes-WH se deve à natureza ambígua dos mesmos (facto que adiante tornarei claro), *i.e.*, no caso de estruturas-WH múltiplas, parecem existir dois movimentos não apenas no caso da ocorrência de constituintes-WH interrogativos, mas em todos os casos em que ocorrem elementos-WH em geral, qualquer que seja a sua natureza. Assim, no espírito de Bailyn (2011), para constituintes-WH que não sobem para a posição Spec, CP, proponho uma outra projeção que denominarei aqui, por comodidade, WHP, sendo que, no caso de estruturas IWHM, esta projeção será selecionada na numeração para albergar constituintes-WH que ficam sob o escopo da projeção superior, a projeção CP, cujo núcleo alberga traços necessários para a atribuição de *clause type* interrogativo (55).

(55) a. **Kto chto** kupil?
quem o que comprou
Quem comprou o quê?



O mecanismo de aplicação dos dois movimentos e a ordem de verificação de traços continuam a ser um problema que tentarei resolver de seguida, reiterando aqui apenas que, havendo constituintes-WH russos de vária natureza (interrogativos, indefinidos específicos e não específicos, negativos), o(s) movimento(s) é/são obrigatório(s) por razões de desambiguação desses elementos na derivação sintática. Contudo, antes de avançar para esta questão, faço uma breve descrição dos constituintes-WH em russo, salientando a ambiguidade lexical destes constituintes, que tomo como fundamental.

1.3.3.2. Constituintes-WH em russo

Em russo, existem vários tipos de pronomes que, apesar da aparente semelhança morfológica, têm distribuição semântica e sintática diferente³⁵. Assim, os constituintes interrogativos e relativos são representados por uma palavra-WH que corresponde a uma *bare form*. Por sua vez, os pronomes indefinidos existenciais e universais são compostos por uma palavra-WH com uma forma semelhante aos WH- interrogativos e relativos, mas a que é ligado um prefixo ou um sufixo portador de especificação. Em seguida, faço uma breve apresentação dos constituintes-WH russos compostos por uma palavra-WH com ou sem afixo. Na tabela 3, listo os possíveis constituintes-WH de acordo com a categoria a que pertencem e a sua composição.

Tabela 3. Constituintes-WH em russo.

(bare) WH ³⁶	Interrogativo	Relativo	Indefinido		Negativo
			[+específico] + partícula prefixal ou sufixal	[-específico] + partícula sufixal	
NOMINAL kto <i>quem</i> chto <i>o que</i>	Bare WH	Bare WH	Koe-WH WH-to ³⁷	WH-nibud' WH-libo WH-to	NiWH
ADJETIVAL kakoi <i>que</i> kotori <i>que</i> chei <i>de quem</i> skolko <i>quanto</i>					
ADVERBIAL kogda <i>quando</i> gde <i>onde</i> kuda <i>para onde</i> kak <i>como</i> otkuda <i>de onde</i> pochemu <i>porque</i> zachem <i>para que</i>					

Um dos factos relevantes a destacar é que uma das condições para formar uma frase com constituintes-WH múltiplos decorre do facto de estes constituintes deverem ter traços semânticos comuns, *i.e.*, se se tratar de uma frase interrogativa múltipla, os dois (ou

³⁵ Veja-se Cheng (1991) para descrição de outras línguas cujos constituintes-WH interrogativos/indefinidos partilham propriedades dos constituintes-WH do russo.

³⁶ Todos os pronomes-WH nominais e adjetivais têm marcação casual e de traços- ϕ obrigatória.

³⁷ O valor da partícula -to é definido contextualmente e pode ser específico ou não específico.

mais) constituintes-WH têm de ser interrogativos. A ocorrência de elementos-WH de natureza diferente, por exemplo, um *WH*-interrogativo e um *WH*-indefinido (56a) ou um *WH*-negativo (56b-c), revela-se agramatical ou é sujeita a condições discursivas especiais (veja-se 57, mais adiante).

- (56) a. * **Kto chto-to** videl?
quem alguma coisa viu
- b. * **Chto nikto** ne kupil?
o que ninguém não comprou
- c. ??? **Kto nichego** ne kupil?
quem nada não comprou

O exemplo em (56c) parece marginal, embora não totalmente agramatical. Esta frase poderia ocorrer apenas em contextos muito especiais, por exemplo, numa contrapergunta a uma interrogativa múltipla (57):

- (57) A: **Kto chto** kupil?
quem o que comprou
Quem é que comprou o quê?

B: A Maria comprou frango assado, o João cervejas e o Pedro batatas fritas.

- A: I **kto nichego** ne kupil?
e quem nada não comprou
E quem é que não comprou nada?

B: A Teresa não comprou nada, mas fez um bolo.

Poderíamos pensar que a agramaticalidade da coocorrência de dois constituintes-WH de natureza diferente, como em (56), se dá devido ao movimento do *WH*-mais baixo, mas isto parece não ser o caso, como se pode observar confrontando (56) com (58).

- (58) a. * **Kto** videl **chto-to**?
quem viu alguma coisa
- b. ??? **Kto** ne kupil **nichego**?
quem não comprou nada

Para além disto, parece que a posição pré-verbal dos dois elementos-WH, mesmo quando se trata de constituintes-WH múltiplos não interrogativos, se não é obrigatória, é pelo menos preferencial (59).

- (59) a. **Nikto nichego** ne videl.
ninguém nada não viu
Ninguém viu nada.

b. ?/* **Nikto** ne videl **nichego**.
ninguém não viu nada

c. **Kto-to chto-to** videl.
alguém alguma coisa viu.
Alguém viu alguma coisa.

d. ?/* **Kto-to** videl **chto-to**.
alguém viu alguma coisa

Baseio esta minha observação numa amostra de dados extraídos do *corpus* da língua russa disponível *online* (<http://www.ruscorpora.ru>). A pesquisa foi efetuada a partir do *Corpus Principal*, composto por dois tipos de textos escritos: textos escritos contemporâneos (de 1950 a 2015) e textos datados de meados do séc. XVIII a meados do séc XX. Os textos a partir do século XX e até 2010 correspondem em 78,9% a textos de vários gêneros e estilos e englobam textos do âmbito literário e não literário (veja-se a tabela 4 para os dados estatísticos globais). A restante percentagem é distribuída entre *corpora* de natureza diversificada, por exemplo, *corpus* dialetal, *corpus* oral, *corpus* multimédia, etc.³⁸.

Tabela 4. Dados estatísticos do *Corpus Principal*.

<i>Subcorpus</i>	Nº de textos	Nº de frases	Nº de tokens
<i>Corpus principal</i>	76 882	17 574 752	209 198 275

A base de dados permite fazer pesquisas através de busca de formas de palavras, expressões ou frases inteiras por intermédio de pesquisa léxico-gramatical. A recolha é definida tendo em conta propriedades gramaticais e semânticas do item e a (não)possibilidade de inserção do diverso material lexical entre os constituintes-WH (figura 1).

³⁸ A informação estatística sobre os *corpora* existentes pode ser consultada na página <http://ruscorpora.ru/corpora-stat.html>. Apesar de a página existir em versões inglesa e russa, algumas informações são apresentadas apenas em russo.

Search by exact form ? A B

Word or phrase

Lexico-grammatical search ?

Word ? A B Gramm. features ? [select](#) Semantic features ? [select](#)

Addit. features ? [select](#) ☒ sem ☒ sem2 ☐ semf ☐ semf2 ?

Distance: from to ?

Word ? A B Gramm. features ? [select](#) Semantic features ? [select](#)

Addit. features ? [select](#) ☒ sem ☒ sem2 ☐ semf ☐ semf2 ?

Russian National Corpus
© 2003–2015

Figura 1. Exemplo de extração de dois elementos-WH negativos adjacentes

Na tabela 5, apresento os resultados relativos aos dados extraídos, tendo em conta a natureza dos constituintes-WH, a possibilidade de combinação de constituintes-WH com valores diferentes e a possibilidade ou impossibilidade de inserir material lexical entre dois constituintes-WH. Assim, na coluna “sem inserção de material lexical” são incluídas construções com dois elementos-WH adjacentes. Por sua vez, nas colunas seguintes existe material lexical (1, 2 ou 3 palavras) entre dois elementos-WH.

Tabela 5. Dados de ocorrência de palavras-WH com ou sem inserção de material lexical.

Natureza de WH-	Sem inserção de material lexical	1 palavra entre WH- ³⁹	2 palavras entre WH-	3 palavras entre WH-
WH- neg. + WH- neg.	1592	239	251	146
WH-indef. + WH-indef.	175	95	55	47
WH- inter. + WH- neg.	0	0	0	0
WH- inter. + WH-indef.	0	0	0	2
WH. neg. + WH- indef.	0	0	0	0
WH- inter. + WH-inter.	0	0	0	0

No caso de pronomes-WH indefinidos, a pesquisa foi feita tendo em consideração formas que apresentam afixos associados a especificidade.

³⁹ O elemento inserido entre dois morfemas-WH pertence a categorias diferentes, por exemplo, a classe de pronomes pessoais, conjunções ou advérbios, mas não a verbos.

No que diz respeito a constituintes-WH negativos, verificou-se que, mesmo quando existe material lexical inserido entre os *WH-*, estes *WH-* estão alojados em posição pré-verbal. Portanto, há clara tendência para movimento do segundo elemento-WH para a posição mais próxima do primeiro *WH-* movido.

Os dados da tabela 5 mostram também, de forma clara, que dois elementos-WH de natureza distinta não co-ocorrem ou co-ocorrem de forma extremamente escassa (2 ocorrências em 2602 estruturas, 0,07%). Ou seja, parece que o que se observou no caso de estruturas IWHM também se aplica às estruturas com constituintes-WH múltiplos indefinidos e negativos. *I.e.*, em contextos discursivamente não marcados, em todas as construções em que ocorrem dois ou mais constituintes-WH e qualquer que seja a natureza destes constituintes, eles ficam no mesmo domínio. Além disso, observa-se que as interrogativas-WH múltiplas não foram encontradas no *Corpus Principal*, o que prova a sua muito baixa frequência (embora a ausência total da sua ocorrência neste corpus seja provavelmente devida ao tipo de material aqui incluído, textos escritos, sendo possível a ocorrência de interrogativas-WH múltiplas na oralidade, em diálogo informal).

Por outro lado, poderíamos pensar que a impossibilidade de coocorrência de um *WH-* interrogativo e de um *WH-* indefinido ou negativo indica que ambos os *WH-* concorrem para a mesma posição. No entanto, isto seria muito pouco provável, visto que apenas nas estruturas interrogativas se verifica o movimento obrigatório de constituintes-WH para posições periféricas (60a-b), independentemente do número destes.

(60) a. **Chto komu** ona podarila?

o que_{ACC.} quem_{DAT.} ela_{NOM.} ofereceu

O que é que ela ofereceu a quem?

b. * Ona podarila **chtsu komu**?

ela_{NOM.} ofereceu o que_{ACC.} quem_{DAT.}

Quanto a elementos-WH não interrogativos, a deslocação parece-me mais natural, mas não é obrigatória, pelo menos, no caso de *WH-* indefinidos (61a-b). Em *WH-* negativos, o movimento para uma posição pré-verbal, mas não periférica, como se pode observar pelo facto de se tratar de uma posição abaixo da posição de sujeito, também parece preferencial⁴⁰ (61c).

(61) a. Ona podarila **chtsu-to komu-to**, no ya ne znaiu **chtsu** (i) **komu**.

ela ofereceu alguma coisa a alguém, mas eu não sei o que (e) a quem

b. Ona **chtsu-to komu-to** podarila, no ya ne znaiu **chtsu** (i) **komu**.

⁴⁰ Veja-se Brown (1999).

ela alguma coisa a alguém ofereceu, mas eu não sei o que (e) a quem

c. Ona **nikomu nichego** ne podarila.

ela ninguém_{DAT.} nada não ofereceu

Ela não ofereceu nada a ninguém.

d. ??? Ona ne podarila **nichego nikomu.**

ela não ofereceu ninguém_{DAT.} nada

De facto, quando se trata de apenas um *WH*-, quer seja indefinido ou negativo, apesar de o mesmo poder permanecer *in situ*, a posição pré- ou pós-verbal é definida contextualmente, sendo a posição pós-verbal acompanhada por um especial contorno entoacional (conferir 62a-b vs. 63a-b). Enquanto em (62) as frases parecem totalmente neutras e são perfeitas como resposta à pergunta *O que aconteceu?*, em (63), necessitamos de um contexto específico definido em termos de *Common Ground* acompanhado por uma prosódia ascendente.

(62) a. On **nikomu** ne pozvonil.

ele ninguém_{DAT.} não telefonou

Ele não telefonou a ninguém.

b. On **komu-to** pozvonil.

ele alguém_{DAT.} telefonou

Ele telefonou a alguém

(63) ?a. On ne pozvonil **nikomu.**

ele não telefonou ninguém_{DAT.}

Ele não telefonou a ninguém.

?b. On pozvonil **komu-to.**

ele telefonou alguém_{DAT.}

Ele telefonou a alguém

Em seguida, listo as características observadas em construções que contêm mais de um elemento-*WH* – interrogativo, negativo ou indefinido – assumindo que esse elemento é ambíguo quanto aos traços [Q]/[NEG]/[ESP], quando entra na derivação, sendo desambiguado no final da derivação, de acordo com a classificação apresentada na Tabela 6.

Tabela 6. Propriedades de elementos-*WH* em diferentes tipos de estruturas em russo.

Tipo de construção múltipla	INTERROGATIVAS Ex: kto quem	NEGATIVAS Ex: nikto ninguém	INDEFINIDAS Ex: kto-to alguém
-----------------------------	---------------------------------------	---------------------------------------	---

Traços no final da derivação	+ wh - definido - específico + Q - negativo	+ wh - definido - específico - Q + negativo	+ wh - definido ± específico ⁴¹ - Q - negativo
Movimento obrigatório para o início da frase	+	Preferencial	Preferencial
Coocorrência de dois <i>WH</i> - de natureza distinta	-	-	-

Na secção 1.5, em que serão comparados constituintes-WH em russo e português, será avançada uma proposta para possíveis dificuldades na aquisição de estruturas IWHM por falantes de português como L2.

1.3.3.3. *Triggers* para o movimento múltiplo

Considerando os dados descritos na secção anterior, pode dizer-se que, em russo, todos os constituintes-WH têm propriedades semelhantes quanto à composição morfológica e à organização sintática, *i.e.*, são ambíguos. Apoiando-me nestes factos e tendo como motivação a hipótese de Zavitnevich-Beaulak (2005), que, por sua vez, se baseia na proposta de Cheng (1991), sugiro que os elementos-WH múltiplos são desprovidos de conteúdo semântico na numeração, ou seja, as palavras-WH contidas no léxico são *WH*- cuja força quantificacional é subespecificada e, como tal, devem deslocar-se para posições pré-verbais por razões de valoração/verificação de traços. Como Zavitnevich-Beaulak (2005: 76) indica, o significado semântico dos *WH*- é determinado na computação, dependendo do elemento com que o elemento-WH é combinado. Portanto, *the [+Q]-feature responsible for the interrogative interpretation of a wh-phrase (and a sentence) is not an inherent property of a wh-element (or a functional head) but a feature of a question operator (OPQ). This operator can either be associated with a wh-phrase resulting in a wh-movement strategy or be realised on a functional head leading to a wh-in-situ question strategy. This alternation depends on what parameter is instantiated for a particular language.*

Avançando com esta hipótese, sugiro que existe um operador na numeração marcado com traços (um traço) relevante(s), no espírito de *Attract-all-F* de Bošković

⁴¹ Notemos que os constituintes-WH indefinidos, que são ambíguos quanto aos traços [Q; Neg], ainda são subespecificados quanto aos traços de especificidade.

(1999)⁴². Ao ser selecionado para a computação, este operador atrai o constituinte-WH mais próximo (Princípio de Economia, Chomsky, 1991, 1995) para o seu domínio. No caso de uma estrutura IWHM com dois constituintes-WH – *WH*-Sujeito e *WH*-Objeto Direto, por exemplo, considerando o Princípio *bottom-up* e tendo em conta que o russo é uma língua S V O, o primeiro constituinte-WH a entrar na derivação é o *WH*-Objeto Direto, seguido pelo *WH*-Sujeito. Por sua vez, após todos os traços de seleção categorial estarem valorados, o elemento-WH não marcado com traços $[\pm Q]/[\pm NEG]/[\pm ESP]$ e que é mais próximo do núcleo de valoração, ou seja, o *WH*-Sujeito, move-se para o domínio onde valora traços por razões de 1) especificação de traços $[\pm Q]/[\pm NEG]/[\pm ESP]$ e 2) atribuição de *clause type*. Baseando-se em Chomsky & Lasnik (1977), Cheng (1991) defende que a atribuição de *clause type* é um requisito obrigatório para todas as línguas, sendo que a marcação (*typing*) duma frase interrogativa é efetuada ou por movimento sintático ou por intermédio de partículas especiais. No caso de movimento sintático, basta mover apenas um constituinte-WH. No caso de línguas como o russo, *the multiple fronting nature of wh-words (...) is a result of a licensing requirement of the wh-words* (Cheng 1991: 16). Assim, nestas, o *clause typing* interrogativo é uma consequência de especificação de traços relevantes dos constituintes-WH⁴³. Os elementos-WH são variáveis cuja força quantificacional e semântica é determinada no sistema computacional, de acordo com os itens que são selecionados para a computação. No caso das frases interrogativas, é o operador interrogativo (associado a $[+Q]$) que é selecionado.

Tendo em conta as propriedades enumeradas na tabela 6, proponho a seguinte análise das construções IWHM russas, ilustradas através de uma frase interrogativa padrão (64):

- (64) **Kto chto** kupil?
quem o que comprou
Quem comprou o quê?

1) Numeração:

a. Elementos-WH com a seguinte especificação de traços:

WH: *yes*

DEF: *no*

Q: ?

NEG: ?

ESP: ?

⁴² Ao contrário de Bošković, que justifica o movimento de constituintes WH- com a (não) força do traço $[wh]$, sugiro que o movimento é desencadeado para desambiguar os *WH*- que entram na derivação.

⁴³ Para a descrição da hipótese de Cheng (1991), veja-se também a secção 1.4.3..

b. Especificação do núcleo C:

C [*uwh*: *yes*; *iQ*: *yes*]

c. Especificação do núcleo WH:

WH [*uwh*: *yes*]

2) Derivação:

- a. Os constituintes-WH entram na derivação e precisam de valorar traços de seleção categorial relevantes (traços- φ , de Caso, etc.).
- b. O núcleo funcional C [*uwh*: *yes*; *iQ*: *yes*] é inserido. O traço [*uwh*] torna C ativo como *probe*. Por sua vez, o traço [*iQ*] atribui à frase o *clause type* interrogativo.
- c. O núcleo C atrai o constituinte *WH*- mais alto para Spec, CP para valorar o seu traço [*uwh*].
- d. Este movimento permite que este constituinte-WH possa valorar o seu traço não especificado [*Q*: *yes*]. Ao valorar este traço, os outros traços relevantes são igualmente valorados (NEG: *no*; ESP: *no*).
- e. Os outros *WH*-, que ainda continuam com os traços [*Q*]/[NEG]/... subespecificados, movem-se para a posição de Spec, WHP, sendo atraídos pelo traço [*uwh*] do núcleo WH; assumindo nós o mecanismo de concordância entre C e WH que leva à partilha de traços relevantes, quer o núcleo WH quer o constituinte em Spec, WH ficam com o traço [*Q*] e os restantes traços valorados e os constituintes são desambiguados.
- f. No final da derivação, obtém-se a seguinte estrutura:

$$[_{CP} \textbf{kto}_i [_C -] [_{WHP} \textbf{chto}_k [_{WH} -] [_{TP} -_i \text{ kupil } -_k]]]$$

1.4. Estrutura-WH interrogativa em português

Nesta secção, passo a descrever as propriedades das frases interrogativas-WH em português europeu (PE). Assim, em 1.4.1., serão apresentadas as diferentes possibilidades de formação de interrogativas-WH, com recurso a um morfema cristalizado *é que* e sem recurso ao mesmo. Para além disto, em 1.4.2., irei abordar os fenómenos sintáticos associados a movimento-WH, a movimento de Verbo e a inversão Sujeito-Verbo e a relação que estabelecem entre si. Faço a descrição e apresento uma análise da natureza dos constituintes-WH em PE, em comparação com constituintes indefinidos e negativos, com o intuito de determinar a motivação para movimento obrigatório de um constituinte-WH para periferia esquerda. A seguir, na secção 1.4.3., apresento as propriedades sintáticas de estruturas IWHM, propondo uma hipótese explicativa da manutenção de alguns constituintes-WH *in situ*, que se baseia na ideia de que, em algumas línguas, os constituintes-WH não são subespecificados na numeração e, portanto, não precisam de se mover todos para serem especificados.

De acordo com a terminologia estabelecida na parte introdutória deste trabalho para designar tipos diferentes de línguas quanto às estruturas IWHM disponíveis, o português é uma língua de “tipo misto”, *i.e.*, uma língua em que, na sintaxe visível, apenas um sintagma-WH é deslocado para a posição Spec, CP, enquanto os restantes permanecem *in situ*. Embora as línguas do “tipo misto” não partilhem todas o mesmo modelo estrutural, devido a diferenças quanto ao movimento de V-para-T-para-C e à posição do Sujeito nas interrogativas-WH, no que diz respeito à posição de Spec, CP como posição mais provável para o constituinte-WH mais alto, as análises propostas em diferentes trabalhos sobre o tema não divergem significativamente. As operações descritas, especificamente, a operação V-para-T-para-C e, como consequência desta, o padrão superficial de inversão Sujeito-Verbo, são observadas tanto em interrogativas-WH com um elemento-WH como em interrogativas-WH múltiplas. No entanto, grande parte dos exemplos que serão apresentados é composta por estruturas interrogativas com apenas um WH-, dado que os mesmos são retirados de trabalhos existentes e são escassos os trabalhos sobre estruturas IWHM em português.

1.4.1. Interrogativas-WH simples em português

Em português, as construções interrogativas parciais padrão envolvem obrigatoriamente movimento de um constituinte-WH para a posição pré-verbal. Estas construções podem recorrer à sequência *é que*, que é composta pela forma do verbo *ser* na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo seguida do complementador *que* (65), ou

podem não incluir *é que* (66).

- (65) a. **O que é que** a Maria comprou?
 b. **Quem é que** comprou **o quê**?

- (66) a. **O que** comprou a Maria?
 b. **Quem** comprou **o quê**?

Comparando as duas estruturas, observa-se uma diferença muito importante, que está relacionada com a alteração da ordem básica de palavras e com o fenómeno denominado tradicionalmente inversão Sujeito-Verbo em estruturas interrogativas.

Como se verifica em (67), em interrogativas-WH com um sintagma-WH não sujeito em posição de Spec, CP e sem a expressão *é que*, a inversão da ordem Sujeito-Verbo é obrigatória⁴⁴, o que não se observa nas construções com *é que* (68)⁴⁵.

- (67) a. **O que** comprou a Maria?
 b. * **O que** a Maria comprou?
- (68) a. **O que é que** a Maria comprou?
 b. **O que é que** comprou a Maria?

Este facto aponta para a existência de outro movimento obrigatório, para além do movimento-WH, na construção de frases interrogativas parciais sem recurso a *é que* e que corresponde à subida do Verbo para C para efeitos de verificação/valoração de traços do núcleo C. No entanto, antes de discutir a ordem de palavras, começo por descrever brevemente as construções-WH que envolvem o uso de *é que*, tendo em conta a sua relevância para a melhor compreensão da sintaxe das interrogativas-WH em português.⁴⁶

Considerando os dados relatados em Casteleiro (1979), Kato *et alii.* (1996), Duarte (2000), Costa & Duarte (2001), Soares (2003, 2006), as estruturas interrogativas de *é que* aproximam-se, quanto à sua estrutura sintática, e até certo ponto, de estruturas clivadas de *é que* (69).

- (69) a. O que é/foi que o corvo comeu?
 b. Uvas é/*foi que o corvo comeu.

(ex. de Duarte, 2000: 5)

Estabelecendo um paralelo entre as duas estruturas, Duarte (2000) propõe que, ao longo do tempo, o verbo copulativo *ser* e o complementador *que* perderam as suas

⁴⁴ Veja-se em Ambar (1988) a definição de *inversão obrigatória* vs. *inversão não obrigatória*.

⁴⁵ Em russo, a posição pós-verbal do Sujeito também é possível. Neste caso, o Sujeito adquire o estatuto de Foco (veja-se a descrição de Sujeitos pós-verbais em Slioussar, 2007).

⁴⁶ Interrogativas-Q focalizadas, de acordo com a designação de Duarte (2000).

propriedades de itens independentes, resultando numa expressão cristalizada *é que*, que ocupa uma única posição, a posição de núcleo C, portador do traço [+Foco] (70).

(70) [_{CP} [O que] [_{C'} *é que* [_{IP} o corvo comeu t_{o que}]]]? (Duarte, 2000)

Casteleiro (1979) denomina a expressão *é que* uma partícula de realce e indica que ela pode ser omitida tanto em frases clivadas como em frases interrogativas, sem que as frases percam o seu significado (71).

- (71) a. Estes livros (é que) são caros.
b. Onde (é que) apareceram esses discos?⁴⁷

O mesmo autor observa que, pelo contrário, nos exemplos em (72), a sequência *é que* não pode ser tratada como um item lexical, já que se trata de estruturas complexas que englobam subordinadas completivas e *que* neste caso preencherá por si só um núcleo C.

- (72) a. A verdade é que a bomba não rebentou.
b. Bom é que a inflação seja dominada.

Casteleiro (1979) usa vários critérios para comprovar a natureza não segmentável de *é que*. Por exemplo, o teste de flexão em tempo do verbo *ser* (73) e a concordância do mesmo com o sujeito (74) resultam em construções agramaticais.

- (73) a. * Estes livros era que eram caros.
b. * De laranjas foi que o Miguel gostou.

- (74) * Estes livros são que são caros.

Soares (2006) complementa os dados de Casteleiro (1979) e apresenta também argumentos a favor da gramaticalização de *é que*, baseados no contraste entre estruturas interrogativas com *é que* cristalizado e com *SER que*. A autora aponta para o facto de, no primeiro caso, a 3ª pessoa do verbo *ser* e *que* ocorrerem obrigatoriamente em adjacência (75).

- (75) a. **O que é que** a Maria leu?
b. ***É o que que** a Maria leu?

⁴⁷ Ao descrever vários valores enfáticos de *é que* e referindo-se ao seu uso nas interrogativas, Casteleiro (1979) diz que “*é que* é expressão puramente coloquial, ligada aos pronomes e advérbios interrogativos, parecendo não implicar qualquer ênfase contrastiva”. Parece que, atualmente, as frases-WH interrogativas com *é que* já não se restringem ao registo puramente coloquial, mas ocorrem em todos os tipos de discursos.

(ex. de Soares, 2006)

Na mesma linha, veja-se também um exemplo citado em Vercauteren (2010: 53), que aponta para a impossibilidade de inserir um adjunto entre um constituinte-WH *bare* e a sequência *é que* (76).

(76) *O que, ontem, é que a Maria leu?

Quanto à posição sintática da expressão *é que*, vários autores propõem o nó C como uma posição mais provável do morfema cristalizado (veja-se Ambar, 1988; Duarte, 2000; Duarte & Costa, 2001; Soares, 2003, 2006). Fatores como a subida obrigatória de um constituinte-WH para uma posição inicial, que, de acordo com a versão clássica, é a posição de especificador de CP, e a adjacência do WH- movido ao constituinte *é que* (como se observa em (76)) vão ao encontro desta proposta.

1.4.2. Movimento-WH em português

Vários autores assumem a hipótese originalmente proposta por Chomsky (1986) para o movimento de constituintes interrogativos, de acordo com a qual as línguas naturais são sujeitas a parametrização quanto à posição de elementos-WH na sintaxe visível. Tendo em conta esta variação paramétrica, o português é uma língua em que, no caso de interrogativas parciais padrão, se verifica movimento-WH visível de um constituinte-WH para uma posição periférica em que os traços do mesmo são verificados e a partir da qual este tem escopo sobre toda a frase.⁴⁸ Os autores que se debruçam sobre o movimento-WH em português sem adotarem a hipótese cartográfica têm uma opinião quase unânime de que, em interrogativas-WH não discursivamente marcadas, um elemento-WH que é gerado numa posição interna à frase é arrastado para a posição Spec, CP. Citando Brito (1988), “a motivação do Movimento Q tem a ver com a natureza de

⁴⁸ Sobre interrogativas-WH não padrão ver Ambar (1988), Amaral (2009). Amaral (2009: 22) defende que, em português, existem interrogativas-WH com elementos-WH *in situ* com “verdadeira interpretação interrogativa” (i-iii).

- (i) Ela chama-se como?
- (ii) O teu filho encontrou isso onde?
- (iii) A: A Aurora é professora de Yoga.
B: E ela dá aulas onde?

Parece-me que os paradigmas apresentados em (i-iii) se inserem no grupo de interrogativas-WH definidas por Pires & Taylor (2007: 5) em termos de *Common Ground* (“Common Ground can be defined as information that was previously given in the discourse or in the extralinguistic context, and which is shared (or assumed by the speaker to be shared) by speaker and hearer.”), *i.e.*, os morfemas-WH ocorrem sob condições pragmático-discursivas específicas.

operador do morfema interrogativo (como aliás dos morfemas Q em geral) e a escolha do seu local de poiso relaciona-se com problemas de escopo: os morfemas Q deslocam-se para uma posição anterior a SFLEX com escopo sobre SFLEX". Um dos argumentos da autora para movimento-WH para Spec, CP está relacionado com o movimento do Verbo para a posição do núcleo C, de que iremos falar mais à frente, que se observa nos exemplos apresentados em (77).

- (77) a. **O que** fizeram eles?
 b. *O que eles fizeram?

Outro argumento tem origem na existência em várias línguas de construções em que há possibilidade de coocorrência de um morfema-WH e do complementador (78).

- (78) a. Que bonito vestido que trazes hoje! (ordem possível em português apenas em exclamativas).

b. ... the man who that I saw (ordem possível em Inglês médio (cf. CHOMSKY e LASNIK 77:435 e 446, RADFORD 81:169).

c. Où que tu vas? (interrogativa possível em Francês popular referida em RADFORD 81:169).

d. Jag undrar vem som Maja seglade med.

Eu imagino quem que a Maria foi fazer vela com (interrogativa subordinada em Sueco referida em BALTIN 82:18).

(*apud* Brito, 1988: 36)

Em português europeu, a sequência ‘morfema-WH + complementador *que*’ é possível apenas em exclamativas-WH *D-linked* (79), sendo as interrogativas-WH com o mesmo formato agramaticais, quer elas sejam *D-linked* ou *bare* (80).

- (79) a. **Que vestido** (lindo) que a Maria comprou!
 b. * **O que** que a Maria comprou!

- (80) a. * **O que** que compraste?
 b. * **Que vestido** que comprou a Mariana?

(ex. de Amaral, 2009: 29)

Este tipo de construções é, contudo, atestado em outras variedades do português (ver Duarte, 2000; Ambar, 2001; Gonçalves, 2012). Assim sendo, de acordo com a explicação de Raposo (1987) apresentada em Mateus *et alii.* (2003: 466), “é preferível considerar que os morfemas interrogativos se movem para uma posição à esquerda da posição reservada aos complementadores e que a co-ocorrência com complementadores

está sujeita a condições, variáveis de língua para língua ou entre variedades de uma mesma língua”.

Assumindo uma abordagem cartográfica, Ambar (2001), por exemplo, sugere que, em português, o domínio de CP é composto por várias projeções necessárias para dar conta de propriedades discursivas.

Assim, ao analisar a posição dos morfemas-WH, Ambar (2001) defende uma periferia esquerda muito articulada (81), justificando o seu ponto de vista com a proposta de uma escala de referencialidade dos constituintes-WH (*scale of referentiality in wh-phrases*), correspondendo cada ponto dessa escala a um valor semântico específico.

(81) a. XP [EvaluativeP[EvaluativeP[AssertiveP[AssertiveP[XP [WhP[Wh' [FocusP[FocusP[XP[IP

(Ambar, 2001: 2)

A autora assume que a projeção de WhP (entendida nesse trabalho como uma das projeções num CP cindido) alberga constituintes-WH cujo núcleo tem traços de N e de V. Sendo assim, “wh-movement is triggered by the need of N_{qu} feature checking; Verb-Inflection raising is triggered by the need of V feature checking; only wh-phrases sufficiently nominal and semantically restricted can check the N-feature (...)” (Ambar, 2001: 2)⁴⁹.

Por sua vez, Soares (2006), seguida por Vercauteren (2010), propõe uma abordagem minimalista da periferia esquerda que se baseia na verificação de traços. A autora adota a teoria de *proxy* para a estrutura de constituintes (Nash & Rouveret, 1997, 2002), indicando que a periferia esquerda é constituída por uma única categoria funcional, o núcleo C, que “se desdobra” na presença de traços por verificar. Ou seja, a estrutura da periferia esquerda é flexível, na medida em que é capaz de criar o espaço necessário para a verificação de diversos traços. De acordo com a proposta de Soares (2006: 389), “la tête C peut être caractérisée par différentes combinaisons de trois traits – [uT] / [iT], [uWh] et [uF]. Les différents assemblages possibles de ces traits, associés aux contraintes qui déterminent leur ordre de vérification et à la Condition de Visibilité du domaine C (Platzack, 1998), permettent de dériver les différentes constructions qui impliquent la périphérie gauche”⁵⁰. No caso de interrogativas-WH, há, de acordo com Soares, dois traços não interpretáveis sujeitos a valoração: [uT] e [uwh]. O traço [uwh] desencadeia o

⁴⁹ Em Ambar (2003), a autora reformula a definição da projeção WhP, indicando que o movimento-WH é desencadeado por necessidade de verificar os traços-WH e não traços-N.

⁵⁰ A Condição de Visibilidade (Platzack, 1998) determina que “Dans une dérivation, lorsque la tête C est sélectionnée, toute projection du domaine C doit être visible en PF, i. e., toute projection doit avoir des traits phonologiques mais ne peut pas avoir ces traits dans la position tête et dans le spécificateur simultanément” (*apud* Soares, 2006).

movimento do elemento-WH e o traço [*u*T] é valorado através do movimento T-para-C ou da presença do morfema cristalizado *é que* em estruturas interrogativas. As derivações de estruturas-WH interrogativas com e sem recurso a *é que* encontram-se em (82b, 83b), respetivamente.

(82) a. **O que** é que o João bebeu?

b. [_{XP}[o que] [_{X'} [_X _{uWH} _{EPF}]] [_{CP} [_{C'} [_C _{uT} *é que*] [_{TP} [o João] [_{T'} [_T *comeu*] [_{VP} ~~o João~~ *comeu* ~~o que~~]]]]]]]]]

(Soares, 2006: 142-143)

(83) a. **O que** comeu o João?

b. [_{XP}[o que] [_{X'} [_X _{uWH} _{EPF}]] [_{CP} [_{C'} [_C _{uT} *comeu*] [_{TP} [o João] [_{T'} [_T ~~comeu~~] [_{VP} ~~o João~~ *comeu* ~~o que~~]]]]]]]]]

(Soares, 2006: 134)

No âmbito do presente estudo, e reconhecendo que, em algumas estruturas, a abordagem cartográfica (Ambar, 2001) ou a proposta de flexibilidade da periferia esquerda (Soares, 2006; Vercauteren, 2010) são justificadas pela ocorrência de constituintes com diferentes valores discursivos, assumo, no entanto, uma posição mais clássica quanto à distribuição de elementos-WH nas frases interrogativas. Assim, adoto a hipótese de acordo com qual um constituinte-WH é arrastado para a posição de Spec, CP para efeitos de valoração de traços relevantes associados ao núcleo C, como irei descrever mais à frente.

1.4.3. Movimento V-para-T-para-C

A estrutura em (83) da secção anterior mostra que, quando *é que* não é inserido na derivação, o Sujeito fica numa posição pós-verbal e o verbo e o morfema-WH estão adjacentes. Este fenómeno sintático corresponde à subida de V-para-T-para-C e consiste no movimento do verbo para uma posição periférica próxima do constituinte-WH. Várias línguas germânicas atestam o movimento de V-para-T-para-C, que se traduz na obrigatoriedade de ocorrência do verbo na segunda posição da frase (V2). Em português, o fenómeno V2 é residual e ocorre obrigatoriamente apenas em interrogativas-WH *bare* e sem envolvimento do morfema cristalizado *é que* (84a-b), enquanto em interrogativas-WH *D-linked* a subida do verbo parece ser opcional (84c-d). Por sua vez, a subida do verbo não se verifica em construções com o *é que* presente. Neste caso, de facto, o Sujeito pode estar numa posição pós-verbal interna ao vP/VP (84f).

(84) a. * **O que** ontem leu a Maria?

a'. **O que** leu ontem a Maria?

- b. * **O que** a Maria leu?
- b'. **O que** leu a Maria?
- c. ?**Que livro** ontem a Maria leu?
- d. **Que livro** leu ontem a Maria?
- e. **O que** é que a Maria leu?
- f. **O que** é que (ontem) leu a Maria?

Tendo como exemplo a agramaticalidade de (84a vs. a', b vs. b'), podemos ver que o movimento-WH e o movimento-V estão intrinsecamente ligados, *i.e.*, o morfema-WH movido entra numa relação estreita com o Verbo, assegurando assim a valoração de traços relevantes e a gramaticalidade da estrutura-WH. Como resultado do movimento do verbo para o núcleo C, presenciamos um fenómeno aparente de Inversão Sujeito-Verbo (ISV). Os temas da inversão e da subida do Verbo são amplamente discutidos em vários trabalhos de Ambar (1988, 1989, 2003, *e.o.*). De acordo com a autora, o contraste de gramaticalidade decorre da presença vs. ausência de um Nome (N) foneticamente realizado em (84c) vs. (84b)⁵¹ e serve de motivação para a proposta de análise da subida do verbo. Assim, os constituintes-WH interrogativos não *D-linked* teriam a seguinte representação (85):

(85) [QUE [e]_{N'}]NP (Ambar, 1989)

Na estrutura em (85), existe uma categoria vazia [e] que tem de ser *properly governed*. A frase em (84b) é agramatical porque não existe nenhum X que seja capaz de “properly govern” a categoria vazia, pelo que a estrutura é excluída. No caso de (84a'), o verbo teria um papel principal na legitimação de [e]: V move-se para uma posição de onde pode “properly govern” [e], o que garante a gramaticalidade da frase em (84a').

A posição dos advérbios em frases interrogativas-WH *bare* também aponta para a necessidade de o verbo subir para C (84 a-a').

Uma análise alternativa foi sugerida por Barbosa (2001). Baseando-se em dados empíricos de várias línguas românicas em que um constituinte-WH e o verbo flexionado se encontram em adjacência, a autora propõe que o elemento-WH não se desloca para o sistema CP, mas sobe para a posição de especificador de TP. De acordo com esta proposta, o constituinte-WH é movido para o especificador de TP, que é considerado uma posição-A' e a inversão obrigatória Sujeito-Verbo em frases interrogativas raiz resultaria do facto

⁵¹ Exemplos originais:

- (i) Que prémio esse actor ganhou?
- (ii) * Que esse actor ganhou?

(Ambar, 1989: 370)

de o Sujeito ficar *in situ* (86).

(86) [IP *Wh*-operator [I' [I [+wh] V] ... [VP subject]]]

(Barbosa, 2001: 3)

A sugestão de Barbosa baseia-se nos dados de várias línguas românicas que mostram a impossibilidade de derivar frases em que o Sujeito fica numa posição entre o verbo auxiliar flexionado e o verbo principal (87-89).

(87) a. *Che cosa ha Maria detto? Italiano
 what has M said M
 b. Che cosa ha detto Maria?

(88) a. *Où est Marie allée? Francês
 where is M. gone
 b. Où est allée Marie?
 'Where did Mary go?'

(ex. de Barbosa, 2001: 10)

(89) a. * Qué ha Maria visto? Espanhol
 b. Qué ha visto Maria?

(ex. de Soares, 2006: 125)

Mantendo o paralelo com o inglês, em que, em frases interrogativas-WH, o verbo sobe obrigatoriamente para o nó C, Soares (2006), seguindo a mesma linha de pensamento de Duarte (1987, 1997), Ambar (1988), Nash & Rouveret (1997), Costa (1998, 2001), Costa & Duarte (2001), refuta os argumentos de Barbosa (2001). Soares (2006) argumenta a favor do movimento do verbo para efeitos de verificação do traço [*u*T] em português também, visto que o PE permite tanto a ordem WH-AUX-SU-V como WH-AUX-V-SU (90), do mesmo modo que o inglês (91).

(90) a. Que tem a Maria visto?
 b. Que tem visto a Maria?

(91) What has he seen?

(ex. de Soares, 2006: 125)

Como vimos, entre vários argumentos a favor do movimento de T-para-C, são mencionados a adjacência obrigatória entre o constituinte-WH e o verbo flexionado e, como resultado, a agramaticalidade de construções-WH com material lexical entre o constituinte-WH e o verbo. Para além disto, as construções interrogativas com sequências verbais constituem mais um argumento a favor da subida do verbo. Assim sendo,

considerando as propriedades listadas, assumo que, em português, o verbo é movido para a periferia esquerda nas interrogativas sem *é que*, o que constitui um resíduo do fenómeno conhecido como *Verb Second* (V2), à semelhança do que acontece em algumas línguas germânicas que exibem esta propriedade (Rizzi, 1996).

Concluindo, tendo em conta dados empíricos de interrogativas-WH simples em português europeu, verificámos que há vários fenómenos sintáticos envolvidos na derivação destas frases. Por exemplo, o recurso ao movimento de morfemas-WH, apesar de não ser obrigatório, de acordo com alguns autores (Ambar, 1988, 1989; Amaral, 2009), é preferencial. O movimento-WH depende do estatuto da frase interrogativa-WH. Assim, no caso de frases-WH em que ocorre apenas um constituinte-WH, este constituinte permanece *in situ* apenas quando o contexto o justifica, *i.e.*, em interrogativas-WH surpresa, *eco*, *Common Ground*, etc.. Em todos os outros casos, o movimento-WH é visível e necessário.

Quanto à posição dos elementos-WH movidos, assumo a hipótese aceite por vários autores (Duarte, 2000; Ambar, 1988; Amaral, 2009, *e.o.*), de acordo com a qual a posição Spec, CP é a posição-alvo dos elementos-WH extraídos da sua posição de base. O movimento-WH é desencadeado para efeitos de valoração do traço [*uwh*], levando à valoração do traço [*Q*] de C, o que resulta na atribuição do *clause typing* interrogativo à frase. Assumo aqui a proposta de Cheng (1991), citada em (92), para explicar a obrigatoriedade de movimento de apenas um constituinte-WH para Spec, CP em línguas como português.

(92) *Clausal Typing Hypothesis*

Every clause needs to be typed. In the case of typing a wh-question, either a wh-particle in C° is used or else fronting of a wh-word to the Spec of C° is used, thereby typing a clause through C° by Spec-head agreement.

(Cheng, 1991: 29)

Segundo a hipótese de Cheng, todas as línguas se dividem, pelo menos, em dois grandes grupos, quanto a estratégias de atribuição de *clause type*: 1) línguas que dispõem de partículas especiais que, associando-se ao núcleo C, atribuem à frase determinada leitura; 2) línguas que não dispõem destas partículas, em que a marcação da frase como interrogativa, declarativa, etc. é realizada por intermédio de movimento sintático de UM constituinte-WH para Spec, CP. Tendo esta distribuição em conta, o português pertence ao segundo grupo.

No espírito do Princípio de Economia (Chomsky, 1991, 1995), Duarte (2000), por exemplo, refere estruturas-WH múltiplas, indicando que, uma vez o C desambiguado e os traços relevantes valorados por intermédio do movimento de um sintagma-WH, os

restantes *WH*- se mantêm na posição onde foram gerados. A autora sugere que “o domínio de verificação de *C* não é estritamente local” como, por exemplo, em línguas com movimento-*WH* múltiplo. Assim, mantendo a noção de movimento como último recurso (Chomsky, 1991, 1995), bastaria mover somente um elemento-*WH* para desambiguar *C*, que, entretanto, valoriza também traços dos restantes constituintes-*WH*, através de *Agree* a longa distância. Sendo esses traços valorados através de *Agree* a longa distância, não haveria necessidade de deslocar os constituintes-*WH* em questão para junto de *C*. Ao subir para a posição Spec, CP e tendo valorado os traços [+wh/+Q], o *WH*- tem escopo sobre toda a frase.

Verificámos também que o português dispõe de duas possibilidades de formação de interrogativas-*WH*: com o morfema cristalizado *é que* presente e sem o uso deste morfema. Quando *é que* não é usado (e o constituinte interrogativo não é D-linked), é obrigatório o movimento de V-para-T-para-C, que tem como efeito a aparente inversão Sujeito-Verbo. Assim, enquanto o movimento-*WH* não é afectado pela presença ou ausência de *é que* e, estando ou não *é que* presente, o constituinte-*WH* sobe para a posição Spec, CP (93a-b), o movimento de V-para-T-para-C só se observa quando *é que* não é inserido em *C* (cf. (93a-b) vs. (93c-d)).

- (93) a. O que leu a Maria?
 b. *O que a Maria leu?
 c. O que é que leu a Maria?
 d. O que é que a Maria leu?

Tendo em conta as propriedades observadas nas interrogativas-*WH* em português, tais como a obrigatoriedade de movimento de um constituinte-*WH* para Spec, CP, a ocorrência do *é que* e a subida do verbo para *C*, proponho, em (94), uma análise sintática para as estruturas interrogativas-*WH* simples apresentadas em (93), tendo em conta os traços relevantes que os constituintes-*WH* e o núcleo *C* apresentam especificados na numeração:

(94) Numeração

- (i) *o que* [wh: yes, Q: yes]; V [T: yes]; C_T [uwh: yes, iQ: ?, uT: yes]
 (ii) *o que* [wh: yes, Q: yes]; V [T: yes]; C_{é que} [uwh: yes, iQ: ?, iT: yes]

Derivação

- a. [_{CP} **o que** [_{C'} [_C [uwh, uT, iQ] leu] [_{TP} a Maria [_{T'} [_T leu] [_{VP} a Maria leu o que]]]]]
 b. [_{CP} **o que** [_{C'} [_C [uwh, iT, iQ] é que] [_{TP} a Maria [_{T'} [_T leu] [_{VP} a Maria leu o que]]]]]

c. [_{CP} **o que** [_{C'} [_C [_{wh}, _{iT}, _{iQ}] é que] [_{TP} [_{T'} [_T leu] [_{VP} a Maria ~~leu~~ o que]]]]]]⁵²

Quanto a estruturas interrogativas-WH múltiplas em PE, para entender melhor a motivação para o movimento de apenas um constituinte-WH para a posição de Spec, CP, em comparação com línguas que têm outras estratégias sintáticas na construção de frases interrogativas (*in situ*, como chinês, ou *multiple fronting*, como russo, por exemplo), descrevo sucintamente, na secção seguinte, frases com WH- múltiplos em português a par de estruturas com constituintes indefinidos e negativos.

1.4.4. Estrutura-WH múltipla em português

1.4.4.1. Posição e ordem de constituintes-WH múltiplos

As estruturas interrogativas-WH múltiplas em português são um campo de trabalho pouco explorado. As escassas referências que existem assinalam que o português pertence ao grupo de línguas do “tipo misto”, em que um constituinte-WH é movido para uma posição periférica para efeitos de desambiguação do núcleo C, do mesmo modo que acontece em interrogativas parciais com apenas um morfema interrogativo, enquanto o(s) outro(s) constituinte(s)-Wh permanece(m) *in situ*⁵³.

Quanto à ordem dos constituintes-WH em interrogativas múltiplas, o português parece observar o Efeito de Superioridade, *i.e.*, o constituinte-WH Nominativo fica sempre numa posição hierárquica mais alta (95).

- (95) a. **Quem viu o quê?**
 b. * **O que viu quem?**⁵⁴

⁵² Para a descrição detalhada da posição do Sujeito em interrogativas-WH de *é que*, veja-se Soares (2006).

⁵³ Ambar (2003) assume que, em PE, também as estruturas IWHM permitem ter todos os constituintes-WH *in situ* (a).

a. O Pedro ofereceu o quê a quem?

Ao aceitar constituintes-WH *in situ*, a autora indica que o movimento existe sempre: “For the so-called wh-in-situ, I assume that: (i) wh-phrases always raise to the same projection (WhP); (ii) licensing applies uniformly in fronted and in wh-in-situ questions; (iii) the in situ effect is the result of ulterior remnant IP movement to AssertiveP; (iv) elements that appear at the right of the wh-phrase have been previously topicalized (or focalized)”. A estrutura proposta para a frase (a) anterior ao movimento do IP remnant é a ilustrada em (b).

b. [_{AssertiveP} [_{Assertive'} [_{XP} [_{WhP} o quê_i [_{wh'} [_{FocusP} a quem_k [_{Focus'} [_{XP} [_{IP} o Pedro ofereceu t_i t_k]]]]]]]]]]]
 (Ambar, 2003: 223)

Mais uma vez, considero que este tipo de construções não se enquadram no tipo de interrogativas padrão e são, portanto, discursivamente marcadas.

⁵⁴ Ambar (1988: 256) considera o paradigma em (95b) gramatical e apresenta a seguinte representação depois da subida do elemento-WH em Forma Lógica:
 [COMP'' o que_i quem_j [COMP' viu_{lk} [Flex'' v_j v_{lk} v_i]]]

c. * **O que quem** viu?

Tal como acontece com interrogativas-WH com apenas um morfema-WH, o paradigma em (95a) não mostra se o WH-Sujeito está em Spec, CP ou não. Para apurar a posição do *WH*- mais alto, teríamos de aplicar os mesmos testes que foram descritos nas secções acima no âmbito de interrogativas simples. Sendo aplicados os testes de inserção de *é que*, que, como foi assumido, fica em C, ou de subida do verbo, verificamos que, em contextos de interrogativas múltiplas, o constituinte-WH mais alto também se desloca para especificador de CP (96).

(96) a. **Quem é que** viu **o quê**?b. **O que é que** a Maria ofereceu **a quem**?c. **O que** ofereceu a Maria **a quem**?d. **Quem** (é que) ofereceu ontem **o quê** à Maria?

Em relação ao constituinte-WH mais baixo, assume-se geralmente que este fica na posição onde foi gerado na sintaxe visível. Dados que incluem paradigmas verbais com tempos compostos ou com verbos de três lugares exemplificam a estratégia de formação de interrogativas com *wh- in situ* em português (97).

(97) a. **Quem** tinha visto **o quê**?a'. **Quem** *(**o quê**) tinha *(**o quê**) visto?b. **Quem** comprou flores **a quem**?b'. ?? **Quem** comprou **a quem** flores?c. **Quem** comprou **o quê** à Maria?c'. ?? **Quem** comprou à Maria **o quê**?

Como podemos ver em (97a-a'), a posição pós-verbal é a única posição possível para o WH-Objeto Direto. Por sua vez, o contraste entre (97 b, c) e (97 b', c') também sugere que os constituintes-WH mais baixos ocupam as posições não marcadas em que ocorreriam se a frase fosse declarativa, sendo que as estruturas como em (97c') poderiam ser aceites apenas se se tratasse de uma interrogativa-WH surpresa ou de eco, com um acento de intensidade a recair sobre o *WH- in situ* (*Quem comprou à Maria O QUÊ?*).

No entanto, de acordo com juízos de gramaticalidade dos meus informantes falantes nativos de português europeu, nas IWHM padrão, o morfema-WH não Nominativo deve manter-se numa posição mais baixa do que o morfema-WH Nominativo. Em Mateus *et al.* (2003: 476), também figura um exemplo em que ocorre o Objeto Direto em posição pré-verbal e o Sujeito em posição pós-verbal, que é considerado agramatical (**O que disse quem?*). Agora, quando se trata das IWHM não padrão, as estruturas exemplificadas em (95b) são possíveis apenas quando um acento de intensidade recai sobre o constituinte-WH *quem*: *O que viu QUEM?*

Como foi assumido anteriormente, o movimento-WH em português é desencadeado pela necessidade de desambiguação do núcleo C por intermédio de verificação de traços relevantes e a consequente atribuição de *clause type*. Agora, considerando a existência de línguas com *multiple fronting*, em que se observa o movimento obrigatório de todos os constituintes-WH, na secção seguinte, pretende-se explicar por que razão o mesmo não acontece em português. Para este efeito, avanço com uma sucinta descrição de constituintes-WH e constituintes indefinidos e negativos em PE.

1.4.4.2. Constituintes interrogativos e indefinidos em português

É possível pensar, como referimos antes, que os traços de constituintes-WH não movidos por movimento-WH *overt* são verificados à distância. Ora, levanta-se a questão de saber por que razão a verificação à distância não se aplica às línguas com movimento-WH visível de todos os elementos-WH para posições periféricas, ou revertendo a questão para as línguas como o português, por que razão a operação *Agree* à distância funciona em português (mas não em russo)? Tendo fundamentado o meu ponto de vista na secção sobre IWHM em russo com a subespecificação de constituintes-WH do russo na numeração, aqui defendo que a diferença entre as duas línguas consiste na natureza distinta dos morfemas-WH. Em russo, os WH- são subespecificados quanto a traços [Q; NEG; ESP] e em português não o são, pelo menos no que diz respeito aos traços de negação e de especificidade. Zavitnevich-Beaulak (2005) defende que: “lexical entries for wh-elements are the same cross-linguistically in that they are wh-proforms whose quantificational force is underspecified. The semantic content of wh-proforms is determined in the computational space depending on which element it is combined with.”. Pelo contrário, assumo neste trabalho que os constituintes-WH são pró-formas em algumas línguas, mas não em outras.

Tenho indicado que, em russo, nos enunciados em que ocorre mais de um elemento-WH, os mesmos devem ter marcação de traços idêntica, ou seja, se um é [+WH, +NEG], o outro também tem de ser [+WH, +NEG]. Todavia, em português, parece que a situação é diferente, visto que os constituintes interrogativos e indefinidos não são semelhantes morfológicamente, ou seja, tendo em conta os dados da tabela 7 (apresentada de seguida), não se pode falar de ambiguidade morfológica de constituintes-WH e indefinidos em português.⁵⁵

⁵⁵ No âmbito deste trabalho, o termo “indefinido” é usado de uma forma muito lata para quantificadores/pronomes de polaridade positiva e negativa.

Tabela 7. Constituintes interrogativos e indefinidos em português.

Interrogativo	quem, (o) que, que N, qual, quanto N, quando, onde, como, porque
Indefinidos	algum(a), um(a), nenhum(a), algo, nada

Verifica-se também que a coocorrência de elementos de natureza distinta é permitida em português (98), ao contrário do que acontece em russo (ver a secção 1.3.3.2.).

- (98) a. **Quem** comprou **alguma coisa** nessa loja?
 b. **O que** é que **ninguém** comprou nessa loja?

Para além disto, nota-se que, em português, com elementos de natureza distinta, não se observam quaisquer efeitos de superioridade (98b, 99), contrariamente ao que foi constatado na ocorrência de constituintes-WH múltiplos.

- (99) O que é que alguém chamou?

No entanto, ao observar construções com C preenchido em português, poderia considerar-se uma eventual ambiguidade entre itens lexicais com a mesma forma fonológica, “que”:

- (100) a. **Que** linda menina! (WH: *yes*; Q: *no*; EVAL: *yes*)
 b. O vestido **que** tu compraste é lindo. (WH: *yes*; Q: *no*; EVAL: *no*)

Contudo, esses itens são distintos, já que são inseridos na numeração com traços distintos e associam-se a nós C com propriedades distintas.

Pelo contrário, assumo de novo a hipótese de Cheng (1991), de acordo com a qual, em algumas línguas, por exemplo, em russo, todos os elementos-WH são pró-formas *WH*-cuja força quantificacional é subespecificada. Sendo variáveis, a força quantificacional e semântica destas pró-formas *WH*- é determinada dentro do domínio computacional de acordo com itens que são selecionados para a computação e traços que se associam a estes itens. Assim, no caso das frases interrogativas, seleciona-se o operador interrogativo associado a traços [*uwh*, *iQ*]. Ora, em português, o movimento de apenas um elemento-WH é suficiente, visto que este elemento se move para uma posição para efeitos de atribuição de *clause type* (Cheng, 1991) e de onde tem o requerido escopo sobre toda a frase (Brito, 1988; Duarte, 2000). Ou seja, em português, o núcleo C é marcado com os mesmos traços que em russo [*uwh*, *iQ*] (deixo aqui o traço [*uT*] de parte, visto que este traço é relevante para o fenómeno da subida do verbo para C, e não contribui para o entendimento do movimento (não) múltiplo de constituintes-WH). Para verificar estes traços, um

constituente-WH é arrastado para Spec, CP.

Tendo em conta a não ambiguidade de constituintes-WH em português, sugiro a seguinte análise para construções IWHM com e sem a sequência *é que* em PE exemplificadas através de uma frase interrogativa padrão (101):

(101) **Quem (é que) comprou o quê?**

a. C_T

[_{CP} Quem_i [_{C'} [_C comprou_j] [_{TP} _i [_T -_j] o quê]]]

b. C_{é que}

[_{CP} Quem_i [_{C'} [_C é que] [_{TP} _i [_T comprou] o quê]]]

De acordo com a derivação de estruturas IWHM em PE apresentada em (101), listo as propriedades destas estruturas na tabela 8.

Tabela 8. Propriedades de interrogativas-WH múltiplas em português

Propriedades	Interrogativas
Movimento-WH obrigatório para uma posição periférica	+
Movimento do constituinte-WH mais baixo para junto do WH- mais alto	-
Movimento T-para-C	+ (apenas no caso de <i>é que</i> não entrar na numeração)
Efeito de Superioridade	+

1.5. Comparação de estrutura IWHM em russo e em português

Ao descrever estruturas IWHM em português e em russo, foi indicado que estas duas línguas se inserem em dois tipos diferentes: enquanto, em russo, se observa movimento obrigatório de todos os elementos interrogativos para as posições periféricas pré-verbais, em português, temos apenas um elemento-WH na periferia esquerda e outro(s) fica(m) *in situ*. No entanto, apesar de a distribuição de constituintes-WH ser diferente em português e em russo, observam-se também algumas semelhanças. Assim, verificámos que as duas línguas partilham a propriedade de movimento de pelo menos um constituinte interrogativo para a posição Spec, CP e, como tivemos oportunidade de ver, este movimento é aproveitado para atribuição de *clause typing* através de verificação dos traços [*uwh/iQ*].

Vimos também que o nó C pode hospedar partículas que têm natureza clítica. No caso do português, o morfema *é que* ocupa a posição C. Foi referido que este morfema perdeu o estatuto discursivo de focalizador nas interrogativas, ocorrendo, de acordo com alguns autores, em diferentes contextos do discurso oral. Atualmente, o uso do morfema *é que* é generalizado. O seu estatuto de morfema que atribui determinados traços semânticos ao discurso foi perdido, tendo sido gramaticalizado nas estruturas interrogativas.

No que diz respeito ao fenómeno chamado Efeito de Superioridade, verifica-se que, em português, o constituinte-WH Nominativo fica sempre na posição mais alta. Porém, em russo, o assunto não é tão pacífico. De acordo com alguns autores (Stepanov, 1997; Bošković, 1997; Grebenyova, 2006; Scott, 2012, *e.g.*), o Efeito de Superioridade não está presente em russo. Assumo, no entanto, o ponto de vista de Meyer (2004), que, através da aplicação de testes, sugere a existência de Efeito de Superioridade em russo, polaco e checo. Os juízos dos meus informantes apontam também para a marginalidade de construções em que um *WH*- não Nominativo ocupa uma posição mais alta do que o *WH*-Nominativo.

Quanto às diferenças de estruturas IWHM em português e em russo, a propriedade distintiva mais óbvia prende-se com a posição dos constituintes-WH mais baixos. Como vimos, em russo, todos os morfemas-WH, qualquer que seja a sua função, são obrigatoriamente extraídos da posição de base e movidos para posições periféricas pré-verbais. Como foi observado anteriormente, isto acontece porque em russo os elementos-WH são desprovidos de conteúdo semântico relevante na numeração, ou seja, são ambíguos e, por essa razão, necessitam de ser desambiguados na computação, quanto a traços que têm subespecificados. Sendo constituintes-WH semelhantes morfologicamente, sempre que os mesmos entram no domínio computacional, devem receber um traço que desambigua a sua natureza semântica. Por exemplo, no caso de *WH*-interrogativos, é o traço [Q] que é relevante.

Para além de um contraste entre o russo e o português na ambiguidade de constituintes-WH, outra diferença entre estas línguas está ligada ao movimento do verbo para fora do domínio T. O russo, neste caso, é uma língua em que não se verifica o movimento V-para-T-para-C, enquanto, em português, se observa, ainda que com cada vez menor frequência, o fenómeno V2 residual. A aparente inversão Sujeito-Verbo verificada em algumas frases interrogativas em português resulta precisamente do movimento V-para-T-para-C. O facto de, em português, ser possível mover o verbo para o núcleo C indica que, nesta língua, existe ainda um C composto não apenas por traços [*uwh/iQ*], mas também pelo traço [*uT*]; quando este núcleo está presente na numeração, a

verificação/valoração do seu traço [*u*T] exige a subida do verbo, com consequências na aparente inversão SU-V.

Feita uma sucinta revisão de semelhanças e diferenças de estruturas analisadas no âmbito do presente estudo, avanço para o capítulo 2, em que as estruturas IWHM serão observadas do ponto de vista da aquisição em L2.

CAPÍTULO II. IWHM: aquisição em L2

Apesar de existir muita literatura sobre estruturas interrogativas que envolvem um ou vários constituintes-WH, a aquisição de estruturas IWHM, quer em L1 quer em L2, é um tema muito pouco documentado. Os estudos relevantes sobre interrogativas-WH cingem-se a propostas explicativas cujo objetivo principal é analisar a estrutura do ponto de vista sintático e discursivo, definindo, ou não, paralelos entre várias línguas (Ambar (1988), Bailyn (2011), Barbosa (2001), Boeckx & Grohmann (2003), Bošković (1997, 1998, 2002), Cheng (1991, 1997), Cheng & Cover (2006), Chomsky (1977, 1995, 1998), Duarte (2000), Ginsburg (2009), Hagstrom (1998), Huang (1982), Liakin (2005), Richards (1997), Rizzi (1996, 1997), Rudin (1988), Scott (2012), Simpson (2000), Stepanov (1997), Stoyanova (2008), Zavitnevich (2002), Zavitnevich-Beaulak (2005), *e.o.*). As interrogativas-WH são vistas como um objeto linguístico relevante para um melhor entendimento da estrutura abstrata e que permite fazer uma análise interlinguística com um foco nas restrições existentes em umas línguas, mas não em outras, ou seja, é um tópico importante tanto do ponto de vista da tipologia de línguas, como da gramática formal.

Tendo em conta diferentes possibilidades de construção de frases-WH, por exemplo, *move all wh-* vs. *move one wh-* vs. *move no wh-*, durante os anos 80/início dos anos 90, as estruturas interrogativas-WH eram descritas como parametricamente distintas. *I.e.*, dentro do quadro teórico de Princípios e Parâmetros, assumia-se a existência de um parâmetro que diria respeito à possibilidade ou obrigatoriedade de movimento sintático de constituinte(s)-WH. Assim, as línguas que permitem o movimento de elementos interrogativos para posições periféricas, dizia-se, são parametricamente distintas, quanto ao *wh movement parameter*, de línguas em que este movimento não se verifica, sendo que a diferença consistiria na variação nas línguas em termos de força de traços desencadeadores de movimento. Em termos de aquisição, o parâmetro era dito adquirido quando a gramática do falante que adquiria a língua convergia com a gramática-alvo: no caso da aquisição de uma L1, convergia com a gramática do adulto e, no caso de aquisição de L2, com a gramática de falantes nativos. Ao longo do desenvolvimento do campo teórico, tanto na perspetiva da descrição da gramática como na perspetiva da aquisição de língua, surgiu a necessidade de uma formulação mais fina da natureza dos parâmetros:

[...] Grimshaw (1985) warned about the danger of calling every instance of linguistic difference a “parameter.” She pointed out that parameter-setting theory was interesting for acquisition purposes precisely because it attempted to explain clusters of effects in terms of a single abstract parameter. The clustering provided the theory with “deductive” consequences (Nishigauchi and Roeper 1987). In the intervening years, this

constraint on the theory of parameters has disappeared; now any arbitrary distinction gets labelled a “parameter.” [...] (Carroll, 2001: 44)

Assim, visto que *“the term “parameter” has itself been used in more than one way”* (Kayne, 2005: 277), a noção clássica de parâmetro foi redefinida em termos de micro- e macroparametrização (Kayne, 2000, 2005; Baker, 2001, 2008). Liceras (2009: 281), por exemplo, defende que este tipo de abordagem é enriquecedora no sentido em que *“it would allow us to approach language contrasts with a broader or a narrower perspective depending on the specific learnability issues identified by each approach. In this respect, macroparameters allow us to study learning difficulties posed by typologically distant L1s and L2s while microparameters are specially useful for investigating the problems learners encounter when dealing with closely related languages.”*

Por outro lado, o mecanismo binário de fixação de parâmetro começou a ser questionado, devido à sua natureza abrupta (Lardiere 1998, 2000, 2007, 2008, 2009). De acordo com Lardiere, a variação nos dados de falantes não nativos não pode ser explicada através do mecanismo *on/off* de parâmetro, devendo o processo ser descrito como mais complexo:

Parameter-setting (...) has never coped very well with the issue of variability, which is often a persistent hallmark of second language development. (...) As van Kemenade & Nigel (1997) point out, since parameter settings are typically all-or-nothing phenomena, the resetting of a parameter should represent an “abrupt change” in a speaker’s I-language (p. 4). The persistence of observed variability in the acquisition data is thus not predicted, insofar as the presence or absence of some grammatical property should be tied to the learner’s having set the plus or minus value of a particular parameter.

(Lardiere, 2008: 2)

Portanto, o debate sobre o papel dos parâmetros em SLA ainda está aberto e as questões *“which are the true parameters, what are the true deductive consequences of parameters, in what way can such components be said to ‘explain’ language acquisition?”* (Lust, 1988: 323, *apud* Lardiere, 2008) continuam pertinentes. Assim, há autores que propõem hipóteses alternativas de explicação da aquisição de uma L2 que se afastam cada vez mais do ponto de vista de que o insucesso e variação na aquisição de uma L2 se devam a uma simples fixação ou não fixação do parâmetro (Lardiere, 2000, 2005, 2007, 2008, 2009; Carroll, 2001; Choi & Lardiere, 2006; Choi, 2009a, 2009b; Hwang, 2012, *e.o.*). Por outro lado, há autores que mantêm a opinião de que a abordagem paramétrica não pode ser banida por completo, defendendo a função preponderante dos parâmetros no âmbito do construto da Gramática Universal, mas admitindo, no entanto, a relevância de novas perspectivas que tentam explicar o problema da aquisição de uma L2 (Liceras, 2009; Montrul

& Yoon, 2009).

Assim sendo, o capítulo 2 será composto por quatro secções, incluindo a secção 2.1. uma breve revisão de vários tópicos relevantes do âmbito de SLA numa perspetiva mais geral, pretendendo-se abordar os temas de *input*, *transfer* e período crítico de aquisição dentro da perspetiva inatista. Também aqui serão revistas hipóteses que colocam a questão da aquisição de uma L2 do ponto de vista do acesso total/parcial à Gramática Universal e será levantada a questão da relevância destas propostas, considerando a estrutura em análise. Na secção 2.2., apresentam-se as vantagens de abordagens complementares, descrevendo aqui os processos subjacentes à aquisição de uma L2 em termos de seleção, agrupamento e mapeamento de traços, tendo em conta que um traço é uma unidade mínima primitiva, diferentemente de um parâmetro. A natureza dos traços do ponto de vista formal será definida com objetivo de diferenciar traços formais de lexicais, interpretáveis de não interpretáveis. Na secção 2.2.3., serão revistos os estudos anteriores que abordam estruturas IWHM na aquisição de L2. Existindo pouca literatura sobre o assunto, alguns trabalhos sobre aquisição de estruturas interrogativas-WH simples serão referidos. Na secção 2.3., será avançada uma proposta relativa à aquisição das estruturas IWHM em L2, sendo a seguir colocadas várias questões de investigação e explicitadas previsões em relação a eventuais dificuldades na aquisição (2.4.).

2.1. O que é que um falante de L2 adquire e como?

Levantam-se duas questões centrais no campo de investigação de SLA: *O que é que, afinal, um falante adulto adquire ao adquirir uma língua?* e *Como pode ser explicado o processo de aquisição?*

À luz da perspetiva generativista, a aquisição, pelo menos no que diz respeito à aquisição de uma L1, resulta da interação da Faculdade da Linguagem com o *input*, assumindo-se a existência de conhecimento inato, a chamada Gramática Universal. O estágio final (*steady state*) corresponde à competência que um falante atinge após a atualização das capacidades linguísticas inatas, o que resulta numa gramática particular interna (*I-language*). Como Chomsky (1995: 167) indica, “The theory of a particular language is its *grammar*. The theory of languages and the expressions they generate is *Universal Grammar* (UG); UG is a theory of the initial state S_0 of the relevant component of the language faculty”. Nesta perspetiva teórica, é aceite que precisamente a GU guia o processo de aquisição de uma língua como língua materna. A partir dos anos 80, começaram a surgir propostas acerca do papel da GU na aquisição de uma L2, também. Segundo Gass & Selinker (2008: 160-161), por exemplo:

After all, if properties of human language are part of the mental representation of language, it is assumed that they do not cease being properties in just those instances in which a nonnative language system is being employed.

2.1.1. GU na aquisição de L2

O quadro teórico da gramática generativa assume que a GU integra um conjunto de princípios que caracterizam a gramática de todas as línguas naturais. Assume-se, assim, que o conhecimento de uma língua pressupõe um conhecimento abstrato (não consciente) e inato de princípios invariáveis existentes em todas as línguas. De acordo com o modelo de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981), assume-se também a existência de um número limitado de princípios abertos que explicam a variação entre línguas, ou seja, parâmetros, que o falante fixa como resultado da experiência linguística. Enquanto, no caso da aquisição de língua materna, o processo se caracteriza como sendo rápido, aparentemente fácil e sempre bem-sucedido, a aquisição de L2, no que diz respeito à aquisição de L2 após o período crítico, tem propriedades opostas. Ou seja, a aquisição de L2 nessas condições é um processo moroso, nada fácil e, muitas vezes, considerado (parcialmente) fracassado. O fracasso está ligado, neste caso, não tanto à impossibilidade de produzir ou compreender determinadas estruturas linguísticas, mas à variação na produção destas estruturas que caracteriza a interlíngua de diferentes estádios, mesmo o estágio final (estável), no processo de aquisição da L2. Enquanto é comumente assumido que os princípios são acessíveis tanto na aquisição de L1 como na aquisição de L2, dada a sua natureza universal, o acesso aos parâmetros e a fixação dos mesmos continuam a ser temas debatidos quando se discute a aquisição de L2. O debate desenvolve-se em vários sentidos: em primeiro lugar, quando a GU começou a ser pensada em termos de aquisição de L2, a questão mais frequente era se os falantes não nativos podiam ou não podiam aceder à GU, ou seja, as hipóteses eram formuladas tendo em conta *no access* /*partial access*/*full access* (White, 2003) e se a aquisição de L2 procedia via acesso direto à GU ou acesso indireto via L1.⁵⁶ Assim, a dificuldade em atingir um estado final correspondente a conhecimento nativo na aquisição de L2 poderia dever-se ao sucesso ou insucesso na fixação de um, ou mais, parâmetros e os desvios interlinguísticos seriam justificados pela transferência de valores paramétricos da L1 para a língua em aquisição. Estando as questões do estágio inicial e do acesso à GU

⁵⁶ Ao descrever várias hipóteses que apelam a *no access* à GU, White (2003) repara: “the assumption that UG is at least partially implicated via the L1 suggests that the term *no access* is a misnomer; hence, this view is sometimes also referred to as *partial access*”. Veja-se também White (2000a).

interligadas, várias hipóteses foram sugeridas.⁵⁷ Por exemplo, a hipótese de *Full Access/Full Transfer*, de Schwartz & Sprouse (1994, 1996), a hipótese de *Minimal Trees*, de Vainikka & Young-Scholten (1994, 1996), a *Valueless Features Hypothesis*, de Eubank (1993/1994, 1994, 1996), apesar de terem abordagens diferentes, propõem todas a L1 como determinando, pelo menos parcialmente, o estágio inicial; a *Initial Hypothesis of Syntax* de Platzack (1996) (*apud* White, 2003), *Full Access Hypothesis* (without Transfer) de Epstein, Flynn & Martohardjono (1996, 1998) (*apud* White, 2003) sugerem a GU como o estágio inicial.

Já no âmbito do Programa Minimalista (PM), surgiu a necessidade de descrever, de forma mais precisa, a interlíngua de falantes não nativos. Assim, explora-se a possibilidade de a variação paramétrica, que era antes analisada em termos de diferenças gramaticais interlinguísticas, ser confinada ao léxico (*there is a single computational system CH_L for human language and only limited lexical variety*, Chomsky, 1995: 7) e, particularmente, aos traços que compõem um item lexical. Os traços, sendo unidades mínimas que compõem as categorias lexicais e funcionais (por exemplo, T(empo), C(omplementador), D(eterminante)), passam a ganhar um papel preponderante na descrição da variação interlinguística em termos paramétricos, visto que a parametrização é considerada restrita a núcleos funcionais. Na versão inicial do PM, a noção do parâmetro estava ligada à força de traços de núcleos funcionais, *i.e.*, um traço formal associado a um núcleo funcional podia ser forte em uma língua, mas fraco em outra, o que resultava em consequências sintáticas diferentes. Se o traço era definido como forte, então um movimento visível era desencadeado na sintaxe para efeitos de verificação do traço forte:

(1) *If F is strong, then F is a feature of nonsubstantive category and F is checked by a categorial feature.*

(Chomsky, 1995: 232)

Portanto, enquanto o inventário de traços da GU usados nas línguas naturais é considerado universal, *i.e.*, disponível para todas as línguas, a força de traços, que se manifestava com um valor forte ou fraco num núcleo funcional específico, não o era. Por exemplo, no caso de línguas como o inglês, o português ou o russo, as construções

⁵⁷ A determinação de estádios de aquisição de L2 não é um assunto simples nem pacífico. Meisel (2011) observa que “many or rather most of the researchers investigating the ‘initial state’ of L2 acquisition are not even concerned with very early phases of L2 acquisition in their empirical studies. Rather than analysing data from the first weeks or months of exposure to the L2, they focus on later periods, hoping to be able to make inferences about the initial state by studying subsequent changes. This, of course, further complicates the already difficult task of assessing the respective roles of UG and L1 knowledge in early L2 acquisition.”

interrogativas-WH padrão têm movimento-WH visível, o que significaria que o núcleo C teria um traço forte que era verificado através do movimento de um constituinte-WH para junto do núcleo. Por sua vez, em línguas sem movimento-WH na sintaxe, como em chinês, o C seria [-forte]. A força de traços era vista como uma propriedade morfológica abstrata. Um traço forte tinha de ser verificado antes de *Spell-out*, ou seja, antes de passar para a Forma Fonológica (FF). Por sua vez, o traço fraco não era visível para a FF, assim, a verificação do traço por movimento visível não era solicitado.

Na versão mais recente do PM, em muitos casos a explicação de variação interlinguística associada a parâmetros ficou reduzida à caracterização dos núcleos funcionais nas línguas, a identificação de parâmetros particulares começou a ser feita em termos de micro- e macroparametrização, em função da aproximação ou afastamento das gramáticas das línguas estudadas. Assim, a abordagem microparamétrica tinha em conta diferenças sintáticas em relação a línguas tipologicamente próximas. Como Kayne (2005) indica, o número limitado de parâmetros que era assumido anteriormente necessitava de ser revisto para dar conta de diferenças mínimas entre línguas e uma análise microparamétrica poderia ajudar a examinar “sets of very closely related languages that differ from one another in only a relatively small number of syntactic ways”. Na tentativa de caracterizar as línguas de forma detalhada, o número de (micro)parâmetros multiplicou-se quase indiscriminadamente, o que levou ao enfraquecimento do poder explanatório dos parâmetros na aquisição da língua:

Some linguists have come to equate parameters with superficial ‘differences’ among languages. This runs the risk of allowing parameters to proliferate and run out of control, and in fact parameters have become more and more fine-grained, each one capturing smaller ranges of phenomena.

(Lightfoot, 1997: 254)

Quanto à macroparametrização, foi proposto que existem parâmetros que definem as línguas tipologicamente afastadas:

The macroparametric view is that there are at least a few simple (not composite) parameters that define typologically distinct sorts of languages. There might be a single parameter in the statement of Merge that induces the core difference between head-initial and head-final languages (Stowell, 1981). There might be a single parameter that lays down the core structure of a nonconfigurational polysynthetic language as opposed to more configurational, isolating languages (Baker, 1996).

(Baker, 2008: 5)

Feita uma revisão bibliográfica para a definição de um parâmetro sintático, pode dizer-se que, enquanto um macroparâmetro se associa mais à noção clássica de parâmetro, formulado no âmbito de P&P, no sentido de que um único parâmetro tem uma série de

consequências dedutivas que distinguem uma língua de outra, um microparâmetro assemelha-se à versão do parâmetro dentro do espírito do Programa Minimalista, *i.e.*, um parâmetro reduzido a propriedades morfológicas definidas em termos de traços no léxico. Portanto, como Donna Lardiere assinala em vários dos seus trabalhos, de momento há pouco consenso naquilo que toca à caracterização teórica do construto parâmetro.

Throughout the literature one finds parameters of quite disparate types. Some parameters, for example, are directional or configurational; most are binary but some are non-binary; some involve the existence or absence of various constructions or morphological processes (e.g. noun–noun compounding), the presence or absence of certain features, or whether those features are obligatory or optional, or whether they are realized as bound affixes or not, or whether certain constituents (such as subject pronouns) are pronounced or not, and so on.

(Lardiere, 2009: 177)

No entanto, apesar da disparidade na definição de um parâmetro, tendo este sido (na concepção microparamétrica) aproximado a propriedades de itens lexicais e, particularmente, a propriedades de categorias funcionais compostas por matrizes de traços formais que fazem parte do inventário da GU, nos recentes estudos na área de SLA, a diferença dita “paramétrica” é ligada a: 1) categorias funcionais; 2) traços que compõem determinada categoria funcional; 3) valores de traços (White, 2003). A variação na seleção de categorias funcionais e traços formais do inventário da GU em línguas diferentes é responsável pela variação lexical, ou seja, ao passo que o inventário de traços formais é universal e está disponível para todas as línguas naturais, assim como as operações computacionais, só alguns traços são selecionados para compor uma determinada categoria funcional numa língua particular, o que implica que a categoria funcional possa diferir de língua para língua ora porque alguns traços não são ativados, ora porque a combinação de traços não é a mesma.

No que toca a valores de traços selecionados interlinguisticamente, como foi referido anteriormente, na versão inicial do PM, a ideia era que a natureza dos traços subjacentes a movimento sintático estava ligada à força de núcleos funcionais. No entanto, a força dos traços passou a ser determinada em termos de (não) interpretabilidade, o que significa que os itens lexicais associados a núcleos funcionais que são detentores de traços não interpretáveis necessitam de verificação antes de *Spell-out*. Traços não interpretáveis são traços formais relevantes para a derivação sintática e que não são lidos pela Forma Lógica (FL); por sua vez, traços interpretáveis têm conteúdo semântico que contribui para a interpretação da frase. Portanto, traços não interpretáveis são responsáveis por movimentos necessários para a derivação que acontece dentro do espaço computacional.

Tendo em conta esta nova abordagem, que especifica diferenças interlinguísticas em

termos de dicotomia de traços (interpretáveis vs. não interpretáveis), a variação de natureza essencialmente morfológica na interlíngua de falantes de L2 é justificada, por alguns autores, pela dificuldade/impossibilidade de adquirir traços não interpretáveis após o período crítico (Hawkins, 2005; Hawkins & Hattori, 2006; Tsimpli & Mastropavlou, 2001, Tsimpli & Dimitrakopoulou, 2007):

Uninterpretable features not selected from the UG inventory of features during the critical period disappear.

(Hawkins, 2005: 128)

Assim, de acordo com os autores supracitados, a aquisição de uma língua não materna é condicionada pela seleção daqueles traços não interpretáveis que são instanciados na L1, visto que os traços que não fazem parte da L1 desaparecem do inventário disponível para o falante. Nota-se que, no âmbito da proposta denominada de *Interpretability Hypothesis*, o papel da língua materna é preponderante na aquisição de uma L2 e responsável pelos desvios na produção de falantes não nativos. O acesso à Gramática Universal, neste caso, é limitado às propriedades adquiridas durante a infância, ou seja, é parcial. É uma versão oposta das hipóteses de acesso total, de acordo com as quais todas as propriedades da GU estão disponíveis na aquisição de L2, sendo que o estágio inicial pode ser a língua materna (e.g. *Full Access/ Full Transfer* de Schwartz & Sprouse, 1994, 1996) ou a GU (*Full Access (without Transfer)* de Epstein, Flynn & Martohardjono, 1996, 1998).

Outro tipo de abordagem que acentua a relevância da influência da L1 nas produções de falantes não nativos é proposto por Lardiere (2007, 2008, 2009, e.o.). No âmbito da *Feature Reassembly Hypothesis*, a autora define os desvios observados na interlíngua não apenas em termos de disponibilidade de traços associados a um determinado item lexical, mas também tendo em conta o modo como os traços são agrupados em matrizes e são reconfigurados, considerando diferenças existentes na composição de itens morfológicos entre L1 e L2. Atendendo aos pressupostos da *Feature Reassembly Hypothesis*, o acesso à GU existe na sua totalidade, quer se trate de traços interpretáveis ou não interpretáveis, e o estágio inicial de aquisição caracteriza-se pela transferência das propriedades da L1. Neste sentido, a *Feature Reassembly Hypothesis* de Lardiere coincide com a proposta de *Full Access/ Full Transfer (FA/FT)* de Schwartz & Sprouse. No entanto, a hipótese de Lardiere sugere que os processos de 1) seleção de traços, 2) agrupamento de traços e 3) remapeamento de traços são responsáveis pelos desvios na interlíngua de falantes de L2. Considerando que, em línguas diferentes, os itens lexicais podem ser compostos por traços de natureza diferente, a nova abordagem tenta englobar mecanismos que explicam o processo de aquisição das propriedades do ponto de vista de (re)configuração de traços. Tendo em conta a frequente variação nas produções de falantes não nativos, os diversos

tipos de erros podem ser ligados a domínios específicos que ficam fora do alcance do modelo de (re)fixação de parâmetros.

Concluindo esta secção, tendo em conta os vários estudos referidos, podemos assumir que a Gramática Universal está envolvida no processo de aquisição de uma língua não materna. No âmbito do corrente estudo, assume-se o acesso completo ao inventário universal e a operações computacionais da GU. Aceitando também o ponto de vista da *Full Access/ Full Transfer (FA/FT)* de Schwartz & Sprouse (1994/1996), defende-se que o estágio inicial pode caracterizar-se pela transferência de algumas propriedades de língua materna. No entanto, considerando que o quadro teórico de P&P, em que se inscreve o modelo da *FA/FT*, possa ser insuficiente para justificar a variação na interlíngua de falantes não nativos, pretende-se explorar a *Feature Reassembly Hypothesis* de Lardiere (2005, 2007, 2008, 2009, *e.o.*), podendo esta proposta oferecer uma perspetiva complementar para analisarmos os dados de L2. Antes de passar para a análise mais detalhada da hipótese escolhida, faço uma breve revisão de conceitos que considero indispensáveis para a descrição do processo de aquisição de uma L2. Assim, a seguir, faço um rápido levantamento de fenómenos de *transfer*, ou seja, de propriedades linguísticas transferidas para a língua em aquisição; apresento algumas reflexões sobre o *input*, o conjunto de estímulos que desencadeiam o processo de aquisição, bem como sobre o período crítico para aquisição de língua.

2.1.2. *Transfer*

Para explicar a variação nas produções de falantes não nativos, uma das justificações mais frequentes baseia-se na influência da língua materna na aquisição de L2. Embora o facto de a L1 ter um papel importante seja assumido por muitos autores, sobretudo nos estádios iniciais da exposição a uma língua não materna (*e.g.*, Hawkins & Chan, 1997; Hawkins & Hattori, 2006; Lardiere, 2000, 2005, 2007, 2009; Schwartz & Sprouse, 1994, 1996, 2000; Shimanskaya, 2015; Shimanskaya & Slabakova, 2014; Tsimpli & Mastropavlou, 2001; White, 1985), a natureza do *transfer* ainda não é totalmente definida. Assim, um dos objetivos do presente trabalho prende-se com a necessidade de descrever as propriedades que são transferidas da língua materna para a língua em aquisição, no caso da aquisição das frases interrogativas múltiplas, assumindo desde já que, de três cenários discutidos em Meisel (2011), apresentados aqui em (2), o cenário de *no transfer* é o menos plausível, independentemente da combinação que seja feita, tendo em consideração o tipo de acesso à GU.

(2)	(1) <i>Full transfer</i>	(A) <i>Full access to UG</i>
	(2) <i>Partial transfer</i>	(B) <i>Partial access to UG</i>
	(3) <i>No transfer</i>	(C) <i>No access to UG</i>

(Meisel, 2011: 93)

De acordo com a argumentação apresentada Meisel (2011), o par *no transfer/no access to UG* (3C) é contra-intuitivo, sendo que os falantes de L2 encontrar-se-iam, nesse caso, numa situação semelhante à das crianças selvagens. Assim, a opção (3C) não é considerada seriamente na investigação de L2. A combinação de *no transfer* e o acesso total à GU (3A) prediz um processo de aquisição idêntico ao das crianças monolíngues, o que contraria largamente os dados empíricos disponíveis. Quanto à opção (3B), esta opção também não é plausível já que, normalmente, se assume que o acesso parcial à GU é acesso através de L1 e isso implicará *transfer*. Portanto, é um contrassenso dizer que a L1 afeta o processo de aquisição por via da forma como condiciona o acesso à GU, mas, ao mesmo tempo, rejeitar a transferência de propriedades da língua materna. Este argumento é circular, quanto ao *no access to UG*, i.e., se a opção *no transfer* não está disponível, a opção *no access to UG* também não deve estar disponível, visto que, quando a transferência de propriedades da L1 para a L2 é observada, o acesso à GU é implícito, quer seja parcial quer seja total. Excluindo todas as possíveis combinações que incluem *no access to UG* ou *no transfer*, restam-nos os seguintes cenários (3):

(3)	(1) <i>Full transfer</i>	(A) <i>Full access to UG</i>
		(B) <i>Partial access to UG</i>
	(2) <i>Partial transfer</i>	(A) <i>Full access to UG</i>
		(B) <i>Partial access to UG</i>

Para Meisel (2011), a opção de *partial transfer* é uma solução mais plausível para determinar o estágio inicial de aquisição de L2. O autor repara, no entanto, que o termo “partial transfer” ainda não tem definição precisa:

The question of how ‘partial’ is best defined in a theoretically satisfactory and empirically adequate fashion cannot be answered definitively in the present context.

(Meisel, 2011: 108)

Ao argumentar contra a opção *full transfer*, Meisel afirma que a hipótese de que “*the initial state of L2 acquisition is the final state of L1 acquisition*”, defendida em trabalhos de Schwartz & Sprouse (1994, 1996), não é corroborada pelos dados e as predições de FA/FT não são confirmadas. A crítica mais consistente é dirigida ao facto de o estágio de aquisição

apresentado como inicial no trabalho de Schwartz & Sprouse não corresponder, na realidade, ao estágio inicial. No entanto, considero que, apesar de o estudo de Schwartz & Sprouse (1994/1996) descrever os dados do informante que já não se insere no estágio inicial (estágio zero) de aquisição, mas talvez a quem possa ser atribuído o nível inicial, isto não contraria a assunção de que a língua materna determina crucialmente o início da aquisição de uma L2 por falantes adultos, visto que, se um falante de L2 no nível inicial (A1/A2) apresenta estruturas em L2 que refletem propriedades da sua L1, talvez a presença destas estruturas nos estádios mais precoces (A0) seja ainda mais provável.

Meisel nota também que precisamos de compreender como é que *full transfer* restringe as opções de *full access*. A questão levantada é porque é que os falantes de L2 não aproveitam a disponibilidade total da GU, como no caso da aquisição de uma L1, e recorrem à língua materna, ou seja, ao aceder à GU, o fazem via L1. Segundo o autor, a opção de *full transfer* parece restringir os mecanismos de análise e de processamento do *input*, no sentido em que, tendo em conta que o processo de aquisição da L2 é desencadeado por um *input* válido, ao fazerem o uso completo da L1 como um recurso primário, os falantes de L2 deixariam de ter capacidade de analisar e processar o *input*, sempre que existam diferenças entre L1 e L2. No entanto, os dados de falantes de L2 parecem contrariar este ponto de vista, ou seja, apesar de existir bastante variação na interlíngua de falantes não nativos, verifica-se também que (sobretudo) nos estádios mais avançados de aquisição, a capacidade de analisar e processar o *input* é preservada e a questão poderia ser ligada à definição de “*input* válido” e à necessidade de descrever os *triggers* que desencadeiam a aquisição. Apesar de não existir uma posição clara quanto à determinação de *transfer* total/*transfer* parcial, a assunção de que o ponto de partida na aquisição de L1 e de L2 é diferente é geral. Se, no caso da aquisição de L2, o ponto de partida é a língua materna, então, há necessidade de descrever o mais detalhadamente possível o tipo de conhecimento linguístico que um falante de L2 tem sobre as estruturas gramaticais relevantes, sendo que é, precisamente, essa uma das metas do corrente estudo.

Por outro lado, Meisel chama a atenção para o facto de que, ao considerarmos o conhecimento linguístico gramatical, é imprescindível termos em conta mecanismos de aprendizagem e de processamento a que os falantes não nativos recorrem também na aquisição de L2. Assim, quando se fala da transferência de valores da L1 para a L2, duas questões devem ser consideradas: 1) *transfer* como representação mental do conhecimento gramatical e 2) *transfer* como um mecanismo que permite analisar e processar partes do *input* da L2. De acordo com Meisel (2011), a noção de *transfer* como um mecanismo tem prevalência sobre a noção de *transfer* como conhecimento gramatical. O autor aponta para várias evidências que confirmam o seu ponto de vista. Uma das observações está ligada ao

facto de que a influência interlinguística é verificada não apenas na direção L1 > L2, mas também na direção L2 > L1, o que dificilmente pode ser interpretado como transferência da representação mental da gramática da L2. Por outro lado, no caso da aquisição de duas línguas em simultâneo na infância, parece que as crianças conseguem diferenciar muito bem, desde cedo, dois sistemas gramaticais, mostrando apenas pontualmente interação entre os mesmos em estádios posteriores:

There is no indication of fusion of grammars in these cases. In fact, bilingual children show very little evidence of transfer, and virtually none in syntax or morphology. We can therefore infer that the various instances of cross-linguistic interaction are the result of online activation of the other language.

(Meisel, 2011: 112)

Atendendo à importância dos argumentos de Meisel, quando à necessidade de descrição de mecanismos de aprendizagem e de processamento a que os falantes não nativos recorrem na aquisição de L2, a questão não pode ser respondida, no entanto, sem antes percebermos que (feixes de) traços é que são transferidos de L1 para L2, ou seja, a questão de “*transfer* como representação mental do conhecimento gramatical” também não pode ser descartada. Assim, adoptando a *Feature Re-Assembly Hypothesis* de Lardiere, (e.g. 2000, 2007, 2009), o presente estudo centra-se na análise dos traços formais que compõem constituintes-WH interrogativos inseridos em estruturas IWHM, assumindo-se que, nos estádios iniciais de aquisição de uma língua não materna, as operações de seleção, de agrupamento e de mapeamento de traços necessários para a composição de itens lexicais em L2 são inicialmente realizadas em função da L1 do falante, sendo que assim a transferência de propriedades ligadas à língua materna será observável, sobretudo nos níveis iniciais de aquisição. O objetivo principal da investigação, portanto, é discutir estas propriedades, descrevendo-as o mais detalhadamente possível, e verificar se existe alguma diferença entre os falantes de PL2 em estádios de aquisição diferentes.

2.1.3. *Input*

Que o *input* desempenha um papel determinante na aquisição de uma língua materna ou não materna é um facto inegável seja qual o quadro teórico em que nos movemos. Contudo, a relevância do *input* para adquirir uma língua parece ser o único assunto em que existe consenso. Por exemplo, VanPatten (2000) repara que “*in spite of the significant advances made by SLA research and the diversification of theoretical and research frameworks in which to conduct this research, our knowledge of the role of input has remained relatively unchanged during the last 30 years*”. Por sua vez, Carroll (2001) assinala que, enquanto a exposição à L2 é indispensável para a aquisição da L2, i.e., se queremos aprender

uma língua, temos de ouvi-la, tentar ler textos nesta língua e usá-la, e as opiniões de investigadores são unânimes quanto a isto, a unanimidade em relação ao tipo e à quantidade de *input* compreensível de que os falantes de L2 necessitam não existe. A questão da forma como a informação relevante é extraída de *Primary Linguistic Data* (PLD) e transformada em conhecimento linguístico representado na mente também não é trivial.

Como foi dito antes sobre a definição de *transfer*, o mesmo problema levanta-se na definição de *input*. A crítica apontada por vários autores (Carroll, 2001; VanPatten, 2000; Rast, 2008; Meisel, 2011) vai no sentido de que, ao falarmos de *input*, muitas vezes, não é claro de que é que se fala. Assim, o *input* pode significar uma sequência de discurso (*speech stream*), língua a que um falante é exposto, um processo que pressupõe conversão de dados linguísticos apreendidos por intermédio de vários factores linguísticos e cognitivos, o *input* pode ser observável e não observável. Um *input* observável constitui *some kind of physical entity* (Carroll, 2001: 8) que consiste numa série de ocorrências produzidas por um falante e “observadas” por outro: ocorrências acústico-fonéticas, no caso de produção oral, e objetos gráficos, no caso de produção escrita. Carroll define *input* observável em termos de estímulos (*stimuli*), o que significa que, quando alguém diz que a aquisição de L2 requer que um falante esteja exposto a L2, no mínimo quer dizer que a aquisição de L2 requer que um falante esteja exposto a estímulos de L2.

Por outro lado, podemos pensar que, mais do que considerar o *input*, devemos considerar o *intake* (Corder, 1967; Krashen, 1982; White, 1981), que é definido como a informação que o falante de L2 consegue extrair a partir de estímulos observados, ou seja, trata-se dos estímulos processados que correspondem à representação mental de estímulos físicos. Depois da conversão de estímulos em *intake*, o próprio *intake* transforma-se-á em *input* para analisadores de fala (*speech parsers*) (Carroll, 2001). Estes analisadores são mecanismos que codificam o sinal de fala em vários formatos, *i.e.*, estes mecanismos basear-se-iam em vários procedimentos que analisam distinções gramaticais e são ajustados à frequência das estruturas linguísticas particulares a que um ouvinte é exposto. Carroll (2001: 10-11) repara que “Good parsers are thus not only able to parse the sentence which has never been heard before, they are designed to operate very quickly on precisely those structures which occur over and over again”.

Não pretendendo fazer aqui uma análise das propriedades do *intake*, considero, no entanto, a necessidade de caracterizar o *input* observável, ou seja, estímulos físicos, do ponto de vista da aquisição das estruturas abordadas no âmbito do corrente estudo.⁵⁸ Para

⁵⁸ Para uma análise detalhada de processos subjacentes ao *intake*, veja-se Carroll, 1999, 2001, 2012; VanPatten, 2000.

conseguir uma descrição precisa, é necessário determinar o que é que representa um estímulo suficiente para a aquisição no caso de construções que aparecem em número muito reduzido no discurso de falantes, quer se trate do discurso oral, quer do escrito. Assim, também se coloca a necessidade de definir o *input* em termos de robustez e de frequência.

Ao falar da robustez de pistas que servem como estímulos num ambiente de fala, é necessário compreender de que tipo de pistas se trata. São pistas sintáticas, semânticas, fonológicas, ou são combinações de propriedades sintáticas, semânticas, fonológicas? O que é mais saliente como desencadeador do processo de aquisição, as categorias lexicais ou as categorias funcionais? A frequência com que determinado item ocorre no *input* facilita o processo? Na ausência (ou baixa frequência) de determinada categoria gramatical ou estrutura, o que é que desencadeia o processo de aquisição, sob pena de a mesma não poder ser adquirida de todo?

De acordo com vários autores (Larsen-Freeman, 1975; Henderson & Nelms, 1980; Hatch, 1983; Klein, 1986; Bardovi-Harlig, 1987; Sharwood Smith, 1991; Ellis, 2003, 2008, *apud* Carroll, 2012; Hawkins, 2001), a saliência perceptual do *input* tem um papel importante no início da aprendizagem de palavras. Apesar desta assunção, aquilo que é anunciado como saliência/proeminência/robustez ainda não tem definição concreta.

Por outro lado, existem propostas que defendem que a posição dos itens lexicais na frase e o seu comprimento poderão influenciar o seu processamento e tornar um determinado item mais ou menos saliente. Assim, VanPatten (2004) formula *The Sentence Location Principle*, de acordo com o qual:

Learners tend to process items in sentence initial position before those in final position and these latter in turn before those in medial position.

(VanPatten, 2004: 14)

Não descartando a importância da proposta, Carroll (2012) coloca, no entanto, várias questões que considera relevantes, incluindo aquelas que dizem respeito à terminologia usada: o que é um item? O que é *initial position*, *final position*, *medial position*? O facto de a interação entre a posição do item e a estrutura informacional não ser considerada também é mencionado como um ponto fraco.

Quanto à importância do comprimento das palavras no processamento do *input*, no caso de falantes nativos, parece que as palavras polissilábicas são mais proeminentes prosodicamente do que as palavras monossilábicas, *i.e.*, os falantes de L1 consideram *longer words perceptually more salient than shorter words* (Carroll, 2012: 46)⁵⁹. No entanto, no que

⁵⁹ Veja-se também a bibliografia relevante citada em Carroll (2012).

toca à aquisição de L2, Rast (2008), ao testar aprendentes de L2 polaco cuja L1 é francês, não encontrou nenhum efeito ligado à extensão de palavra em nenhum tipo de informantes. No mesmo estudo, Rast observa também a relevância da posição da palavra na frase, confirmando a predição de VanPatten (2004). Por sua vez, Carroll (2012) analisa os dois fatores, que, nos estudos anteriores, são vistos como salientes no processamento do *input* (posição da palavra na frase e comprimento de palavra), através de tarefa *forced-choice receptive task* ⁶⁰. De acordo com os resultados, nenhum dos factores foi confirmado.

Outra questão relevante é o efeito na aquisição, de L1 ou de L2, da frequência dos estímulos no *input*. Concordando com a opinião de que *the frequency with which structures occur in use plays a pivotal role in the emergence of the language system* (Wolter & Gyllstad, 2013), considero, no entanto, que, tendo em conta as estruturas aqui estudadas, a questão central não será saber se os falantes de L2 adquirem mais rapidamente estruturas mais frequentes, a questão será antes saber se os falantes de L2 adquirem estruturas gramaticais que sabemos serem escassas no *input* e, provando que as adquirem, compreendermos como isso acontece. Obviamente, esta questão está ligada diretamente ao tópico de frequência, contudo, não sendo este assunto um assunto central, apenas deixo, mais adiante, algumas reflexões quanto à possibilidade de aquisição de estruturas, mesmo quando estas são pouco frequentes no *input*, ponderando outras propriedades da língua que, sendo frequentes e/ou salientes, possam desencadear o processo de aquisição de um conjunto relacionado de estruturas.

2.1.4. Período Crítico

Uma das variáveis apontada como um fator responsável pelo (in)sucesso na aquisição de uma língua é a idade em que ocorre a aquisição. A diferença observada entre adultos e crianças é atribuída a causas biológicas formuladas em termos de existência de um período limitado durante o qual estamos especialmente aptos a, por intermédio da interação dos sistemas neuropsicológicos e dos estímulos externos, adquirir uma língua. Este período, denominado Período Crítico para aquisição de língua (sugerido, originalmente, por Penfield & Roberts, 1959 e popularizado por Lenneberg, 1967), é biologicamente determinado e representa uma espécie de janela temporal durante a qual é possível adquirir, face a

⁶⁰ Carroll (2012: 48): *The forced-choice receptive task is a novel task, whose properties are not familiar from previous research on this topic. (...) We developed a forced-choice probe identification task in which participants were required to listen to a block of four sentences and then to a single word heard in isolation. Participants had to decide if the single word (the probe) had appeared in the previous block of sentences. The probe was pronounced in citation form, meaning that it was focally accented and surrounded by pauses.*

determinados fatores externos, competências que fora desta janela não poderiam ser (totalmente) adquiridas. Como podemos ver na figura 2, de acordo com a proposta de Birdsong (2005), o Período Crítico⁶¹ é composto pelo *onset* que corresponde a uma fase inicial de um período sensível ao *input*, seguido por uma fase estável (*peak period*) em que ocorre a aquisição e termina com o *offset*, uma fase em que a sensibilidade a factores externos começa a declinar.

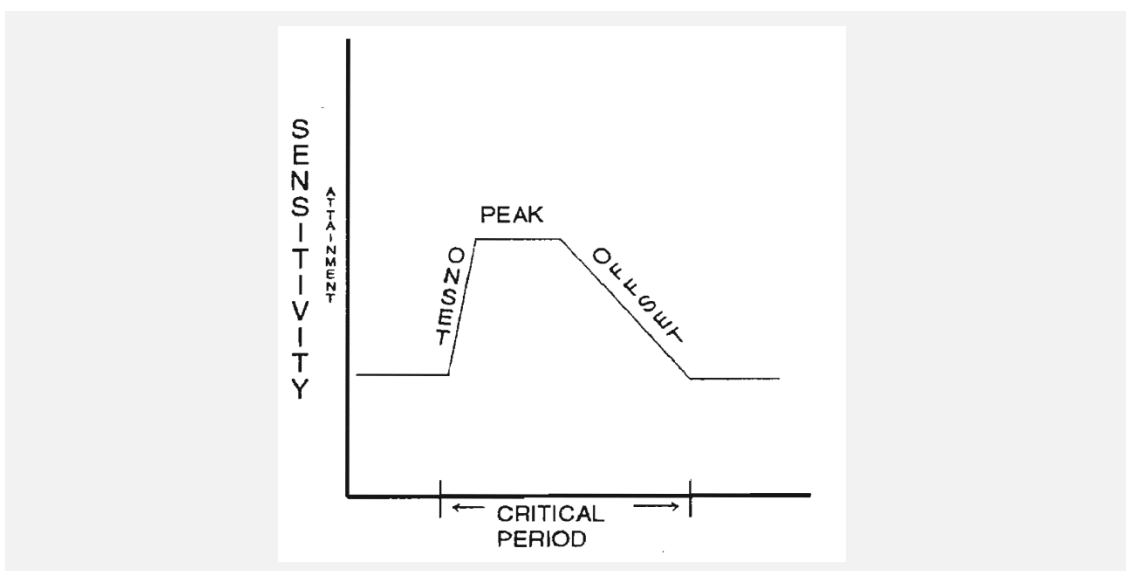


Figura 2. Diagrama de Período Crítico de aquisição (Birdsong, 2005: 112)

À semelhança de fatores como *transfer* e *input*, que são apontados como possíveis causas para insucesso na aquisição de L2 na idade adulta, o período crítico é, por definição, um fator crucial para a aquisição bem-sucedida. Assim sendo, de acordo com defensores da hipótese do Período Crítico, na fase (pós-)pubertária há um declínio da capacidade para aprender línguas. No entanto, apesar de o Período Crítico ser associado, muitas vezes, à aquisição de língua em geral, assinala-se também que a língua é um sistema complexo composto por múltiplas componentes de natureza conceptual e neural e, portanto, não se pode falar de um período crítico, mas de vários períodos que podem ocorrer em função de propriedades diferentes de cada componente, circunscritas a domínios da língua e espaços temporais distintos (Eubank & Gregg, 1999; Birdsong, 1999; Meisel, 2011):

It must be kept in mind that it is not 'language' which is affected by such changes but certain domains of grammar. Lexical knowledge, for example, is predicted not to be concerned at all.

The critical period is better understood as a cluster of sensitive phases during which the LAD is optimally prepared to integrate new information into developing grammars. In

⁶¹ Neste caso, trata-se de Períodos Críticos em geral e não apenas referente à aquisição da língua.

other words, various grammatical phenomena are predicted to be affected by maturational changes at different points in development.

(Meisel, 2011: 204-205)

De acordo com os estudos reunidos na tabela 9, extraída de Hopp (2007: 12)⁶², a sensibilidade para a aquisição de uma língua é delimitada tendo em consideração domínios linguísticos diferentes.

Tabela 9. Propostas para existência de limites temporais de períodos críticos dentro de diferentes domínios da língua (Hopp, 2007: 12). Os períodos indicados numericamente correspondem a anos.

	End of offset for general CP	End of offset for phonology	End of offset for (morpho-)syntax	End of offset for semantics
Penfield & Roberts (1959)	9			
Lenneberg (1967)	puberty			
Scovel (1988)		12		
Johnson & Newport (1989; 1991)	puberty or earlier			
Long (1990; 2005)		6 or 12	mid-teens	
Ruben (1997)		1	4	16
Hyltenstam & Abrahamsson (2003)	shortly after birth			
Clahsen & Muysken (1986; 1989); Hawkins (2001a)			puberty	

Ao delimitar o campo de investigação sobre evidências para o Período Crítico na aquisição de L2, Hopp (2007) assinala dois tipos de abordagens: a abordagem comparativa (*Comparative Approach*, e.g. Johnson & Newport, 1989) e a abordagem de “último patamar” (*Ultimate Attainment Approach*, e.g. Hopp, 2007). Os estudos abrangidos pela abordagem comparativa focam a sua atenção em diferentes situações de aquisição de L2, comparando aquisição de L2 na infância e na idade adulta, tendo como evidências, por exemplo, uma diferente *performance* que se deve à idade de primeira exposição à língua ou diferentes etapas observadas ao longo da aquisição da língua por crianças ou adultos. O trabalho de

⁶² A síntese apresentada em Hopp (2007) é uma versão adaptada de Singleton (2005).

Johnson & Newport (1989) é apontado como um estudo-modelo em que o sucesso ou insucesso na aquisição da língua depende da variável idade. Assim, no estudo são observados dados de 46 falantes coreanos e chineses de L2 Inglês que participaram numa tarefa de juízo de gramaticalidade composta por 276 itens, englobando a mesma diferentes aspetos morfossintáticos. A idade de primeira exposição à língua situa-se entre os 3 e os 39 anos. Na altura da aplicação do teste, todos os participantes tinham tido no mínimo cinco anos de exposição à língua. Tendo em conta os resultados obtidos, os autores concluem que a idade em que se começa a aquisição é um fator preponderante na explicação das diferenças na *performance* de falantes de L2 com idades diferentes, o que confirma a ideia da relevância de um período crítico para a aquisição de uma L2. No entanto, em várias estudos que replicam o estudo de Johnson & Newport citado, as predições quanto a efeitos de idade no desempenho de falantes de L2 não são suportadas e outras variáveis, para além da variável idade de primeira exposição à língua (*age of onset*), nomeadamente variáveis de natureza sociocultural, educacional, de processamento, limitações de memória, são propostas para explicar as diferenças na produção de falantes dentro e fora do período crítico.

No caso de uma abordagem de “último patamar”, trata-se de estudar a última fase de aquisição de uma L2 na idade adulta. Neste tipo de estudos, normalmente, são observados os dados dos falantes não nativos que começaram a aprender uma língua fora do período crítico, considerando a provável não convergência de produções de falantes de L2 e de falantes nativos. Como vários autores apontam (Birdsong, 1999; White, 2003; Hopp, 2007, *e.o.*), o termo “último patamar” (*Ultimate Attainment*) não pressupõe uma proficiência na aquisição de L2 igual a um falante nativo, mas significa antes uma fase na aquisição a partir da qual o progresso já não é observado. Considerando três tipos de “último patamar” (igual a falantes nativos - *native-like*, semelhante a falantes nativos - *near-native*, divergente de falantes nativos - *non-native*), a investigação que foca a sua atenção na última etapa de aquisição pretende encontrar as respostas para as semelhanças e diferenças entre os falantes nativos e não nativos.

Em alguns estudos (*e.g.*, White & Genesee, 1996; Marinova-Todd, 2003; Hopp, 2007), o valor preditivo da hipótese do Período Crítico, que prevê um fracasso na aquisição de língua nos casos de aquisição de uma L2 na idade adulta, está posto em questão.⁶³ Assim, Marinova-Todd (2003: 18), por exemplo, nota que “Morphosyntax (or grammar) is the area

⁶³ Veja-se também o trabalho de Flege (2018) que apresenta uma hipótese diferente da hipótese do Período Crítico, que é descrita em termos de *non-critical period*, de acordo com qual o fator preponderante para a aquisição bem-sucedida de L2 poderá não ser a idade em que a L2 começou a ser adquirida, mas o tipo e a quantidade do *input* a que o falante não nativo é exposto.

where older learners tend to be most successful relative to other areas of linguistic competence, especially pronunciation”, mas, mesmo no caso da pronúncia, “under optimal conditions, older learners have the potential to achieve native-like pronunciation”. No seu estudo, a autora compara dados de falantes adultos de L1 e de L2 de várias línguas que foram testados em domínios diferentes (pronúncia, morfossintaxe, léxico, coerência linguística) através de nove tarefas. De acordo com os resultados obtidos, 10% dos informantes não nativos atingiram o nível de falantes nativos em todas as tarefas realizadas (nove no total) e 20% tiveram um desempenho igual ao dos falantes de L1 em sete tarefas. Em Birdsong (2005), a *performance* dos falantes que passaram por um processo de aquisição tardia é também avaliada em vários domínios. Três de 22 falantes de L2 obtiveram resultados semelhantes aos falantes de L1 em cinco ou seis tarefas dos sete desenhos experimentais propostos. Na área da sintaxe, ao testar a extração de constituintes-WH do domínio encaixado, White & Genesee (1996) indicam que não existem diferenças significativas no desempenho de alguns falantes de L2 relativamente aos nativos. De acordo com os resultados obtidos, os autores concluem que o acesso à Gramática Universal é possível também na idade adulta e, pelo menos, o domínio gramatical não é afetado pelo período crítico. As diferenças de *performance* seriam justificadas pelas possíveis diferenças no processamento de estruturas gramaticais (Marinova-Todd, 2003; Martohardjono & Flynn, 1995).

Por sua vez, para alguns proponentes da hipótese do Período Crítico, a diferença entre falantes de L2 e de L1 consiste na representação de estruturas linguísticas totalmente distintas das dos falantes nativos. Deste ponto de vista, alguns aspetos da GU deixam de ser acessíveis depois do período crítico e o desempenho idêntico ao falante nativo não passa de uma ilusão, correspondendo, na realidade, a uma representação gramatical diferente, ou seja, o desempenho igual a um falante nativo e a competência igual a um falante nativo são dois conceitos que importa distinguir⁶⁴.

Tendo em conta os argumentos de White & Genesee (1996), Birdsong (1999), Marinova-Todd (2003) e Hopp (2007), pode considerar-se que, na aquisição tardia de uma língua não materna, seja possível obter o nível de proficiência linguística de um falante nativo em alguns domínios de língua, apesar de evidências fortes de que a *performance* de um falante de L2 possa ser distinta da de um falante de L1 e apesar de geralmente a taxa de sucesso total, no sentido de domínio nativo, na aquisição tardia se revelar relativamente baixa em comparação com a aquisição de língua na infância. Como Birdsong (1999: 15)

⁶⁴ É um ponto de vista assumido no âmbito das Hipóteses de Interpretabilidade abordadas na secção 2.2.1..Veja-se também a bibliografia relevante em White (2003: 250).

aponta,

Assuming a normal distribution, a 15% success rate corresponds to all of the area from roughly 1 standard deviation above the mean and higher; as such, these participants cannot be regarded as mere outliers in the distribution. (By way of comparison, consider that approximately 10% of the world's population is left-handed. It would be folly to argue that left-handers are outliers in the human race.) Although for some observers a 10% or 15% success rate in L2A may not constitute adequate evidence for falsification of the CPH-L2A, it is nevertheless clear that nativelike learners cannot be dismissed as "peripheral."

2.2. Para além do modelo de Princípios & Parâmetros: *feature-driven hypothesis*

Nos estudos mais recentes, as diferenças paramétricas são associadas às propriedades de itens lexicais ligadas a categorias funcionais que, por sua vez, são compostas por determinados traços formais (Chomsky, 1995; White, 2003). Esta abordagem influenciou o aparecimento de várias *feature-driven hypotheses* que reinterpretam a antiga versão do modelo de Princípios e Parâmetros (P&P), sublinhando que a GU dispõe de um inventário universal de traços e cada língua particular seleciona um subconjunto de traços que se associam a itens lexicais particulares. Assim, as propostas recentes na literatura são formuladas em termos de aquisição de traços. A seguir apresento duas versões de *feature-driven hypothesis* que explicam a variabilidade linguística na aquisição de L2 tardia de dois pontos de vista distintos. Por um lado, as hipóteses reunidas aqui sob o nome "Hipóteses de Interpretabilidade" defendem um acesso parcial à Gramática Universal; por outro lado, temos propostas denominadas "Hipóteses de Reconfiguração de Traços", que mantêm a assunção de que o acesso total à Gramática Universal existe mesmo na aquisição de L2 na idade adulta.

2.2.1. Hipóteses de Interpretabilidade (HI)

Sob o chapéu de "Hipóteses de Interpretabilidade" (HI), normalmente são referidas as seguintes propostas: a *Failed Functional Feature Hypothesis* (Hawkins & Chan, 1997), a *Representational Deficit Hypothesis* (Hawkins, 2000, 2005; Hawkins & Hattori, 2006) e a *Interpretability Hypothesis* (Tsimplici & Dimitrakopoulou, 2007; Tsimplici & Mastropavlou, 2001). A ideia central destas propostas está ligada à dificuldade e variabilidade na aquisição de traços que não são selecionados na L1, *i.e.*, assume-se que o papel da língua materna é preponderante na aquisição de uma L2 e o acesso à Gramática Universal é parcial. De acordo com a assunção de, por exemplo, Hawkins & Chan (1997), Hawkins (2005), Hawkins & Hattori (2006), Tsimplici & Mastropavlou (2001), Tsimplici & Dimitrakopoulou (2007), os

falantes não nativos falham na aquisição de traços sintáticos não instanciados na sua língua materna, mesmo quando se trata de estádios de aquisição avançados. Em Tsimpli & Mastropavlou (2001), Tsimpli (2003), Parodi & Tsimpli (2005), Tsimpli & Dimitrakopoulou (2007), as autoras avançam a hipótese de que a dificuldade se restringe a traços não interpretáveis não existentes na língua materna. Portanto, nos casos em que os traços não interpretáveis da L1 e da L2 coincidirem, os falantes não terão dificuldade e as propriedades da L2 serão adquiridas com sucesso; em caso contrário, os traços não interpretáveis serão problemáticos para a aquisição. De acordo com os autores citados nesta secção, o défice na aquisição de traços não interpretáveis deve-se à assunção de que, enquanto os processos envolvidos na aquisição da gramática, as operações da GU (por exemplo, *Merge* ou *Agree*) e os traços relevantes para a Forma Lógica, *i.e.*, traços interpretáveis, continuam disponíveis durante o desenvolvimento de L2, traços necessários apenas para derivação sintática, *i.e.*, traços não interpretáveis, são difíceis de identificar e analisar no *input*.

All grammar-building processes make use of the same cognitive mechanism, the language module. Thus, adult SLA involves natural language principles and constraints from the onset of L2 development. Principles like Merge/Agree, and whatever economy constraints are operative in the selection of derivations, are available to the language learner at all stages of development. LF representations should then converge, in that feature matching and the Principle of Full Interpretation at LF would provide an output interpretable at the C-I systems. Briefly, this is what "UG is available" could be understood as, in minimalist terms.

(Tsimpli & Dimitrakopoulou, 2007: 223)

No caso do estudo de Tsimpli & Dimitrakopoulou (2007), é analisado o uso da estratégia resumptiva em interrogativas-WH de sujeito e de objeto em L2 inglês L1 grego. São testadas frases interrogativas complexas com um constituinte-WH extraído do domínio encaixado para o domínio superior. As autoras propõem que a aceitabilidade de pronomes resumptivos no local de extração é condicionada pela interpretabilidade dos traços envolvidos na derivação, ou seja, o uso da estratégia resumptiva em L2 inglês por falantes de grego oferece evidência relativamente ao papel que os traços interpretáveis e não interpretáveis têm na aquisição de L2. Os traços interpretáveis [+/-animado] e [+/-discourse-linking] estão supostamente envolvidos na análise de pronomes em L2 inglês por falantes nativos de grego, ao passo que, em grego, os pronomes resumptivos especificam um conjunto de traços não interpretáveis de Caso e de Concordância. O uso da estratégia resumptiva é visto como uma manifestação visível de verificação de traços. Estabelecendo quatro situações de combinação de traços para as estruturas em análise⁶⁵, as autoras

⁶⁵ Tsimpli & Dimitrakopoulou (2007: 223):

predizem desvios apenas para combinações que envolvem traços não interpretáveis na FL, assumindo que os traços não interpretáveis estão sujeitos ao período crítico e os valores paramétricos associados a estes traços são resistentes à refixação. No entanto, apesar de a manutenção dos valores de traços não interpretáveis da L1 ser prevista para todos os estádios de aquisição, foi observado progresso, verificando-se menos desvios no grupo de informantes do nível avançado. Tsimpli & Dimitrakopoulou sugerem que traços interpretáveis de *animacy* e de *d-linking* não representam nenhuma dificuldade na aquisição e restringem o uso da estratégia resumptiva, o que pode implicar que traços interpretáveis tenham um papel compensatório, *i.e.*, trata-se de uma estratégia para camuflar falta de competência no uso de traços não interpretáveis. Portanto, de acordo com as autoras, o desempenho de falantes não nativos pode ser muito semelhante ao dos falantes nativos devido à disponibilidade da parte da GU que não é sujeita ao período crítico.

Ao tentar explicar o contraste em termos de acesso a traços interpretáveis e não interpretáveis, ou seja, ao tentar perceber por que razão apenas traços não interpretáveis estão sujeitos ao período crítico, Hawkins & Hattori (2006: 271) avançam com uma ideia, ainda que especulativa, ligada à utilidade funcional (*functional usefulness*):

There are advantages to having interpretable features available throughout life. They are required for constructing new open class lexical items. Individuals, it seems, can and do learn new items at all ages, and languages are constantly adding to their stock of open class items. The availability of interpretable features is essential to this task. Uninterpretable features, by contrast, are specified on a small number of closed class items belonging to functional categories. Their purpose is to establish stable dependencies between items in syntactic derivations. There may be functional disadvantages to having all the uninterpretable features of the UG inventory permanently available.

De acordo com a Hipótese de Interpretabilidade, o desempenho desviante na aquisição de L2 adulta restringe-se apenas à aquisição de traços não interpretáveis não instanciados na L1, sendo todos os traços interpretáveis e os traços não interpretáveis instanciados na L1 considerados de aquisição plena. Apesar de estarem documentadas em muitos estudos evidências de um efeito robusto da língua materna na interlíngua de falantes de L2, existem também, em relação a traços não interpretáveis, dados empíricos sólidos de falantes não nativos que mostram uma *performance* idêntica a falantes nativos (veja-se, *e.g.*,

a) LF-interpretable/PF-uninterpretable features (*e.g. animacy distinctions on Greek nouns and pronouns are not grammaticalized due to grammatical gender differences*;

b) LF-interpretable/PF-interpretable (*e.g. animacy distinctions on English wh- and personal pronouns*);

c) LF-uninterpretable/PF-interpretable (*e.g. resumptive uses of subject-verb agreement and object clitics in Greek*);

d) LF-uninterpretable/PF-uninterpretable (*e.g. Case and subject-verb agreement in English*).

Choi, 2009; Lardiere 2007, 2008; Slabakova, 2000). Ainda que os proponentes das HI sugiram estratégias compensatórias que remedeiam a falta de traços não interpretáveis, usando, por exemplo, traços interpretáveis como uma pista, falta perceber então o que é que acontece quando um item lexical é composto apenas por traços não interpretáveis.

2.2.2. Hipóteses de Reconfiguração de Traços (HRT)

Enquanto no âmbito das hipóteses de Interpretabilidade é defendido que o domínio de *narrow* sintaxe é problemático na aquisição de língua na idade adulta e os falantes de L2 não são capazes de adquirir categorias gramaticais que envolvem traços não interpretáveis diferentes da sua língua materna, assumindo-se assim acesso parcial à GU, surgem outras abordagens de acordo com as quais a variabilidade interlinguística se manifesta ao nível de superfície, ou seja, na realização morfológica, verificando-se, no entanto, um conhecimento sintático ao nível abstrato. Assim, de acordo com a *Missing Surface Inflection Hypothesis* (MSIH) de Prévost & White (2000) e as primeiras versões da *Feature Re-Assembly Hypothesis* (FRH) de Lardiere, (*e.g.*, 1998b, 2000), por exemplo, os falantes não nativos têm conhecimento inconsciente de projeções funcionais e traços formais (por exemplo de tempo e de concordância) e a dificuldade consiste, por vezes, na realização morfológica destes traços formais, o que resultaria, por exemplo, na ocorrência por defeito de formas de infinitivo. Na ótica das duas hipóteses, a representação gramatical de falantes não nativos existente ao nível abstrato converge com a gramática-alvo, enquanto a representação morfológica que ocorre à superfície difere em relação à representação produzida por falantes nativos. Assim, comparando as duas hipóteses, a MSIH e a FRH com as Hipóteses de Interpretabilidade (HI) em termos de contraste entre competência e *performance*, pode-se dizer que, no caso das HI, se defende que a competência gramatical de falantes não nativos difere da competência de falantes nativos. Mesmo quando a *performance* de falantes não nativos se assemelha à de falantes nativos, esta semelhança é considerada aparente. Agora, no âmbito tanto da MSIH como das primeiras versões da FRH, os dados são interpretados de modo distinto: a variabilidade nas produções de falantes de L2 não se deve aos problemas da competência sintática que se traduz na aquisição de traços (morfo)sintáticos abstratos, sendo antes ligada às dificuldades no mapeamento entre estes traços e a sua forma de realização morfológica.

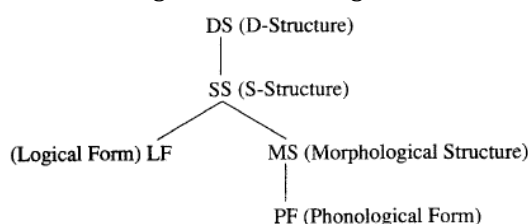
Estes trabalhos baseiam-se nas premissas da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993), de acordo com as quais os processos morfológicos de formação de palavra são distribuídos pelos diferentes módulos de gramática, determinando dois conjuntos de traços: 1) traços morfossintáticos/semânticos que operam ao nível da representação sintática e 2) traços fonológicos associados aos morfemas na Componente Morfológica

(*Morphological Structure*)⁶⁶, que operam ao nível pós-sintático.

De uma forma geral, as hipóteses de reconfiguração de traços oferecem uma alternativa às propostas que explicam a variabilidade interlinguística em termos de (não) fixação paramétrica, sugerindo que os resultados instáveis na aquisição de L2 podem dever-se a dificuldades na reconfiguração de traços de acordo com a gramática e o léxico da língua em aquisição e na associação (remapeamento) de traços morfossintáticos abstratos à sua forma morfológica.

Veja-se o trabalho de Lardiere (1998), que relata um estudo de caso de um sujeito adulto, Patty, falante nativa de mandarim e de hokkien a adquirir inglês como L2 e cuja proficiência em inglês é descrita como *endstate*. Os dados foram obtidos através de três gravações de discurso espontâneo. A primeira gravação teve lugar depois de passarem cerca de dez anos desde a informante ter chegado aos EUA e a última passados aproximadamente nove anos após a primeira gravação ser feita, sendo Patty rodeada totalmente por um ambiente linguístico de inglês. De acordo com o estudo, não foi observada quase nenhuma alteração quanto ao uso da marcação morfológica de verbos em inglês, entre os períodos temporais referidos, o que sugere que a interlíngua de Patty sofreu fossilização. Por outro lado, foram encontradas fortes evidências para conhecimento gramatical, que implicam a presença de categorias funcionais associadas a flexão verbal, sugerindo um claro contraste entre consequências do desenvolvimento sintático ligado à finitude e à concordância e a marcação morfológica. Três tipos alternativos de evidência para a dissociação do conhecimento sintático e da marcação morfológica verbal foram considerados: Caso nominativo do Sujeito, subida do verbo e uso de orações complexas com ou sem complementadores realizados. Os traços formais associados aos fenómenos listados parecem estar operacionais na produção de Patty, ao contrário da deficiente morfologia, *i.e.*, os dados atestam que a competência sintática e a *performance* morfológica são autónomas na aquisição de L2 e a variabilidade se deve aos problemas no mapeamento entre a sintaxe

⁶⁶ De acordo com a proposta de Morfologia Distribuída, a gramática está organizada em cinco níveis:



Halle & Marantz (1993) indicam o seguinte: "The added level of Morphological Structure is the interface between syntax and phonology. MS is a syntactic representation that nevertheless serves as part of the phonology, where "phonology" is broadly conceived as the interpretive component that realizes syntactic representations phonologically." (p.114)

e a realização morfológica:

[...] via a mapping from one system to the other that is itself indirect and, at least for adult L2 acquisition, subject to greater, perhaps permanent, variability or breakdown”.

(Lardiere, 2000: 120)

Nas versões posteriores da hipótese originalmente proposta por Lardiere (veja-se, por exemplo, Lardiere, 2005, 2007, 2008, 2009) os desvios de falantes de L2 e a sua não convergência com a gramática-alvo são explicados do ponto de vista do mapeamento inicial, da seleção e do reagrupamento de traços (veja-se também Choi & Lardiere, 2006; Choi, 2009; Domínguez, Arche & Myles, 2011; Hwang, 2012; Slabakova, 2009a, 2009b; Renaud, 2009; Cho & Slabakova, 2014; Shimanskaya, 2015, *e.o.*). Para proponentes da FRH, os falantes de L2 têm acesso a todo o inventário de traços da GU, quer sejam interpretáveis quer sejam não interpretáveis, o que coincide com o modelo de FA/FT de Schwartz & Sprouse (1994/1996), no entanto, os desvios interlinguísticos devem-se à dificuldade na reconfiguração de traços formais de modo particular em diferentes itens e categorias lexicais e categorias funcionais.

Vejamos a hipótese de reconfiguração de traços de forma mais detalhada.

De acordo com Chomsky (2001), no caso de uma L1, a tarefa de aquisição inclui, pelo menos, dois passos:

- 1) Seleção de um subconjunto de traços do inventário universal: $T(\text{traço}) \xrightarrow{C_{HL}} [T_{L1}]$
- 2) Agrupamento de traços num item lexical: $[T_{L1}] \longrightarrow [Lex_{L1}]$

As diferenças entre línguas são determinadas tanto pela seleção de traços diferentes como pelo modo como os traços são agrupados numa categoria funcional ou num item lexical. Assim, no caso de aquisição de L2, tendo em conta diferenças interlinguísticas, o processo pode ser caracterizado não apenas pela seleção e agrupamento de traços, como na aquisição de L1, mas também pela necessidade de reagrupar traços disponíveis tanto em L1 como em L2, visto que podem ser agrupados diferentemente em duas línguas diferentes.

Adaptando aqui o modelo descritivo de Dominguez, Arche & Myles (2011) para apresentar a hipótese de reconfiguração de traços, imaginemos duas línguas hipotéticas em que a L1 tem um item lexical (Lex_{L1}) composto pelos (T)traços {T1, T2, **T3**, **T4**, **T5**} e a L2 tem um item lexical idêntico (Lex_{L2}), mas que é composto por {**T3**, **T4**, **T5**, T6, T7}. A partir desta descrição básica, podemos ver que alguns traços são selecionados apenas na L1 {T1, T2}, alguns são exclusivos da L2 {T6, T7} e os restantes são partilhados pelas duas línguas {**T3**, **T4**, **T5**}. Assumindo que o ponto de partida para a aquisição de um item lexical novo em L2 é a L1, prevê-se a ocorrência de $[Lex_{L1}]$ no estágio inicial de aquisição (4a). A seguir, será necessário estabelecer compatibilidades entre o item lexical da L1 $[Lex_{L1}]$ e da L2

[Lex_{L2}] (4b) e reagrupar os traços de [Lex_{L1}] em matrizes de traços de [Lex_{L2}] (4c).

- (4) a. Seleção de um item lexical [Lex_{L1}] composto por traços {T1, T2, **T3, T4, T5**};
 b. Estabelecimento de compatibilidades entre [Lex_{L1} {T1, T2, **T3, T4, T5**}] e [Lex_{L2} {**T3, T4, T5**, T6, T7}];
 c. Reagrupamento de traços num item lexical de L2 [Lex_{L2}].

O esquema em (4) representa uma visão simplista dos processos pressupostos para aquisição de L2 e levanta várias questões, como por exemplo: De que traços é que estamos a falar em (4a-b)? Por hipótese, trata-se de todos os traços necessários para compor um item lexical: fonológicos, formais, semânticos. Assim, o T1 pode ser de natureza semântica, o T2 fonológica, o T3 e o T4 sintática. No entanto, esta divisão não reflete como os traços são organizados no repertório universal e qual é a sua estrutura interna, portanto, uma definição mais fina é necessária. Para o presente estudo, adoto a definição proposta para um traço sintático em Adger & Svenonius (2010: 8):

Features:

- a. *Syntax builds structure through recursive application of Merge*
 b. *The smallest element on which Merge operates is a syntactic atom*
 c. *A syntactically relevant property of a syntactic atom which is not shared by all syntactic atoms and which is not derivable from some other property is a feature.*

Sendo um traço (T) uma unidade mínima, Adger & Svenonius diferenciam ainda o T de uma classe de traços (*Feature class*):

Feature class:

A feature class is a subset O of F, where the members of O share some syntactically relevant property (p. 14)

Assim, por exemplo, CATEGORIA é uma classe de traços que inclui traços *N, V, A, P, C, T*, e *D*; a classe de traços CASO pode incluir *Nominativo, Acusativo, Dativo*, etc., a classe de traços chamada TRAÇOS- ϕ é composta por *número, género e pessoa*. Considerando estes últimos, *e.g., número, género e pessoa* têm propriedades “that hold of tokens of features rather than features qua types” (*idem*, p. 16).

Tendo por base a definição de Adger & Svenonius (2010), pode dizer-se que alguns traços têm repercussão tanto no domínio sintático como na interação entre a sintaxe e a fonologia, a semântica ou a realização morfológica. Em algumas línguas, o género, por exemplo, pode ser relevante tanto para a estrutura sintática (género gramatical refletido na concordância verbal, por exemplo) como para as suas interfaces (5a-c), não sendo para outras línguas o género gramatical refletido da mesma forma (5d).

- (5) a. Maria / Ona uch**la**. Russo
 Maria_{fem} / Ela_{fem} saiu_{fem}

A Maria saiu. / Ela saiu.

b. Ivan / On uchiol.

Ivan_{masc} / Ele_{masc} saiu_{masc}

Ivan saiu. / Ele saiu.

c. Solntse / Ono ushlo.

Sol_{neutro} / Ele_{neutro} saiu_{neutro}

O Sol pôs-se. / Ele pôs-se.

d. Maria / John / She / He / It left. Inglês

Por outro lado, um T(raço) que é universal pode ter uma configuração interna distinta em línguas diferentes (6):

(6)

Russo	Português	Inglês
[género: { masc fem neut }]	[género: { masc fem }]	[género: { masc fem }]

Portanto, tendo em conta os traços que são selecionados e a estrutura interna de cada T(raço) numa determinada língua, *i.e.*, o modo particular como este T pode ser configurado (T1a, T2a, T3b, T4c, T5c), apresento, em (7), uma nova versão do esquema citado antes em (4):

- (7)
- a. Seleção de um item lexical [Lex_{L1}] composto por traços {T1a, T2a, T3b, T4c, T5c};
 - b. Mapeamento inicial entre [Lex_{L1}] e [Lex_{L2}]
 - c. Reagrupamento de traços de [Lex_{L1} {T1a, T2a, T3b, T4c, T5c}] em [Lex_{L2} {T3b, T4a, T5a, T6a, T7b}].

De acordo com a exposição em (7), os traços {T3, T4, T5} existem tanto na L1 como na L2. Porém, enquanto um deles [T3b] é igual nas duas línguas, outros não têm compatibilidade completa: [Lex_{L1} {T4c, T5c}] e [Lex_{L2} {T4a, T5a}]. Para além disto, {T1a, T2a} não existem na L2 e {T6a, T7b} não existem na L1. Visto pelo prisma da hipótese de reconfiguração de traços, os falantes não nativos terão dificuldades na aquisição daqueles traços que não coincidem com a L1, o que se irá repercutir na sintaxe. Assumindo este ponto de vista, o traço [T3b] em (8) não será problemático. Quanto aos restantes traços, os falantes não nativos poderão deparar-se com algumas dificuldades cuja origem pode ter causas diferentes resumidas em (8)⁶⁷.

⁶⁷ Veja-se também Dominguez, Arche & Myles (2011) para uma abordagem semelhante.

(8)

Convergência	Fenómenos	[Lex _{L1} {T1a, T2a, T3b, T4c, T5c}]	[Lex _{L2} {T3b, T4a, T5a, T6a, T7b}]
Completa	<i>transfer</i> positivo L1 > L2	T3b	T3b
Não obrigatoriamente completa	Possível <i>transfer</i> negativo L1 > L2 nos estádios iniciais de aquisição	T1a, T2a, T4c, T5c	
	Não seleção na L1 (traços a inserir)	-	T6a, T7b

A realização distinta dos traços {T4, T5} em [Lex_{L2}] e [Lex_{L1}] obriga o falante de L2 a uma reconfiguração, apesar de serem selecionados os mesmos traços. Os traços {T6a, T7b} apresentam um problema semelhante, no entanto, estes traços não são selecionados na L1, logo o processo pode ser agravado pela necessidade de seleção destes do inventário universal. Relativamente aos traços {T1a, T2a}, considero que estes traços também podem ser transferidos da L1 nos estádios de aquisição iniciais. Assumo aqui um ponto de vista diferente do descrito em Dominguez, Arche & Myles (2011), que afirmam que os traços {T6a, T7b} e {T1a, T2a} não representam um problema, visto que os {T6a, T7b} não fazem parte do [Lex_{L1}], logo não são sujeitos ao remapeamento, e os {T1a, T2a} não são necessários para formar o [Lex_{L2}]. Na verdade, os traços que já foram selecionados e fazem parte da L1, mas não da L2, precisam de ser no mínimo desativados. A não desativação destes traços pode resultar em *transfer* negativo.

A hipótese de reconfiguração de traços tem um forte poder preditivo para a aquisição de estruturas IWHM de português como L2 e é neste sentido que será desenvolvido o raciocínio da secção seguinte e foi desenhado o estudo experimental. Os possíveis desvios serão analisados tanto pelo prisma de problemas no mapeamento e reagrupamento quer dos traços quer da sua estrutura interna.

Antes de avançar para mostrar a aplicabilidade da hipótese de reconfiguração de traços às estruturas estudadas no âmbito do presente trabalho, faço uma breve revisão bibliográfica das estruturas IWHM do ponto de vista de aquisição de L2 na idade adulta⁶⁸.

⁶⁸ Para a aquisição em L2 de estruturas-WH múltiplas na infância, veja-se, por exemplo, Grebenyova (2006), Gavarró, Lewandowski & Markova (2010).

2.2.3. Estruturas IWHM nos estudos anteriores

Como já tinha mencionado anteriormente, ao fazer um levantamento de literatura sobre estruturas-WH múltiplas, verifiquei que, apesar de este tópico se revelar relevante do ponto de vista da investigação no campo da sintaxe teórica, no que toca à aquisição, quer na infância quer na idade adulta, é um tema muito pouco estudado. Nesta secção apresento aqueles poucos estudos a que tive acesso e que relatam alguns factos sobre as estruturas IWHM abordadas na perspectiva da aquisição em L2 em idade adulta.

Um dos estudos foi conduzido por Yoshinaga (1999). No projeto, inscrito no campo teórico de Princípios & Parâmetros, são analisados dados de falantes de inglês que adquirem japonês como L2 e de falantes de japonês que adquirem inglês como L2. A autora coloca várias hipóteses que abordam a convergência ou não convergência na língua-alvo pelo prisma do acesso à Gramática Universal. No estudo participaram falantes de japonês L2 e de inglês L2 cujos resultados foram comparados com os obtidos por falantes nativos de cada língua em aquisição. De acordo com a descrição dos sujeitos não nativos, todos eles eram estudantes universitários e estavam a adquirir a língua-alvo em ambiente de aprendizagem formal. O nível de língua dos informantes não é indicado, sendo sugerido, no entanto, que os falantes japoneses de inglês L2 não se encontravam num nível inicial e a sua aprendizagem de inglês começou aos 12 anos. No caso dos falantes de japonês L2, indica-se que eles eram estudantes do terceiro dos quatro semestres do curso de língua estrangeira, neste caso, japonês, sendo que o período de aprendizagem desta língua abrangia de 1 a 7 anos. Os dados foram recolhidos através de uma tarefa de juízo de gramaticalidade que incluía seis tipos de estruturas interrogativas-WH múltiplas, combinando ou dois *WH-* com função de argumento, ou um *WH-* argumento e um *WH-* adjunto. Um dos *WH-* tinha sempre função de Sujeito. A diferença entre o japonês e o inglês que se analisa neste trabalho relaciona-se com diferentes comportamentos no caso de movimento de constituintes-WH. Assim, em japonês, observa-se a possibilidade de ocorrência dos constituintes-WH *in situ* para todos os *WH-* na sintaxe visível enquanto em inglês apenas um *WH-* poderá ficar *in situ*, sendo pelo menos um *WH-* sujeito a movimento. Para além disto, as duas línguas diferem na aceitabilidade de constituintes-WH com diferentes funções sintáticas: o japonês admite todas as combinações de *WH-* (pelo menos dos descritos no estudo citado), independentemente de estes terem função de argumento ou adjunto, enquanto o inglês tem restrições quanto à aceitabilidade de um *WH-* argumento e alguns *WH-* com função de adjunto. De acordo com os resultados obtidos, Yoshinaga (1999) afirma que os falantes não nativos de japonês mostram resultados semelhantes aos falantes nativos, ao passo que o comportamento dos falantes não nativos de inglês é

significativamente diferente dos falantes nativos. Na tentativa de explicar estes resultados, a autora avança com várias hipóteses ligadas ao acesso/não acesso à GU, ao papel da frequência de estruturas relevantes no *input* e a diferenças estruturais que os falantes não nativos possam considerar “fáceis” ou “difíceis” de adquirir (por exemplo, as propriedades que resultam na derivação de estruturas com *WH- in situ* podem ser mais fáceis de adquirir do que as propriedades que resultam em movimento do *WH-*), indicando, no entanto, que, para ter um panorama mais completo, é necessário abranger na investigação mais línguas, incluindo investigação alargada de *corpora* (Yoshinaga, 1999: 137).

O estudo de Bley-Vroman & Yoshinaga (2000) pode ser apelidado de um estudo sobre “último patamar” de aquisição. Este trabalho replica parcialmente o desenho experimental de Yoshinaga (1999). Desta vez, são testados apenas falantes de L1 japonês, L2 inglês de nível de proficiência avançado, cujos resultados são comparados com falantes nativos de inglês. Ao avaliar os resultados do teste, os autores concluem que a taxa de aceitabilidade apresentada pelos falantes de Inglês L2 difere significativamente da apresentada pelos falantes de Inglês L1 para todos os seis tipos de estruturas IWHM do desenho experimental. Os autores colocam várias hipóteses relativamente aos dados observados, tanto do ponto de vista do acesso à GU como usando outro tipo de abordagens. Assim, tendo em consideração diferenças na produção de falantes nativos e não nativos, é assumida a *Fundamental Difference Hypothesis* (Bley-Vroman, 1990), observando-se que os resultados de falantes de L2 não podem ser justificados com a GU.

Outro estudo que testa estruturas IWHM foi realizado por Hawkins & Hattori (2006). Os autores testam uma das versões mais recentes das hipóteses de Interpretabilidade já descritas anteriormente (a *Representational Deficit Hypothesis*), defendendo que o acesso à Gramática Universal é restrito, possibilitando aos falantes de L2 o acesso a traços interpretáveis e somente àqueles traços não interpretáveis que são instanciados na língua materna. A hipótese analisa frases interrogativas-WH múltiplas bioracionais, adquiridas por falantes de L1 japonês e L2 inglês, testando efeitos de violação de Subjacência e de Superioridade. Os autores sugerem que tanto em inglês, como em japonês, existe um traço [wh] especificado no núcleo C, no entanto em inglês este traço é forte e em japonês é fraco, o que resulta no movimento-WH visível em inglês (9) *versus* a ocorrência de *WH- in situ* em japonês (10).

- (9) a. What_i did John remember [_{CP} <what> Mary bought <what> yesterday?] Inglês
 b. * Did John remember [_{CP} Mary bought what yesterday]?

(10) John-wa [_{CP} Mary-ga kinou **nani-o** kat-ta to] oboete imasu ka? Japonês
 John-Topic Mary-Nom yesterday what-acc buy-past-C remember is Q?
What did John remember Mary bought yesterday?

(ex. de Hawkins & Hattori, 2006: 275)

O desenho experimental consistia na aplicação de uma tarefa de juízo de valor de verdade (*truth value judgment task*) e pretendia aferir a sensibilidade de falantes japoneses de inglês L2 de nível de proficiência avançado quanto ao princípio *Attract Closest* em estruturas interrogativas compostas por duas orações. Este tipo de estruturas foi escolhido para adicionar um valor pragmático que se obtinha devido a duas leituras diferentes quanto a escopo do constituinte-WH da frase matriz. Segundo os resultados, apesar de os informantes de inglês L2 que participaram no teste se mostrarem conscientes acerca da possibilidade de duas leituras diferentes do constituinte-WH sujeito a movimento de longa distância, os autores relatam que as interlínguas dos participantes não contêm o traço forte [*uwh*], podendo o desempenho de falantes não nativos semelhante ao de falantes nativos ser apenas aparente. No caso deste estudo, Hawkins & Hattori sugerem que, possivelmente, os falantes não nativos recorrem a estratégias compensatórias que têm ao seu alcance, por exemplo, à estratégia de *scrambling*. Os autores indicam ainda que:

If, in a given domain, the only difference between a native grammar and the ILG of a late second language learner is an uninterpretable feature, but all other resources of UG are still available, then the performance of that learner could look very like that of a native. Subtle testing of a range of properties in the relevant domain might be required before one can say with confidence that feature [u] is present in the grammar.

(Hawkins & Hattori, 2006: 298)

Por último, abordo, sucintamente, dois estudos que, apesar de não tratarem de estruturas IWHM, mas de interrogativas-WH com um constituinte-WH, considero relevantes para a corrente investigação.

O primeiro estudo foi realizado por Lardiere (1998, 2000, 2003, 2005, *e.o.*). Apesar de as características principais do estudo já terem sido expostas na secção 2.2.2., pretende-se aqui analisar o fenómeno de aquisição de movimento-WH visto pelo ângulo da *Feature Reassembly Hypothesis* (Lardiere, 2005, 2007, 2008, 2009). De acordo com a interpretação de Lardiere, a sua informante do estudo de caso, Patty, falante nativa de mandarim e de hokkien, evidencia o conhecimento da estrutura sintática completa, ou seja, a presença da projeção CP é atestada através de orações complexas com múltiplos encaixes, frases relativas, relativas livres, interrogativas-WH, interrogativas *sim-não* e vários complementadores realizados (para os exemplos relevantes, veja-se Lardiere, 1998a: 19,

2000: 120, 2005: 184) e as propriedades derivacionais ligadas a estas orações em inglês, como inversão SU-V (movimento T-para-C), movimento de um constituinte-WH para Spec, CP, e inserção do verbo auxiliar *do*, se necessário (11)⁶⁹.

- (11) a. [_C Are_i [_{IP} the students [_I t_i [_{VP} going to the picnic?]]]]
 b. [_{CP} What_j [_C are_i [_{IP} the students [_I t_i [_{VP} bringing t_j to the picnic?]]]]]
 c. [_{CP} What_j [_C do_i [_{IP} the students [_I t_i [_{VP} plan to bring t_j to the picnic?]]]]]

(Lardiere, 2008: 16)

Dada a presença significativa de expressões complexas gramaticalmente corretas que envolvem a projeção de CP nos *corpora* do estudo, Lardiere conclui que Patty “indeed acquired I-to-C movement of the copula, modals, auxiliaries and expletive *do*, implicating the presence of a strong feature in C that triggers the overt movement” (2008: 17).

A autora explica o sucesso na aquisição de CP, ligado à aquisição em inglês de traços fortes *wh* ou *Q*, com o facto de que, possivelmente, Patty tenha adquirido a diferença lexical dos constituintes-WH (como *who*, *what*, *where*, *how*, etc.) e expressões quantificadas (como *anything*, *everything*, etc.). *I.e.*, sendo tanto as expressões interrogativas como os quantificadores em mandarim realizados através da mesma forma morfológica *WH*- cuja interpretação depende da partícula associada a este *WH*-, a diferença na realização morfológica entre constituintes-WH do inglês e do chinês também constitui um passo na aquisição ligado à diferente configuração de traços sintáticos e morfológicos em duas línguas. Como Lardiere nota, Patty usa sempre construções interrogativas apropriadamente, nunca deixando constituintes-WH *in situ*; por outro lado, faz uma clara distinção entre quantificadores como *anything*, *everything*, *nothing*, *something*, etc., associando-lhes a polaridade correta. Todos estes factos apontam para a aquisição bem-sucedida de constituintes-WH em inglês.

Outra evidência para o sucesso na aquisição da projeção de CP por parte de Patty é fornecida através de estruturas que envolvem orações relativas. Apesar de existirem diferenças estruturais nas orações relativas em chinês e em inglês, que se traduzem na observação de movimento de *WH*-/operador em inglês, mas não em chinês, parece que em chinês, em casos restritos, a relativização de adjuntos pode ser efetuada por via de movimento de operador (Ning, 1993; Li, 2002; Aoun & Li, 2003, citados em Lardiere, 2005). Patty produz corretamente frases relativas de vários tipos, obedecendo a restrições sintáticas existentes em inglês. Lardiere justifica este sucesso, evocando argumentos de Aoun & Li (2003), que dizem que “the structures and mechanisms needed to derive relative

⁶⁹ As representações parentéticas apresentadas em (11) são transcritas tal qual as representações de Lardiere (2008).

constructions are not uniform across languages or within a language” (p. 191). Por outras palavras, várias estratégias de relativização são ligadas a propriedades morfossintáticas e semânticas distintas interlinguisticamente e mesmo dentro de uma língua, *i.e.*, “it is the assembly and for SLA the re-assembly of features that must be acquired. Oversimplifying, it would appear that for a native Chinese speaker acquiring English, the properties of adjunct relatives in Chinese must be extended to all relatives in English.” (Lardiere, 2005: 186).

O outro estudo que quero referir aqui aborda, do ponto de vista interpretativo, constituintes-WH na aquisição de L2. O trabalho, realizado por Choi & Lardiere (2006), e que teve continuação em Choi (2009), investiga a possibilidade de falantes nativos do inglês adquirirem, em coreano como L2, a interpretação de constituintes-WH inseridos em orações encaixadas. Mais uma vez, em coreano, os constituintes-WH são ambíguos (como em russo), *i.e.*, a leitura $[\pm Q]$ não é intrínseca a expressões-WH, mas deriva de afixos nas formas verbais que coocorrem com a expressão. Assim, por exemplo, o constituinte *mues* (coisa) pode ser interpretado como interrogativo ou como indefinido⁷⁰ (12):

- (12) a. John-un Mary-ka **mues**-ul sass-**nunci** an-ta. [+Q]
 John-TOP Mary-Nom **thing**-Acc bought-Q know-DECL
John knows what Mary bought
- b. John-un Mary-ka **mues**-ul sass-**ta**-ko an-ta. [-Q]
 John-Top Mary-Nom **thing**-Acc bought DECL-C know-DECL
John knows (that) Mary bought something
- (Choi, 2009:16)

Portanto, enquanto ambas as línguas, coreano e inglês, selecionam traços [Q]/[wh], assume-se que os constituintes-WH coreanos têm traços subespecificados, diferentemente dos constituintes-WH do inglês, em que um traço [Q] especificado é associado ao item-WH lexical (13)⁷¹.

- (13) a. John knows [_{CP} what_i [_Q [_{CP} Mary bought t_i]].
 b. John knows [_{CP} [that_{-Q} Mary bought something]].
- (ex. de Lardiere, 2009a: 186)

A diferença na configuração de traços interpretáveis em frases declarativas, interrogativas-WH e interrogativas *sim-não* em orações raiz e encaixadas de coreano e de inglês é resumida na tabela 10.

⁷⁰ Veja-se Choi (2009) para a descrição detalhada de distribuição de partículas ligadas a constituintes-WH em coreano.

⁷¹ As representações parentéticas apresentadas em (13) são transcritas tal qual as representações de Lardiere (2009a).

Tabela 10. Choi (2009a: 45): “Feature Organization and Spell-outs for Clause Typing”

	Matrix Clause		Embedded Clause	
	English	Korean	English	Korean
Declarative [-Q, -wh]	\emptyset	<i>ta</i>	<i>that/ \emptyset</i>	<i>ta</i>
Yes/No Interrogative [+Q, -wh]	\emptyset	<i>ni (+rising)</i>	<i>if/whether</i>	<i>nunci(aninci)</i>
Wh-interrogative [+Q, +wh]	\emptyset	<i>ni (+falling)</i>	\emptyset	<i>nunci</i>

Como Choi (2009a) indica, em inglês, os traços [+Q, -wh] e [+Q, +wh] do núcleo C não se manifestam nos itens lexicais em frases raiz, mas a opção [+Q, -wh] realiza-se nas encaixadas através do complementador *if*. No caso do coreano, os dois tipos de interrogativas associam-se a diferentes itens lexicais que aparecem tanto nas encaixadas como nas frases raiz. Como indicado na tabela 10, a ocorrência da mesma partícula morfológica *ni* em interrogativas de tipos diferentes é desambiguada pela entoação. A seleção e o agrupamento de traços de constituintes-WH de cada língua são apresentados na tabela (11).

Tabela 11. Choi (2009a: 46): Selection and Assembly of Features of Wh-expressions in the C domain

Properties	Korean	English
CP		
[EPP] (or [<i>uwh</i> *)]	No	Yes
[Operator] (Spec/CP)	Null	Moved wh-word
[+Q, +wh]	Overt	Null
DP		
[Q-operator]	No	Yes
[Variable]	wh-item (<i>nwukwu</i> = [D, human])	Part of wh-item (<i>who</i> = [wh, D, human])

Choi repara que, habitualmente, a aquisição de constituintes-WH *in situ* não tem sido levada muito a sério na investigação de L2, dada a assunção de que os constituintes-WH lexicais de línguas com WH- *in situ* são idênticos aos de línguas com movimento-WH visível, consistindo a diferença nas propriedades sintáticas e não semânticas. Ou seja, tendo os constituintes-WH em duas línguas, inglês e coreano, traços idênticos e não sendo o movimento sintático visível necessário na aquisição das interrogativas-WH no coreano L2, os falantes nativos de línguas com movimento-WH *overt* não vão ter dificuldades. No entanto, de acordo com os resultados obtidos por Choi (2009^a), ao passo que o grupo de controlo teve o desempenho esperado, apenas quatro de 24 informantes não nativos de

coreano do nível avançado tiveram uma *performance* semelhante aos falantes nativos do inglês. A maior parte dos informantes generalizou o uso da interpretação [+Q] em contextos [-Q]. De acordo com a explicação de Lardiere & Choi (2006) e Choi (2009), os falantes de L1 inglês não tiveram problemas na permuta de traço [wh] forte para o valor que justifica a ocorrência de [wh] *in situ*. A dificuldade consistia na atribuição de valores interpretativos a constituintes-WH, o que aponta para um provável déficit na reconfiguração de traços interpretáveis e não traços não interpretáveis.

Concluindo, nesta secção foram relatados, ainda que sucintamente, estudos sobre aquisição de estruturas interrogativas-WH na idade adulta. Três tipos de hipóteses ligadas ao acesso à Gramática Universal foram considerados:

1) Yoshinaga (1999) e Bley-Vroman & Yoshinaga (2000), indicando que (...) *one cannot say with complete confidence that no UG-based account could explain why differences between natives and very high proficiency non-natives should remain*. (Bley-Vroman & Yoshinaga, 2000: 21), assumem a *Fundamental Difference Hypothesis*, que diferencia drasticamente a aquisição de L1 e de L2. Enquanto as crianças adquirem a língua não conscientemente, usando a GU e mecanismos específicos de aquisição (*domain-specific learning procedures*), de acordo com estes autores os falantes de L2 adultos usariam, conscientemente, habilidades individuais de natureza cognitiva geral, como, por exemplo, a capacidade de resolução de problemas (*general problema-solving systems*) que lhes permite detetar estruturas gramaticais no *input*, ou seja, no caso da aquisição de L2 na idade adulta, não se trataria de aquisição, mas de aprendizagem.

2) Hawkins & Hattori (2006) propõem o acesso parcial à GU. De acordo com os autores, a variação na performance em L2 pode ser explicada através da dificuldade, por parte dos falantes de L2, em aceder àqueles traços não interpretáveis que não foram selecionados na língua materna. É proposta a *Representational Deficit Hypothesis* (uma das versões da Hipótese de Interpretabilidade). A convergência com as propriedades da estrutura-alvo é apenas aparente e a dificuldade na aquisição de traços não interpretáveis é camuflada através de estratégias compensatórias que implicam o uso de traços interpretáveis ou outros traços adquiridos dentro do Período Crítico.

3) Lardiere (desde 1998), Choi & Lardiere (2006) e Choi (2009) defendem o acesso total à GU, sendo que a variação linguística se deverá aos problemas de reconfiguração de traços da L1 em matrizes de traços da L2.

2.3. Uma hipótese para a aquisição de IWHM em L2 português por falantes russos

Definidas, no capítulo I, as propriedades das estruturas IWHM do russo e do português, pode dizer-se que a aquisição destas estruturas em português como L2 se prende a um assunto do âmbito da aquisição de uma segunda língua ligado tanto à possível convergência de estruturas da L1 com estruturas da língua-alvo, dadas as semelhanças existentes, como à possível variação interlinguística afetando a aquisição de falantes não nativos.

Para efeitos de comodidade de exposição, repito aqui, resumidamente, as propriedades essenciais das estruturas IWHM do russo e do português, sublinhando semelhanças e diferenças entre as duas línguas já identificadas.

Em russo, verifica-se movimento de todos os constituintes-WH para posições pré-verbais, que, de acordo com a análise proposta, se encontram na periferia esquerda da frase. Os elementos movidos não formam um *cluster*, ou seja, são alojados em posições distintas, o que pode ser provado através de um teste de inserção de diverso material lexical entre dois constituintes-WH. Assumindo que C será a posição mais provável para clíticos, em frases raiz do russo, o WH- mais alto move-se para a posição de Spec, CP, enquanto os restantes WH- ficam numa posição mais baixa, c-comandada por C, que denomino WHP. A motivação para o movimento de todos os WH- consiste na assunção de que, em russo, tendo os constituintes-WH a mesma forma morfológica, sendo assim ambíguos quanto a traços interrogativos, de especificidade e de negação, necessitam de ser desambiguados na sintaxe. Esta ambiguidade tem uma contrapartida visível: para terem a leitura relevante (interrogativa, universal ou existencial, negação), os constituintes-WH russos são ligados a um afixo lexical independente, como no caso de quantificadores, ou têm forma *bare*, como no caso de WH- interrogativos.

Por sua vez, em português, nas interrogativas-WH múltiplas, observa-se o movimento de apenas um constituinte-WH, que se dá por motivos de ativação do traço [*uwh*] no núcleo C, com consequente atribuição de *clause typing*. Para este efeito, o constituinte-WH mais próximo do núcleo C move-se para a posição de Spec, CP, o que pode ser evidenciado pela posição de *é que* face ao constituinte-WH movido nas frases interrogativas-WH com *é que* ou pela posição do WH- movido face ao Verbo numa posição mais alta do que T (C), nas interrogativas-WH sem *é que*. Os constituintes-WH em português não são ambíguos quanto aos traços de negação e de indefinidade/especificidade como em russo, assim não existe necessidade de mover todos os WH- para domínios específicos. Na presença de vários elementos da mesma natureza (dois interrogativos, por exemplo), os traços relevantes do

elemento mais baixo são verificados a distância através da operação *Agree*.

Portanto, podemos ver que o movimento-WH de um constituinte-WH é observado nas duas línguas. De acordo com Cheng (1991), a atribuição de *clause typing* é obrigatória. Assim, assumo que, nas interrogativas-WH padrão, esta operação resulta do movimento do constituinte-WH mais próximo do núcleo C. Comparando línguas tipologicamente distintas, confirma-se que a atribuição de *clause typing* se faz de dois modos: 1) por movimento sintático (*e.g.*, português, russo, inglês); 2) por intermédio de partículas (*e.g.*, chinês, coreano). No entanto, verifica-se que, por um lado, o russo tem movimento-WH obrigatório e, por outro lado, tem constituintes-WH ambíguos, ou seja, o russo partilha algumas propriedades de línguas como o português ou o inglês (movimento-WH sintático), mas também tem características de línguas como o chinês e o coreano (ambiguidade de constituintes-WH). Tendo estes factos em conta, assumo que, em línguas que usam a estratégia de movimento-WH sintático, o *multiple fronting* aplica-se por razões de desambiguação de constituintes-WH.

Para além da diferença descrita ligada à natureza dos constituintes-WH russos e portugueses, existe outra propriedade que diz respeito à possibilidade de movimento do verbo para fora do domínio flexional. O russo, neste caso, é uma língua em que não se verifica o movimento de V-para-T-para-C, enquanto em português se observa o fenómeno V2 residual. A propriedade de inversão Sujeito-Verbo verificada em algumas frases interrogativas em português resulta precisamente do movimento de V-para-T-para-C. O facto de, em português, ser possível mover o verbo para o núcleo C indica que este núcleo funcional é composto não apenas por traços [*uwh/iQ*], mas também pelo traço [*uT*], o que se traduz na obrigatoriedade de inversão V SU (14).

(14) a. **O que** comprou ontem **o João**?

Português

[_{CP} **O que**_i [_C [_C comprou]_j] [_{TP} ontem [_{TP} **o João** [_T -_j] -_i]]]]

Assim, os falantes russos de português como L2 podem deparar-se com as seguintes diferenças e semelhanças relativamente à sua língua materna: em português europeu,

- 1) os constituintes-WH entram especificados na numeração (WH: *yes*; Q: *yes*; REL: *no*; EVAL: *no*);
- 2) o núcleo funcional C entra na numeração subespecificado quanto ao traço [Q];
- 3) o movimento sintático para Spec, CP de um constituinte-WH interrogativo dá-se para efeitos da ativação do núcleo C, motivada pelo traço [*uwh*] e atribuição de *clause type* através da valoração do traço [*iQ*];
- 4) a. no caso do operador C_T com os traços [*uwh*: *yes*, *iQ*: ?, *uT*: *yes*], a presença de

[*uT*] obriga a que o verbo suba para C;

b. no caso do operador *C_{é que}* com os traços [*uwh*: *yes*, *iQ*: *?*, *iT*: *yes*], a subida do verbo para C não tem lugar e o núcleo C é preenchido lexicalmente com o morfema cristalizado *é que*;

- 5) Entrando os constituintes-WH já especificados na numeração, os *WH*- mais baixos mantêm-se *in situ* em interrogativas-WH múltiplas.

Portanto, para adquirir interrogativas-WH do português, os falantes não nativos devem saber que os constituintes-WH interrogativos, apesar de serem compostos por traços idênticos aos da L1 ([*wh/Q*]), não são ambíguos quanto a traços interrogativos, de negação e indefinitude/especificidade, ou seja, já são especificados na numeração e não necessitam de se mover todos para serem especificados. Por sua vez, o núcleo da projeção funcional CP necessita de ser ativado. Uma vez o núcleo C ativado, *clause type* é atribuído.

Assumindo a Hipótese de *Feature Reassembly* de Lardiere (2005, 2007, 2008, 2009), o papel da língua materna na aquisição de L2 é preponderante. Assim a aquisição implica a transferência inicial dos traços agrupados em itens lexicais da L1 para itens na L2.

Pressupondo a L1 (russo) como ponto de partida para aquisição de IWHM, os falantes de L2 português vão selecionar na numeração os itens lexicais [*Lex_{L1} SU*] e [*Lex_{L1} OD*] compostos por traços {*uwh*, *iQ*} e que já estão especificados quanto ao traço [*wh*], mas não quanto aos traços [*Q*: *?*; *NEG*: *?*; *ESP*: *?*], o que será refletido na derivação sintática. No caso de movimento do *WH*- mais alto, a diferença entre L1 e L2 não será visível. Assim, quer o constituinte-WH seja movido para desambiguar o núcleo C, quer por motivos da sua própria desambiguação, o movimento sempre terá lugar. Assumo, no entanto, que, nos estádios iniciais de aquisição, o movimento-WH dá-se devido à subespecificação dos constituintes-WH na L1, podendo este cenário ser comprovado através da produção das interrogativas com extração de todos os *WH*- para posições na periferia esquerda.

Para além disto, verificámos que, em português, nas interrogativas-WH, existe um movimento que não se observa em russo, o movimento V-para-T-para-C. Tendo como ponto de partida uma categoria funcional C que não contém [*uT*], os falantes de L2 português terão de recorrer à reconfiguração de traços da categoria C. Para isto, será necessário adquirir um item lexical que corresponde a um C com o traço não interpretável [*uT*], e que se manifesta em estruturas interrogativas-WH sem *é que* através do movimento do verbo para C. Têm ainda de adquirir um núcleo C com traço [*iT*] realizado fonologicamente como *é que*.

Atendendo à descrição do estatuto sintático de estruturas interrogativas-WH múltiplas, assim como à revisão dos problemas levantados pela aquisição destas estruturas, e tendo em conta a proposta para aquisição de IWHM em L2 português por falantes russos,

a seguir, enunciam-se quatro perguntas de investigação (seguidas de uma predição específica, quando esta se revelar pertinente), a que o estudo experimental procurará responder.

2.4. Perguntas de investigação e predições

Pergunta de Investigação 1: *Assumindo-se que os falantes não nativos usam como ponto de partida itens compostos por matrizes de traços da L1, o fenómeno de transfer das propriedades da língua materna será observável em todos os estádios de aquisição ou apenas no estádio inicial?*

Assumindo a hipótese *Full Access/Full Transfer* de Schwartz & Sprouse (1994/1996), como uma hipótese geral, e seguindo as premissas da *Feature Reassembly Hypothesis* (Lardiere, 2005, 2007, 2008, 2009), assume-se que os falantes de uma L2 recorrem sempre à sua língua materna nos estádios iniciais de aquisição, *i.e.*, quando começam a aprender uma L2, os falantes não nativos não apenas selecionam traços relevantes para a composição de um determinado item lexical de acordo com a sua L1, mas também agrupam e especificam estes traços selecionados de acordo com as especificações na L1.

Assim, tendo em conta as semelhanças e diferenças descritas antes entre as duas línguas analisadas, avançamos a predição de que a transferência de traços agrupados e especificados poderá ser observável tanto no caso do movimento-WH para Spec, CP, que parece ser partilhado pelas duas línguas, como no movimento para WHP, que existe só na língua materna. Agora, no caso do movimento para WHP, tendo em conta que este movimento não existe na língua-alvo, poderá observar-se o *transfer* negativo, *i.e.*, sendo os traços dos constituintes-WH de russo subespecificados no início da derivação [wh: *yes*; Q: ?; NEG: ?; ESP: ?], diferentemente do português, língua em que os WH- entram já especificados na derivação [wh: *yes*; Q: *yes*; EVAL: *no*; REL: *no*], prevê-se que, pelo menos no caso dos falantes de níveis iniciais, o movimento de constituintes-WH mais baixos para uma projeção WHP tenha lugar.

Tendo como ponto de partida a categoria funcional C da L1 composta por [*uwh*, *iQ*], e não [*uwh*, *iQ*, *uT/iT*], como na L2, a aquisição de português L2 exige a reconfiguração da categoria C. Assim, prevê-se também alguma variação linguística ligada às dificuldades no remapeamento do traço [T] do núcleo C no caso das interrogativas-WH não múltiplas que foram incluídas no estudo precisamente para controlar a ocorrência de subida do verbo em português europeu.

Pergunta de Investigação 2: *Dadas as escassas evidências para IWHM no input, serão estas estruturas passíveis de aquisição, i.e., o steady state dos falantes de português L2 será semelhante ao dos falantes de português L1?*

Ao consultar os poucos estudos sobre a aquisição de estruturas IWHM que existem, quer na aquisição de L1 quer de L2, verifiquei que, apesar de a importância de dados primários que um falante recebe do *input* ser um dos assuntos predominantes, estamos ainda muito longe de ter respostas quanto às propriedades destes dados (veja-se a secção 2.1.3.). O que se sabe neste momento, graças à análise realizada por Grebenyova (2006), por exemplo, é que as interrogativas-WH múltiplas são substancialmente menos frequentes do que interrogativas-WH simples⁷². Não tendo possibilidade de verificar através da metodologia escolhida no âmbito da presente investigação que elementos do *input* desencadeiam a aquisição das IWHM, i.e., que estímulos forçam um falante de L2 a permutar os valores da língua materna pelos valores de L2, podemos, no entanto, avançar com uma hipótese segundo a qual as IWHM são passíveis de aquisição, apesar da sua escassez. Como Bley-Vroman (2002: 213) indica:

“Many things that are encountered only once or very rarely may strike the learner as salient, be noticed and processed deeply, and be incorporated into linguistic knowledge”.

Assim, tendo em consideração os participantes do presente estudo, espera-se que, caso a variável “nível de proficiência em português” seja relevante, os falantes não nativos do nível básico tenham mais desvios na avaliação das estruturas em análise em comparação com os restantes grupos PL2, i.e., tanto em comparação com os falantes não nativos do nível intermédio, como também com os falantes não nativos que são classificados como *Early Arrivals*.

Pergunta de Investigação 3: *Será que falantes de PL2 que começaram a adquirir o português em idade adulta e em situação de imersão têm um comportamento diverso de falantes de PL2 que adquirem a língua em situação de aprendizagem formal?*

A questão 3 vem na senda das observações feitas ao abrigo da pergunta de investigação 2. Atendendo ao facto de que, para adquirir determinadas estruturas linguísticas, o *input* é indispensável, neste ponto do trabalho, pretendemos discutir se

⁷² Em Bley-Vroman & Yoshinaga (2000: 23) também se refere o mesmo tema, no entanto, este é abordado com base na mera intuição: “*The infrequency of multiple wh-questions is generally undisputed*”, indicando ainda: “*On the other hand, detailed studies of the frequency of multiple wh-questions have, to our knowledge, never been undertaken. Still less do we have investigations of the comparative frequencies of different subtypes.*” .

ambientes de aquisição diferentes, que determinam forçosamente também tipos de experiência linguística diferente – sala de aula, i.e. *input* estruturado, acesso a evidência negativa vs. *input* naturalista –, têm algum efeito na produção de falantes de L2 português.

Atendendo às propriedades enumeradas, no que toca às estruturas estudadas no âmbito do presente trabalho, importa salientar mais uma vez que as estruturas IWHM ocorrem muito pouco no *input* e que, normalmente, os falantes que adquirem a língua em contexto formal também não são instruídos quanto ao seu uso. Sendo assim, é difícil medir o papel da evidência negativa, que consiste na informação sobre agramaticalidade dada ao aprendiz de L2, e que seria interessante analisar, se as IWHM fizessem parte dos programas de PLE⁷³. Porém, as interrogativas-WH simples (com e sem *é que*), que também fazem parte do desenho experimental e que pretendem avaliar o conhecimento de falantes, quanto ao movimento de V-para-T-para-C, integram sempre os manuais de PLE e fazem parte de competências que têm de ser adquiridas já no nível inicial⁷⁴. Assim, comprando o desempenho de informantes com e sem acesso a ensino explícito, espera-se contribuir para a discussão sobre o papel de aprendizagem formal vs. aquisição em imersão linguística.

Portanto, para responder à questão 3, serão comparados os resultados de dois grupos de falantes que adquirem o português em estabelecimentos de ensino superior na Rússia, em Moscovo, com dois grupos de falantes de português europeu adquirido em imersão linguística em Portugal. Pretende-se verificar se os sujeitos inseridos no mesmo nível de língua, mas que adquirem português em diferentes contextos, apresentam resultados idênticos relativamente às propriedades sob escrutínio neste trabalho.

Pergunta de Investigação 4: *O conhecimento não conforme à gramática-alvo por parte de falantes de L2 poderá ser explicado pelo fator idade de primeira exposição à língua?*

Tendo em conta os estudos que sublinham a diferença na aquisição de L2 na infância e na idade adulta (veja-se, e.g. Johnson & Newport, 1989), pretende-se ver se o grupo de PL2 de aquisição precoce terá um desempenho diferente dos grupos de falantes de L2 de aquisição de Português na idade adulta.

Para responder à questão colocada, será feita uma análise comparativa de grupos de falantes de português como língua não materna cuja descrição consta na secção 3.1., de acordo com a variável “idade de primeira exposição à língua”. No entanto, tendo por base os argumentos de White & Genesee (1996), Birdsong & Molis (1998), Birdsong (1999), Marinova-Todd (2003), Hopp (2007), assume-se que, na aquisição tardia de uma língua não

⁷³ Veja-se White (2003: 164-166) sobre o papel da evidência negativa na aquisição de L2.

⁷⁴ Vejam-se, por exemplo, os descritores do Nível A1 do Referencial Camões PLE (<https://www.instituto-camoes.pt/activity/centro-virtual/referencial-camoes-ple>).

materna, é possível obter proficiência linguística de um falante nativo em alguns domínios de língua, apesar de a taxa de sucesso na aquisição tardia se revelar relativamente baixa. Assim, dentro dos falantes de PL2 de aquisição na idade adulta, esperamos que alguns sujeitos tenham resultados semelhantes ao grupo de PL2 de aquisição precoce, podendo esta semelhança ser justificada pela variável “ambiente de aquisição”.

No que diz respeito ao grupo de falantes de aquisição de L2 na infância e ao grupo PL1, prevê-se que o desempenho dos dois grupos seja conforme o esperado e que não haja diferenças relevantes.

CAPÍTULO III: ESTUDO EXPERIMENTAL

No primeiro capítulo da dissertação, foi feita a descrição sintática das estruturas-WH múltiplas padrão, baseada em várias propostas existentes, tendo em conta semelhanças e diferenças entre as duas línguas, seguida por uma hipótese para a derivação da estrutura em russo e português europeu. O segundo capítulo centrou-se nos problemas gerais da aquisição de L2 discutidos do ponto de vista da Gramática Generativa. Ao fazer o enquadramento teórico e a revisão de estudos sobre a aquisição das estruturas IWHM, foram analisadas várias hipóteses de trabalho e pesaram-se as vantagens e desvantagens da abordagem paramétrica, discutiram-se o tipo de acesso à GU e o papel que a seleção, o (re)agrupamento e o (re)mapeamento de traços abstratos (interpretáveis e não interpretáveis) têm no (in)sucesso de aquisição de L2. Assim, é avocada a hipótese de acesso total à GU, no sentido de que todos os traços que compõem determinadas categorias gramaticais realizadas em itens lexicais estão disponíveis na aquisição de L2, como a hipótese geral mais plausível para explicar a possibilidade bem-sucedida de aquisição das IWHM. Por sua vez, a variação na interlíngua de falantes não nativos e eventuais desvios serão justificados pela seleção de itens lexicais e categorias funcionais compostos por feixes de traços da L1 nos estádios iniciais de aquisição de L2, e pelas dificuldades na reconfiguração destes traços em feixes de traços da L2. Portanto, considera-se, no âmbito da presente investigação, a hipótese de (re)configuração de traços (*The Feature Re-Assembly Hypothesis* de Lardiere, 2005, 2007, 2008, 2009, *e.o.*), que assume que os falantes não nativos têm acesso total ao repertório universal de traços, recorrendo, no entanto, no início de aquisição, ao itens lexicais configurados de acordo com a língua materna, sendo que a tarefa do falante de L2 consiste na reconfiguração de traços em itens lexicais e categorias funcionais em função da língua em aquisição, que poderá levar à adição/desativação de traços e ao reagrupamento de traços em feixes de traços relevantes para L2, o que se poderá repercutir na derivação sintática.

Recuperados os temas principais dos primeiros dois capítulos da dissertação, este capítulo dá conta da metodologia escolhida, apresentando as decisões tomadas quanto à recolha, anotação e tratamento de dados. Portanto, este capítulo descreve o estudo experimental que visa testar a aquisição de estruturas-WH múltiplas padrão por falantes adultos de russo como L1 que adquirem português como língua não materna. Através de uma tarefa de juízo de gramaticalidade que recorre a uma escala de Likert, pretende-se ver se os falantes não nativos de português são capazes de atingir um conhecimento linguístico semelhante ao de falantes nativos e se eventuais desvios se devem às dificuldades na seleção, agrupamento e (re)configuração de traços relevantes. Para além do desenho

experimental, esta parte da dissertação contém ainda a descrição de um teste de diagnóstico que foi aplicado para determinar a proficiência de falantes não nativos em português.

O presente capítulo integra quatro secções que são distribuídas do seguinte modo:

Na secção 3.1., é feita a caracterização de vários grupos de informantes divididos em dois grandes blocos: um grupo de controlo composto por falantes nativos de português europeu adultos cujas respostas aos testes experimentais são comparadas com vários conjuntos de falantes não nativos de português que adquiriram o português em idade adulta (*adult learners/late acquisition/late arrivals*), que se encontram em diferentes estádios de aquisição e que estão inseridos em ambientes de aquisição distintos (formal e informal). Sendo a variável “idade da primeira exposição à língua” pertinente para responder a uma das perguntas de investigação, foi criado um pequeno grupo de informantes com uma exposição mais precoce à língua (*early acquisition/early arrivals*). Assim, nesta secção ainda, procede-se à descrição deste grupo de aquisição de português L2 na infância (falantes de herança de russo) que, na altura de aplicação do estudo, são já adultos, tendo a exposição ao português começado entre os 3 e os 15 anos.

Para explicar como foi realizada a distribuição dos falantes pelos vários grupos de nível, apresenta-se um teste diagnóstico que foi criado especialmente para apurar o nível de proficiência destes informantes de português L2. Ainda tendo em conta este propósito, aborda-se o assunto da pertinência de variáveis sociolinguísticas que fizeram parte do questionário criado para efeitos de constituição do perfil de informante.

Atendendo às perguntas de investigação colocadas na secção 2.4., na secção 3.2. dá-se conta, de forma detalhada, do teste construído, bem como das etapas da sua aplicação, e discute-se a adequação da tarefa ao público-alvo que participou no estudo. Os pormenores da anotação também fazem parte desta secção.

A secção 3.3. destina-se à descrição dos dados recolhidos junto dos diferentes grupos de informantes, indicando resultados gerais de cada grupo, mas também resultados individuais.

Os dados recolhidos são sumariados na última secção do capítulo (3.4.).

3.1. Participantes

No âmbito da presente investigação, os dados de cinco diferentes grupos de falantes de L1 russo/L2 português foram analisados. O estudo inclui ainda um grupo de controlo. No total, participaram 153 pessoas: 128 falantes de PL2 e 25 falantes de PL1. O perfil de todos os participantes, definido em função de variáveis linguísticas e sociolinguísticas, é apresentado a seguir.

3.1.1. Grupo de controlo (PL1)

Para determinar o perfil dos informantes, foi criado um questionário que englobou a informação sociolinguística sobre a idade e o estatuto da língua portuguesa do ponto de vista do informante, os contextos de aquisição e de uso de português, e/ou de outras línguas conhecidas pelo participante, entre outras variáveis consideradas relevantes no âmbito desta investigação.⁷⁵

Ao analisar o perfil de 59 pessoas que afirmaram ter português como língua materna e que participaram no estudo, foi verificado que o grupo era composto por três subconjuntos: 1) falantes com L1 português variante europeia; 2) falantes bilingues, sendo que uma das línguas maternas indicadas é o português; e 3) falantes de português da variante não Europeia.

Pretendendo constituir um grupo de controlo consistente, ou seja, sem intervenção de variáveis que possam adulterar os resultados e levar-nos a conclusões erradas, o segundo e o terceiro grupos foram excluídos à partida. Quanto ao primeiro grupo, este reúne dados de 51 pessoas. Ao fazer a seleção de informantes para o grupo de controlo, foi verificado, no entanto, que alguns participantes indicaram outra(s) língua(s), para além do português, nas variáveis “língua(s) que usa em casa”, “língua(s) que usa no trabalho”, “outras línguas que conhece”. Não tendo dados específicos relativamente ao número de horas de uso de línguas estrangeiras em casa e no trabalho, e com o intuito de criar um grupo de controlo sólido, quanto ao uso de português, optámos por excluir aqueles falantes da língua portuguesa que indicaram várias línguas nas opções sociolinguísticas “língua(s) que usa em casa” e “língua(s) que usa no trabalho”. Quanto à variável “outras línguas que conhece”, os informantes que indicaram várias línguas nesta opção não parecem ser passíveis de exclusão, uma vez que, por um lado, vivemos numa sociedade maioritariamente plurilingue⁷⁶, e, por outro, o desenho experimental foi aplicado junto de estudantes do ensino superior da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, facto que explica o conhecimento de línguas estrangeiras, pois, normalmente, estas línguas fazem parte das disciplinas curriculares obrigatórias ou opcionais.

Assim, o grupo de controlo é composto por 25 falantes nativos de português como língua materna que indicaram usar unicamente PE como língua falada em casa e no

⁷⁵ O questionário completo pode ser consultado no anexo 1 (versão em russo) ou no anexo 2 (versão em português) desta dissertação.

⁷⁶ Uso a expressão “sociedade plurilingue” aqui no sentido de “sociedade em que as pessoas possam dominar uma ou várias línguas, para além da língua oficial do país ou línguas dos grupos étnicos que integram” (veja-se “Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: Aprendizagem, Ensino, Avaliação”, 2001). Portanto, falo aqui das línguas que são aprendidas como línguas não maternas na idade adulta com ou sem imersão linguística ou, em criança, com recurso à aprendizagem formal e fora do ambiente em que a língua adquirida tem estatuto oficial.

trabalho. Os informantes selecionados têm idades compreendidas entre 18 e 27 anos (média de 20,8 anos), sendo 21 sujeitos do sexo feminino e 4 sujeitos do sexo masculino.

3.1.2. Falantes de português como língua não materna (PL2)

Atendendo aos objetivos do estudo, vários grupos de falantes de L1 russo e de L2 português foram constituídos. Todos os informantes preencheram o mesmo questionário que foi aplicado aos falantes de português L1. No total, 128 sujeitos de PL2 participaram no estudo. Os grupos foram criados de acordo com variáveis relacionadas com o contexto em que o português foi adquirido e com a idade de 1.^a exposição à língua (aprendizagem formal vs. aquisição em situação de imersão linguística; primeira exposição precoce vs. primeira exposição tardia) e com o nível de proficiência linguística atribuído a partir dos resultados num teste independentemente construído. O perfil de cada grupo será descrito mais abaixo, mas, antes, faço uma pequena apresentação do teste de diagnóstico que serviu de orientação para a colocação de falantes de PL2 em níveis de proficiência do PE.

3.1.2.1. Teste diagnóstico

Como já foi referido antes, para determinar o nível de sujeitos não nativos em português, foi-lhes pedido para preencherem um teste de diagnóstico. Este teste foi criado propositadamente⁷⁷ para efeitos de atribuição de nível, visando, no entanto, apenas conhecimento gramatical e lexical, e não foca conhecimento específico que diga respeito à construção de interrogativas, simples ou múltiplas, em português. Assim, tratando-se de um instrumento de avaliação escrita, este não servirá, provavelmente, para classificar as vertentes de produção e compreensão orais. Por outro lado, também não se pretendeu determinar competências de foro sociolinguístico ligadas ao conhecimento das tradições e outros elementos culturais de Portugal, componentes frequentemente consideradas nos testes que são aplicados para efeitos de aquisição de nacionalidade, por exemplo, ou que pretendem avaliar a proficiência na língua de modo mais global.

O teste de diagnóstico contém 29 frases declarativas, interrogativas ou exclamativas que servem como um estímulo para elicitar uma resposta. Trata-se de um teste de escolha múltipla em que o sujeito avaliado tem instruções para selecionar apenas uma resposta que considera certa, entre quatro opções propostas. São propostas quatro opções para resposta.

⁷⁷ Agradeço ao Professor José Pascoal, Subdiretor do Centro de Avaliação e Certificação de Português Língua Estrangeira da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CAPLE-FLUL), pela elaboração do teste e pela disponibilidade para partilhar os detalhes da sua construção e discutir os moldes em que deve ser feita a avaliação dos resultados e consequente atribuição de nível. Este teste pode ser consultado no Anexo 3.

A maior parte do teste abrange itens considerados do nível inicial (A1 e A2), sendo incluídos alguns itens associados a nível intermédio (B1 e B2).

A aferição do nível é feita com base no cálculo de respostas erradas, sendo que os falantes que têm mais de 55% de erros nas perguntas do nível básico (Quadro Europeu Comum de Referências para as Línguas) foram excluídos do estudo. O nível básico de proficiência corresponde ao nível A2. Usamos aqui uma escala de avaliação utilizada pelo CAPLE-FLUL nas provas de aferição de proficiência em PLE⁷⁸:

A classificação de Muito Bom é atribuída aos candidatos que obtiverem entre 85% e 100%.

A classificação de Bom é atribuída aos candidatos que obtiverem entre 70% e 84%.

A classificação de Suficiente é atribuída aos candidatos que obtiverem entre 55% e 69%.

Assim, o sujeito com pelo menos 55% de respostas certas nos itens do teste correspondentes ao nível A2 é classificado com o nível A2. Os informantes do nível A2 são inseridos num grupo etiquetado *Básico*. O sujeito com pelo menos 55% de respostas certas nos itens do teste correspondentes aos níveis B1/B2 é classificado com o nível B1 e inserido num grupo etiquetado *Intermédio*.

Considerando as observações feitas, o teste de diagnóstico aplicado aos falantes não nativos de português serve de orientação para determinar se os participantes do estudo já tinham atingido, na altura de recolha de dados, o nível básico ou nível intermédio. Assim, considerando as variáveis (i) “nível de proficiência em língua”, (ii) “contexto de aquisição do português” e (iii) “idade da primeira exposição ao português”, a distribuição é efetuada entre cinco grupos que irei descrever de forma mais detalhada na secção a seguir.

3.1.3. Perfil dos Falantes de PL2

Como já foi indicado na secção anterior, foram constituídos cinco grupos de falantes de PL2:

1) PL2_Late Acquisition_Contexto Académico_Básico (PL2_LA_CA_Bas)

Grupo de falantes de PL2 de nível básico que, à data, adquiriam o português em contexto académico e cuja exposição à língua começou na idade adulta.

2) PL2_Late Acquisition_Contexto Académico_Intermédio (PL2_LA_CA_Int)

Grupo de falantes de PL2 de nível intermédio que, à data, adquiriam o português em contexto académico e cuja exposição à língua começou na idade adulta.

3) PL2_Late Arrivals_Imersão Linguística_Básico (PL2_LA_IL_Bas)

Grupo de falantes de PL2 de nível básico que, à data, adquiriam o português em contexto de imersão linguística e cuja exposição à língua começou na idade adulta.

⁷⁸ CAPLE-FLUL: Centro de Avaliação de Português Língua Estrangeira da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (<http://caple.letras.ulisboa.pt/>)

4) PL2_Late Arrivals_Imersão Linguística_Intermédio (PL2_LA_IL_Int)

Grupo de falantes de PL2 de nível intermédio que, à data, adquiriam o português em contexto de imersão linguística e cuja exposição à língua começou na idade adulta.

5) PL2_Early Arrivals_Imersão Linguística (PL2_EA_IL)

Grupo de falantes de PL2 cuja primeira exposição à língua começou em idade inferior aos 15 anos em contexto de imersão linguística. Embora este grupo de informantes tenha perfil diferente, em comparação com os restantes grupos de falantes não nativos, o teste de diagnóstico também foi aplicado neste grupo. De acordo com os resultados, os participantes de *Early Arrivals* tiveram pelo menos 55% de respostas certas nos itens do teste correspondentes aos níveis A1-B2.

Sendo apresentada a lista de grupos de falantes PL2, passo a descrevê-los de modo mais detalhado.

A característica unificadora dos grupos 1 (PL2_LA_CA_Bas) e 2 (PL2_LA_CA_Int) diz respeito à aquisição de português em contexto académico, ou seja, aqui são incluídos os sujeitos que aprendem português em contexto formal, sendo a exposição à língua que estes falantes têm restringida, maioritariamente, a um ambiente académico em contexto de aula. Todos os participantes são estudantes de três estabelecimentos de ensino superior russos. Trata-se da Universidade Estatal de Moscovo (MGU), do Instituto Estatal de Relações Internacionais de Moscovo (MGIMO) e da Universidade Estatal de Linguística de Moscovo (LGU), as maiores universidades em que se ensina o português como língua estrangeira na Rússia. O total de participantes dos dois grupos é de 82 sujeitos, três dos quais foram excluídos por não terem o russo como L1 e quatro por não terem atingido 55% de respostas certas/esperadas no teste de diagnóstico. Portanto, 75 pessoas foram consideradas para efeitos de criação de dois grupos de falantes de PL2 em contexto académico (27 sujeitos no nível básico e 48 sujeitos no nível intermédio).

Importa referir que o nível de língua poderia ser atribuído mesmo sem aplicação do teste de diagnóstico, devido a um sistema de avaliação rigoroso praticado. De acordo com os programas de cursos de Português russos, o primeiro ano corresponde aos níveis A1-A2. Deste modo, um aluno que está, por exemplo, no terceiro ano de aprendizagem duma língua, que corresponde ao nível B2, tem, obrigatoriamente, os níveis A1, A2 e B1 adquiridos, o que é confirmado com testes que avaliam todas as competências linguísticas existentes. Mais ainda, tendo atingido o nível básico, o português dos níveis mais avançados é um português para fins específicos (por exemplo, para formar tradutores, jornalistas, profissionais na área de relações internacionais, etc.). Todos os participantes têm a Língua Portuguesa como uma cadeira obrigatória e é a língua estrangeira principal, o que significa que a carga horária do

português é maior do que a carga horária de outras línguas estrangeiras que o aluno tem no *curriculum*.⁷⁹

No entanto, para ter um instrumento único de avaliação que aplicasse a todos os participantes do estudo que têm o português como língua não materna, considerámos o teste de diagnóstico imprescindível.

Assim, este grande grupo de falantes que adquirem o português em ambiente formal divide-se em dois grupos, de acordo com o nível de língua.

O grupo 1 (PL2 LA CA Bas) é composto por falantes de PL2 que tiveram, no mínimo, um ano de aulas de português, sendo que a maior parte deles está inserida no segundo ano de aprendizagem da língua, e que, de acordo com os resultados do teste de diagnóstico, têm um nível de proficiência básico. No grupo foram incluídos 27 sujeitos com idades compreendidas entre 18 e 24 anos (média de idade = 19,6). Onze sujeitos são do sexo masculino e 16 do sexo feminino.

O grupo 2 (PL2 LA CA Int) é composto por falantes de PL2 que tiveram, no mínimo, dois anos de aulas de português, estando a maior parte deles inserida no 3º, 4º e 5º ano de aprendizagem da língua. Os sujeitos deste grupo atingiram pelo menos 75% nas perguntas de A1/A2 do teste diagnóstico e 55% nas perguntas de B1/B2. Considerando os resultados do teste, a este grupo de informantes foi atribuído o nível de proficiência intermédio.⁸⁰ No grupo são incluídos 48 sujeitos com idades compreendidas entre 18 e 23 anos (média de idade = 20,1). Nove sujeitos são do género masculino e 39 do género feminino.

Os grupos 3 (PL2_LA_IL_Bas) e 4 (PL2_LA_IL_Int) integram informantes que adquiriram (adquirem) português em condições de imersão linguística, com primeira exposição à língua já tardia, no caso deste trabalho a partir dos 16 anos, sendo o contexto de aquisição de língua restringido exclusivamente a Portugal. Como já foi discutido no capítulo 2, o (in)sucesso na aquisição de uma língua é, frequentemente, associado ao fator idade. As balizas etárias subjacentes à aquisição podem divergir e são, no entanto, delimitadas consoante o domínio linguístico específico. Neste estudo, e apesar de sabermos que o estabelecimento de fronteiras etárias é sempre problemático, adoptamos, para efeitos da divisão dos participantes em grupos diferentes tendo em conta a variável “idade de primeira exposição ao português”, a proposta de Jonhson & Newport (1989) de acordo com

⁷⁹ Apesar de os alunos estarem familiarizados com todas as variantes de português, o português europeu padrão é a principal variante ensinada.

⁸⁰ Talvez importe aqui uma chamada de atenção para o facto do que alguns falantes incluídos neste grupo tenham, eventualmente, um nível mais elevado do que lhes foi atribuído. Não tendo, nesta fase da descrição de dados, instrumentos mais válidos para determinar o nível, para além daqueles que já foram mencionados, nomeadamente, o teste diagnóstico e o número de anos de aprendizagem de português, mesmo os falantes com resultados acima de 90% de respostas certas no teste e mais de 4 anos de aprendizagem de português são avaliados como sendo do nível intermédio.

a qual os falantes chegados ao país de L2 com idade inferior a 15 anos são *early arrivals* e com idade superior a 16 anos são *late arrivals*.

O total de participantes dos grupos 3 e 4 é de 40 pessoas. Todos os informantes preencheram o teste diagnóstico, que, na ausência de outro instrumento de avaliação, serviu de critério para colocar os informantes em um dos grupos, conforme o nível que lhes foi atribuído, podendo o número de anos em Portugal variar entre 6 meses a 24 anos.⁸¹ Assim, de acordo com os resultados do teste, o grupo 3 (PL2 LA IL Bas) integra treze sujeitos com idades compreendidas entre os 16 e os 56 anos (média de idade = 36,7). Cinco sujeitos são do sexo masculino e oito do sexo feminino. Repare-se que não foi possível encontrar um maior número de sujeitos, neste nível de língua e nestas condições de aquisição.

O grupo 4 (PL2 LA IL Int) integra 27 sujeitos a quem foi atribuído o nível intermédio de português. As idades são compreendidas entre 21 e 58 anos (média de idade = 37,7). Quatro sujeitos são do sexo masculino e 23 do sexo feminino.

Conforme já indicado, todos os participantes de PL2 nos grupos 3 e 4 são adultos e são imigrantes de primeira geração. São pessoas que vieram para Portugal quase sem nenhum contacto prévio com a língua portuguesa. De acordo com a ficha do perfil, os sujeitos não tiveram nenhuma, ou tiveram muito escassa, instrução formal em português, limitando-se, em alguns casos e no máximo, a cursos de Português para Estrangeiros de curta duração. Portanto, pode dizer-se que o processo de aprendizagem destes falantes resulta apenas de imersão, ou seja, a aquisição restringe-se à comunicação no dia-a-dia, maioritariamente, no trabalho, e, praticamente, sem recurso a ensino formal. Sublinha-se, no entanto, que um número reduzido de sujeitos teve acesso a cursos de ensino formal e que não são relacionados com a aprendizagem de português como língua estrangeira, tratando-se, por exemplo, de cursos de pós-graduação ou de cursos técnico-profissionais.

Todos os informantes indicaram o russo como língua materna, sendo que alguns são bilingues de russo e de ucraniano. O russo e o ucraniano são duas línguas pertencentes à subfamília de línguas eslavas que constituem, em conjunto com o bielorrusso, o ramo oriental. Apesar de se tratar de duas línguas diferentes, estas têm propriedades sintáticas, e até lexicais, idênticas quanto à construção de frases interrogativas-WH múltiplas. Assim, julgamos que o facto de o falante indicar estas duas línguas como línguas maternas não constitui um fator inibidor de participação no estudo.

⁸¹ Poderia pensar-se em usar a variável “número de anos em Portugal” (*i.e.* tempo de exposição à língua) como um indicador de competências linguísticas. É possível que esta possa desempenhar um papel importante na explicação de alguns resultados dos informantes. Veja-se a secção 4.2., em que recuperamos este assunto.

O grupo 5 (PL2 EA IL) é constituído tendo em conta a variável “idade de primeira exposição à língua”. Aqui são incluídos treze sujeitos que chegaram a Portugal com idades compreendidas entre os 3 e os 15 anos. A idade dos informantes, aquando da resposta ao estudo, varia entre 18 e 30 anos, sendo a média igual a 21,6. Dois sujeitos são do sexo masculino e nove do sexo feminino.

Todos os participantes desta secção são imigrantes de segunda geração, por outras palavras, são descendentes de imigrantes de primeira geração, sendo que a primeira língua a que foram expostos foi o russo ou o ucraniano. Os pais de todos os sujeitos inseridos neste grupo também são falantes nativos de russo e/ou ucraniano, não sendo nenhum informante proveniente de uma família “mista”, em que o pai ou a mãe sejam falantes nativos de português. Assim, intitulei este grupo falantes de L2 (*Early arrivals*), guiando-me pela variável “idade da primeira exposição à língua portuguesa”. Tendo adquirido o português em imersão linguística desde cedo, os sujeitos deste grupo caracterizam-se, também, por serem expostos não apenas a um *input* naturalista/espontâneo, mas, ao mesmo tempo, por terem frequentado estabelecimentos de ensino portugueses. Tendo chegado a Portugal com idades inferiores aos 15 anos, na altura de aplicação do teste todos os participantes do grupo PL2_Early arrivals tinham acima de 18 anos e estavam a ingressar em vários cursos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

3.2. Desenho experimental

Com o objetivo de aferir o desempenho dos falantes de português como língua não materna no caso de uso das estruturas interrogativas múltiplas e responder às questões colocadas na secção anterior, optou-se por uma tarefa de juízo de gramaticalidade escalar (TJG)⁸². A escolha metodológica deveu-se a várias razões. Em primeiro lugar, a TJG permite medir a reação de falantes a estruturas linguísticas que ocorrem raramente em situações do discurso espontâneo e que são praticamente inexistentes em *corpora* linguísticos, possibilitando distinguir as construções possíveis na língua daquelas que são impossíveis (Schütze & Sprouse, 2013) e comparar os juízes de gramaticalidade de falantes de L1 e L2 (Ellis 1991, Mackey & Gass 2005, 2012, Tremblay 2005, Loewen 2009, Schütze 1996/2016, *e.o.*). Como Sorace (1996: 380) declara, “in practice, however, there are no ways of

⁸² No âmbito do presente estudo, continuo a usar etiqueta “Tarefa de juízo de gramaticalidade (TJG)”, por esta ser uma designação tradicional para os testes em que os participantes tomam decisões quanto à gramaticalidade de frases, tendo em conta, no entanto, que a avaliação feita reflete um comportamento particular em relação a determinadas estruturas linguísticas, que é sujeito a vários fatores extragramaticais (sobre esses fatores extragramaticais, veja-se Sorace 1996, Bard *et al.* 1996).

Para a diferença terminológica entre “gramaticalidade” e “aceitabilidade”, veja-se Schütze 1996/2016, Sorace 1996, Bard *et al.* 1996, Gass & Mackey 2011, Ionin 2012, Norris & Ortega 2012, *e.o.*. Para a descrição detalhada de TJG, veja-se Schütze (1996/2016), Cowart (1997), Keller (1998).

measuring the mental representation of linguistic knowledge other than asking informants to provide acceptability judgements”.

Pressupondo que os informantes possam não interpretar as frases testadas como totalmente gramaticais ou totalmente agramaticais, foi decidido usar uma TJG escalar. Assim, o teste incluiu uma escala de Likert de quatro pontos (com uma opção complementar “não sei”), em que o 1 significa que a frase é agramatical e o 4 que é gramatical. A decisão foi tomada devido à assunção de que o conceito “gramaticalidade”, ele próprio, possa não ser dicotómico (gramatical vs. agramatical), permitindo níveis intermédios de gramaticalidade (Bard *et al.*, 1996; Sorace, 1996; Tremblay, 2005). Como Tremblay (2005) repara, baseando-se na ideia de Sorace (1996):

(...) one of the problems with binary absolute judgments is that informants are forced to make a categorical decision on the grammaticality status of a sentence, when the sentence may in fact not be either completely grammatical or completely ungrammatical.

(Tremblay, 2005: 140)

Quando ao número de pontos, seguindo o raciocínio de que, no caso de uma escala com o número de pontos ímpar, alguns informantes tendem a escolher o ponto intermédio, interpretando-o como “não concordo nem discordo” ou “mais ou menos” (veja-se Dörnyei, 2010, que apresenta várias razões para o uso do ponto intermédio por parte dos informantes), optei por uma escala com um número par de pontos. No entanto, foi resolvido incluir a opção “não sei”, retirando-a da escala numérica e apresentando-a em separado (1).

(1)

1	2	3	4	Não sei
---	---	---	---	---------

Com intuito de compreender o raciocínio dos informantes e aceder, ainda que indiretamente, ao conhecimento implícito, foi-lhes pedido para corrigir as frases que eles consideram agramaticais, permitindo, assim, não apenas uma análise quantitativa, mas qualitativa também.

Tendo apresentado os argumentos para escolha da TJG, a seguir relatamos as decisões tomadas para construir a tarefa experimental, não só relativamente ao seu conteúdo lexical, como também à sua composição e às etapas da sua aplicação.

3.2.1. Seleção do léxico

Entre vários fatores que podem camuflar o conhecimento sintático do falante e dificultar o seu desempenho na realização do teste, constam a adequação do léxico ao nível dos informantes e a ausência de um contexto pertinente cujo objetivo é justificar uma leitura pertinente das estruturas em análise. Assim, tendo em consideração que o estudo engloba falantes não nativos de português de níveis elementares, foi realizada uma seleção de

vocábulos pertencentes, por um lado, ao léxico mais frequente e, por outro, integrados nos níveis iniciais (A1-A2). Para a realização desta tarefa, foram analisados os dados de dois *corpora* de português, o CINTIL e o Léxico Multifuncional Computorizado (LMC) do Português Contemporâneo, que, posteriormente, foram cruzados com o léxico incluído nos manuais de português como língua estrangeira⁸³. Por exemplo, para fazer a seleção de verbos, procedeu-se de acordo com as seguintes etapas:

Passo 1: Inicialmente, foram selecionados 100 verbos transitivos diretos mais frequentes. No entanto, a seguir, surgiu necessidade de ampliar a lista, visto que alguns verbos que constavam como mais frequentes nos *corpora* (por exemplo: “cercar”), não faziam, obrigatoriamente, parte do léxico essencial dos manuais dos níveis A1/A2. Por outro lado, algum léxico dos manuais que faz parte do vocabulário considerado necessário nos níveis iniciais (por exemplo, “jogar”, “tocar (piano)”, “estudar”, “perguntar”, “comprar”, “comer”) não ocorre em primeiro lugar nos *corpora* orais de português.

Passo 2: Foi verificado que 64 verbos dos 100 verbos mais frequentes nos *corpora* fazem parte do repertório lexical dos manuais de PLE consultados e são abrangidos pelas exigências do nível A2⁸⁴.

Passo 3: dos 64 verbos que constavam tanto nos *corpora* analisados como nos manuais de PLE, foram selecionados 46 que foram usados na construção dos itens do estudo. A escolha foi feita com o intuito de criar itens de teste o mais naturais possível. Destes 46 verbos, 39 são verbos transitivos diretos e sete pertencem a diferentes subclasses, por exemplo, verbos copulativos como “ser”, “estar”, e verbos transitivos indiretos, como “gostar de”, “ir a/para”. Todos os verbos selecionados para o estudo são considerados: a) mais frequentes, b)

⁸³ Para consulta dos *corpora*: <http://www.clul.ulisboa.pt/en/resources-en>.

Apesar de analisar dois *corpora* orais de português, o CINTIL e o Léxico Multifuncional Computorizado (LMC) do Português Contemporâneo, o LMC foi tomado como ponto de partida, visto que é o único *corpus* que organiza a frequência de palavras por ordem decrescente. Mesmo sendo analisado, o CINTIL acabou por não ser considerado neste estudo, pois foi verificado que não tinha um número de ocorrências representativo em comparação com o LMC. Depois de calcular a percentagem de cada lema em relação ao número absoluto de *tokens*, a ideia de fazer o cruzamento de dados do CINTIL e do LMC foi abandonada.

Quanto aos manuais, foram analisados quatro manuais de PLE para níveis A1/A2: 1) Ana Tavares (2011), *Português XXI Livro 1*; 2) António Avelar *et al.* (1993), *Lusofonia, Curso Básico de PLE*. 3) Carla Oliveira *et al.* (2006), *Aprender Português, Níveis A1/A2. Curso Inicial de PLE*; 4) Gebit, A.A. & G. B. Kuznetsova. (2002), *Português para iniciantes*. Este último é um curso de PLE para falantes de russo.

⁸⁴ Tratando-se de uma tarefa experimental escrita, o objetivo era proporcionar um teste que fosse adequado para falantes de PLE do nível básico (A2). A descrição da componente do exame A2 “Compreensão da Leitura e Expressão Escrita” pode ser consultada na página do Centro de Avaliação de Português Língua Estrangeira da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (<http://ww3.fl.ul.pt/caple/Exames/CIPLE.aspx>) e segue as premissas do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas.

obrigatórios nos níveis A1/A2. Quanto ao restante léxico, nomes, adjetivos, advérbios, este foi verificado nos manuais PLE citados na nota 83.

Por sua vez, a construção que precede o estímulo gramatical e cuja finalidade era contextualizar este estímulo e ajudar na sua interpretação consistia numa frase monooracional interrogativa ou declarativa, composta, também, por um léxico do nível elementar.

3.2.2. Composição do desenho experimental

O desenho experimental inclui 8 condições, 6 itens por condição, perfazendo 48 itens de teste, que abrangem frases interrogativas-WH múltiplas e interrogativas-WH simples. Os itens que correspondem a interrogativas-WH simples permitem também verificar o comportamento de falantes de PL2 em relação à subida de verbo. A par das estruturas-alvo indicadas, o teste integra ainda um conjunto de distratores (78 itens), tendo na sua totalidade 126 itens, 63 frases gramaticais e 63 agramaticais. A ordem de apresentação dos itens aos informantes é aleatória.

A seguir, apresento de forma mais detalhada as condições do desenho experimental. As estruturas consideradas agramaticais serão aqui marcadas com um asterisco. Em busca de clareza de exposição, uso as seguintes etiquetas:

• Constituinte interrogativo com função sintática de Sujeito	wh_{SU}
• Constituinte interrogativo com função sintática de Objeto Direto	wh_{OD}
• Verbo	V
• Advérbio	ADV
• Adjetivo	ADJ
• Determinante	DET
• Clítico	CL
• Proclisador	PROCL

I. INTERROGATIVAS-WH MÚLTIPLAS

As interrogativas-WH múltiplas são testadas através de duas condições que correspondem às IWHM do português europeu gramaticais e três condições que correspondem a estruturas agramaticais. Todas as frases integram dois constituintes-WH, um dos quais tem função sintática de Sujeito e o outro de Objeto Direto. Cada item de teste é precedido de um contexto, de forma a que alguma falta de naturalidade provocada pela ausência de contexto não viesse a afetar a avaliação da estrutura relevante.

Listo de seguida as diferentes condições:

Condição 1: $wh_{SU} \quad V \quad wh_{OD}$ Contexto: *Os dois amigos apresentaram trabalhos diferentes.*Item de teste: *Quem apresentou o quê?*

Esta é uma condição em que se testa uma interrogativa-WH múltipla gramatical com dois constituintes-WH. De acordo com a norma-padrão do PE, o constituinte-WH com a função de Sujeito é movido para uma posição periférica pré-verbal, que assumimos ser a posição de Spec, CP. O movimento dá-se devido à necessidade de ativar o núcleo C, o que resulta na atribuição de *clause type*. O constituinte-WH com a função de Objeto Direto, não sendo ambíguo, *i.e.*, tendo os traços [wh/Q] especificados na numeração, permanece *in situ*.

A aceitação desta estrutura sugere que os falantes não nativos de português selecionam os traços necessários para a formação de constituintes-WH de acordo com a língua em aquisição, reconfigurando-os de forma correta. Por sua vez, a rejeição da estrutura poderá apontar no sentido contrário. Em termos gerais, isto significa que o falante ainda não adquiriu o padrão das estruturas IWHM de português. Uma discussão mais precisa será apresentada na secção de discussão de dados, e vai depender da correção disponibilizada pelo informante.

Condição 2: $wh_{SU} \quad \text{é que} \quad V \quad wh_{OD}$ Contexto: *Os dois amigos leram jornais diferentes.*Item de teste: *Quem é que leu o quê?*

Esta é mais uma construção IWHM gramatical em português europeu, sendo diferente da estrutura testada na condição 1, porque neste caso ocorre a expressão cristalizada *é que*, que assumo ser inserida no núcleo da projeção CP (Ambar, 1988; Duarte, 2000; Duarte & Costa, 2001; Soares, 2003, 2006).

No caso de aceitação da estrutura, presumo que a seleção de traços, o seu reagrupamento em matrizes e o remapeamento de L1 para L2 são realizados em conformidade com a língua em aquisição. Em caso contrário, pressuponho que o desvio se dê devido a dificuldades na reconfiguração de traços. Por outro lado, o problema pode consistir na aquisição lexical da expressão cristalizada *é que*, visto que esta não existe na língua materna dos falantes de russo, o que poderá ser verificado através da correção disponibilizada pelo informante.

* Condição 3: $wh_{SU} \quad wh_{OD} \quad V$ Contexto: *Os dois amigos leram jornais diferentes.*Item de teste: *Quem o que leu?*

Trata-se de uma construção IWHM agramatical em PE, visto que, em PE, não existe o movimento de mais do que um constituinte-WH para posições periféricas pré-verbais. Esta

é uma estrutura superficialmente correspondente à estrutura IWHM do russo. Ao aceitarem esta estrutura, os falantes de PL2 mostram que os traços são configurados ainda de acordo com a língua materna.

* Condição 4: $wh_{SU} \quad wh_{OD} \quad \acute{e} \quad que \quad V$

Contexto: *Os dois amigos leram jornais diferentes.*

Item de teste: *Quem o que é que leu?*

A condição 4 integra mais um exemplo de uma IWHM agramatical em PE, no entanto, esta não poderá ser derivada de acordo com a gramática do russo. Considerando que o morfema cristalizado *é que* se encontra em C (e assumindo que os falantes de português L2 associem *é que* a C), aqui observamos um tipo de Interrogativas-WH múltiplas que poderia ser derivado de acordo com a gramática do búlgaro ou do romeno, por exemplo, em que dois constituintes-WH interrogativos são movidos para Spec, CP em bloco (Rudin, 1988). Neste caso, a aceitação desta estrutura poderá apontar para a possibilidade de acesso total à Gramática Universal, na medida em que, na aquisição de L2, a interlíngua dos falantes não nativos refletiria estruturas que não são possíveis na sua L1, mas também não correspondem à L2.

Por outro lado, caso se observe aceitação da estrutura, podemos ainda colocar a hipótese de que, tendo em conta a assunção da existência, em russo, de uma categoria funcional WHP, os constituintes-WH são movidos, separadamente, para a posição de Spec, CP e a posição de Spec, WHP, como em russo, e o morfema cristalizado *é que* é interpretado como estando em WH.

Considere-se agora a Condição 5:

* Condição 5: $wh_{SU} \quad \acute{e} \quad que \quad wh_{OD} \quad V$

Contexto: *Os dois amigos leram jornais diferentes.*

Item de teste: *Quem é que o que leu?*

Esta é a última condição que integra o bloco de estruturas IWHM com um padrão agramatical em português. Aqui observamos dois constituintes-WH movidos para posições periféricas pré-verbais com a expressão cristalizada *é que* inserida entre os dois constituintes-WH.

A aceitação desta estrutura sugere que os traços dos constituintes-WH ainda são configurados conforme a língua materna, *i.e.*, os dois *WH-* estão em posições pré-verbais em projeções diferentes, o que, de acordo com a assunção feita para o russo, se deveria à subespecificação dos traços dos itens-WH no início da derivação. Por outro lado, a

manutenção do morfema *é que* em adjacência ao constituinte-WH mais alto poderá mostrar que a aquisição lexical de *é que* já teve lugar.

II. INTERROGATIVAS-WH NÃO MÚLTIPLAS: V-para-T-para-C

Este bloco inclui três condições que testam estruturas interrogativas-WH simples e que permitem verificar o conhecimento por parte de falantes de português como língua não materna em relação aos traços relevantes que compõem o núcleo C em PE. Duas condições testam as interrogativas-WH simples gramaticais e uma testa a aceitação de uma interrogativa agramatical. Todas as frases integram um constituinte-WH com a função sintática de Objeto Direto e um advérbio temporal *ontem*, de forma a ser possível identificar claramente a posição do verbo.

Listam-se de seguida as diferentes condições:

Condição 6: wh_{od} V *ontem* SU

Contexto: *A Maria lê sempre histórias diferentes.*

Item de teste: *O que leu ontem a Maria?*

A condição 6 inclui uma frase interrogativa-WH gramatical em que se verifica a subida do verbo para C, assinalada através da posição do advérbio temporal *ontem* que segue o verbo, e sendo assumido que este advérbio esteja em adjunção a TP. Tendo em conta a formação de interrogativas-WH em russo, caso em que o verbo não sai do domínio lexical, aqui poder-se-á observar a influência da L1, ora expressa através da tendência para o informante marcar a frase como agramatical, ora expressa mesmo por intermédio da correção explícita. Se tal acontecer, significará que a seleção de traços do núcleo C ainda não é conforme ao esperado na língua em aquisição.

Condição 7: wh_{od} *é que* SU V *ontem*

Contexto: *A Maria lê sempre histórias diferentes.*

Item de teste: *O que é que a Maria leu ontem?*

Trata-se de mais uma condição gramatical em que uma frase interrogativa-WH simples contém o advérbio temporal *ontem* em posição final e a expressão cristalizada *é que* adjacente ao constituinte-WH. Sendo o morfema cristalizado inserido em C, a subida do verbo não se verifica e a inversão SU-V não é obrigatória.

A não aceitação desta construção poderá dever-se à presença de *é que*, o que apontará para a sua não aquisição.

* Condição 8: wh_{od} *ontem* V SU

Contexto: *A Maria lê sempre histórias diferentes.*

Item de teste: *O que ontem leu a Maria?*

A condição 8 corresponde a uma estrutura interrogativa-WH simples agramatical, em que o advérbio temporal *ontem* ocorre em posição pré-verbal, sendo que em português, em interrogativas-WH sem *é que*, dever-se-ia verificar o movimento do verbo para a posição do núcleo C, para efeitos de verificação do traço T do núcleo.

A aceitação desta construção apontará para o facto de os falantes de PL2 continuarem a seleccionar e agrupar traços do núcleo C de acordo com a L1.

III. Distratores

Para além das estruturas-alvo que constituem o centro da nossa atenção, como um meio para camuflar o objeto do estudo, o desenho experimental inclui ainda 78 distratores compostos por construções declarativas e interrogativas. Este conjunto de itens é dividido em quatro blocos – 1) distribuição de advérbios; 2) alteração de ordem básica de palavras S V O; 3) concordância SU-V, ADJ-N ou DET-N; 4) subida do clítico com/sem um proclisador – que descrevemos a seguir.⁸⁵

Não pretendendo fazer uma descrição dos distratores com muita minúcia, apresento apenas informações quanto ao seu tipo e composição.

1) Distribuição de advérbios em PE⁸⁶

Este bloco tem quatro condições que integram cada uma seis itens que testam a distribuição de advérbios em PE numa frase mono-oracional. São usados três advérbios baixos (*bem, muito, mal*) e três altos (*infelizmente, francamente, realmente*) repartidos entre 17 itens gramaticais e 7 agramaticais. Na primeira condição são incluídos seis itens gramaticais em que o advérbio (alto ou baixo) ocorre em posição pós-verbal (S V ADV O). Não pretendendo fazer, neste estudo, uma análise de frase declarativas, importa lembrar, no entanto, que, em russo, o verbo não sai do domínio SV. Assim, em russo, ao contrário do que acontece em português, numa declarativa com a ordem não marcada, o advérbio geralmente ocorre em posição pré-verbal.

Outras três condições – S ADV V O, S V O ADV e ADV S V O – integram três itens agramaticais e três itens gramaticais cada uma. A gramaticalidade depende do tipo de advérbio. Assim, no caso de advérbios baixos, a posição do advérbio pode dar origem à agramaticalidade, enquanto, no caso de advérbios altos, que podem ocorrer em várias

⁸⁵ Para o papel de distratores num estudo experimental de juízo de gramaticalidade, veja-se Cowart (1997).

⁸⁶ Não tencionando estudar a aquisição de advérbios em L2 no contexto da presente investigação, o teste foi construído, no entanto, com o propósito de vir a aproveitar estes itens no futuro. Assim, os *fillers* que averiguam a distribuição de advérbios podem contribuir para a análise do movimento de verbo, por exemplo, alargando ou reduzindo o número de itens ou complementando-os com itens que testem a distribuição de outros advérbios.

posições da frase e não têm uma posição fixa rígida (Costa, 1998, 2008), os juízos de gramaticalidade são menos categóricos.

2) Ordem de palavras: S V O vs. S O V

Este conjunto é composto por duas condições – seis itens por condição – que integram estruturas com a ordem básica de palavras do PE – S V O – nas frases declarativas padrão, contrapondo-a com a ordem de palavras S O V, uma ordem que não se observa em português com constituintes nominais. Como é constatado por muitos autores, em russo, as duas ordens são possíveis, apesar de apenas a ordem S V O ser considerada a ordem não marcada (*e.g.*, Bailyn, 2011; Dyakonova, 2007/2009; Kallestinova, 2007; Slioussar, 2007).

3) Concordância de traços- φ

O terceiro bloco de distratores contém quatro condições – seis itens por condição – que testam o conhecimento de traços- φ e de mecanismos de concordância: 1) pessoa e número entre Sujeito e verbo; e 2) número e gênero entre um adjetivo ou um determinante definido/indefinido e um nome.

4) Próclise

O último bloco de distratores integra três condições que testam a distribuição de clíticos pronominais na presença de um proclisador que corresponde a um advérbio (*já*, *também*) ou à negação frásica *não*; outros itens testam a distribuição do clítico na ausência de proclisador. Todos os distratores desta secção assumem o formato de uma frase interrogativa total e têm a seguinte estrutura: PROCL CL V, *PROCL V CL ou *SU CL V (sem um proclisador).

3.2.3. Aplicação das tarefas experimentais

Após a construção do desenho experimental e antes de o aplicar, o mesmo foi pilotado junto de um falante nativo de português e de dois falantes não nativos. Tendo a pilotagem corrido como previsto, o teste foi aplicado por um experimentador (a autora do trabalho) a vários grupos que constituíram o público-alvo no presente estudo. Apesar de o desenho experimental conter uma instrução escrita em duas línguas, em português e em russo, todos os informantes, quer sejam de PL1 ou de PL2, tiveram uma breve instrução oral – em português, para falantes de PL1 e em russo, para falantes de PL2 – antes de realizarem o teste. Ao dar indicações, foram esclarecidas algumas dúvidas ligadas ao preenchimento da folha de rosto, que tinha por objetivo a recolha de dados sociolinguísticos que permitiriam a caracterização do informante, e dúvidas ligadas à interpretação da escala de avaliação. Ainda antes de avançar com a recolha, os participantes foram também informados, em

termos muito gerais, acerca do estudo, não lhes sendo facultada, no entanto, nenhuma informação quanto a estruturas analisadas nem sendo sugeridas pistas sobre o que poderia nortear a presente investigação.

A todos os informantes foi sugerida uma pausa, em caso de necessitarem; no entanto, poucos aproveitaram esta possibilidade. Assim, a recolha ocorreu numa única sessão. Não sendo indicado nenhum tempo limite para acabar o teste, no caso dos grupos de L1 português e de L2 *Early arrivals*, a recolha durou aproximadamente 40-50 minutos e, no caso dos restantes grupos de português como língua não materna, o tempo de aplicação, incluindo o teste de diagnóstico, rondou 1h. 20 min.-2 horas.

Como já foi descrito nas secções anteriores, o estudo contém uma tarefa de juízo de gramaticalidade e um teste de diagnóstico que podem ser consultados na íntegra nos anexos 4 e 3, respetivamente. Como a ordem de realização dos dois testes não fazia parte dos procedimentos obrigatórios, este ponto não foi controlado, no entanto, foi observado que a grande maioria de participantes optou por preencher primeiro o teste de diagnóstico. De acordo com o *feedback* de alguns informantes, esta preferência deu-se devido à extensão dos testes: preencheu-se primeiro aquele questionário que é mais curto e, pelo menos aparentemente, mais fácil.

Tanto o teste de diagnóstico como a TJG tinham formato de um documento A4 impresso e pressupunham o preenchimento obrigatório de todos os itens com uma caneta. Ao administrar os testes, foi sugerido aos participantes que preenchessem os itens um a um, sem demorar muito tempo em cada item, ou seja, que produzissem as respostas da maneira o mais intuitiva possível, e não fazendo comparações entre estruturas. No caso de o sujeito já ter preenchido um item e querer alterar a resposta, foi proposto rasurá-la e escolher a nova opção.

Quanto ao local da recolha de dados, no caso do grupo de controlo, esta teve lugar em duas salas de aula em que se encontravam turmas de estudantes, falantes de L1 português, inscritos em vários cursos do 1º ciclo da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Os dados de falantes de PL2 foram recolhidos, em várias turmas, na Universidade Estatal de Moscovo (MGU), no Instituto Estatal de Relações Internacionais de Moscovo (MGIMO) e na Universidade Estatal de Linguística (LGU). Relativamente aos dados de falantes de português L2 em ambiente de imersão linguística, o teste foi administrado individualmente ou em pequenos grupos em diferentes locais combinados com os sujeitos.

Os dados recolhidos no âmbito da tarefa de juízo de gramaticalidade e, ainda, do teste de diagnóstico foram registados num ficheiro *Excel*, tendo sido organizados de acordo com o perfil de informante, definido de acordo com as diferentes variáveis sociolinguísticas consideradas.

3.3. Resultados

Nesta secção, apresentam-se os resultados da tarefa de juízo de gramaticalidade aplicada aos seis grupos experimentais. Os resultados do grupo de controlo são apresentados na secção 3.3.1.. A secção 3.3.2. integra os dados dos dois grupos de falantes do nível básico e a secção 3.3.3. dos dois grupos de falantes do nível intermédio. A análise comparativa incluída em cada uma destas duas secções põe em destaque a variável “contexto de aquisição do português: aquisição em sala de aula vs. aquisição em contexto de imersão linguística”. Por último, na secção 3.3.4., apresentamos os resultados do grupo de falantes classificados como *Early arrivals*.

Os dados são apresentados de acordo com a resposta assinalada na escala de 1 a 4, em que o 1 significa “frase totalmente incorreta” e o 4 “frase totalmente correta”. A percentagem de não respostas é indicada na coluna intitulada “n. a.” (*no answer / data not available*) e integra situações em que o informante não assinala a escala, assinala a escala várias vezes (por exemplo, indica simultaneamente o “1” e o “4”) ou seleciona a resposta “não sei”.

3.3.1. Grupo de Controlo (PL1)

O grupo de controlo cujos dados foram levados em conta para a análise é composto por 25 falantes nativos de português como língua materna que indicaram usar unicamente PE como língua falada em casa e no trabalho.

No contexto das condições 1 e 2 (veja-se a Tabela 12), espera-se que os falantes nativos do português selecionem o ponto 4 na escala e, esporadicamente, o ponto 3 (ver a secção 3.2. sobre os pontos intermédios da escala), visto que se trata de estruturas gramaticais do português, esperando-se, portanto, pouca ocorrência de respostas que correspondam à escolha dos pontos 1 e 2 ou consideradas *n. a.*.

Nas condições 3, 4 e 5, correspondentes a estruturas não existentes no PE, prevê-se maior taxa de rejeição, *i.e.*, prevê-se que os falantes nativos selecionem, predominantemente, os pontos 1 e 2 na escala.

Na tabela 12, são apresentados os resultados dos falantes na avaliação de enunciados com frases interrogativas-WH múltiplas.

Tabela 12. Resultados globais do grupo de controlo nas condições que testam estruturas IWHM.

GRUPO DE 25 INFORMANTES PL1_GRUPO DE CONTROLO					
CONDIÇÃO	ESCALA				
	1	2	3	4	n.a.
1 <i>wh_{SU} V wh_{OD}</i>	2,67%	0,67%	5,33%	90%	1,33%
2 <i>wh_{SU} é que V wh_{OD}</i>	2%	1,33%	4,67%	92%	0
3 <i>* wh_{SU} wh_{OD} V</i>	74%	21,33%	3,33%	1,33%	0
4 <i>* wh_{SU} wh_{OD} é que V</i>	66,67%	22,67%	6%	3,33%	1,33%
5 <i>* wh_{SU} é que wh_{OD} V</i>	72%	15,33%	4%	6,67%	2%

De facto, os resultados globais do grupo controlo, quanto ao uso de estruturas IWHM gramaticais na condição 1, estão de acordo com a predição. A percentagem das respostas 1 e 2 deve-se à ausência do morfema cristalizado *é que*, o que pode ser verificado através das correções efetuadas. Para além disto, um informante rejeita sistematicamente a estrutura-WH múltipla, propondo uma correção que envolve uma interrogativa com apenas um constituinte-WH (2).

(2) Item de teste: *Quem ouviu o quê?*

Correção: *O que ouviram?*

Assim, ao observar o desempenho individual de cada informante do grupo de controlo, foi apurado que 21 do total de 25 pessoas atingem 100% de aceitação na condição 1, seleccionando o ponto 4 da escala.

No caso da condição 2, os falantes nativos do PE também se comportam conforme esperado. Um informante, o mesmo que foi referido no âmbito da condição 1, rejeita sistematicamente a estrutura-WH múltipla. Foi verificada ainda uma correção em que um informante prefere uma IWHM sem o *é que* (3).

(3) Item de teste: *Quem é que leu o quê?*

Correção: *Quem leu o quê?*

De acordo com a análise individual de dados, na condição 2, o total de informantes que atingiram 100% na aceitação da IWHM, marcando o ponto 4 da escala, corresponde a 22 pessoas.

Em relação à condição 3, uma condição correspondente a uma estrutura agramatical no PE, os falantes nativos do português rejeitam, como esperado, a estrutura. Ao corrigir a frase proposta, a maior parte dos informantes opta por uma IWHM sem movimento do constituinte-WH mais baixo, como é previsto, ou seja, opta por uma estrutura interrogativa-WH múltipla do português, com ou sem inserção do *é que* (4).

- (4) Item de teste: *Quem o que disse?*
 Correção: *Quem disse o quê?* ou
Quem é que disse o quê?

Nesta condição, duas pessoas rejeitam a frase porque preferem uma interrogativa-WH não múltipla. Portanto, cruzando as análises quantitativa e qualitativa, verifiquei que 21 pessoas obtiveram 100% na rejeição da estrutura, ficando esta rejeição a dever-se, como se espera, à ocorrência de todos os WH- em posições pré-verbais.

Como foi referido acima, correspondendo a condição 4 a mais uma estrutura agramatical do português, avançámos a predição de que o grupo de controlo iria rejeitar, de forma sistemática, a estrutura com movimento de todos os constituintes-WH, preferindo uma IWHM com apenas um WH- na periferia esquerda. Os resultados globais vão ao encontro do esperado. Ao fazer a análise, verifiquei que 17 informantes atingem 100% na rejeição da estrutura, substituindo-a por uma IWHM do português (5).

- (5) Item de teste: *Quem o que é que tocou?*
 Correção: *Quem tocou o quê?* ou
Quem é que tocou o quê?

Ao observar o tipo de correção feita, foi confirmado que, nesta condição, cinco informantes recorrem a interrogativas-WH não múltiplas, dois dos quais fazem isto de forma sistemática (6).

- (6) Item de teste: *Quem o que é que preparou?*
 Correção: *Quem é que preparou?* ou
Quem é que a preparou? ou
Quem é que os preparou? ou
O que prepararam?

Quanto à condição 5, os resultados globais vão ao encontro da predição. No entanto, assim como na condição 4, a taxa de rejeição está ligeiramente abaixo da percentagem da condição 3. Na análise dos resultados individuais do grupo, 19 informantes atingem 100% na rejeição da estrutura. Estas 19 pessoas oferecem correções do tipo das apresentadas em (7).

- (7) Item de teste: *Quem é que o que comeu?*
 Correção: *Quem é que comeu o quê?* ou
Quem comeu o quê?

Foi confirmado também que quatro informantes rejeitam a estrutura IWHM, dois dos quais (os mesmos referidos no âmbito das condições descritas anteriormente) optam por uma interrogativa-WH simples recorrentemente.

Podemos observar ainda que a percentagem de aceitação da frase, relativa ao ponto 4 da escala, é superior em comparação com as outras condições que abrangem construções IWHM agramaticais. Ao consultar os resultados individuais, foi verificado, no entanto, que alguns falantes, apesar de, na maior parte de casos, rejeitarem a frase, marcando-a com os pontos 1 e 2 e corrigindo-a simultaneamente, por vezes, muito pontualmente, destacam o ponto 4 na escala, propondo ao mesmo tempo uma correção (8).

- (8) Item de teste: *Quem é que o que fez?*
 Correção: *Quem é que fez o quê?*

1	2	3	4	Não sei
---	---	---	---	---------

Esta contradição poderá dever-se a várias razões que, eventualmente, originam erros considerados aleatórios.

Em suma, os resultados relatados, no que diz respeito ao comportamento dos falantes nativos do PE no uso das estruturas IWHM, vão ao encontro da predição. De facto, nas condições 1 e 2, tratando-se das estruturas gramaticais em português, verificou-se uma taxa alta de aceitação, sendo que, do total de 25 pessoas, 21 alcançaram 100% na seleção do ponto 4 na condição 1 e 22 na condição 2. No que toca às condições 3, 4 e 5, correspondentes a estruturas não existentes no PE, 21, 17 e 19 pessoas, em cada condição, atingiram 100% na rejeição das estruturas.

A seguir, na tabela 13, apresento os resultados dos falantes do grupo de controlo na avaliação de enunciados com frases interrogativas-WH simples. Recorde-se que este conjunto de condições integra duas estruturas gramaticais no PE (condições 6 e 7) e uma estrutura agramatical (condição 8). Assim, tratando-se de falantes nativos do português, espera-se a aceitação da estrutura apresentada na condição 6, em que se verifica a subida do verbo para a posição do núcleo de CP, assinalada através da posição do advérbio temporal *ontem*. No caso da condição 7, em que uma frase interrogativa-WH simples contém o advérbio temporal *ontem* em posição final e a expressão cristalizada *é que* adjacente ao constituinte-WH, o que aponta para a não subida do verbo para C, permitindo a ordem SU-V, também se prevê a aceitação da estrutura.

Quanto à condição 8, em que o advérbio temporal *ontem* ocorre em posição pré-verbal numa interrogativa em que *é que* não está presente, resultando assim numa estrutura agramatical do português, espera-se que os falantes nativos rejeitem a frase.

Tabela 13. Resultados globais do grupo de controlo nas condições que testam estruturas interrogativas-WH não múltiplas.

GRUPO DE 25 INFORMANTES PL1_GRUPO DE CONTROLO					
CONDIÇÃO	ESCALA				
	1	2	3	4	n.a.
6 <i>wh_{OD} V ontem SU</i>	11,33%	10,67%	16%	62%	0
7 <i>wh_{OD} é que SU V ontem</i>	0	1,33%	2%	96,67%	0
8 <i>* wh_{OD} ontem V SU</i>	40,67%	26,67%	12,67%	18,67%	1,33%

Como podemos ver na tabela 13, apesar da predição feita, nem todos os falantes nativos do português aceitam a estrutura que corresponde à condição 6, verificando-se um aumento considerável da taxa de rejeição nesta condição. Ao observar os desempenhos individuais, constatei que os falantes de PL1 parecem ser, neste caso, menos seguros na avaliação da estrutura-alvo, recorrendo, mais do que nas condições 1-5, ao ponto 3 da escala. Ainda ao abrigo da análise quantitativa, foi apurado que apenas nove pessoas do grupo obtêm 100% na aceitação da frase, marcando-a sempre com o ponto 4, e quatro pessoas, mesmo selecionando o ponto 4 na maior parte dos casos, recorrem, esporadicamente, ao ponto 3 da escala, não propondo, no entanto, nenhuma correção.

Tendo em consideração a análise qualitativa, verificaram-se três tipos de correção (9).

- (9) a. Item de teste: *O que leu ontem a Maria?*
 Correção: *O que é que a Maria leu ontem?*
- b. Item de teste: *O que leu ontem a Maria?*
 Correção: *O que a Maria leu ontem?*
- c. Item de teste: *O que estudou ontem a Maria?*
 Correção: *O que estudou a Maria ontem?*

Importa referir que a tendência geral vai no sentido da correção apresentada em (9a), sendo que apenas um informante usa a opção (9b) e um a opção (9c), de forma sistemática. Notamos que todos os participantes que rejeitam o item de teste, sugerindo uma correção, optam por uma frase em que o advérbio *ontem* ocorre em posição final, optando ora por

escolher a ordem SU-V, associada à presença de *é que*, como em (9a) ou sem preenchimento de C com *é que* (9b), o que aponta para a ausência da subida do verbo, ora por manter a inversão V-SU (9c). Neste último caso, não é claro se a subida do verbo teve ou não lugar.

No que diz respeito à condição 7, observámos uma aceitação quase total da estrutura em análise, o que é esperado. Ao verificar os dados individuais, constatei apenas duas correções em toda a condição, encontrando assim fortes indícios de que os falantes PL1 preferem uma estrutura interrogativa em que o núcleo C é preenchido com o morfema *é que*, em detrimento da subida do verbo.

No caso da última condição deste conjunto, uma condição que integra uma estrutura agramatical em português, estamos perante dados muito interessantes. Por um lado, verifica-se uma taxa de rejeição mais alta do que a taxa de aceitação. Porém, esperava-se uma percentagem mais baixa de falantes que selecionassem o ponto 4. Quanto ao tipo de correção da estrutura, existem quatro tipos de retificação mais frequentes (10 a-d).

- | | |
|------------------------|---|
| (10) a. Item de teste: | <i>O que ontem apresentou a Maria?</i> |
| Correção: | <i>O que apresentou ontem a Maria?</i> |
| b. Item de teste: | <i>O que ontem ouviu a Maria?</i> |
| Correção: | <i>O que é que a Maria ouviu ontem?</i> |
| c. Item de teste: | <i>O que ontem viu a Maria?</i> |
| Correção: | <i>O que viu a Maria ontem?</i> |
| d. Item de teste: | <i>O que ontem ouviu a Maria?</i> |
| Correção: | <i>O que a Maria ouviu ontem?</i> |

Ao rejeitar a frase, destaca-se a correção do tipo (10a), ou seja, alguns falantes nativos preferem uma estrutura com a subida do verbo em que o verbo precede, imediatamente, o advérbio. Sendo esta correção equivalente à construção proposta no âmbito da condição 6, comparei os resultados das duas condições (6 e 8). De acordo com a análise, constatei que os falantes que têm uma taxa alta de aceitação na condição 6 rejeitam também, na maior parte das vezes, os enunciados da condição 8, preferindo a estrutura *wh_{OD} V ontem SU*, apresentando, neste caso, o cenário de subida do verbo, ou a estrutura *wh_{OD} V SU ontem* como correção. A correção apresentada em (10d) reflete uma estrutura agramatical em PE, no entanto, é usada, sistematicamente, por um falante PL1. O mesmo falante propõe este tipo de correção no âmbito da condição 6.

3.3.2. Grupos de falantes de PL2 de nível básico (*Late Acquisition/Late Arrivals*)

Nesta secção, são apresentados os resultados de dois conjuntos de falantes não nativos de português de nível básico. A diferença entre estes dois grupos consiste na variável ligada ao contexto de aquisição do português. Assim, o grupo cujos resultados são descritos na secção 3.3.2.1. integra informantes que, à data da aplicação do teste, estavam a adquirir português em contexto de sala de aula e sem imersão linguística. Por sua vez, na secção 3.3.2.2., são anunciados os resultados dos falantes de PL2 de nível básico cujo contexto de aquisição abrange, quase exclusivamente, situações de imersão linguística. Em ambos os casos, a primeira exposição à língua aconteceu já em idade adulta. A comparação dos dois grupos será realizada na secção 3.3.2.3..

De acordo com a predição apresentada no âmbito da pergunta de investigação 1 (veja-se a secção 2.4. do capítulo 2), foi assumida a hipótese de que os falantes de uma L2 recorrem sempre à sua língua materna pelo menos nos estádios iniciais de aquisição. Assim, tendo em consideração as estruturas testadas, no caso das condições 1 e 2, espera-se um *transfer* negativo, ou seja, prevê-se que os falantes PL2 de nível básico selecionam uma interrogativa-WH múltipla em que os traços relevantes dos itens-WH, sendo subespecificados na numeração, sejam especificados dentro do domínio da computação, sendo esta especificação visível através do movimento destes itens-WH para as posições Spec, CP e Spec, WHP. A rejeição da estrutura poderá manifestar-se quer pela seleção dos pontos 1 e 2 na escala, quer pela correção da frase. Se o informante optar por retificar a frase, prevê-se que esta retificação reflita a estrutura IWHM da sua língua materna, ou seja, do russo, traduzindo-se na ocorrência de todos os WH- em posições pré-verbais.

Nas condições 3, 4 e 5, espera-se uma taxa de aceitação mais alta, visto que se trata de estruturas IWHM com todos os constituintes-WH em posições pré-verbais, assim, a seleção do ponto 4 da escala será preferencial. Porém, a taxa de aceitação das frases entre estas condições poderá ser diferente, devido à ocorrência de *é que* nas condições 4 e 5, mas não na condição 3, podendo esta última recolher maior aceitação. Por outras palavras, para além de reconfiguração e (re)agrupamento de traços necessárias à rejeição das estruturas na condição 3, nas condições 4 e 5, a aquisição da IWHM integra ainda a aquisição lexical do morfema cristalizado *é que*, o que se poderá repercutir no desempenho dos falantes não nativos.

3.3.2.1. Falantes de PL2 de nível básico – aquisição em contexto acadêmico (PL2_LA_CA_Bas)

O grupo integra 27 informantes que, na altura da aplicação do estudo experimental, eram estudantes de três estabelecimentos de ensino superior de Moscovo (Rússia). Assim, este conjunto de informantes é composto por falantes de PL2 com aprendizagem do português em condições de contexto de aula.

Na tabela 14, são apresentados os resultados dos falantes na avaliação de enunciados com frases interrogativas-WH múltiplas.

Tabela 14. Resultados globais do grupo PL2_LA_CA_Bas nas condições que testam estruturas IWHM.

GRUPO DE 27 INFORMANTES PL2_CONTEXTO ACADÉMICO_NÍVEL BÁSICO					
CONDIÇÃO	ESCALA				
	1	2	3	4	n.a.
1 $wh_{SU} V wh_{OD}$	9,88%	24,07%	24,07%	35,19%	6,79%
2 $wh_{SU} é que V wh_{OD}$	15,43%	22,84%	20,99%	33,95%	6,79%
3 $* wh_{SU} wh_{OD} V$	3,09%	11,73%	26,54%	57,41%	1,23%
4 $* wh_{SU} wh_{OD} é que V$	12,35%	20,37%	14,81%	45,06%	7,41%
5 $* wh_{SU} é que wh_{OD} V$	8,02%	20,37%	28,4%	36,42%	6,79%

Ao observar os dados da tabela 14, quanto à condição 1, verifica-se uma percentagem considerável de respostas marcadas com o ponto 4 (35,19%), sendo a taxa de rejeição relativamente baixa, pelo menos na seleção do ponto 1, o que, aparentemente, vai contra a predição. No entanto, ao fazer a análise quantitativa dos dados de cada falante, do total de 27 informantes, apenas quatro atingem 100% na aceitação da estrutura e um atinge 83%. Os restantes informantes, apesar de selecionarem, pontualmente, o ponto 4, rejeitam a estrutura $wh_{SU} V wh_{OD}$, optando por uma IWHM com todos os constituintes-WH pré-verbais. Assim, foram observadas 56 ocorrências em que os falantes corrigem a frase, propondo as seguintes estruturas (11):

- (11) Item de teste: *Quem ouviu o quê?*
 Correção: *Quem o quê ouviu?* ou

Quem é que o que ouviu? ou
Quem o que é que ouviu?

Quanto à opção “n. a.”, apenas dois falantes recorrem à mesma em 50% de casos, avaliando os restantes enunciados desta condição com os pontos 3 e 4. Entre outros falantes do grupo, a seleção da opção “n. a.” é escassa.

Em síntese, apesar de, à primeira vista, os falantes do grupo apresentarem uma taxa de 35,19% na aceitação da estrutura da condição 1, a análise de dados individuais aponta para a predição feita, *i.e.*, os falantes de nível básico que adquirem a língua em contexto académico de aula recorrem, frequentemente, à sua língua materna, o que se confirma observando correções em que todos os constituintes-WH ocorrem em posições pré-verbais.

Os resultados da condição 2 são, aparentemente, semelhantes à condição 1 quanto à taxa de aceitação (33,95%). Já no que toca à taxa de rejeição, verifica-se um maior número de respostas marcadas com o ponto 1 (15,43%). Ao observar os dados individuais, foram apuradas apenas duas pessoas – as mesmas fazem parte do grupo dos indicados no âmbito da condição 1 – que aceitam a estrutura proposta em 100% de casos, e mais quatro informantes em 83%, selecionando o ponto 4 na escala. Ao rejeitarem a estrutura, aqueles informantes que corrigem a frase propõem três alternativas em que se observam todos os constituintes-WH em posição pré-verbal (12).

- (12) a. Item de teste: *Quem é que comprou o quê?*
 Correção: *Quem o quê é que comprou?* ou
 Que é que o que comprou?
 b. Item de teste: *Quem é que fez o quê?*
 Correção: *O quê é que quem fez?*

A correção atestada em (12b) representa um caso bastante curioso. Sendo que apenas um informante propôs este tipo de retificação, talvez não compense fazer uma análise sintática detalhada da estrutura. Regista-se apenas, a título explicativo, que o falante opta por mover o constituinte-WH mais baixo para a posição periférica mais alta, o que resulta na ausência do Efeito de Superioridade, visto que o WH- com a função de Objeto Direto sobe para Spec, CP e não o WH- Sujeito, ao contrário da predição avançada para o russo para as IWHM padrão.

Ainda tendo em conta a análise qualitativa, na condição 2, constatei algumas correções que não constavam na condição 1 e que se traduzem na seleção de uma interrogativa-WH não múltipla (13).

- (13) a. Item de teste: *Quem é que comprou o quê?*
 Correção: *Quem comprou flores?*

- b. Item de teste: *Quem é que escolheu o quê?*
 Correção: *Quem as escolheu?*
 c. Item de teste: *Quem é que contou o quê?*
 Correção: *O que é que contou?*

Concluindo, de acordo com as análises quantitativa e qualitativa, pode dizer-se que, globalmente, os resultados obtidos no âmbito da condição 2 vão ao encontro da predição.

Os resultados da condição 3 vão ao encontro do esperado, ou seja, os falantes deste grupo preferem, na maior parte dos casos, uma estrutura IWHM em que todos os *WH-* estão em posições pré-verbais, tal como se verifica em russo. Assim, 57,41% de respostas correspondem à seleção do ponto 4 na escala. Verifica-se também uma taxa muito reduzida de respostas marcadas com os pontos 1 e 2: apenas 3,09% e 11,73%, respetivamente. Apenas dois informantes rejeitam a estrutura sistematicamente, propondo como alternativa a estrutura IWHM do português (*wh_{SU} V wh_{OD}*). Confirmei ainda que não existe nenhuma retificação que inclua IWHM do português com *é que* (*wh_{SU} é que V wh_{OD}*), no entanto, observam-se algumas correções em que os dois constituintes-WH são mantidos em posições pré-verbais e a alteração vai no sentido de inserção do *é que*, ora entre dois *WH-* (14a) ora seguindo-os (14b).

- (14) a. Item de teste: *Quem o que trouxe?*
 Correção: *Que é que o que trouxe?*
 b. Item de teste: *Quem o que entregou?*
 Correção: *Quem o que é que entregou*

Repare-se que o informante que prefere a correção exemplificada em (14a) substitui o *WH- quem* com o traço [+humano] por um *WH- que*. Não tendo possibilidade de contactar o informante, é difícil deduzir de que tipo de erro se trata: se é um erro aleatório ou sistemático; e, no caso de ser sistemático, se é um erro fonológico ou lexical. Porém, o tipo de correção é indicativo de que o informante opta por uma IWHM com todos os constituintes-WH em posições periféricas pré-verbais.

No caso da condição 4, também se verifica uma taxa de aceitação bastante alta (45,06%), o que foi previsto. Quanto à rejeição, apenas 12,35% das respostas são marcadas como 1. Tendo em conta os resultados individuais, apenas dois falantes do grupo rejeitam a estrutura em 100% de oportunidades de resposta e um em 83%, optando por uma estrutura do português – *wh_{SU} é que V wh_{OD}* ou, esporadicamente, *wh_{SU} V wh_{OD}*. Note-se que um destes falantes, ao corrigir a frase, a reconstrói de acordo com a gramática do PE, recorrendo à seleção de matrizes de traços relevantes para a língua em aquisição, sendo observadas

inclusive o uso de regras fonológicas, expressas na escrita através da acentuação gráfica (15).

(15) Item de teste: *Quem o que é que encontrou?*

Correção: *Quem é que encontrou o quê?*

Na maior parte dos casos, os falantes não nativos, sobretudo, dos níveis iniciais, não dão muita importância aos diacríticos, talvez devido a um sistema de diacríticos quase inexistente na língua materna, por um lado, ou nenhuma, ou muito escassa abordagem deste tema na sala de aula, não fazendo este assunto parte do que é tratado no nível básico, por outro.

Os restantes informantes, ao rejeitarem a estrutura da condição 4, mostram preferência pelas estruturas apresentadas em (16), que correspondem às estruturas testadas na condição 5 (16a) e na condição 3 (16b).

(16) a. Item de teste: *Quem o que é que encontrou?*

Correção: *Quem é que o que encontrou?* ou, muito pontualmente,

b. Item de teste: *Quem o que é que pediu?*

Correção: *Quem o que pediu?*

Notemos que 7,41% de respostas recaem sobre a opção “n. a.”. De acordo com a análise individual, esta percentagem deve-se às respostas de dois informantes que selecionam a opção “não sei” em 50% de casos e mais um informante que responde “não sei” em 67% de casos.

A última condição apresentada na tabela 14 integra uma outra estrutura IWHM agramatical no PE. De acordo com os resultados, a taxa de aceitação (ponto 4 da escala) é de 36,42%, enquanto a taxa de rejeição corresponde a apenas 8,02%, no caso da seleção do ponto 1 da escala. De acordo com a análise individual de dados, em 162 oportunidades de resposta, há somente 12 ocorrências que equivalem à estrutura IWHM do português – *wh_{SU} é que V wh_{OD}* ou, esporadicamente, *wh_{SU} V wh_{OD}*. Verificam-se também algumas correções que apontam no sentido de que o constituinte-WH mais baixo deveria ser mantido *in situ*, visto que os falantes apresentam uma retificação como a exemplificada em (17). No entanto, não havendo uma frase completa, esta leitura não passa de uma suposição.

(17) a. Item de teste: *Quem é que o que contou?*

Correção: *contou o que*

b. Item de teste: *Quem é que o que comprou?*

Correção: *comprou o quê*

No caso de outro tipo de correções, algumas das rejeições devem-se à preferência por estruturas em que todos os constituintes-WH são mantidos em posições pré-verbais, sendo observada uma ocorrência de dois *WH*- em adjacência (18a). Um informante opta ainda pela retificação apresentada em (18b).

(18) a. Item de teste: *Quem é que o que escolheu?*

Correção: *Quem o que é que escolheu?*

b. Item de teste: *Quem é que o que comeu?*

Correção: *O quê é que quem comeu?*

A taxa de uso da opção “não sei” é de 6,79%. Apenas três informantes recorrem a esta opção: um informante seleciona-a sistematicamente (100%), um em 50% e um em 33% de enunciados desta condição.

Em suma, pode dizer-se que os resultados da condição 5 correspondem, de forma global, ao esperado, *i.e.*, os falantes deste grupo preferem, em geral, a estrutura IWHM com todos os *WH*- em posições pré-verbais.

Sintetizando as informações das condições 1-5 do grupo de falantes PL2 de nível básico que adquirem a língua em contexto académico, os dados confirmam a predição feita. Assim, no caso das condições 1 e 2, que representam interrogativas-WH múltiplas gramaticais do PE, em que um constituinte-WH se move para Spec, CP e outro se mantém *in situ*, ao fazer o cruzamento das análises quantitativa e qualitativa, foi observada uma tendência de uso de estruturas idênticas à L1, *i.e.*, estruturas com movimento de todos os constituintes-WH para as posições periféricas pré-verbais. Esta tendência traduziu-se na rejeição dos enunciados testados, sendo poucos os informantes que aceitam as estruturas sistematicamente, confirmando-se esse facto ainda através da observação das correções propostas.

No que toca às condições 3-5, a predição também é confirmada. Tratando-se de IWHM agramaticais do português, mas que correspondem na sua totalidade (condição 3), – sendo todos os *WH*- movidos para as posições pré-verbais –, ou parcialmente, – visto que, em russo, não existe um morfema equivalente a *é que* (condições 4 e 5), – à estrutura IWHM da L1 dos informantes, era prevista uma taxa mais alta de aceitação do que nas condições 1 e 2, o que, de facto, se verificou. Por outro lado, foi avançada a predição de que a taxa de aceitação nas condições 3, 4 e 5 diferia devido à ocorrência do *é que* nas condições 4 e 5. Efetivamente, na condição 3, constatei 57,41% na aceitação de respostas marcadas com o ponto 4, contra 45,06% na condição 4 e 36,42% na condição 5. Sendo a única diferença entre estas três condições a presença/ausência do *é que*, os dados poderão apontar no sentido de que este morfema cristalizado seja adquirido mais tarde.

Foi observado ainda que, apesar de a opção “n. a.” ter uma taxa reduzida em todas as condições descritas até aqui, apenas na condição 3 as respostas “não sei” praticamente não existem, o que poderá revelar maior segurança nesta condição, precisamente aquela que corresponde à estrutura das IWHM do russo.

Na tabela 15, é apresentada a avaliação dos enunciados que correspondem a frases interrogativas-WH simples. Tendo em conta a predição formulada a propósito da condição 6, esperamos encontrar alguma influência da língua materna na avaliação da estrutura, visto que esta condição testa a subida do verbo para a posição do núcleo de CP, – que não existe na L1. A aceitação desta estrutura significaria que os falantes PL2 teriam reconfigurado os traços de C. Assim, prevê-se uma taxa mais elevada na rejeição acompanhada pelas correções em que os falantes recorrem a frases sem subida do verbo.

Em relação à condição 7, se se verificar alguma dificuldade, esta dever-se-á, possivelmente, à ocorrência do morfema cristalizado *é que*.

Quanto à condição 8, por um lado, prevê-se uma taxa de aceitação superior à que esperamos observar na condição 6, visto que, neste caso, não se verifica a subida do verbo para C; por outro lado, é possível que alguns informantes rejeitem a estrutura devido à inversão SU-V.

Tabela 15. Resultados globais do grupo PL2_LA_CA_Bas nas condições que testam estruturas interrogativas-WH não múltiplas.

GRUPO DE 27 INFORMANTES PL2_CONTEXTO ACADÉMICO_NÍVEL BÁSICO					
CONDIÇÃO	ESCALA				
	1	2	3	4	n.a.
6 <i>wh_{OD} V ontem SU</i>	9,88%	20,99%	27,78%	41,36%	0
7 <i>wh_{OD} é que SU V ontem</i>	0	1,23%	8,64%	87,04%	0
8 <i>*wh_{OD} ontem V SU</i>	8,64%	14,81%	27,16%	48,15%	1,23%

De acordo com os resultados, na condição 6, 41,36% de ocorrências correspondem à seleção do ponto 4. Assim, aparentemente, os dados não vão ao encontro da predição. Todavia, ao observar o desempenho individual, constatei que, quanto à aceitação sistemática da estrutura, apenas quatro pessoas do grupo selecionam o ponto 4 em 100% de casos, três em 83% e quatro em 67%. Os restantes falantes recorrem ao ponto 4 muito pontualmente, preferindo rejeitar a frase. Tendo em consideração a análise qualitativa, verificaram-se três tipos de correção. A maior parte dos informantes que propõe uma

correção (24,7% do total de oportunidades de resposta) opta por uma estrutura sem inversão SU-V, o que foi previsto (19).

(19) Item de teste: *O que leu ontem a Maria?*

Correção: *O que a Maria leu ontem?*

Também foi observado que alguns falantes recorrem à correção apresentada em (20), que é idêntica àquela que alguns falantes nativos do português preferem.

(20) Item de teste: *O que encontrou ontem a Maria?*

Correção: *O que encontrou a Maria ontem?*

Notemos também que, tal como os falantes do grupo de controlo, quase todos os participantes deste grupo, ao rejeitarem a estrutura-alvo e ao sugerirem uma correção, optam por uma frase em que o advérbio *ontem* ocorre em posição final.

No que diz respeito à condição 7, observámos uma taxa de aceitação da estrutura em análise alta (87,04%), não existindo nenhuma rejeição da estrutura, no que toca à seleção do ponto 1, e verificando-se apenas 1,23% na seleção do ponto 2. Em 162 oportunidades de resposta, foram registadas apenas duas correções (21).

(21) a. Item de teste: *O que é que a Maria comeu ontem?*

Correção: *O que e que ontem comeu a Maria?*

b. Item de teste: *O que é que a Maria contou ontem?*

Correção: *O que a Maria contou ontem?*

No caso da última condição, que corresponde a uma estrutura agramatical no PE, observou-se uma taxa bastante alta na aceitação da estrutura. Porém, a diferença na taxa de aceitação entre as condições 6 e 8 não parece relevante (41,36% vs. 48,15%), contra a predição apresentada. Quanto à rejeição da estrutura, em 162 oportunidades de resposta, foram verificadas 64 correções, das quais 67,2% são do tipo ilustrado em (22a) e 29,7% do tipo ilustrado em (22b).

(22) a. Item de teste: *O que ontem ouviu a Maria?*

Correção: *O que a Maria ouviu ontem?*

b. Item de teste: *O que ontem escreveu a Maria?*

Correção: *O que escreveu a Maria ontem?*

Note-se que, no âmbito da análise qualitativa, não foi observada nenhuma retificação correspondente à estrutura da condição 7 (*wh_{0D} é que SU V ontem*), apesar de os falantes não nativos de nível básico terem uma taxa de aceitação alta nesta condição.

Concluindo, pode dizer-se que, no geral, os resultados obtidos vão ao encontro do esperado, visto que, por um lado, os falantes aceitam uma estrutura em que não se verifica a subida do verbo para C. Por outro lado, na correção da frase em que há subida do verbo, entre várias estruturas, recorrem frequentemente a uma em que não se verifica o fenómeno de inversão SU-V.

3.3.2.2. Falantes de PL2 de nível básico - aquisição em imersão linguística (PL2_LA_IL_Bas)

O grupo de informantes desta subsecção é composto por 13 falantes PL2 do nível básico que adquiriram (adquirem) português em condições de imersão linguística na idade adulta, sendo o contexto de aquisição de língua restrito exclusivamente a imersão linguística em Portugal. Todos os participantes deste conjunto são imigrantes de primeira geração.

Na tabela 16, são apresentados os resultados dos falantes na avaliação de enunciados com frases interrogativas-WH múltiplas.

Tabela 16. Resultados globais do grupo PL2_LA_IL_Bas nas condições que testam estruturas IWHM.

GRUPO DE 13 INFORMANTES PL2_IMERSÃO LINGUÍSTICA_NÍVEL BÁSICO					
CONDIÇÃO	ESCALA				
	1	2	3	4	n.a.
1 <i>wh_{SU} V wh_{OD}</i>	1,28%	20,51%	15,38%	51,28%	11,54%
2 <i>wh_{SU} é que V wh_{OD}</i>	12,82%	24,36%	12,82%	38,46%	11,54%
3 <i>* wh_{SU} wh_{OD} V</i>	8,97%	17,95%	17,95%	42,31%	12,82%
4 <i>* wh_{SU} wh_{OD} é que V</i>	12,82%	17,95%	20,51%	38,46%	10,26%
5 <i>* wh_{SU} é que wh_{OD} V</i>	12,82%	15,38%	23,08%	37,18%	11,54%

Como podemos observar na tabela 16, no caso da condição 1, verifica-se uma percentagem de aceitação acima de 50% – mais alta do que aquela que foi observada no grupo PL2_LA_CA_Bas –, sendo a taxa de rejeição muito baixa, pelo menos na seleção do ponto 1, o que vai contra a nossa predição inicial.

De facto, ao fazer uma análise individual dos dados, verifiquei que, entre o total de 13 informantes, seis pessoas selecionam o ponto 4 sistematicamente: quatro pessoas em 100% dos casos e dois em 83%. Foi observado ainda que, de acordo com a correção proposta, apenas três informantes rejeitam sempre a estrutura do português, optando por uma IWHM com todos os constituintes-WH pré-verbais.

Quanto à opção “n. a.”, em todas as condições da tabela 16, apenas dois falantes (sempre os mesmos) recorrem a esta sistematicamente.

Em comparação com os resultados da condição 1, na condição 2, a taxa de aceitação é mais baixa (38,46%). No que toca à taxa de rejeição, é observado um maior número de respostas marcadas com o ponto 1 (12,82%). Ao observar os dados individuais, foram apuradas apenas duas pessoas que aceitam a estrutura proposta em 100% de casos, selecionando o ponto 4 na escala. Ao rejeitarem a estrutura, aqueles informantes que corrigem a frase (e são apenas três), propõem as seguintes alternativas, em que se observam todos os constituintes-WH em posição pré-verbal (23).

- | | |
|------------------------|----------------------------------|
| (23) a. Item de teste: | <i>Quem é que comprou o quê?</i> |
| Correção: | <i>Quem e que comprou</i> |
| b. Item de teste: | <i>Quem é que comeu o quê?</i> |
| Correção: | <i>Quem o quê é que comeu?</i> |
| c. Item de teste: | <i>Quem é que fez o quê?</i> |
| Correção: | <i>Quem o quê é que fizeram?</i> |

Um falante ainda rejeita a estrutura por razões da ocorrência do *é que*. Assim, ao corrigir a frase, propõe a seguinte correção (24):

- | | |
|---------------------|------------------------------|
| (24) Item de teste: | <i>Quem é que fez o quê?</i> |
| Correção: | <i>quem fez o que</i> |

No caso da condição 3, previa-se que os falantes deste grupo aceitassem uma estrutura em que todos os constituintes-WH ficassem em posições pré-verbais, visto que esta estrutura equivale a uma IWHM do russo. De facto, e além de a média da taxa de aceitação corresponder a 42,307%, no caso da seleção do ponto 4 na escala, na prática, verifica-se que alguns participantes, ao rejeitarem a estrutura, fazem isto não por excluírem uma múltipla com todos os constituintes-WH em posições pré-verbais, mas por preferirem uma estrutura com *é que*, como em (25a), ou porque recorrem a uma estrutura em que os constituintes-WH em posições pré-verbais são, presumidamente, coordenados (25b), ou por não concordarem com a forma verbal da 3ª pessoa de singular, alterando-a para a 3ª pessoa de plural (25c).

- (25) a. Item de teste: *Quem o que vendeu?*
 Correção: *Quem o que é que vendeu?*
- b. Item de teste: *Quem o que entregou?*
 Correção: *Quem e que entregou?*
- c. Item de teste: *Quem o que vendeu?*
 Correção: *Quem o que venderam*

Um dos informantes avalia sempre a estrutura com o ponto 3 da escala, propondo, em todos os casos, a substituição do verbo da múltipla para a 3ª pessoa de plural (26).

- (26) Item de teste: *Quem o que vendeu?* Correção: *vendam*
 Item de teste: *Quem o que respondeu?* Correção: *respondem*

Do total de 13 informantes, apenas dois rejeitam a estrutura sistematicamente, propondo como alternativa a estrutura IWHM do português sem o *é que* ($wh_{SU} V wh_{OD}$) ou com o *é que* ($wh_{SU} é que V wh_{OD}$).

Relativamente às condições 4 e 5, os resultados globais são muito semelhantes em todos os pontos da escala. A taxa de aceitação é ligeiramente mais baixa, em comparação com a condição 3, o que está de acordo com o previsto, sendo que as condições 4 e 5 incluem o morfema cristalizado *é que*. Quanto à rejeição, tal como na condição 3, na maior parte das vezes, não se observa a exclusão da estrutura IWHM com todos os *WH*- pré-verbais. De acordo com a análise individual, no caso da condição 4, apenas um falante opta por uma interrogativa-WH múltipla do português, usando a estrutura $wh_{SU} é que V wh_{OD}$ em 100% de oportunidades de resposta. No caso da condição 5, a retificação que reflete uma IWHM do português é quase inexistente (3 ocorrências em 78 oportunidades de resposta) e a maior parte de rejeições não se deve à ocorrência dos constituintes-WH em posições pré-verbais (27). Note-se que apenas um sujeito apresenta uma correção como em (27c).

- (27) Item de teste: *Quem é que o que escolheu?*
 Correção: a. *Quem o que é que escolheu*
 b. *Quem é que o que escolheram*
 c. *Quem e o que escolheu?*

Sintetizando os resultados nas condições 1-5 do grupo de falantes PL2 de nível básico que adquirem a língua em imersão linguística, de acordo com as análises quantitativa e qualitativa, em geral, os dados confirmam a predição feita. Apenas no caso da condição 1 se verificou uma taxa de aceitação diferente do esperado. Em relação à condição 2, apenas duas pessoas aceitam sistematicamente a estrutura, sendo observada, no restante grupo, uma tendência de uso das estruturas idênticas à L1, *i.e.*, a preferência das IWHM com todos os

constituintes-WH em posições pré-verbais. Esta tendência é visível no tipo de rejeições dos enunciados testados e nas correções propostas.

No que toca às condições 3-5, conforme esperado, verificou-se que, na maior parte das vezes, os falantes preferem a ocorrência de todos os constituintes-WH em posições pré-verbais. Assim, a rejeição dá-se não por causa da posições pré-verbal dos constituintes-WH, mas devido à presença/ausência do *é que*, por exemplo. Deste modo, pode-se dizer que, no caso de aquisição de interrogativas-WH múltiplas em ambiente de imersão linguística, no nível básico, o *transfer* negativo é visível através da ocorrência dos constituintes-WH em posições legítimas na língua materna dos informantes, o que aponta para a especificação e o mapeamento de traços relevantes de acordo com a L1.

Em relação às condições que englobam frases interrogativas-WH não múltiplas, previa-se que os falantes tivessem uma taxa de aceitação mais alta nas estruturas em que não existe movimento do verbo para C, inclusive na construção considerada agramatical no PE (condição 8). Efetivamente, de acordo com os resultados apresentados na tabela 17, os dados vão ao encontro do esperado.

Tabela 17. Resultados globais do grupo PL2_LA_IL_Bas nas condições que testam estruturas interrogativas-WH não múltiplas.

GRUPO DE 13 INFORMANTES PL2_IMERSÃO LINGUÍSTICA_NÍVEL BÁSICO					
CONDIÇÃO	ESCALA				
	1	2	3	4	n.a.
6 <i>wh_{OD} V ontem SU</i>	6,41%	11,54%	33,33%	48,72%	0
7 <i>wh_{OD} é que SU V ontem</i>	12,82%	1,28%	21,79%	64,1%	0
8 <i>* wh_{OD} ontem V SU</i>	11,54%	11,54%	20,51%	56,41%	0

Assim, comparando as condições 6 e 8, cuja única diferença estrutural consiste no movimento sintático do verbo para C, na condição 6, em que se verifica a subida do verbo, a seleção do ponto 4 é ligeiramente mais baixa do que na condição 8 (48,72% vs. 56,41%, respetivamente). Quanto à rejeição, ao efetuar a análise qualitativa, na condição 6, foram constatadas muito poucas correções. Como podemos ver em (28), ao excluírem a frase, alguns falantes optam pela posição do advérbio *ontem* em posição final, mas, em algumas retificações, também se observa a inserção, presumidamente, de *é que* (28a) e/ou inversão da ordem (28c).

(28) Item de teste: *O que estudou ontem a Maria?*

- Correção:
- a. *O que e que a Maria estudou ontem*
 - b. *O que estudou a Maria ontem?*
 - c. *O que a Maria viu ontem?*

Na condição 8, as retificações propostas, mesmo que sejam escassas (apenas 12 em 78 oportunidades de resposta), refletem a mesma tendência de propor uma interrogativa-WH com o advérbio *ontem* em posição final (29), com ou sem inversão da ordem (29a vs. 29b) ou com a inserção de *é que* (29c).

- (29) Item de teste: *O que ontem viu a Maria?*
- Correção:
- a. *O que a Maria viu ontem*
 - b. *O que viu a Maria ontem?*
 - c. *O que é que perguntou a Maria ontem?*

Observando os resultados das três condições (6-8), pode dizer-se que a preferência dos falantes de nível básico deste grupo vai para a condição 7 – tal como foi observado no grupo de falantes nativos do português – em que o advérbio *ontem* ocorre em posição final e o movimento do verbo não tem lugar.

Apesar da diferença na aceitação de frases, entre as três condições (6-8), não ser drástica, concluo que os dados deste grupo vão ao encontro da predição, dada a taxa de aceitação verificada na condição 8, que corresponde a uma estrutura agramatical no português. Os resultados sugerem que os falantes de PL2 de nível básico ainda selecionam e agrupam traços do núcleo C de acordo com a L1.

3.3.2.3. Comparação dos grupos PL2_LA_CA e PL2_LA_IL de nível básico

No âmbito do presente estudo, foi formulada uma questão ligada ao eventual papel do ambiente em que a língua não materna é adquirida (pergunta de investigação 3 – *Será que falantes de PL2 que começaram a aprender o português na idade adulta e em situação de imersão têm um comportamento diverso de falantes de PL2 que adquirem a língua em situação de aprendizagem formal?*).

Para responder à questão colocada, nesta secção, comparámos os resultados dos dois grupos de falantes PL2 de nível básico cujos resultados foram descritos acima. Recorde-se que estamos perante estruturas sintáticas que são muito escassas no *input*. Sendo escassas, as mesmas não são abordadas, geralmente, em contexto de ensino formal, pelo menos nos níveis iniciais, portanto, não fazem parte do *input* manipulado. Deste modo, no que toca às estruturas IWHM, no presente trabalho, não se pretende estabelecer a relevância da instrução na aquisição de determinadas propriedades linguísticas de uma L2. Uma das questões deste estudo é tentar compreender se certas estruturas linguísticas são passíveis

de aquisição apesar da sua baixa frequência, determinar que condições são mais facilitadoras da sua aquisição e, eventualmente, especular sobre o que funciona como *trigger(s)*, no caso das construções que não são apresentadas, explicadas e exercitadas na sala de aula.

De acordo com a interpretação de resultados adotada, nos dois grupos de nível básico, o padrão de uso das estruturas IWHM parece ser muito semelhante, exceto na condição 1 (veja-se figura 3), em que a taxa de aceitação é visivelmente mais alta no grupo de falantes PL2 que adquirem o português em ambiente de imersão linguística. A taxa de rejeição, no caso deste grupo, e em concordância, é mais baixa.

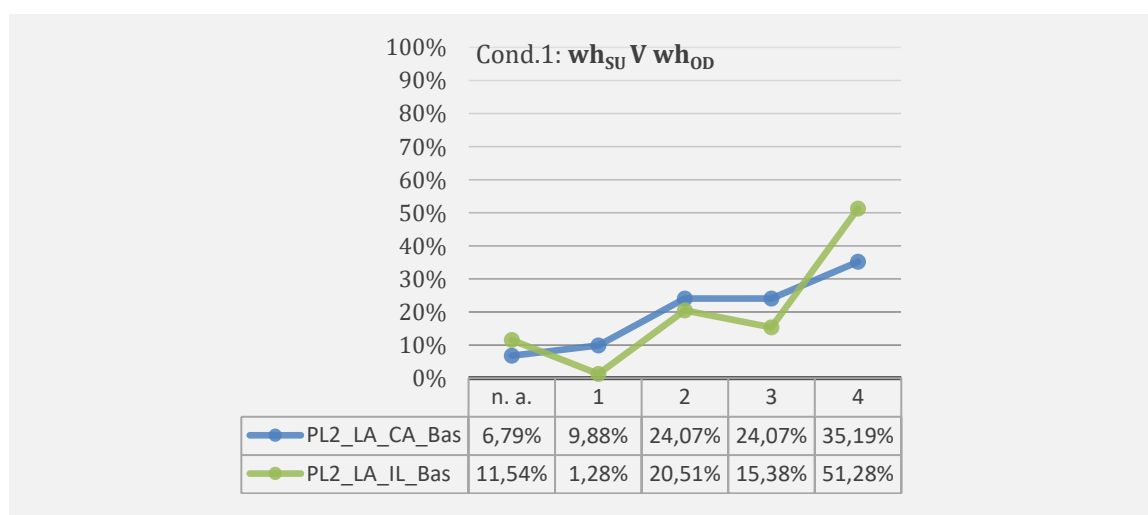


Figura 3. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Bas e PL2_LA_IL_Bas: Condição 1

Por sua vez, há maior aceitação dos itens na condição 3 (Fig. 4) por parte dos falantes que adquirem a língua em contexto académico. Este tipo de comportamento poderia levar-nos a pensar que a exposição a *input* naturalista de forma contínua é favorável à aquisição das estruturas em análise, verificando-se, nessa situação, uma maior probabilidade de contacto com estas estruturas ou com as que funcionam como *trigger(s)*.



Figura 4. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Bas e PL2_LA_IL_Bas: Condição 3

No entanto, ao observar os resultados dos dois grupos na condição 2 (Fig. 5), que é também uma condição gramatical em PE, constatámos dados muito semelhantes em todos os pontos da escala de avaliação.

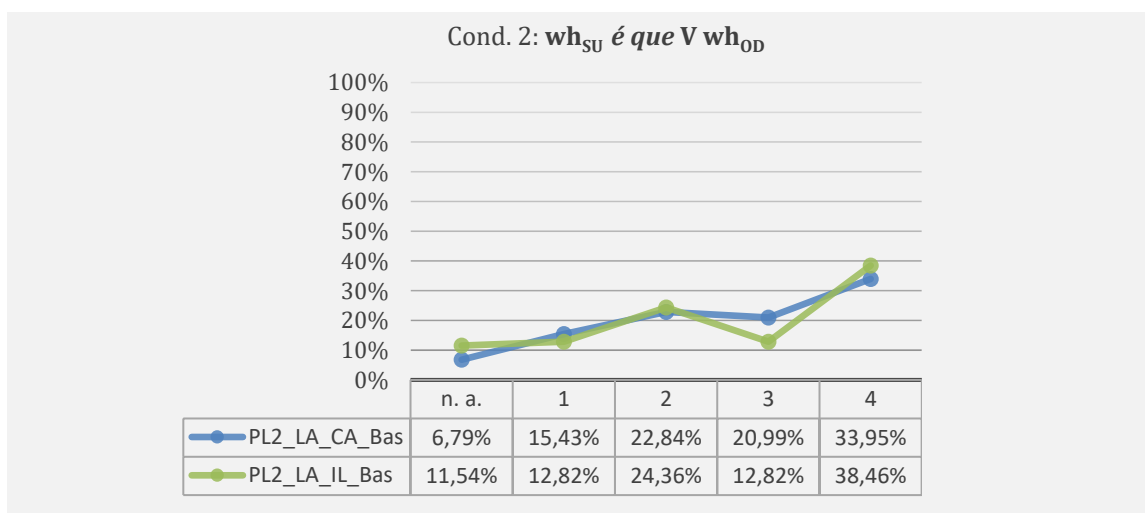


Figura 5. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Bas e PL2_LA_IL_Bas: Condição 2

Sendo a única diferença entre as condições 1 e 2 a ocorrência do morfema cristalizado *é que*, poderia tratar-se da dificuldade de aquisição lexical deste item por parte dos dois grupos de nível básico. Porém, neste cenário, a estratégia esperada seria o evitamento do *é que* que se manifestava através da retificação da frase. Efetivamente, as correções observadas, no grupo de aquisição naturalista, não vão neste sentido e apenas uma pessoa propõe este tipo de solução.

Em relação às condições que reúnem itens agramaticais (cond. 3-5), as diferenças encontradas no uso das estruturas IWHM parecem ser mínimas, embora o grupo em imersão linguística exiba uma taxa de aceitação ligeiramente mais baixa no caso da condições 3 (fig. 6), mostrando ligeiramente maior convergência com a gramática alvo.

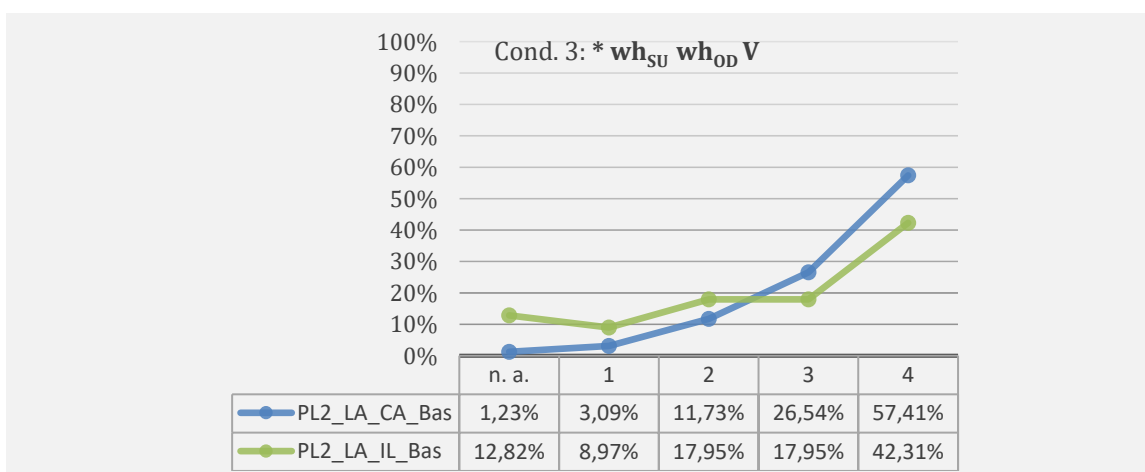


Figura 6. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Bas e PL2_LA_IL_Bas: Condição 3

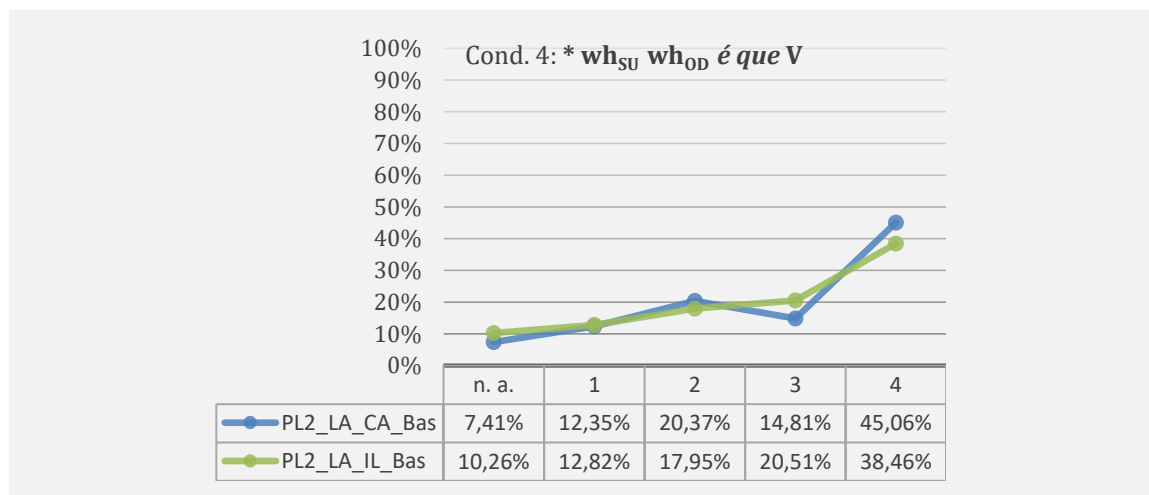


Figura 7. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Bas e PL2_LA_IL_Bas: Condição 4

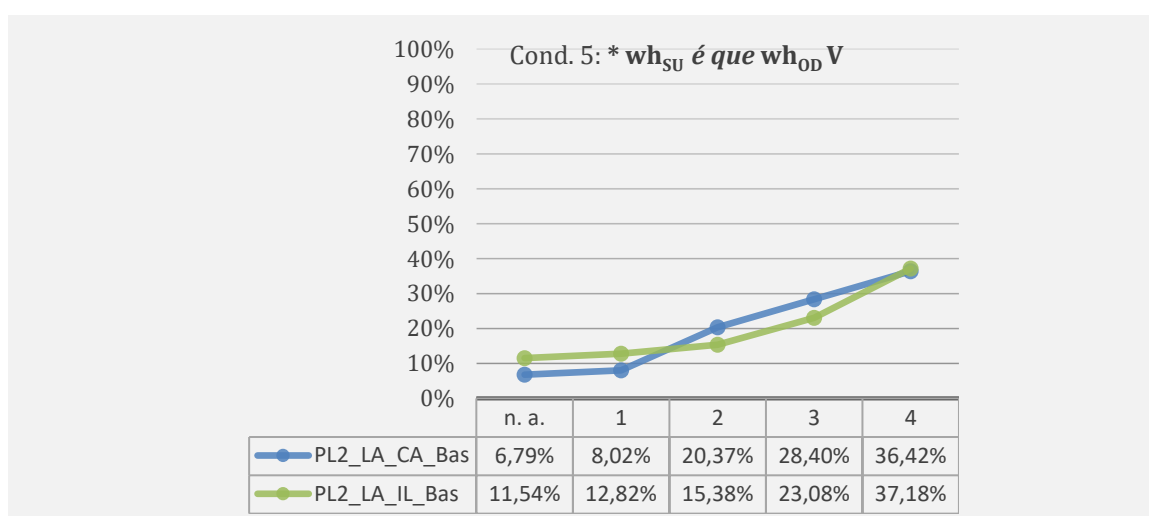


Figura 8. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Bas e PL2_LA_IL_Bas: Condição 5

Em suma, pode dizer-se que, no caso das estruturas IWHM, o grupo em imersão linguística apresenta resultados que podem sugerir uma maior facilidade na aquisição destas estruturas, o que é visível, sobretudo, na condição 1, apesar de não se observar uma diferença clara nas outras condições que abrangem testam as IWHM.

Agora, quando se trata das interrogativas-WH não múltiplas (cond. 6-8), que, geralmente, são objeto de estudo em contextos de aquisição formal desde etapas iniciais, a única diferença entre os dois grupos que poderá ser relevante verificou-se na condição 7 (Fig. 9). De facto, os informantes do grupo de aquisição em sala de aula atingem 87,04% na aceitação da estrutura, seleccionando o ponto 4, contra 64,10% no grupo de imersão linguística, o que poderia sugerir que a instrução explícita contribui para a aquisição de estruturas linguísticas com um constituinte-WH movido para periferia esquerda da frase e que incluem o morfema *é que*.

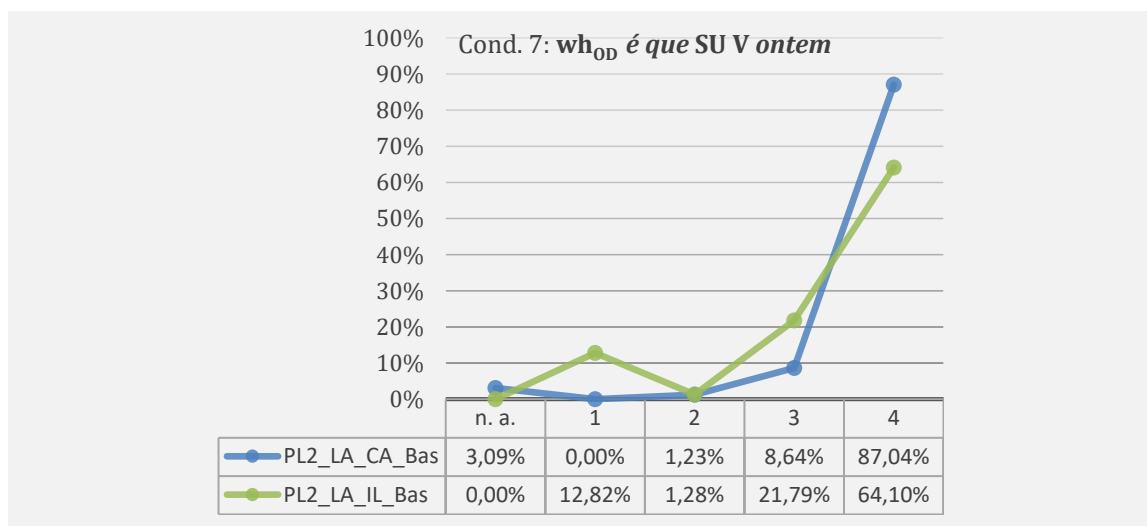


Figura 9. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Bas e PL2_LA_IL_Bas: Condição 7

Em relação às condições 6 e 8 (fig. 10, 11), que integram estruturas em que se testa o fenómeno de subida do verbo para C, a *performance* dos dois grupos não parece muito diferente.

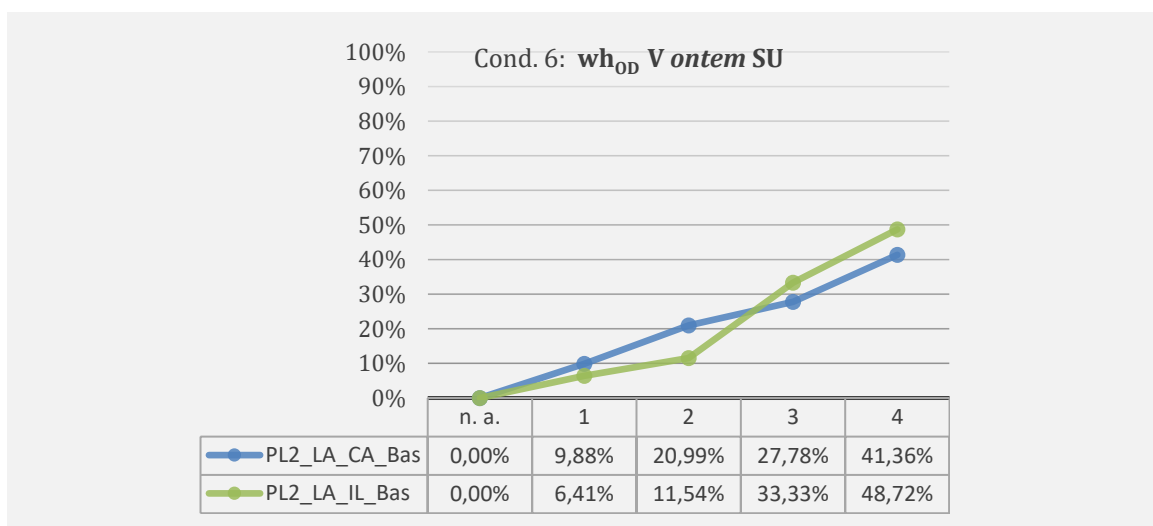


Figura 10. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Bas e PL2_LA_IL_Bas: Condição 6

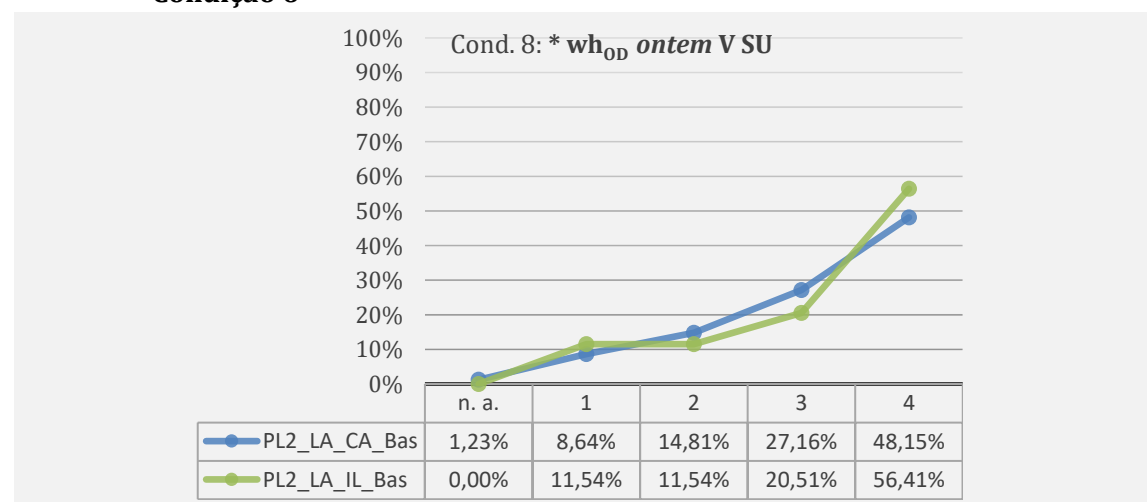


Figura 11. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Bas e PL2_LA_IL_Bas: Condição 8

3.3.3. Grupos de falantes de PL2 de nível intermédio

Nesta secção, são apresentados os resultados de dois conjuntos de falantes não nativos de português de nível intermédio. A diferença entre estes grupos consiste de novo no contexto de aquisição do português. Assim, o grupo cujos resultados são descritos na secção 3.3.3.1. integra informantes que, à data da aplicação do teste, estavam a adquirir o português em contexto de aula e sem imersão linguística. Na secção 3.3.3.2., são apresentados os resultados obtidos pelos falantes de PL2 de nível intermédio que adquirem a língua em situação de imersão linguística. A comparação dos dois grupos será realizada na secção 3.3.3.3..

Como já foi referido anteriormente, foi assumida a hipótese de que, pelo menos nos estádios iniciais de aquisição, no caso das estruturas IWHM, os constituintes-WH são compostos por matrizes de traços de acordo com a gramática da língua materna dos falantes. No entanto, se houver aquisição, verificar-se-á uma aproximação à gramática-alvo em falantes de nível não inicial. Sendo os traços dos constituintes-WH do russo subespecificados no início da derivação [wh: *yes*; Q: ?; NEG: ?; ESP: ?], diferentemente do português, em que os WH- entram já especificados na derivação [wh: *yes*; Q: *yes*; EVAL: *no*; REL: *no*], prevê-se que, embora em níveis iniciais se possa observar maior desvio face à gramática-alvo, com aceitação de movimento de vários WH- para posições altas, nos dois grupos de falantes de nível intermédio o movimento de constituintes-WH mais baixos para uma projecção WHP se manifeste em menor grau. Assim, espera-se que os dois conjuntos de informantes tenham resultados diferentes dos de nível básico e que esta diferença se traduza na subida da taxa de aceitação no caso das condições 1 e 2. No entanto, se o informante optar por retificar as frases nestas condições, prevê-se, no entanto, que esta retificação reflita a estrutura IWHM em que os dois constituintes-WH ocorrem em posições pré-verbais.

Nas condições 3, 4 e 5, espera-se uma taxa de aceitação mais baixa do que aquela que foi observada no grupo de falantes de nível básico, verificando-se maior percentagem de rejeição. Prevê-se ainda que, no caso de correção, nas condições 4 e 5, os falantes rejeitem as frases não devido à ocorrência do *é que* entre dois constituintes-WH (cond. 5) ou logo a seguir a estes (cond. 4), mas por causa do movimento-WH do WH- mais baixo para a posição pré-verbal. Por outras palavras, espera-se que, no nível intermédio, os processos de reconfiguração de traços necessários conforme as propriedades da língua em aquisição serão observáveis, em maior grau, através da aceitação de estruturas IWHM gramaticais e da rejeição de agramaticais na gramática-alvo.

3.3.3.1. Falantes de PL2 de nível intermédio – aquisição em contexto académico (PL2_LA_CA_Int)

O grupo integra 48 informantes que, na altura da aplicação do estudo experimental, eram estudantes de três estabelecimentos de ensino superior de Moscovo (Rússia). Este conjunto de informantes é composto por falantes de PL2 com aprendizagem do português em condições de contexto de aula. De acordo com os resultados do teste de diagnóstico, a todos os falantes do grupo foi atribuído o nível intermédio. Os participantes tiveram, no mínimo, dois anos de aulas de português, estando a maior parte deles inserida nos 3º, 4º e 5º anos de aprendizagem da língua.

Na tabela 18, são apresentados os resultados dos falantes na avaliação de enunciados com frases interrogativas-WH múltiplas.

Tabela 18. Resultados globais do grupo PL2_LA_CA_Int nas condições que testam estruturas IWHM.

GRUPO DE 48 INFORMANTES PL2_CONTEXTO ACADÉMICO_NÍVEL INTERMÉDIO					
CONDIÇÃO	ESCALA				
	1	2	3	4	n.a.
1 <i>wh_{SU} V wh_{OD}</i>	1,39%	17,01%	10,76%	70,14%	0,69%
2 <i>wh_{SU} é que V wh_{OD}</i>	9,38%	13,54%	6,6%	70,14%	0,35%
3 <i>* wh_{SU} wh_{OD} V</i>	25,35%	29,17%	24,31%	21,18%	0
4 <i>* wh_{SU} wh_{OD} é que V</i>	36,46%	30,21%	18,4%	14,58%	0,35%
5 <i>* wh_{SU} é que wh_{OD} V</i>	31,6%	28,47%	22,22%	17,36%	0,35%

Ao observar os dados da tabela 18, constatámos que os falantes intermédios mostram, de facto, uma taxa de aceitação mais alta em ambas as estruturas IWHM gramaticais (condições 1 e 2).

De acordo com a análise de desempenho individual, no âmbito da condição 1, foram verificados três tipos de rejeição mais frequentes, entre os quais consta a preferência por uma IWHM com todos os constituintes-WH pré-verbais (30). Entre os 48 informantes do grupo, cinco pessoas optam por uma IWHM com todos os WH- movidos para periferia esquerda em 100% de oportunidades de resposta e uma pessoa em 50%.

- (30) Item de teste: *Quem viu o quê?*
 Correção: *Quem o que viu? / quem o quê viu*

Quanto aos outros padrões de correção, uma pessoa prefere uma interrogativa múltipla com *é que* (31) e duas optam sempre por uma interrogativa não múltipla, substituindo, por vezes, o constituinte-WH simples por um *WH- D-linked* (32b-d).

- (31) Item de teste: *Quem viu o quê?*
 Correção: *Quem é que viu o quê?*
- (32) Item de teste: *Quem viu o quê?*
 Correção: a. *O que viu cada um?*
 b. *Que filme viu cada um?*
 c. *Que programas viram?*
 d. *Que filme viu cada deles?*

Em relação à estrutura IWHM abrangida pela condição 2, como foi previsto, no nível intermédio, também observámos a subida da taxa de aceitação. Ao rejeitar a estrutura, os falantes usam estratégias idênticas às já descritas no âmbito da condição 1, *i.e.*, por um lado, há falantes que rejeitam IWHM, por outro, ainda estão presentes retificações que refletem uma estrutura IWHM com todos os *WH-* em posições pré-verbais. Neste caso, a correção pode ser representada por uma IWHM sem o *é que* (33) ou com o *é que* que ocorre entre dois constituintes-WH (34). Um informante opta não apenas por estas duas possibilidades, mas junta ainda uma correção em que o morfema cristalizado *é que* aparece logo a seguir aos dois *WH-* (35). Esta variabilidade no uso do *é que* pode apontar para a dificuldade de aquisição do mesmo.

- (33) Item de teste: *Quem é que escolheu o quê?*
 Correção: *Que o que escolheu? / quem o quê escolheu*
- (34) Item de teste: *Quem é que escolheu o quê?*
 Correção: *Quem é que o que escolheu? / Que é que o quê escolheu?*
- (35) Correção: *quem o quê escolheu*
quem o quê é que fez
quem é que o quê contou
quem o quê é que comeu
quem o quê é que leu
quem o quê escolheu

O uso sistemático, nesta condição, de estruturas IWHM com todos os *WH*- movidos para as posições pré-verbais foi constatado junto de três informantes, no entanto, mais falantes usam esta estratégia, ainda que de modo muito pontual.

Tendo em consideração a predição formulada, de acordo com a qual foi avançado que os falantes de nível intermédio (PL2_LA_CA_Int) terão uma subida na taxa de aceitação nas estruturas IWHM gramaticais, em comparação com o grupo de falantes de nível básico (PL2_LA_CA_Bas), os dados vão ao encontro do esperado (figuras 12 e 13). Assim, a predição de que, no nível intermédio, o processo de reconfiguração de traços tanto de itens lexicais como de categorias funcionais já pode ser observado, parece ser confirmada.

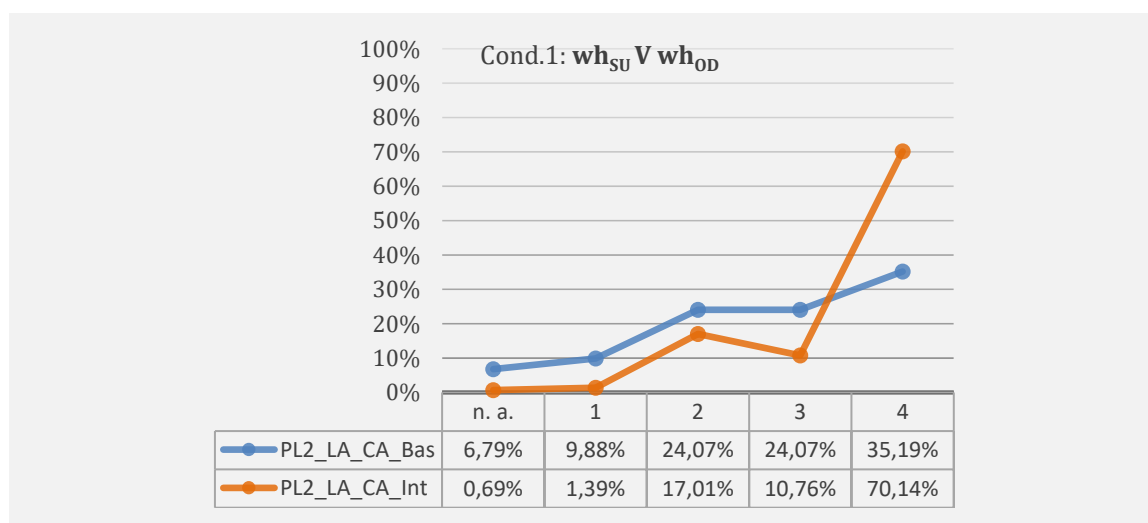


Figura 12. Desempenho dos grupos em contexto académico: Condição 1

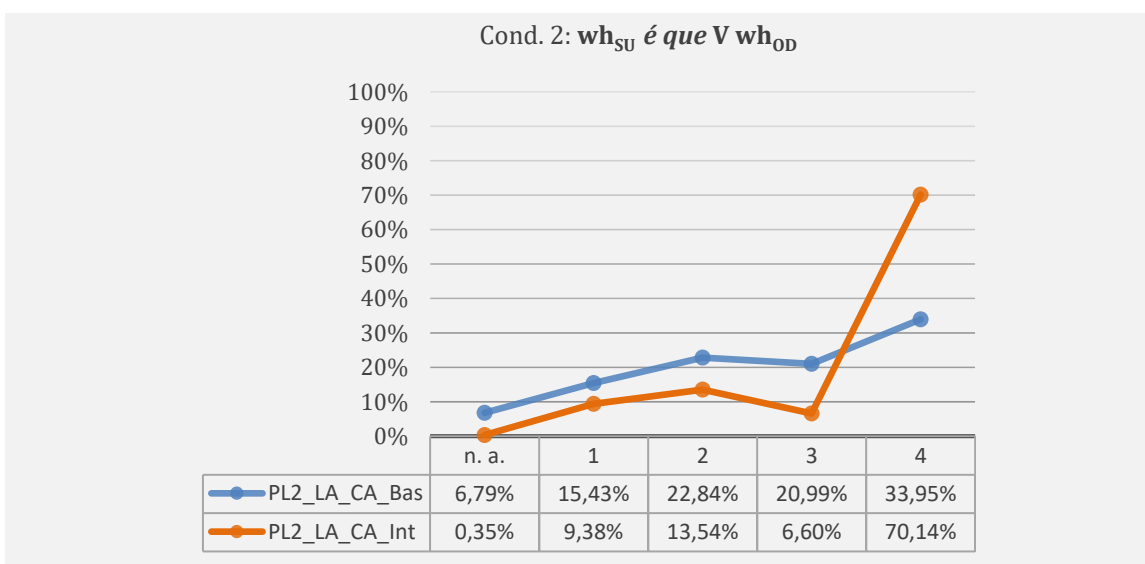


Figura 13. Desempenho dos grupos em contexto académico: condição 2

No caso das condições 3, 4 e 5, que integram construções IWHM agramaticais em PE, a percentagem de aceitação é mais baixa, se a compararmos com os resultados observados no âmbito das condições 1 e 2. Portanto, neste caso, os falantes de nível intermédio

comportam-se também conforme esperado. Contrastando os três tipos de interrogativas-WH múltiplas, a maior taxa de aceitação foi observada na condição 3, que corresponde a uma IWHM sem *é que* (wh_{SU} wh_{OD} V). Segundo a análise individual, o ponto 4 da escala é selecionado pelos mesmos falantes que rejeitam a estrutura IWHM do português (wh_{SU} V wh_{OD}), optando por uma estrutura com todos os constituintes-WH em posições pré-verbais, tal como acontece na língua materna.

No que toca às rejeições, o grupo de nível intermédio mostra também resultados bastante diferentes relativamente ao grupo de nível básico tanto no âmbito da análise quantitativa (Fig. 14) como qualitativa.

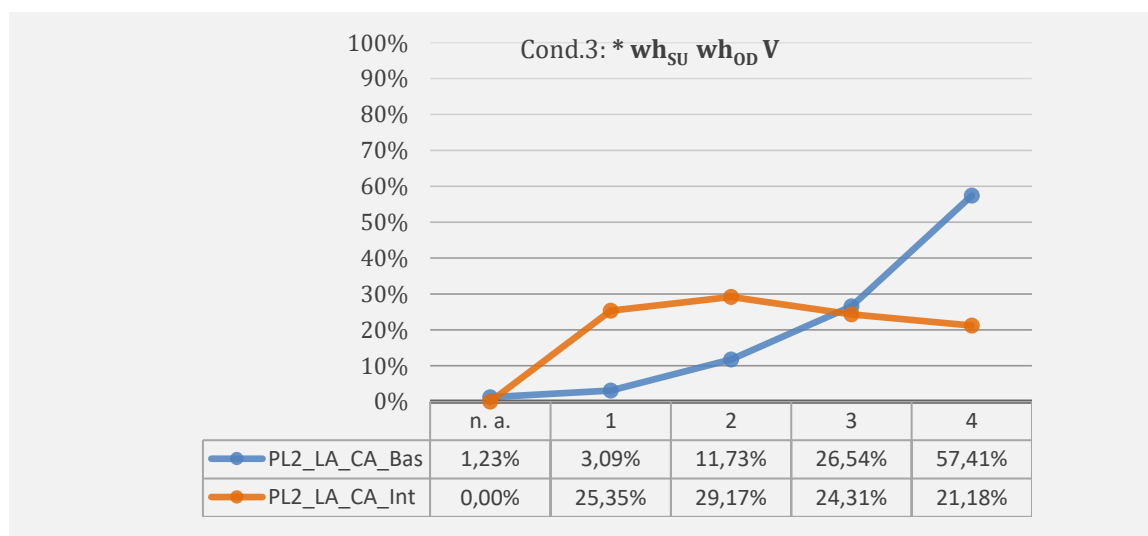


Figura 14. Desempenho dos grupos em contexto académico: Condição 3

Ao corrigir as frases, foram adotados três tipos de estratégias: alteração da IWHM com todos os constituintes-WH pré-verbais para uma IWHM com apenas um WH- movido, usando, ou não, o morfema cristalizado *é que* (36); preservação dos constituintes-WH em posições pré-verbais (37), com a possível inserção, no entanto, do morfema *é que* entre os dois WH- (37a); rejeição de uma IWHM, substituindo-a por uma interrogativa-WH simples (38).

(36) Item de teste: *Quem o que vendeu?*

- Correção:
- a. *Quem é que vendeu o que?/ Quem é que vendeu o quê?*
 - b. *Quem vendeu o quê?/ Quem vendeu o que?*
 - c. *Quem é que vendeu os quais?/ Quem vendeu o qual?*
 - d. *Quem entregou qual trabalho?*

(37) Item de teste: *Quem o que tomou?*

- Correção:
- a. *Quem é que o que tomou?*
 - b. *Quem o quê tomou*

(38) Item de teste: *Quem o que vendeu?*

- Correção:
- a. *O que vendeu cada um?*
 - b. *O que vendeu cada um deles?*
 - c. *Que livros venderam?*

Embora todas as opções apresentadas em (36) sejam usadas sistematicamente por um ou por vários informantes, as opções (a) e (b) são mais recorrentes. Assim, do total de 150 retificações observadas, 62,6% correspondem a IWHM com apenas um constituinte-WH na periferia esquerda, o que aponta para o facto de que, no nível intermédio, o processo de reconfiguração de traços de itens lexicais e de projeções funcionais seja já observável, em contraste com o grupo de nível básico, verificando-se maior convergência com a gramática alvo.

No caso das condições 4 e 5, o desempenho do grupo é muito similar: a taxa de aceitação é baixa em comparação com estruturas gramaticais do PE, enquanto a percentagem de rejeição sobe. A maior parte das correções dá-se por causa da posição do constituinte-WH mais baixo (63,6% do total de oportunidades de resposta na condição 4 e 64,6% na condição 5), *i.e.*, os informantes propõem uma IWHM em que um WH- sobe para uma posição pré-verbal e o outro se mantém *in situ*.

Em relação a outros tipos de retificação, alguns falantes optam por uma IWHM não múltipla idêntica à já apresentadas em (38). Por sua vez, na condição 4, 9,3% de correções estão relacionadas com a posição do morfema *é que*. Assim, alguns falantes propõem uma estrutura IWHM com o *é que* inserido entre dois constituintes-WH (39).

- (39) Item de teste: *Quem o que é que preparou?*
Correção: *Quem é que o que preparou?*

Na condição 5, as retificações que continuam a manter dois WH- pré-verbais quase não existem, sendo que apenas uma pessoa usa esta opção sistematicamente, propondo a seguinte estrutura (40):

- (40) Item de teste: *Quem é que o que contou?*
Correção: *Quem o que é que contou*

Comparando os resultados do grupo obtidos no âmbito das condições 4 e 5 com os dados de falantes de nível básico, a predição é confirmada (Figuras 15 e 16).

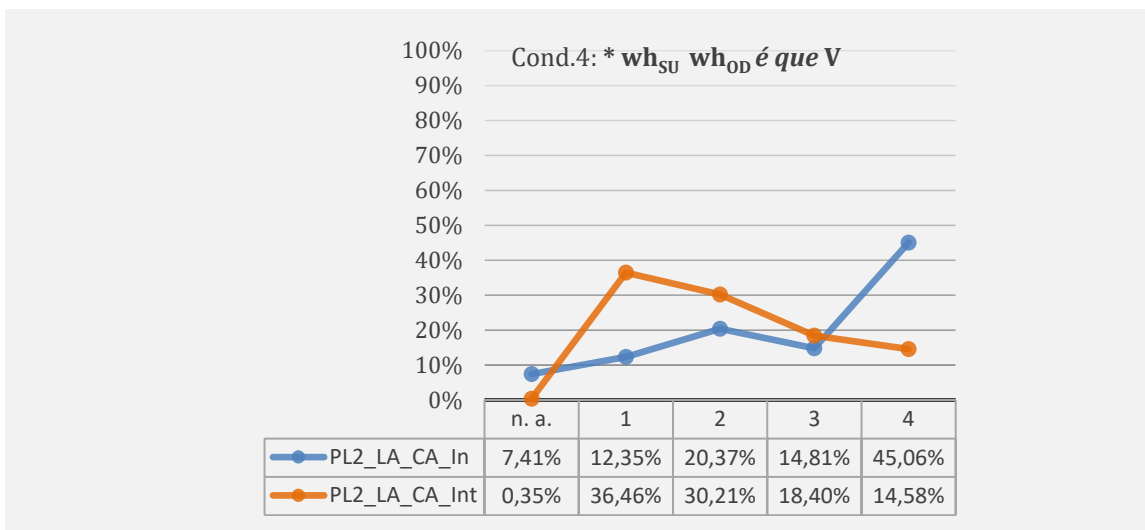


Figura 15. Desempenho dos falantes em contexto académico: Condição 4

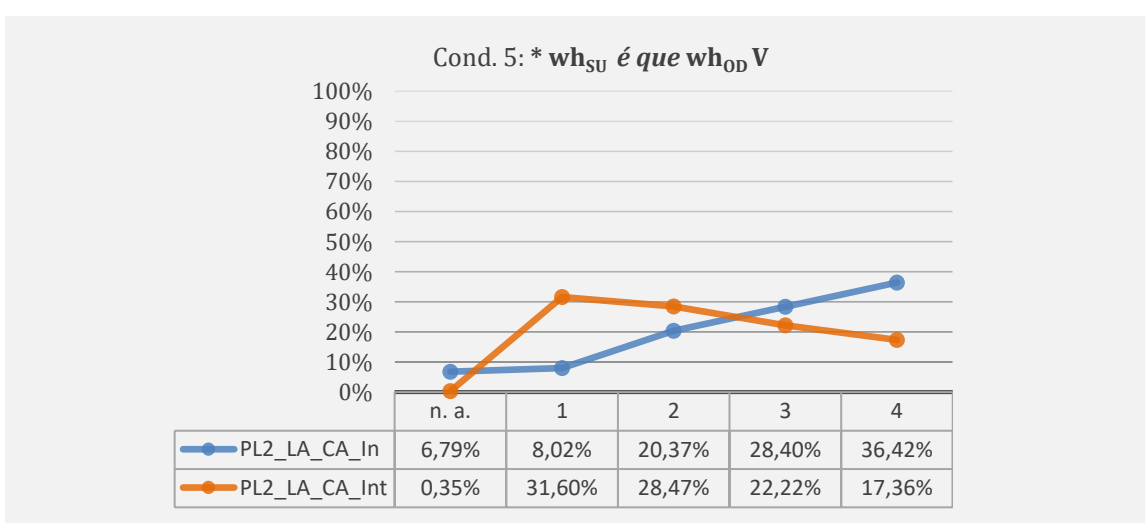


Figura 16. Desempenho dos falantes em contexto académico: Condição 5

De facto, no nível intermédio, o desempenho de falantes é melhor, no sentido em que a taxa de aceitação aumenta no caso das estruturas IWHM gramaticais e desce nas agramaticais, verificando-se ao mesmo tempo que a rejeição se dá pelos motivos esperados, ou seja, por causa da posição dos constituintes-WH.

Resumindo, os resultados do grupo de falantes que adquirem o português em ambiente de sala de aula e que, na altura de aplicação do estudo, estavam inseridos no nível intermédio vão ao encontro da predição em todas as condições que testam estruturas IWHM.

Quanto aos resultados dos enunciados que abrangem frases interrogativas-WH simples, que são apresentados na tabela 19, apesar de se prever alguma influência da L1, manifestada através da tendência do informante para marcar a frase como agramatical ou propondo uma correção explícita, esperava-se que, no nível intermédio, na condição 6, a taxa de aceitação fosse mais elevada do que a taxa de rejeição e, por outro lado, que os

falantes de nível intermédio apresentassem uma taxa de aceitação mais alta do que os falantes de nível básico.

Em relação à condição 7, esperava-se que os falantes aceitassem a estrutura-alvo, o que seria evidenciado pela preferência na seleção do ponto 4 na escala.

No caso da condição 8, por um lado, previa-se uma taxa de aceitação inferior à da condição 6; por outro lado, esperava-se que os falantes deste grupo tivessem um desempenho melhor do que os de nível básico, apresentando uma percentagem de aceitação mais baixa.

Tabela 19. Resultados globais do grupo PL2_LA_CA_Int nas condições que testam estruturas interrogativas-WH não múltiplas.

GRUPO DE 48 INFORMANTES PL2_CONTEXTO ACADÉMICO_NÍVEL INTERMÉDIO					
CONDIÇÃO	ESCALA				
	1	2	3	4	n.a.
6 <i>wh_{OD} V ontem SU</i>	8,33%	27,43%	39,58%	23,96%	0,69%
7 <i>wh_{OD} é que SU V ontem</i>	4,86%	2,78%	7,99%	84,38%	0
8 <i>* wh_{OD} ontem V SU</i>	10,76%	28,47%	34,72%	25,69%	0,35%

Ao observar os dados da tabela 19, no caso da condição 6, a predição não é confirmada. De facto, os falantes do grupo apresentam uma taxa de aceitação bastante baixa (23,96%). Verifiquei que apenas 6 pessoas do total de 48 aceitam a estrutura em 100% de casos e uma em 67%. Ao rejeitarem a frase, praticamente todos os falantes que propõem uma retificação (93,4%) optam por uma estrutura com o advérbio temporal *ontem* em posição final (41).

- (41) Item de teste: *O que leu ontem a Maria?*
 Correção: a. *O que leu a Maria ontem?*
 b. *O que é que leu a Maria ontem?*
 c. *O que a Maria leu ontem?*

Assim, foi constatado que 45,6% das correções apresentadas correspondem a uma estrutura em que o sujeito precede o verbo (41c), *i.e.*, ao reestruturar a frase, o informante, mantendo o verbo dentro do domínio lexical, privilegia ainda o advérbio *ontem* no final da frase. Enquanto a estrutura cujo exemplo é apresentado em (41a) parece não nos dizer muito sobre movimento T-C, a amostra em (41b) sugere que o verbo não saiu do domínio de TP. Deste modo, atendendo à taxa de aceitação baixa e ao tipo de correção proposta, pode

concluir-se que, no nível intermédio, o processo de reconfiguração de traços do núcleo C pode ainda não estar concluído. Repare-se, no entanto, que o *input* a que os falantes de PL2 estão expostos pode não ser suficiente, visto que os próprios falantes nativos de português evitam estruturas com a subida do verbo para C.

Comparando os resultados do grupo PL2_LA_CA_Int com o grupo de nível básico, a predição também não se verificou (Fig. 17). A taxa de seleção do ponto 4, no caso de nível básico, é consideravelmente mais alta.

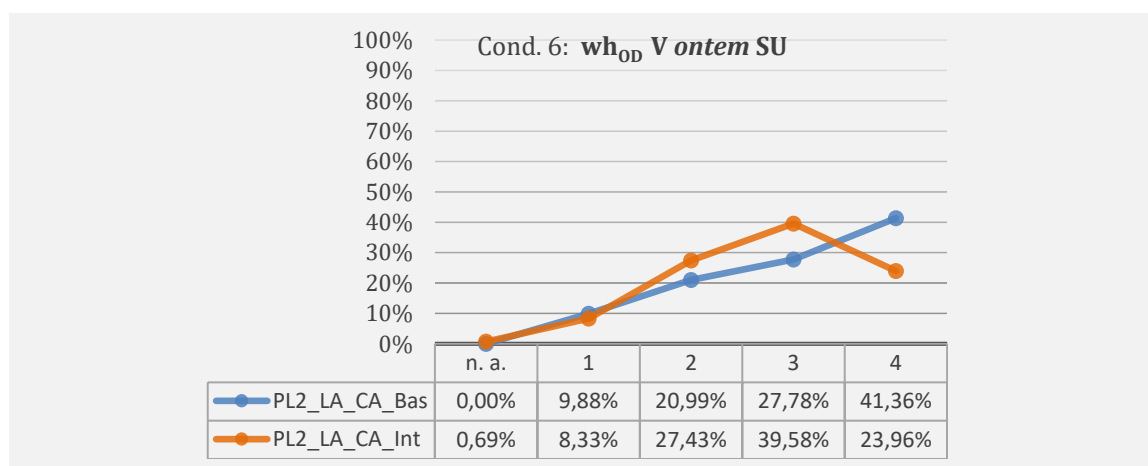
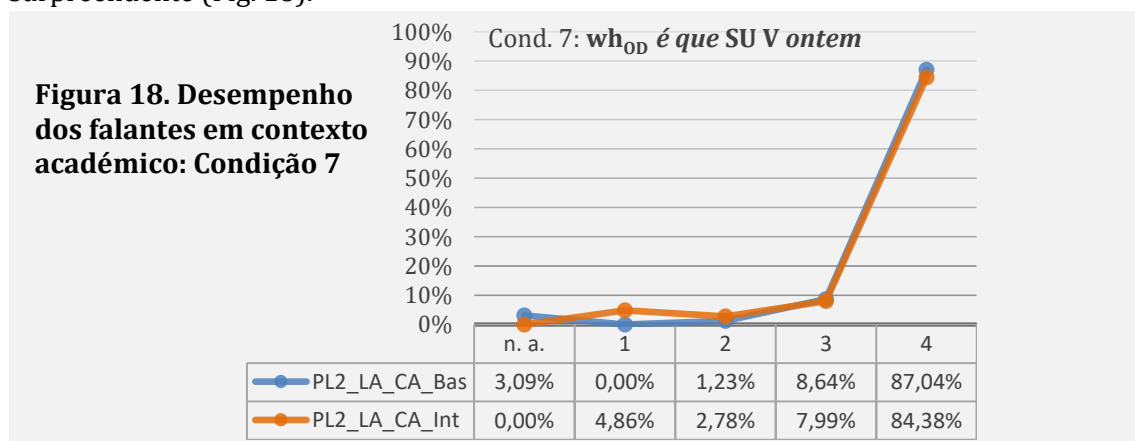


Figura 17. Desempenho dos falantes em contexto académico: Condição 6

Em relação à condição 7, os resultados vão ao encontro do esperado, sendo que a taxa de aceitação refletida na seleção do ponto 4 ronda 85%. A maior parte das rejeições deve-se à preferência por uma construção em que o verbo precede o sujeito (42). Porém, dentro do total de 288 oportunidades de resposta, apenas 10,1% de falantes optam por este tipo de correção.

(42) Item de teste: *O que é que a Maria contou ontem?*
 Correção: *O que é que contou a Maria ontem?*
O que contou a Maria ontem?

Apesar de os dados obtidos no âmbito da condição 7 corresponderem ao previsto, o paralelismo entre os resultados do grupo de nível intermédio e o grupo de iniciantes é surpreendente (Fig. 18).



Os resultados obtidos na condição 7 podem ser indicativos de que, pelo menos aparentemente, as interrogativas-WH não múltiplas em que não há subida do verbo para C estão presentes desde cedo na aquisição de L2. Este facto pode ser relacionado, por um lado, com as propriedades da língua materna, visto que, em russo, nas interrogativas-WH simples, o verbo principal mantém-se dentro do domínio lexical, sendo a ordem linear não marcada WH S V; por outro lado, a instrução explícita pode acelerar o processo na aquisição deste tipo de construções.

Na última condição, que corresponde a uma estrutura agramatical, sendo esperada uma taxa de aceitação inferior à da condição 6, a predição não se confirmou. Efetivamente, a percentagem na seleção do ponto 4 é muito similar nos dois enunciados (23,96% na condição 6 contra 25,69% na condição 8). Tal como no âmbito da estrutura *wh_{OD} V ontem SU* (cond. 6), ao corrigir a estrutura **wh_{OD} ontem V SU* (cond. 8), os falantes usam, principalmente, construções com o advérbio *ontem* no final da frase.

Quanto à comparação de resultados entre os falantes do grupo de nível intermédio e os de nível básico, de facto, os primeiros apresentam uma percentagem de aceitação mais baixa, como foi predito (Fig. 19).

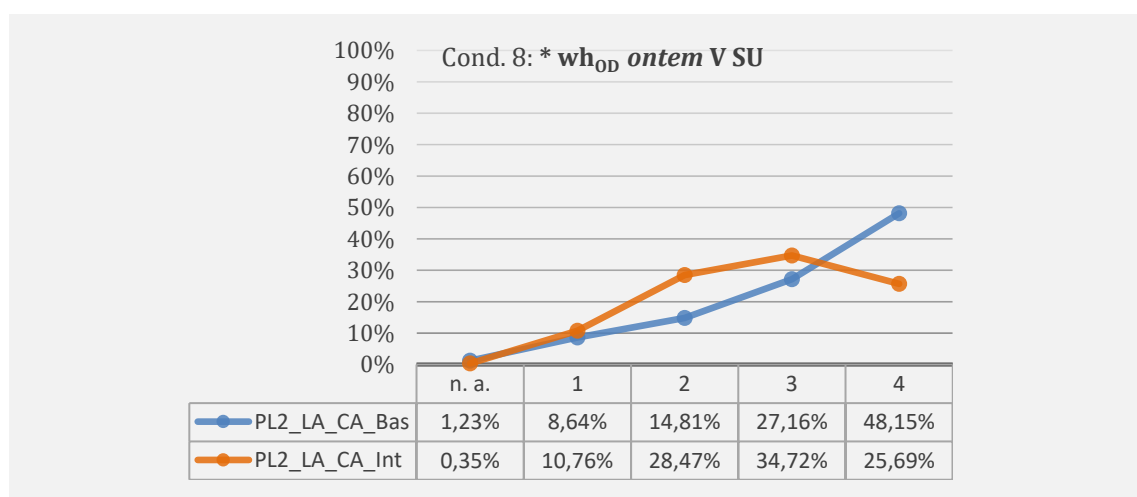


Figura 19. Desempenho dos falantes em contexto académico: Condição 8

Em suma, a predição avançada no âmbito das condições 6-8 é apenas parcialmente confirmada. Apenas na estrutura *wh_{OD} V ontem SU*, testada na condição 6, se esperava uma taxa de aceitação mais alta do que aquela que foi apresentada, sendo que este desempenho poderá dever-se às dificuldades na reconfiguração de traços de C que envolve a aquisição do traço *uT*, traço este que desencadeia o movimento do verbo para C. Reitera-se que o problema de subida do Verbo para C em L2 poderá dever-se à ausência de *triggers* relevantes/suficientes/salientes no *input* a que os falantes de L2 são expostos, visto que os próprios falantes nativos têm uma certa relutância no uso da estrutura com o C preenchido lexicalmente com um verbo.

3.3.3.2. Falantes de PL2 de nível intermédio – aquisição em contexto de imersão linguística (PL2_LA_IL_Int)

O grupo de informantes cujos resultados são descritos nesta subsecção é composto por 27 falantes PL2 de nível intermédio que adquiriam (adquirem) português em condições de imersão linguística na idade adulta, sendo neste caso o contexto de aquisição de língua restringido exclusivamente a Portugal. Tal como os falantes do grupo de nível básico, todos os sujeitos incluídos neste grupo são imigrantes de primeira geração.

Na tabela 20, são apresentados os resultados dos falantes na avaliação de enunciados com frases interrogativas-WH múltiplas.

Tabela 20. Resultados globais do grupo PL2_LA_IL_Int nas condições que testam estruturas IWHM.

GRUPO DE 27 INFORMANTES PL2_IMERSÃO LINGUÍSTICA_NÍVEL INTERMÉDIO					
CONDIÇÃO	ESCALA				
	1	2	3	4	n.a.
1 <i>wh_{SU} V wh_{OD}</i>	5,56%	20,37%	13,58%	59,26%	1,23%
2 <i>wh_{SU} é que V wh_{OD}</i>	10,49%	19,75%	9,88%	59,88%	0
3 <i>* wh_{SU} wh_{OD} V</i>	19,75%	38,89%	20,99%	20,37%	0
4 <i>* wh_{SU} wh_{OD} é que V</i>	23,46%	31,48%	12,96%	30,86%	1,23%
5 <i>* wh_{SU} é que wh_{OD} V</i>	18,52%	34,57%	21,6%	23,46%	1,85%

De acordo com os dados observados na tabela 20, nas condições 1 e 2, a taxa de aceitação aproxima-se de 60%. Tratando-se de falantes a quem foi atribuído o nível intermédio, foi previsto que o grupo mostrasse resultados diferentes dos obtidos pelos falantes de nível básico, o que iria manifestar-se através da subida da taxa de aceitação no caso das condições 1 e 2. No entanto, tendo em conta a análise quantitativa, no caso da condição 1, o comportamento dos dois grupos em imersão linguística – básico e intermédio –, aparentemente, é idêntico (Fig. 20).

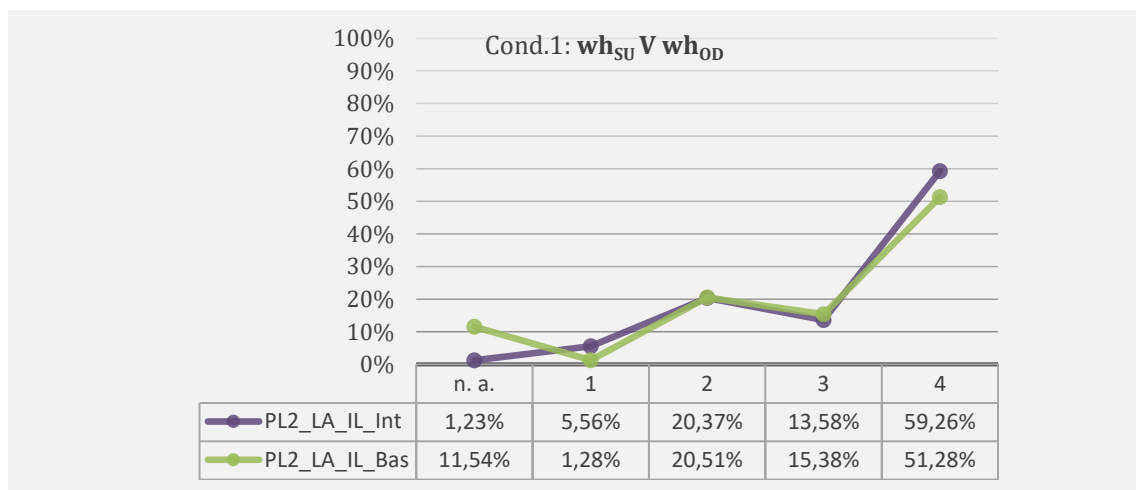


Figura 20. Desempenho dos falantes em imersão linguística: Condição 1

Ao analisar os dados de forma mais detalhada, foi apurado que nem todos os informantes de nível intermédio rejeitam a estrutura-alvo devido à posição do constituinte-WH mais baixo, mas pela ausência do morfema *é que*. Assim, três pessoas rejeitam a IWHM do português $wh_{SU} V wh_{OD}$, preferindo $wh_{SU} é que V wh_{OD}$ (43) em 100% de ocasiões de resposta.

(43) Item de teste: *Quem escreveu o quê?*

Correção: *Quem é que escreveu o que?*

O uso da estrutura com todos os constituintes-WH em posições pré-verbais também foi observado: quatro informantes optam por uma IWHM deste tipo (44).

(44) Item de teste: *Quem ouviu o quê?*

Correção: *Quem o que é que ouviu?*

Quem o que ouviu?

Quem e o que ouviu?

Em relação à condição 2, observámos o aumento da taxa de aceitação, comparativamente ao grupo de falantes de nível básico (Fig. 21), verificando-se a seleção do ponto 4 da escala de avaliação em quase 60% de casos.

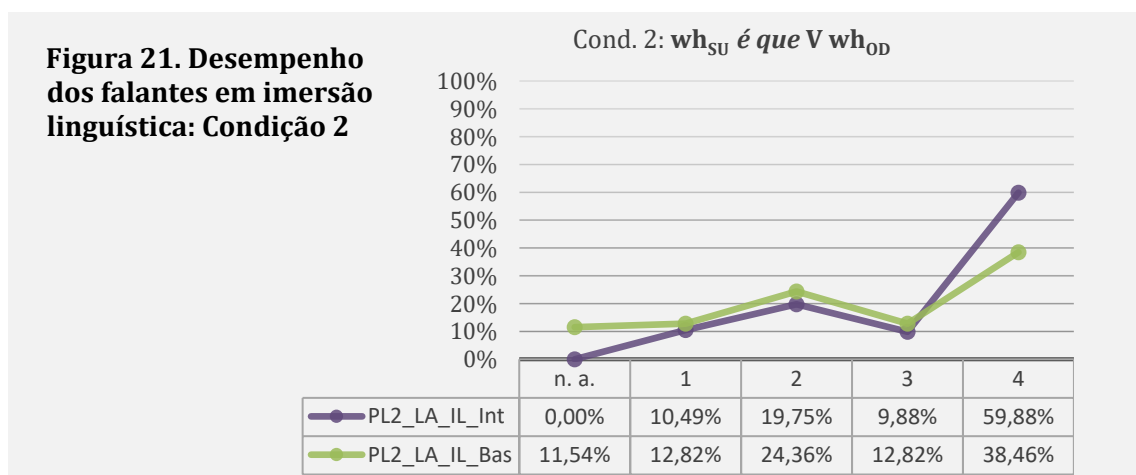


Figura 21. Desempenho dos falantes em imersão linguística: Condição 2

A diferença na taxa de aceitação entre os dois grupos sugere uma preferência, por parte dos sujeitos do grupo de nível intermédio, por *é que*, o que parece refletir o próprio *input*. Ainda assim, na rejeição da estrutura-alvo, no caso daqueles falantes de nível intermédio que propõem uma correção, a marcação da frase como agramatical dá-se, ainda que de modo pontual, por causa da ocorrência de *é que* (45a), ou porque os falantes optam por um constituinte-WH *qual* (45b) ou porque preferem o WH- Objeto Direto sem o acento gráfico (45c), e não por causa da posição dos constituintes-WH.

(45) Item de teste: *Quem é que comprou o quê?*

- Correção:
- a. *Quem comprou o que*
 - b. *Quem é que comprou o qual?*
 - c. *Quem é que comprou o que?*

Por outro lado, tal como na condição 1, alguns falantes retificam a estrutura-alvo, preferindo todos os constituintes-WH em posições pré-verbais. Do total de 27 informantes de nível intermédio, seis pessoas fazem isto de modo recorrente, verificando-se, portanto, ainda alguma dificuldade na reconfiguração de traços.

Ao contrastar os resultados obtidos no âmbito das condições IWHM gramaticais do PE (cond. 1 e 2) com os obtidos nas condições agramaticais (cond. 3-5), pode dizer-se que os dados vão ao encontro da predição, ou seja, a percentagem na seleção do ponto 4 nas estruturas-alvo gramaticais é consideravelmente mais alta do que nas estruturas IWHM agramaticais. Apesar de alguns falantes ainda recorrerem à estrutura interrogativa com todos os WH- pré-verbais, o que se confirma tanto pela taxa de aceitação como pela presença da retificação, a maior parte do grupo de nível intermédio avalia esta estrutura como agramatical, sendo que 81.8% das respostas retificadas, no caso da condição 3, vão também neste sentido (46).

(46) Item de teste: *Quem o que vendeu?*

- Correção:
- Quem vendeu o quê?*
 - Quem é que vendeu o que?*

Também ao observar os dados no contexto das condições 4 e 5 se verificou a mesma tendência, *i.e.*, os falantes, ao corrigirem as frases, preferem uma IWHM com apenas um constituinte-WH interrogativo na periferia esquerda, enquanto o outro se mantém *in situ*. Na condição 4, 83,5% das retificações contemplam estruturas do tipo exemplificado em (47).

(47) Item de teste: *Quem o que é que organizou?*

- Correção:
- Quem é que organizou o que? / Quem é que organizou o quê?*
 - Quem organizou o que? / Quem organizou o quê?*

Por sua vez, na condição 5, 84,9% das respostas (correções) refletem uma IWHM construída de acordo com as propriedades gramaticais do português.

Em comparação com o grupo de nível básico, nos resultados do grupo de nível intermédio, e no que toca às condições 3-5, observa-se uma clara evolução na aquisição das IWHM (Fig. 22-24), confirmada, sobretudo, através da diferença na taxa de rejeição e do tipo de correções observadas. Ainda assim, no caso da condição 4 (Fig. 23), a taxa de aceitação continua a ser elevada.

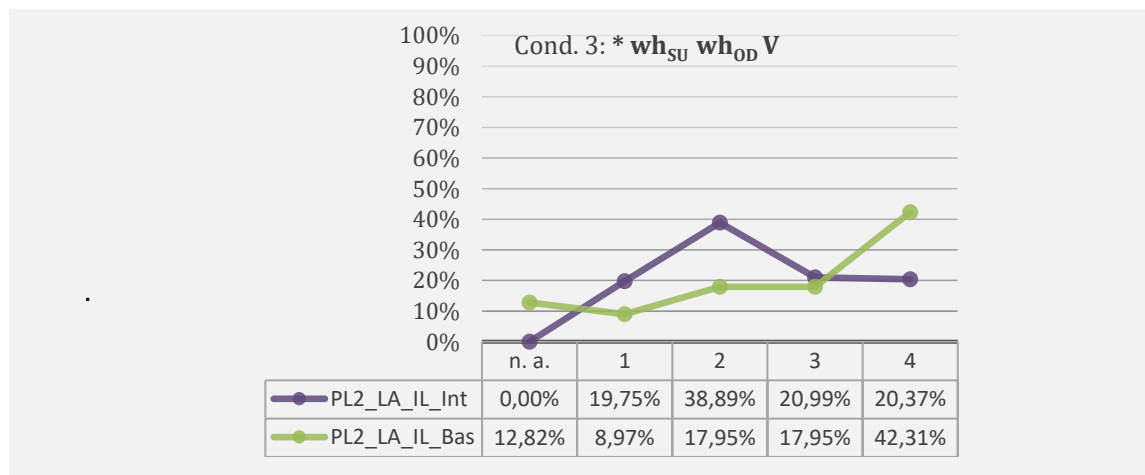


Figura 22. Desempenho dos falantes em imersão linguística: Condição 3

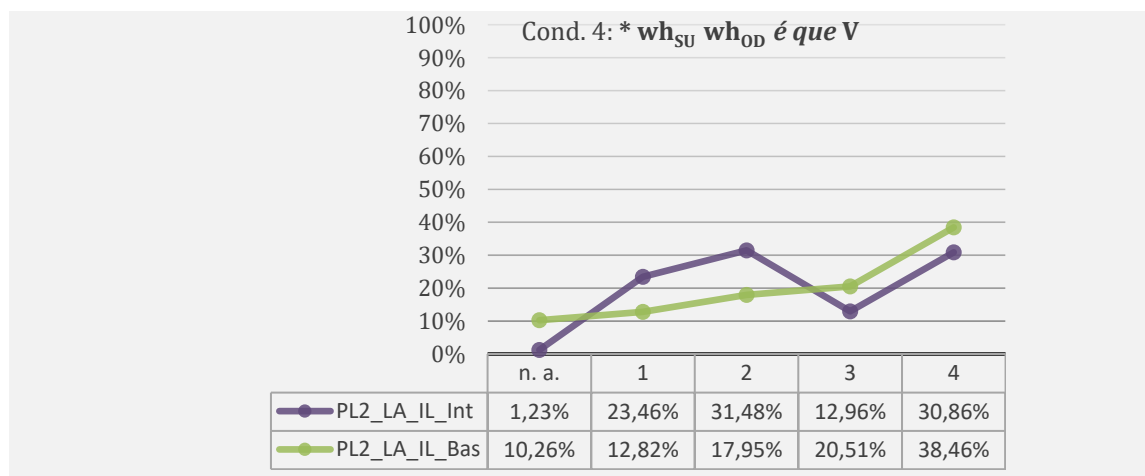


Figura 23. Desempenho dos falantes em imersão linguística: Condição 4

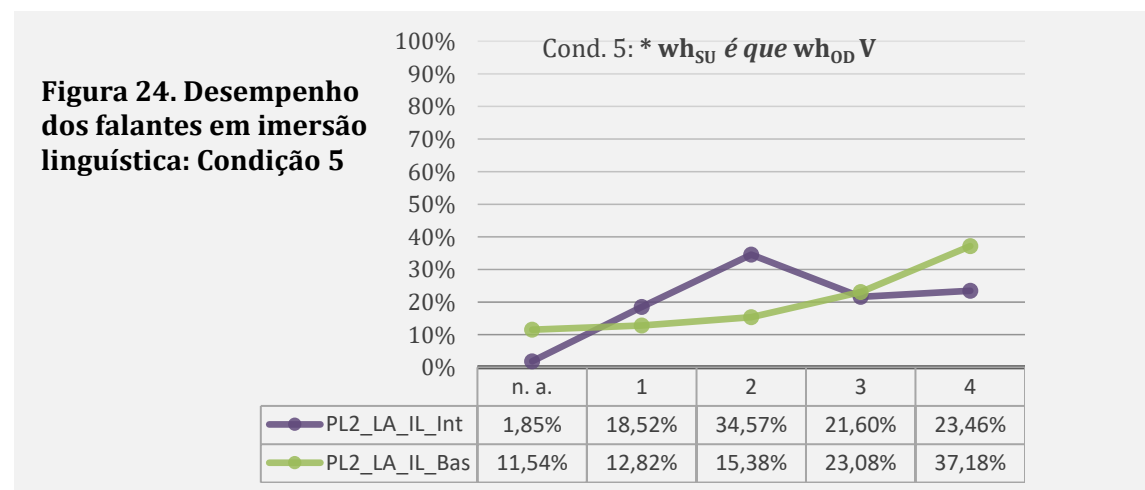


Figura 24. Desempenho dos falantes em imersão linguística: Condição 5

Em relação às condições que englobam frases interrogativas-WH não múltiplas, cujos resultados são apresentados na tabela 21, foi previsto que, nas estruturas-alvo gramaticais (cond. 6 e 7), a média da taxa de aceitação seria mais alta do que a taxa de rejeição. Por sua vez, na construção considerada agramatical no PE (cond. 8), espera-se uma taxa de rejeição elevada, mesmo tendo em conta que alguns falantes aceitem uma interrogativa-WH sem subida do verbo para C.

Tabela 21. Resultados globais do grupo PL2_LA_IL_Int nas condições que testam estruturas interrogativas-WH não múltiplas.

GRUPO DE 27 INFORMANTES PL2_IMERSÃO LINGUÍSTICA_NÍVEL INTERMÉDIO					
CONDIÇÃO	ESCALA				
	1	2	3	4	n.a.
6 <i>wh_{OD} V ontem SU</i>	8,64%	26,54%	38,27%	25,93%	0,62%
7 <i>wh_{OD} é que SU V ontem</i>	1,23%	6,79%	3,70%	88,27%	0
8 <i>* wh_{OD} ontem V SU</i>	11,11%	33,95%	24,69%	27,16%	3,09%

De acordo com os resultados apresentados na tabela 21, no caso da condição 6, a predição não é confirmada, sendo que os falantes do grupo apresentam uma taxa de aceitação relativamente baixa (25,93%). Verifiquei que apenas 6 pessoas do total de 27 aceitam a estrutura sistematicamente. Na rejeição da frase, 75,7% das retificações propostas correspondem a uma estrutura em que o advérbio temporal *ontem* aparece em posição final, integrando tanto frases com a inversão SU-V presente (48 a-b), como sem a inversão (48 c-d).

(48) Item de teste: *O que encontrou ontem a Maria?*

- Correção:
- a. *O que encontrou a Maria ontem*
 - b. *O que é que encontrou a Maria ontem?*
 - c. *O que é que a M. encontrou ontem?*
 - d. *O que a Maria encontrou ontem?*

Com exceção do caso apresentado em (48a), que não nos pode dizer com toda a segurança se o movimento T-C teve lugar, outros exemplos (48 b-d) parecem sugerir que o verbo não saiu do domínio de TP. Assim, foi constatado que 83,2% das respostas retificadas representam uma estrutura em que a subida do verbo não é observada. Algumas correções envolvem estruturas com a ordem V SU, e com o morfema *é que* presente (48b). Outros cenários refletem uma estrutura com a ordem SU V com ou sem *é que* (cf. 48 c, d). Em alguns

casos (15% do total de correções observadas), o falante limita-se à inserção do *é que*, sem fazer mais nenhuma reorganização na frase (49).

(49) Item de teste: *O que organizou ontem a Maria?*

Correção: *O que é que organizou ontem a Maria?*

Deste modo, atendendo à taxa de aceitação baixa e ao tipo de correção proposta, pode concluir-se que, neste grupo, a reconfiguração de traços do núcleo C, que envolve a seleção do traço [uT] em português, não aconteceu.

Contrastando os dados do grupo PL2_LA_IL_Int com o grupo de falantes de nível básico que também adquirem o português em condições de *input* naturalista, a predição de que os falantes de nível intermédio teriam uma taxa de aceitação superior à taxa de aceitação dos falantes de nível básico também não se verificou (Fig. 25), dado que a taxa de seleção do ponto 4, no caso de nível básico, é mais alta, o que não era esperado.

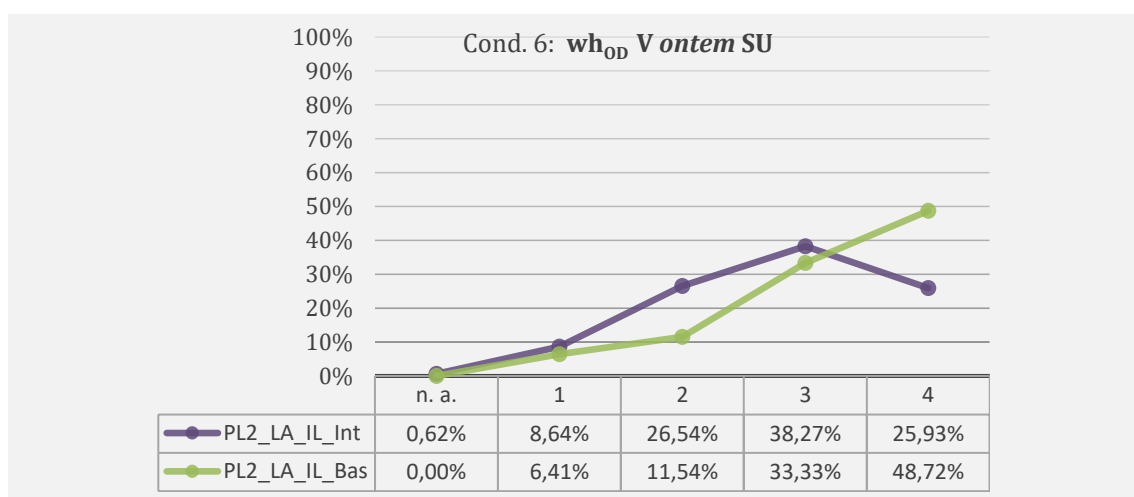


Figura 25. Desempenho dos falantes em imersão linguística: Condição 6

No caso da condição 7, os resultados vão ao encontro do previsto, verificando-se uma taxa de aceitação elevada (88,27%). Em comparação com o grupo 6 (PL2_LA_IL_Bas), o desempenho dos falantes de nível intermédio é consideravelmente melhor (Fig. 26).

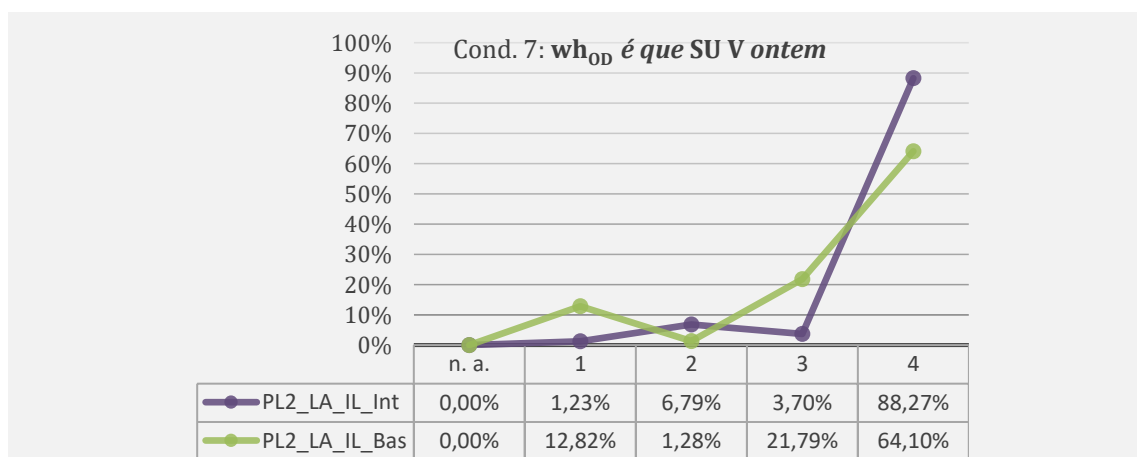


Figura 26. Desempenho dos falantes em imersão linguística: Condição 7

De acordo com a análise individual de dados, apenas uma pessoa rejeita a estrutura-alvo em 100% de oportunidades de resposta, propondo uma retificação como a apresentada em (50).

- (50) Item de teste: *O que é que a Maria comprou ontem?*
 Correção: *O que Maria comprou ontem?*

Na condição 8, que corresponde a uma estrutura agramatical, a predição confirmou-se no sentido em que a taxa de aceitação é inferior à taxa de rejeição. No entanto, comparando a condição 6 com a condição 8, verificámos que a média de aceitação é quase igual (25,93% na condição 6 contra 27,16% na condição 8). Em ambas as estruturas, a rejeição dá-se, principalmente, por causa da posição do advérbio, sendo que os falantes preferem, sobretudo, estruturas com o advérbio *ontem* no final da frase. Para além disto, 58,4% das correções apresenta o morfema *é que*, refletindo assim uma estrutura sem movimento do verbo para C (51).

- (51) Item de teste: *O que ontem escreveu a Maria?*
 Correção: a. *O que é que a Maria escreveu ontem?*
 b. *O que é que ontem escreveu a Maria*

Quanto à comparação de resultados entre os falantes do grupo de nível intermédio e os falantes de nível básico, de facto, os primeiros apresentam uma percentagem de aceitação mais baixa, como foi predito (Fig. 27).

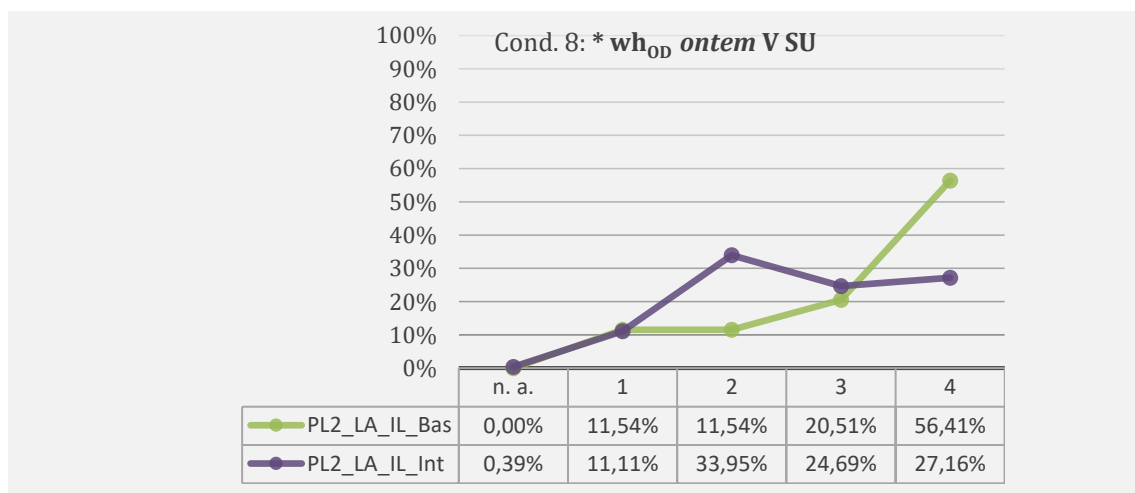


Figura 27. Desempenho dos falantes em imersão linguística: Condição 8

De acordo com os dados analisados, a predição avançada no âmbito das condições 6-8 é apenas parcialmente confirmada. Os resultados obtidos, no caso das interrogativas-WH não múltiplas, no grupo de falantes de nível intermédio que adquirem o português em condições de imersão linguística, são, em algumas condições, muito semelhantes aos dados de falantes de nível intermédio do contexto académico.

Concluindo, tendo em consideração a média obtida nas condições 6 e 8, estamos perante dados muito contraditórios, pois, atendendo ao fenómeno testado, se os falantes rejeitam a estrutura em que o verbo não sobe para C (condição 8: wh_{OD} ontem V SU), era suposto que aceitassem uma interrogativa com movimento do verbo para C visível (condição 6: wh_{OD} V ontem SU), o que não se verificou. Constatámos, entretanto, que, por um lado, ao proporem uma correção, a preferência vai para o advérbio *ontem* em posição final. Por outro lado, mesmo quando a ordem V SU está presente nas correções apresentadas pelos falantes, o verbo mantém-se dentro do domínio de TP.

3.3.3.3. Comparação dos grupos PL2_LA_CA_Int e PL2_LA_IL_Int

Reiterando aqui a pergunta de investigação 3 – *Será que falantes de PL2 em situação de imersão têm um comportamento diverso de falantes de PL2 que adquirem a língua em situação de aprendizagem formal?* –, nesta secção, comparamos os dados dos dois grupos do nível intermédio descritos nas secções 3.3.3.1. e 3.3.3.2.

Em relação às condições 1 e 2 (Fig. 28, 29), que englobam estruturas IWHM gramaticais, os dois grupos de falantes comportam-se de modo muito semelhante, embora a média de aceitação, no caso de informantes em imersão linguística, seja ligeiramente mais baixa do que no caso de informantes em contexto académico.

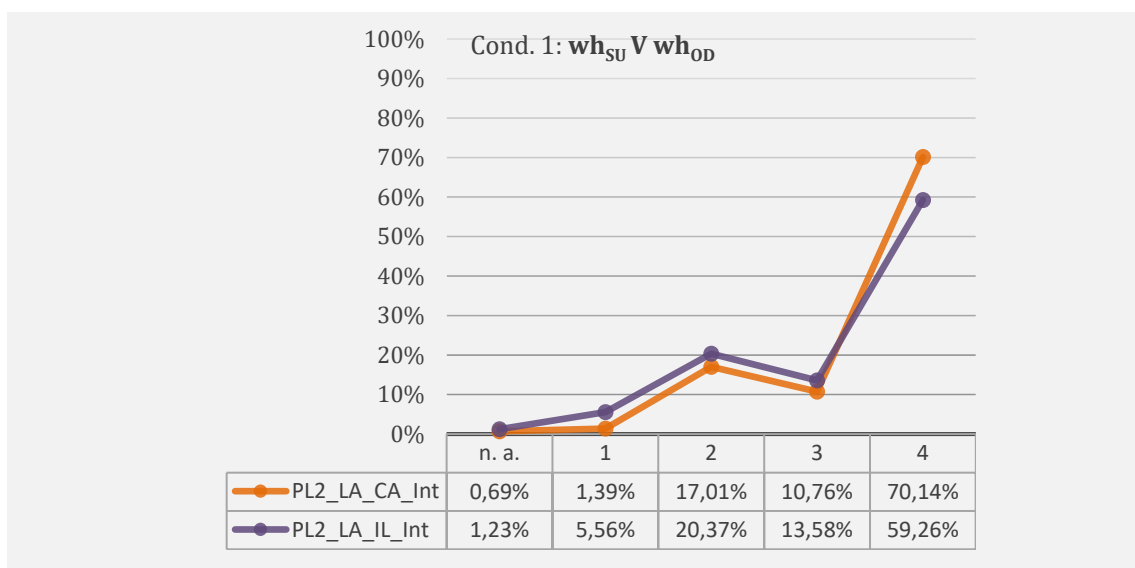


Figura 28. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Int e PL2_LA_IL_Int: Condição 1

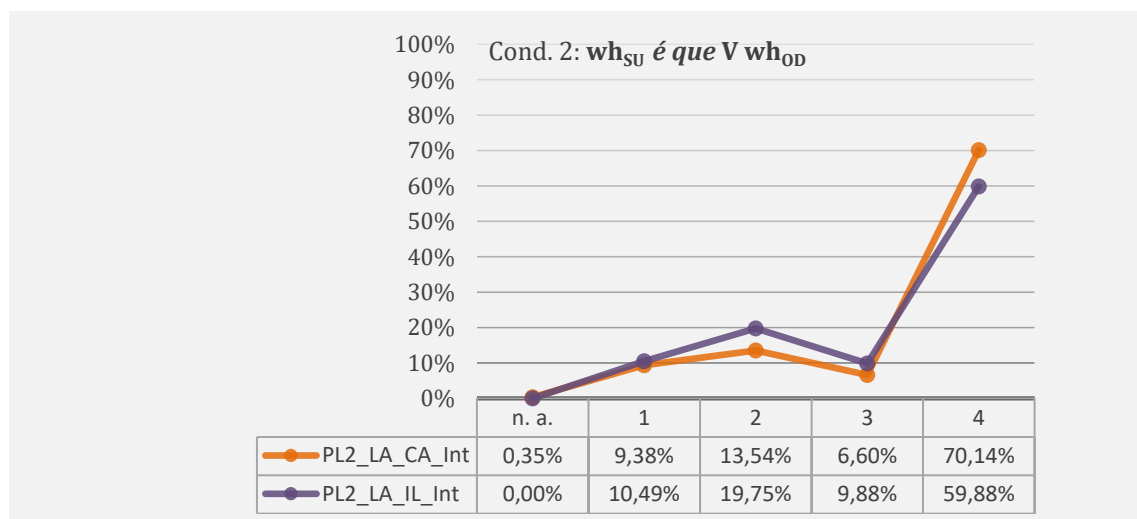


Figura 29. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Int e PL2_LA_IL_Int: Condição 2

Também ao comparar os resultados individuais relativamente às correções apresentadas, foram apuradas tendências de uso de IWHM similares. Assim, nos dois grupos, no caso de alguns informantes, ainda se observam estruturas com todos os constituintes-WH em posições pré-verbais, o que sugere alguma dificuldade na reconfiguração de traços relevante para a aquisição destas estruturas. Por outro lado, apesar da rejeição das estruturas-alvo gramaticais do português, algumas retificações propostas já refletem o progresso na aquisição de IWHM, visto que a correção se dá por razões distintas das da posição dos constituintes-WH, por exemplo, por causa de uso/não uso do morfema cristalizado *é que*.

Quanto às estruturas IWHM agramaticais testadas nas condições 3-5 (Fig. 30-32), tanto os falantes de nível intermédio em contexto de aquisição formal como em imersão linguística também se comportam conforme esperado, ultrapassando a percentagem de rejeição a percentagem de aceitação.

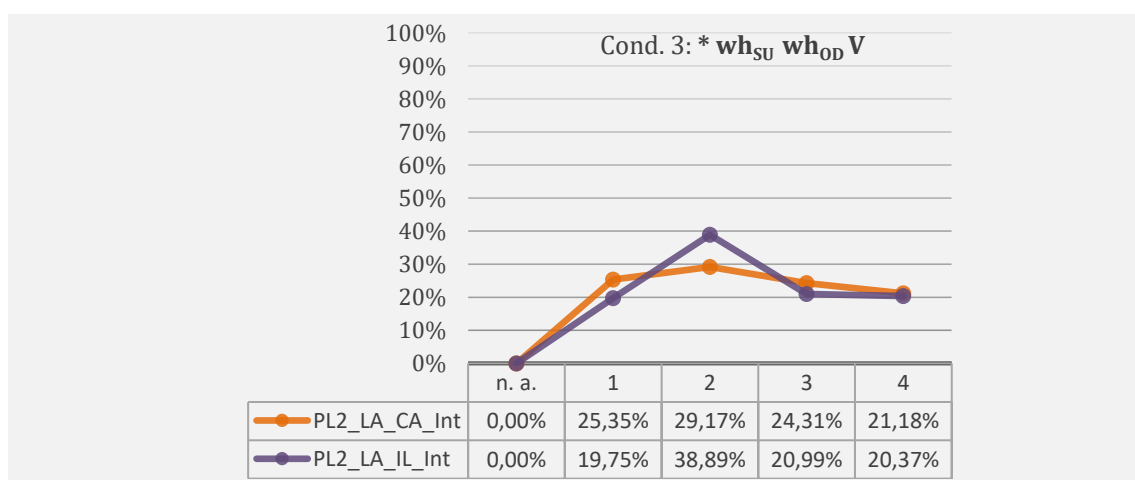


Figura 30. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Int e PL2_LA_IL_Int: Condição 3

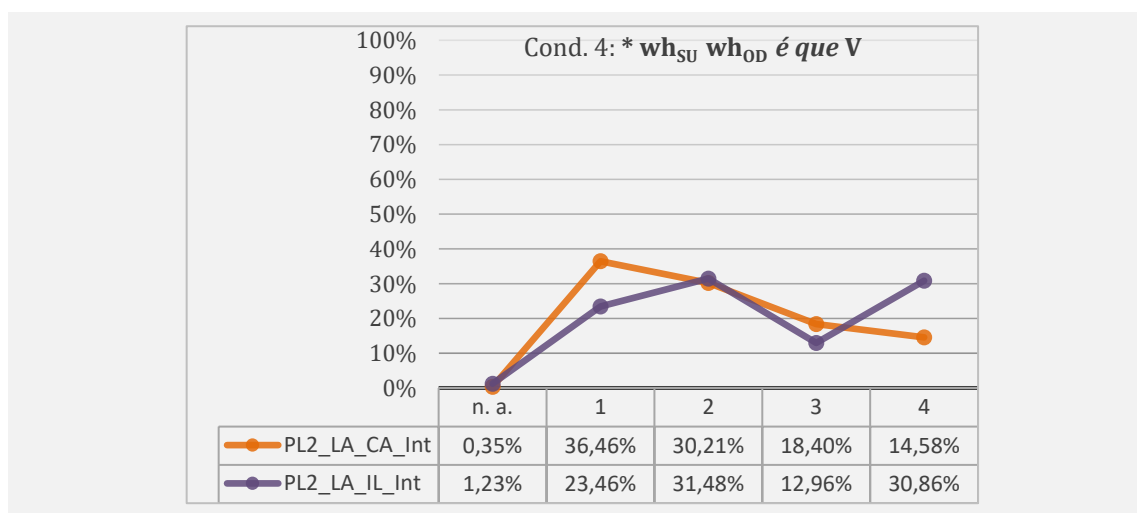


Figura 31. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Int e PL2_LA_IL_Int: Condição 4

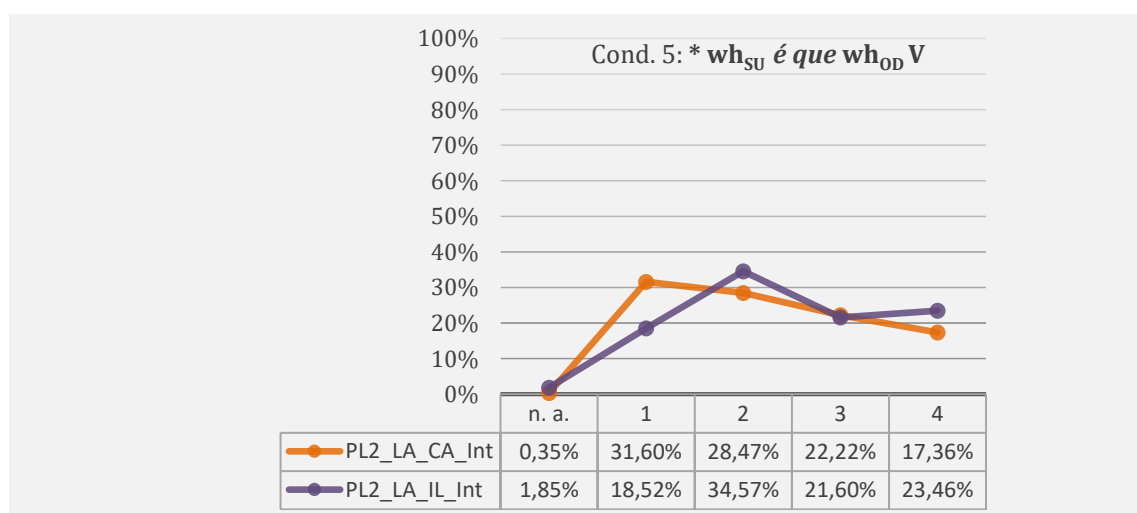


Figura 32. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Int e PL2_LA_IL_Int: Condição 5

Na correção das frases, a maior parte das retificações reflete uma estrutura IWHM em que apenas um constituinte-WH ocorre em posição pré-verbal, enquanto o outro se mantém *in situ*. Todavia, enquanto, nas condições 3 e 5 (Fig. 30, 32), os dois grupos mostram desempenho muito semelhante, no caso da condição 4, o grupo em imersão linguística apresenta uma taxa de aceitação mais alta (Fig. 31). Este facto poderia ser indicativo de que o contexto de instrução formal favorece o processo de aquisição. Todavia, ao conjugar todas as informações obtidas via análises quantitativa e qualitativa individuais, a diferença é dificilmente explicada pelo contexto de aquisição, visto que, apesar de a média de rejeição do grupo em contexto académico ser superior à do grupo em imersão linguística, esta rejeição dá-se, em 10,5% de todas as correções observadas, porque o morfema *é que* segue os dois constituintes-WH, preferindo estes falantes o morfema *é que* entre os *WH*-. Assim, nestes casos, a reconfiguração de traços relevante também ainda não teve lugar.

No que toca às interrogativas-WH não múltiplas (cond. 6-8) (Fig. 33-35), os falantes dos dois grupos de nível intermédio comportam-se de modo praticamente igual.

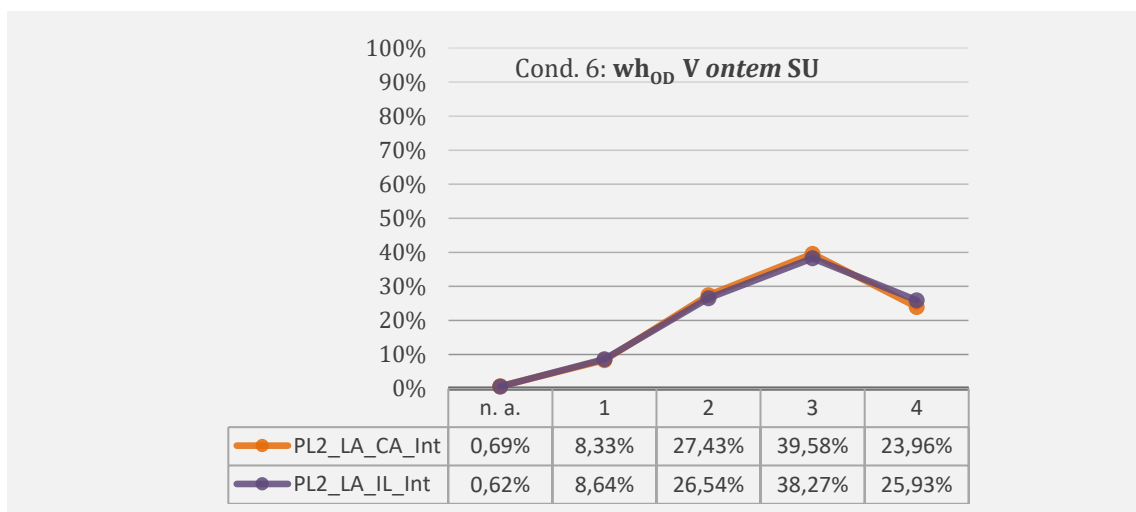


Figura 33. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Int e PL2_LA_IL_Int: Condição 6

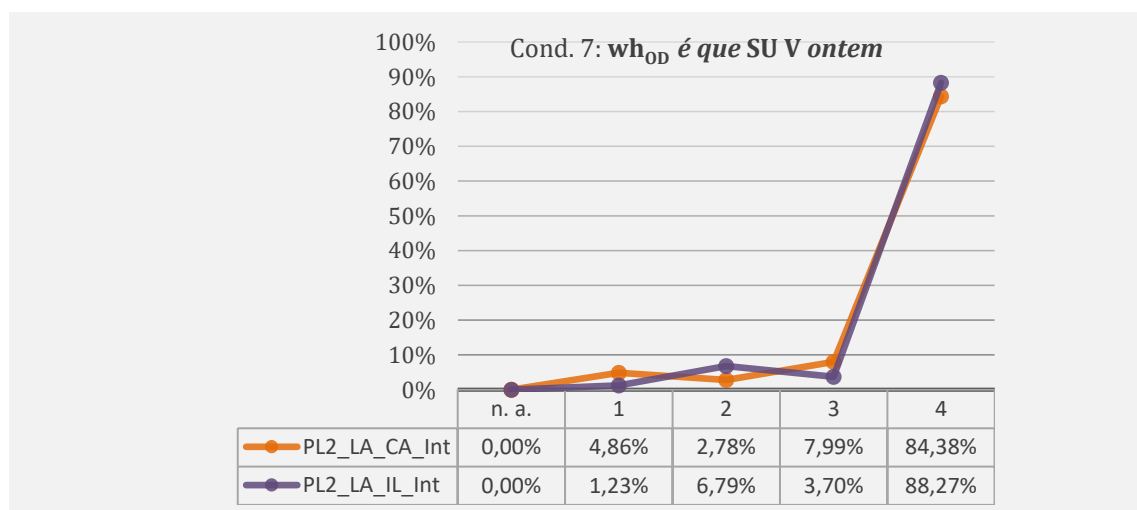


Figura 34. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Int e PL2_LA_IL_Int: Condição 7

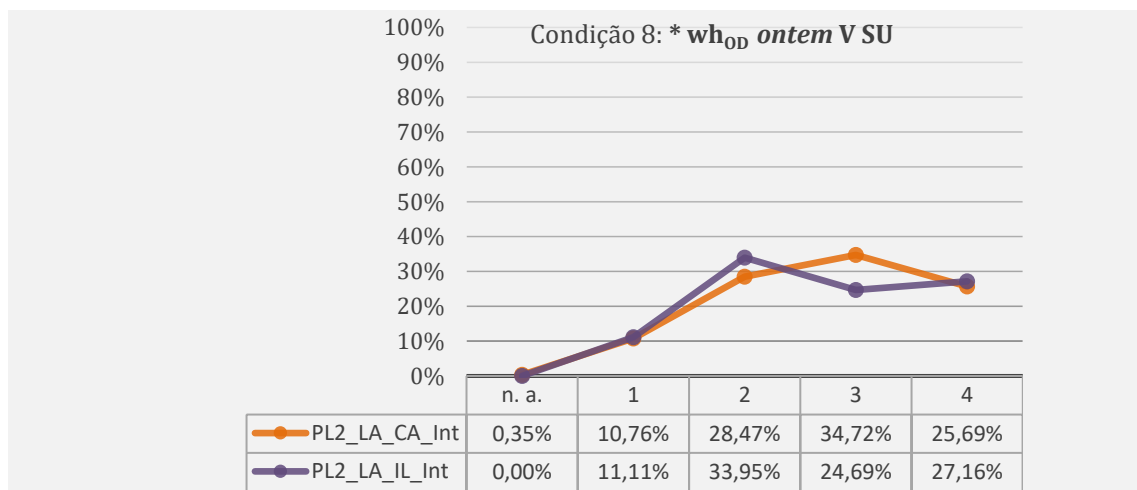


Figura 35. Comparação dos resultados dos grupos PL2_LA_CA_Int e PL2_LA_IL_Int: Condição 8

A única diferença consiste no uso de pontos intermédios na condição 8, contudo, o contraste não parece ser muito relevante. Tanto os participantes do grupo em imersão linguística como os do grupo em contexto académico rejeitam a estrutura com a subida do verbo (cond. 6), ou, pelo menos, mostram muita hesitação com concentração de respostas em pontos intermédios da escala, preferindo uma interrogativa-WH em que a subida do verbo não se verifica (cond. 7). A taxa de rejeição alta confirmada no âmbito das estruturas *wh_{OD} V ontem SU* e *wh_{OD} ontem V SU* também se deve à posição do advérbio *ontem*, sendo que os falantes dos dois grupos preferem o advérbio em posição final da frase. Assim, apesar de as interrogativas-WH não múltiplas, geralmente, fazerem parte dos pontos programáticos abordados em contextos de aquisição formal desde etapas iniciais, os dois grupos apresentam resultados praticamente iguais. Tendo em conta esta homogeneidade, pode chegar-se à conclusão de que o papel da instrução não parece ser relevante na aquisição das interrogativas-WH simples, relativamente à aquisição do movimento T-C. Considerando a taxa de aceitação obtida na condição 6 e o tipo de retificações que excluem a subida do verbo para C, possivelmente, estamos perante um caso de aquisição tardia, independentemente do contexto em que as estruturas são adquiridas.

Sintetizando as informações dadas na secção 3.3.3., pode dizer-se que os falantes de nível intermédio tanto em contexto formal como com acesso a *input* naturalista apresentam um progresso observável na aquisição das estruturas IWHM quase em todas as condições. Entre os grupos expostos a *input* naturalista – o grupo de nível básico e do nível intermédio – a diferença parece não ser considerável.

3.3.4. Grupo 5: falantes de PL2_Early Arrivals

Esta secção discute os resultados obtidos por um grupo de falantes de PL2 composto por treze sujeitos adultos cuja primeira exposição à língua começou em idade inferior aos 15 anos em contexto de imersão linguística. Na altura de aplicação do teste, os informantes tinham entre 18 e 30 anos (média 21,6).

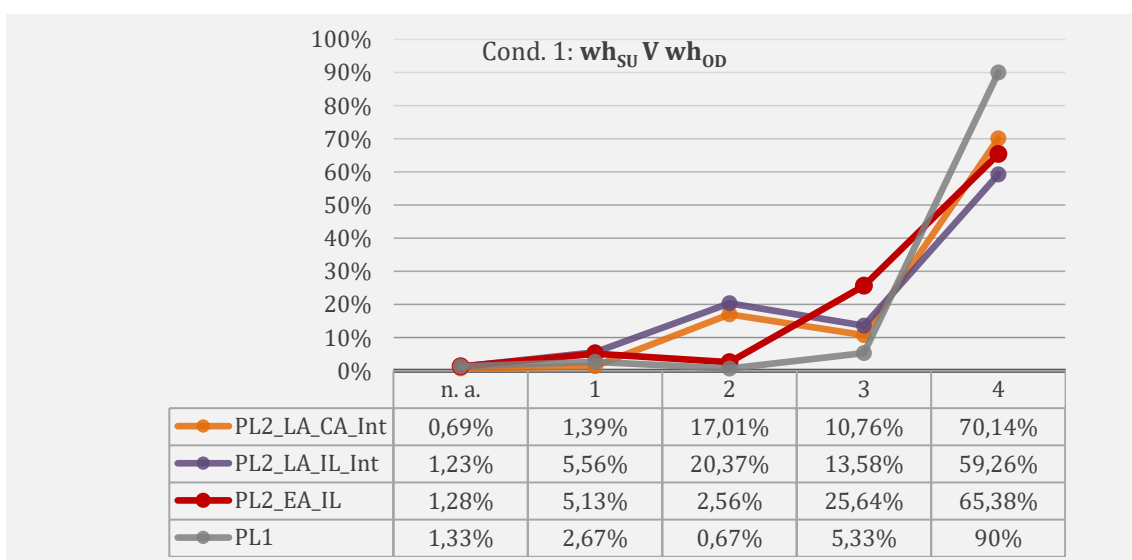
Tendo em conta a variável “idade da primeira exposição à língua”, prevê-se que o grupo de PL2_Early Arrivals terá um desempenho consideravelmente diferente dos grupos de falantes de PL2 de aquisição tardia, no sentido em que os primeiros terão menos desvios tanto na avaliação de estruturas IWHM como na avaliação de interrogativas-WH simples.

Na tabela 22, são apresentados os resultados dos falantes na avaliação de enunciados com frases interrogativas-WH múltiplas.

Tabela 22. Resultados globais do grupo PL2_Early Arrivals nas condições que testam estruturas IWHM.

GRUPO DE 13 INFORMANTES PL2_EARLY ARRIVALS_IMERSÃO LINGUÍSTICA					
CONDIÇÃO	ESCALA				
	1	2	3	4	n.a.
1 $wh_{SU} V wh_{OD}$	5,13%	2,56%	25,64%	65,38%	0,69%
2 $wh_{SU} \text{ é que } V wh_{OD}$	6,41%	3,85%	14,1%	75,64%	0
3 $* wh_{SU} wh_{OD} V$	29,48%	30,77%	35,9%	3,85%	0
4 $* wh_{SU} wh_{OD} \text{ é que } V$	37,18%	25,64%	21,79%	11,54%	3,85%
5 $* wh_{SU} \text{ é que } wh_{OD} V$	41,03%	24,36%	24,36%	5,13%	5,13%

Apesar de ser previsto que os falantes do grupo 5 mostrem uma taxa de aceitação mais alta do que os falantes PL2 mais avançados que começaram a adquirir o português na idade adulta, no caso da condição 1, uma primeira observação dos resultados parece indicar que não correspondem ao esperado. De facto, considerando apenas o conjunto de informantes de nível intermédio, a percentagem de seleção do ponto 4 está muito próxima entre os grupos PL2_LA_IL_Int e PL2_LA_CA_Int e PL2_EA_IL e difere, por outro lado, do grupo de falantes nativos (PL1) (Fig. 36).

**Figura 36. Desempenho dos falantes em imersão linguística de Early Arrivals e Late Arrivals/Acquisition: Condição 1**

No entanto, ao observar o desempenho individual, foi verificado que grande parte de rejeições e, simultaneamente, da retificação da frase, se dá por motivos da ausência do

morfema cristalizado *é que* (52), o que mostra a relevância da análise qualitativa deste tipo de resultados.

- (52) Item de teste: *Quem viu o quê?*
 Correção: *Quem é que viu o quê?*

Alguns falantes propõem a mesma correção, escolhendo o ponto 3 na escala e um informante seleciona sempre o ponto 3 e corrige a frase, optando, sistematicamente, por um WH_{OD} átono (53).

- (53) Item de teste: *Quem viu o quê?*
 Correção: *Quem viu o que?*

Note-se que, neste grupo, não foi encontrada nenhuma retificação que sugira uma estrutura IWHM com todos os constituintes-WH pré-verbais, diferentemente da retificação sugerida por falantes PL2 de nível intermédio. Deste modo, embora a taxa de aceitação do grupo PL2_Early Arrivals seja idêntica à dos grupos PL2 de aquisição tardia, a *performance* individual dos *Early Arrivals* pode ser equiparada à *performance* dos falantes nativos.

Além disso, do ponto de vista quantitativo, constata-se que o grupo de *Early Arrivals* se comporta também como os falantes nativos no que diz respeito à rejeição, *i.e.*, ambos os grupos têm percentagens muito baixas de escolha dos pontos 1 e 2, ao contrário do que acontece com os falantes PL2 de aquisição tardia.

No caso da condição 2, o grupo 5 mostra uma média de aceitação mais alta do que os dois grupos de nível intermédio, no entanto, a diferença não parece ser relevante no que toca ao grupo em aprendizagem formal. Por outro lado, comparando os resultados dos *Early Arrivals* com os falantes PL1, o contraste é visível (Fig. 37).

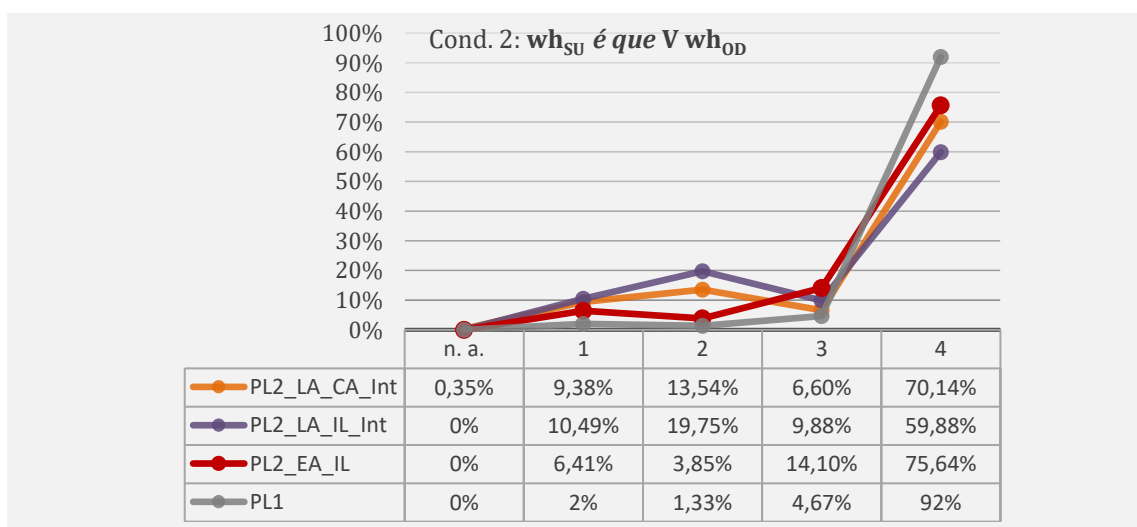


Figura 37. Desempenho dos falantes em imersão linguística de *Early Arrivals* e *Late Arrivals*/Acquisition: Condição 2

Contudo, ao fazer uma análise qualitativa dos resultados individuais, tal como na condição 1, foi verificado que o comportamento dos falantes PL2_Early Arrivals parece mais próximo do comportamento de falantes nativos do português. Por um lado, a taxa de rejeição (escolha dos pontos 1 e 2 da escala) entre estes falantes, tal como entre os nativos é muito baixa, mais baixa do que nos restantes grupos. Por outro lado, quando os falantes rejeitam o enunciado, fazem-no não por causa da posição dos constituintes-WH, mas devido à presença do *é que* (54a) ou porque preferem o WH_{0D} átono (54b).

(54) a. Item de teste: *Quem é que fez o quê?*

Correção: *Quem fez o quê?*

b. Item de teste: *Quem é que comeu o quê?*

Correção: *Quem é que comeu o que?*

Em relação às condições que testam estruturas IWHM agramaticais, pode dizer-se que, em geral, os resultados vão ao encontro da predição. A média de aceitação é, consideravelmente, mais baixa nas condições 3 e 5, em comparação com os restantes grupos de PL2 e é muito próxima dos valores do grupo de controlo. Como se verá, a condição 4 constitui a exceção, sendo que a percentagem de seleção do ponto 4, no caso dos falantes PL2_Early Arrivals, é idêntica à percentagem do grupo de nível intermédio em contexto académico.

De acordo com a análise qualitativa, foi apurado que, ao rejeitar a frase, praticamente todos os falantes propõem uma retificação e esta retificação reflete uma interrogativa gerada segundo as regras da sintaxe do PE, ou seja, propõem uma IWHM em que apenas um constituinte-WH é movido para uma posição periférica pré-verbal e o outro é mantido *in situ* (55). Repare-se que o único desvio detetado não é ligado ao domínio sintático, mas pertence ao âmbito da ortografia e/ou da fonologia.

(55) Item de teste: *Quem o que vendeu?*

Correção: *Quem é que vendeu o quê? / Quem é que vendeu o que?*
Quem vendeu o quê? / Quem vendeu o que?

Deste modo, tendo em conta os tipos de correção usados por falantes PL2_Early Arrivals, constata-se que o seu desempenho é de longe mais homogéneo, aproximando-se do desempenho do grupo de controlo, em comparação com os grupos de falantes PL2_Late Arrivals/Late Acquisition, que apresentam uma variabilidade nos comportamentos entre indivíduos. Por outro lado, a diferença entre os falantes PL2_Early Arrivals e o grupo de controlo consiste no uso da escala de avaliação (Fig. 38). Assim, os falantes nativos mostram ter juízos de gramaticalidade mais categóricos, recorrendo aos pontos que delimitam a

escala (pontos 1 e 4). Por sua vez, os *Early Arrivals* não usam apenas os pontos 1 e 2, mas parecem usar também, e em muito maior escala, o ponto 3 para mostrar que a estrutura não é (totalmente) gramatical, o que pode indicar menos segurança na avaliação da frase, por um lado, e/ou que o decréscimo de gramaticalidade não é muito substancial. A existência de juízos menos categóricos no caso dos *Early Arrivals*, por comparação com o grupo de controlo é, aliás, visível também nas condições 1 e 2, em que o grupo agora em estudo usa mais frequentemente o ponto 3 da escala do que o grupo de controlo.

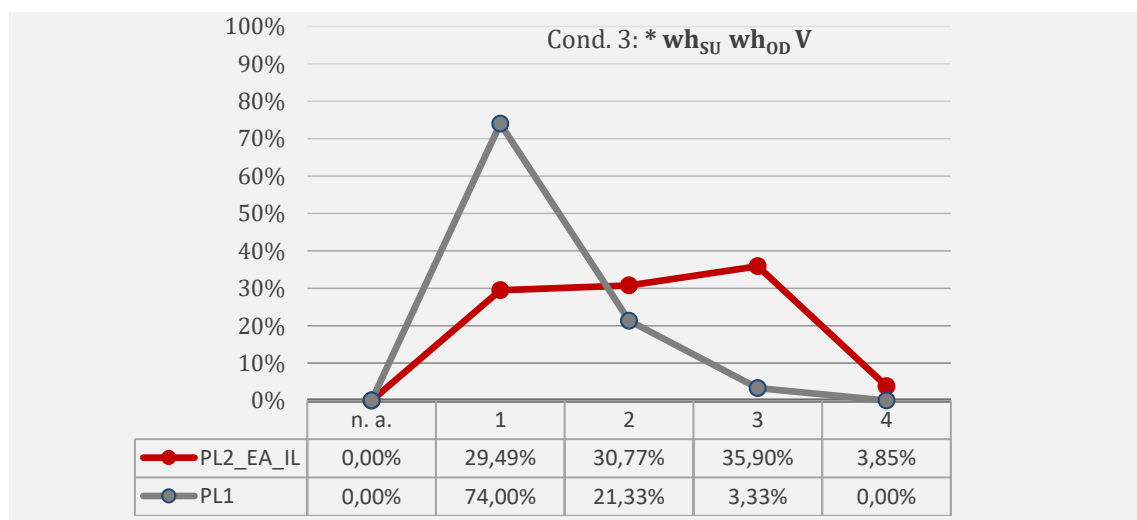


Figura 38. Desempenho dos falantes *Early Arrivals*: Condição 3

Em relação à condição 4 (* wh_{SU} wh_{OD} é que V), os resultados globais dos *Early Arrivals* são muito próximos, aparentemente, dos resultados do grupo PL2 de nível intermédio em contexto académico, distanciando-se tanto do grupo de controlo como do grupo PL2 de nível intermédio em imersão linguística (Fig. 39).

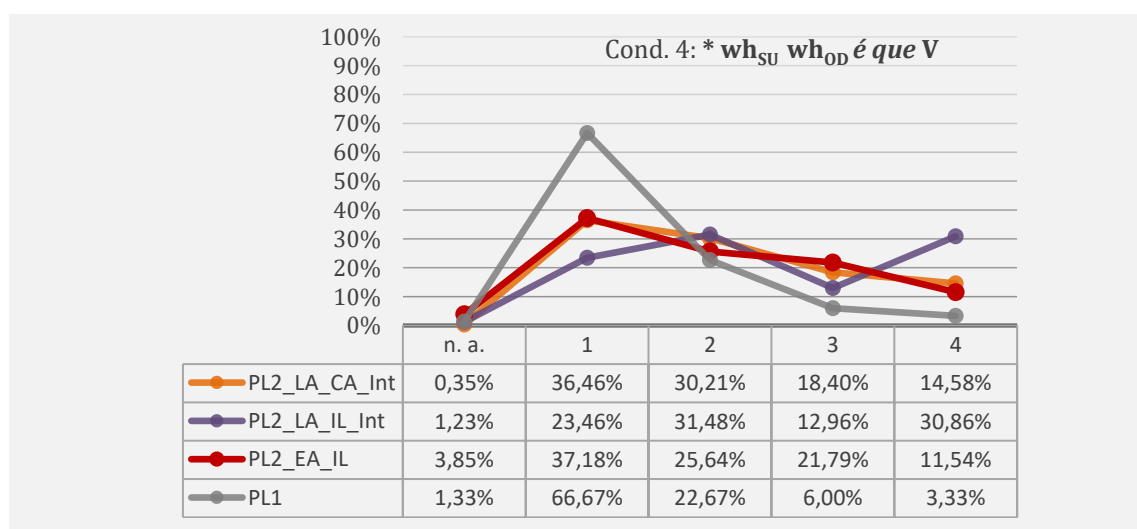


Figura 39. Desempenho dos falantes PL2 de nível intermédio e de *Early Arrivals*: Condição 4

Porém, a semelhança entre os *Early Arrivals* (linha vermelha) e o grupo PL2 de nível intermédio em contexto académico (linha laranja) restringe-se somente à análise

quantitativa. Ao observar qualitativamente os dados individuais, tal como na condição 3, foi apurado que, ao rejeitar a frase, os falantes *Early Arrivals* seguem o mesmo padrão para retificar a frase que os falantes PL1, *i.e.*, propõem uma IWHM gerada segundo as regras da sintaxe do PE, não sendo observada a variação detetada no caso dos falantes *Late Arrivals/Late Acquisition*, ainda que esta variação já se manifeste de modo mais pontual no nível intermédio.

Na condição 5, o grupo PL2_EA_IL mostra os resultados esperados. Assim, a maior parte dos falantes *Early Arrivals* rejeita a frase, correspondendo a taxa de aceitação plena (escolha do ponto 4) a 5,13%, que é uma taxa idêntica à observada no caso dos falantes nativos do português. Quando é proposta uma retificação, e isto acontece em 87,2% de oportunidades de resposta, esta reflete a estrutura sintática com um constituinte-WH movido para uma posição periférica pré-verbal e o outro matido *in situ*, o que corresponde a uma IWHM do português (56). Nenhuma correção proposta sugere a possibilidade de *transfer* negativo.

(56) Item de teste: *Quem o que é que comprou?*

Correção: *Quem é que comprou o quê? / Quem é que comprou o que?*

Quem comprou o quê? / Quem comprou o que?

À semelhança das condições 3 e 4, também nesta condição, os *Early Arrivals*, ao rejeitarem o enunciado, não usam apenas o ponto 1, mas optam também, e em muito maior escala, pelos pontos intermédios 2 e, mesmo, 3, contrariamente aos falantes nativos, que apresentam juízos de gramaticalidade mais categóricos, recorrendo aos pontos que delimitam a escala (pontos 1 e 4) (Fig. 40).

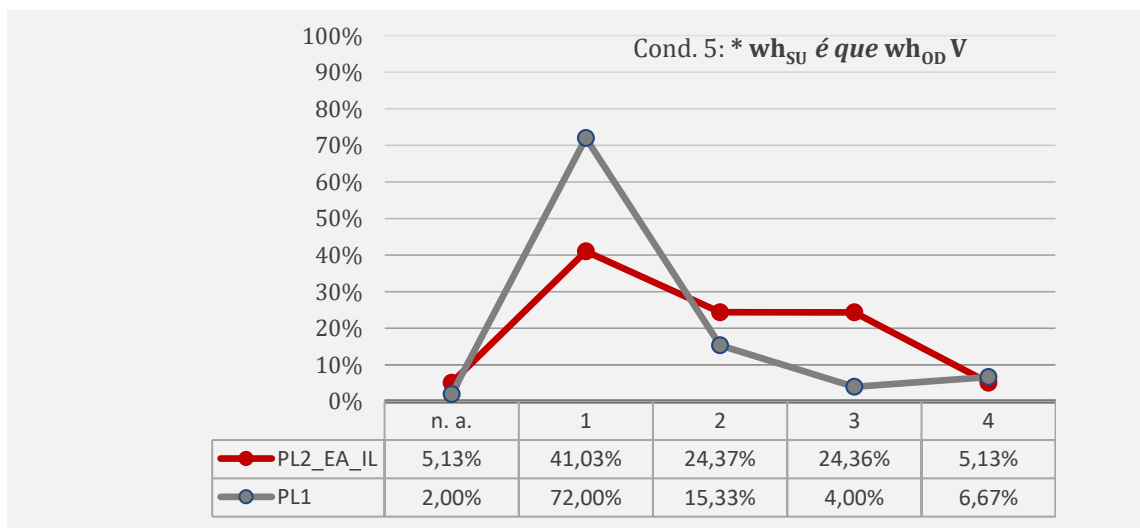


Figura 40. Desempenho dos falantes *Early Arrivals*: Condição 5

Ao comparar os resultados do grupo 5 com os resultados dos dois grupos de *Late Arrivals/Late Acquisition* de nível intermédio, verificou-se que, tendo em conta a análise

quantitativa, os *Early Arrivals* aceitam muito menos a estrutura WH_{SU} é que WH_{OD} V, rejeitando-a sistematicamente, o que foi previsto (Fig. 41). Ao mesmo tempo, considerando a análise qualitativa, o comportamento muito homogéneo tanto na rejeição, como nas razões por que esta ocorreu é evidente neste conjunto de falantes.

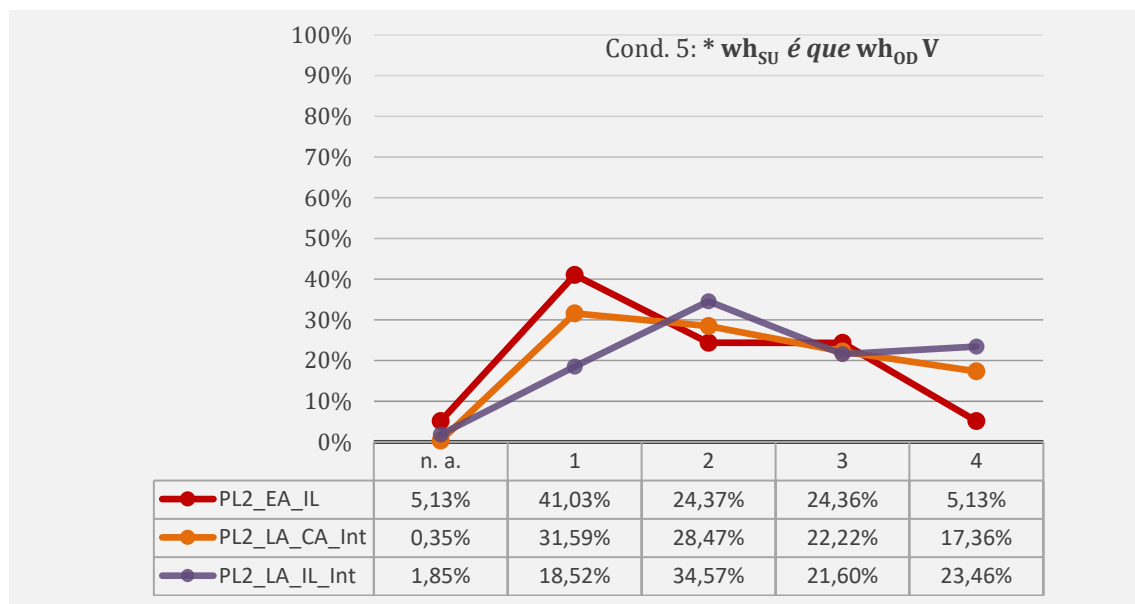


Figura 41. Desempenho dos falantes PL2 de nível intermédio e de *Early Arrivals*: Condição 5

Em suma, no que toca às estruturas IWHM múltiplas abrangidas pelas condições 1-2, a análise meramente quantitativa, no que diz respeito à taxa de aceitação, sugere que os dados não vão ao encontro da predição, visto que a taxa de aceitação no grupo de *Early Arrivals* e nos dois grupos de *Late Arrivals/Late Acquisition* de nível intermédio é muito semelhante. No entanto, a taxa de rejeição muito baixa, tal como no grupo de controlo, e a análise qualitativa apontam no sentido de que o desempenho dos *Early Arrivals* é muito mais consistente do que o desempenho dos *Late Arrivals/Late Acquisition*, aproximando-se, assim, do grupo de controlo. Portanto, enquanto a média de aceitação difere entre os informantes PL1 e PL2_EA, os padrões de uso das estruturas testadas são idênticos. Nas condições com estruturas IWHM agramaticais, verificou-se o mesmo. No entanto, neste caso, a análise quantitativa também confirma a existência de maior semelhança entre o grupo de controlo e o grupo de *Early Arrivals* do que entre os *Early Arrivals* e os *Late Arrivals/Late Acquisition*.

Na tabela 23, são apresentados resultados globais do grupo de falantes PL2 que começaram a adquirir português em idade inferior a 15 anos, no que diz respeito aos enunciados que testam o conhecimento em relação à subida do verbo em interrogativas não múltiplas.

Tabela 23. Resultados globais do grupo PL2_Early Arrivals nas condições que testam estruturas interrogativas-WH não múltiplas.

GRUPO de 13 informantes PL2_Early Arrivals_ Imersão Linguística					
CONDIÇÃO	ESCALA				
	1	2	3	4	n.a.
6 <i>wh_{OD} V ontem SU</i>	3,85%	28,21%	24,36%	42,31%	1,28%
7 <i>wh_{OD} é que SU V ontem</i>	1,28%	1,28%	3,85%	92,31%	1,28%
8 <i>*wh_{OD} ontem V SU</i>	12,82%	29,49%	25,64%	29,49%	2,56%

No âmbito das condições 6-8, foi previsto que os falantes classificados como *Early Arrivals* também tenham menos desvios na avaliação de interrogativas-WH simples do que os falantes de aquisição tardia, apresentando mais semelhanças com o grupo de falantes nativos do português. Assim, em relação às condições 6 e 7, que testam frases interrogativas-WH não múltiplas gramaticais, esperava-se uma média de aceitação mais alta do que a média observada nos *Late Arrivals/Late Acquisition* de nível intermédio. Já na condição 8, que integra uma construção considerada agramatical no PE, esperava-se uma taxa de rejeição mais elevada, em comparação com os falantes *Late Arrivals/Late Acquisition* de nível intermédio.

De facto, na condição 6, de acordo com a análise quantitativa, verificou-se uma taxa de aceitação mais elevada no grupo PL2_Early Arrivals_IL, sendo que os dois grupos de nível intermédio – PL2_Late Arrivals_IL_Int e PL2_Late Acquisition_CA_Int – mostram resultados muito semelhantes (Fig. 42).

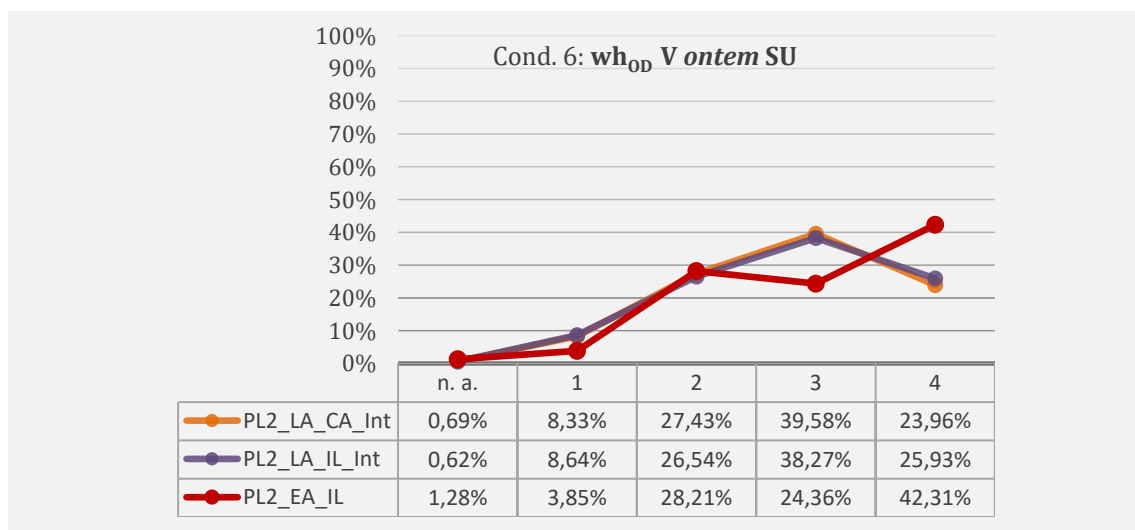


Figura 42. Desempenho dos falantes PL2 de nível intermédio e dos *Early Arrivals*: Condição 6

Ao fazer uma análise individual, no grupo *Early Arrivals*, foi apurado que apenas uma pessoa aceita a estrutura em 100% de oportunidades de resposta e duas pessoas em 83%. Ao rejeitarem a frase, todas as retificações, em absoluto, refletem uma interrogativa-WH com o advérbio *ontem* em posição final (57). Portanto, os padrões de correção assemelham-se aos já observados tanto no grupo de controlo como em todos os outros grupos de PL2.

- (57) Item de teste: *O que leu ontem a Maria?*
 Correção: *O que leu a Maria ontem?*
O que é que leu a Maria ontem
O que a Maria leu ontem?
O que é que a Maria leu ontem?

No caso da condição 7, os falantes *Early Arrivals* comportam-se conforme esperado, apresentando uma percentagem de aceitação de 92,307%. Nesta condição, todos os grupos têm resultados semelhantes, destacando-se apenas, pelos resultados inferiores, os falantes PL2 de nível básico expostos, exclusivamente, a *input* naturalista (Fig. 43).

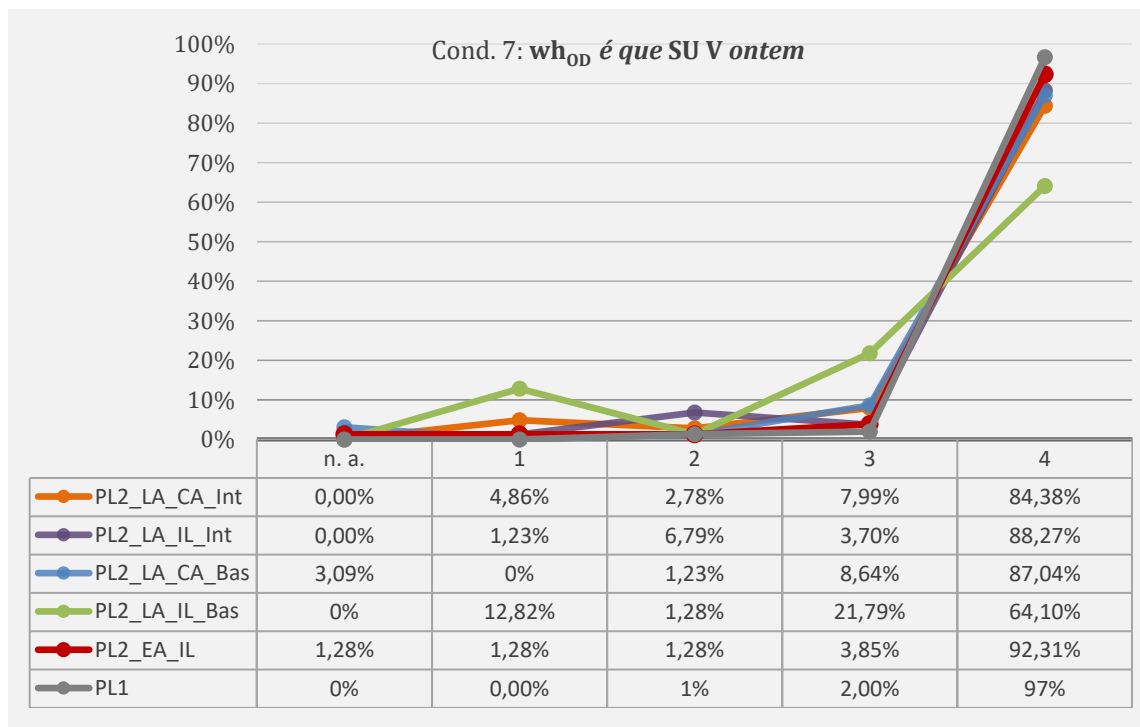


Figura 43. Desempenho de todos os informantes: Condição 7

Quanto à última condição do conjunto de estruturas-WH não múltiplas, a média de aceitação dos *Early Arrivals* e dos *Late Arrivals/Late Acquisition* de nível intermédio é quase igual (Fig. 44).

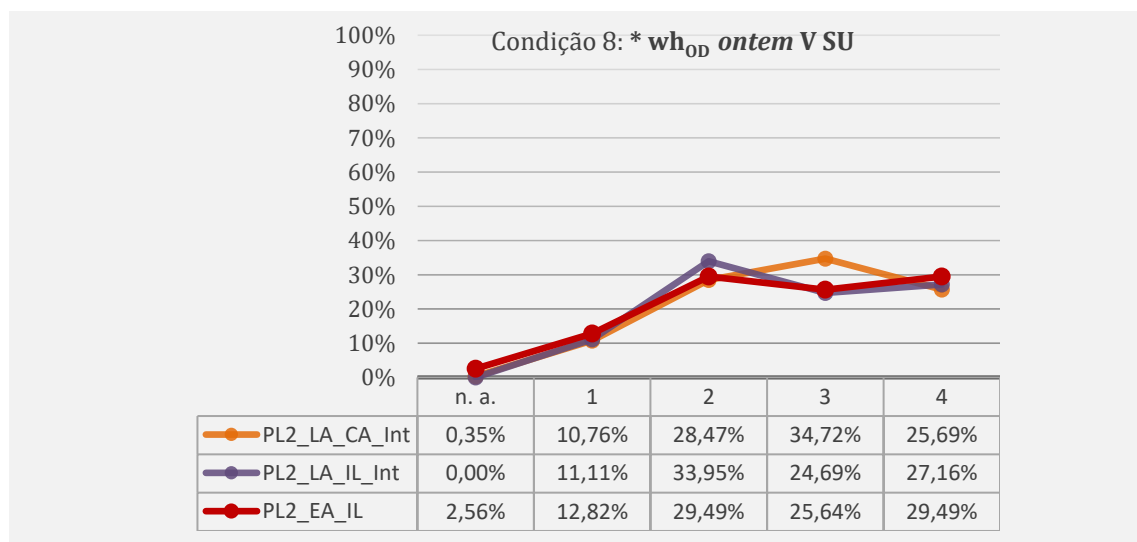


Figura 44. Desempenho dos falantes PL2 de nível intermédio e dos *Early Arrivals*: Condição 8

Tal como já foi observado, tanto no âmbito do grupo de controlo, como também no âmbito de outros grupos PL2, o problema parece relacionar-se, sobretudo, com a posição do advérbio temporal. Assim, 85,7% de todas retificações do grupo PL2_EA_IL verificadas apresentam uma interrogativa-WH em que o advérbio *ontem* aparece no final da frase (58), sendo que, em alguns casos, os falantes optam por uma estrutura em que é claro que não há movimento do verbo para C (58b, c).

(58) Item de teste: *O que ontem perguntou a Maria?*

- Correção:
- a. *O que perguntou a Maria ontem?*
 - b. *O que a Maria perguntou ontem?*
 - c. *O que é que a Maria perguntou ontem?*

Entre todos os informantes do grupo, apenas um propõe, de modo sistemático, uma retificação em que, de acordo com a hipótese assumida, o verbo é movido para o núcleo de CP (59).

(59) Item de teste: *O que ontem escreveu a Maria?*

Correção: *O que escreveu ontem a Maria?*

3.4. Sumário

No capítulo 3, procedeu-se à descrição da metodologia escolhida no âmbito do presente trabalho, sendo apresentadas informações acerca da recolha, anotação e tratamento de dados recolhidos junto de cinco grupos de falantes PL2 – quatro grupos de PL2 classificados como *Late Arrivals/Late Acquisition* e um grupo de PL2 classificado como *Early Arrivals* – e um grupo de controlo composto por falantes PL1. Foram ainda indicados resultados gerais e individuais de cada grupo. Para responder às perguntas de investigação

colocadas (veja-se a secção 2.4.), diferentes variáveis foram tidas em conta. Assim, atendendo à hipótese proposta segundo a qual o problema na aquisição de uma L2 possa estar ligado às dificuldades na seleção, reagrupamento e reconfiguração de traços relevantes para construção de itens lexicais e categorias funcionais, sendo estas dificuldades visíveis, sobretudo, nas etapas iniciais de aquisição, a variável “nível de proficiência em português” foi destacada. Para o efeito, foi aplicado um teste de diagnóstico de acordo com o qual foram criados dois grupos de falantes PL2 de aquisição tardia de nível básico e dois de nível intermédio, distinguindo-se, por sua vez, cada grupo na variável “contexto de aquisição de língua: em sala de aula (formal) vs. em imersão linguística (*input* naturalista)”. Os resultados empíricos mostraram que, no que toca às estruturas-WH múltiplas, quase em todas as condições testadas, existe um progresso atestado através da diferença entre os grupos de nível básico e os grupos de nível intermédio, na taxa de aceitação no caso das estruturas gramaticais, e na taxa de rejeição nas estruturas agramaticais. Verificou-se, no entanto, uma diferença maior entre os grupos *Late Acquisition* que adquirem a língua em ambiente formal, sugerindo, assim, que a aquisição de determinadas estruturas em contexto de sala de aula seja mais rápida, quando estas estruturas são muito escassas e mesmo não fazem parte dos programas de Português como Língua Estrangeira. O contraste, que será discutido no capítulo a seguir, é sobretudo observável na condição 1 (figura 45: grupo em contexto académico, figura 46: grupo em imersão linguística).

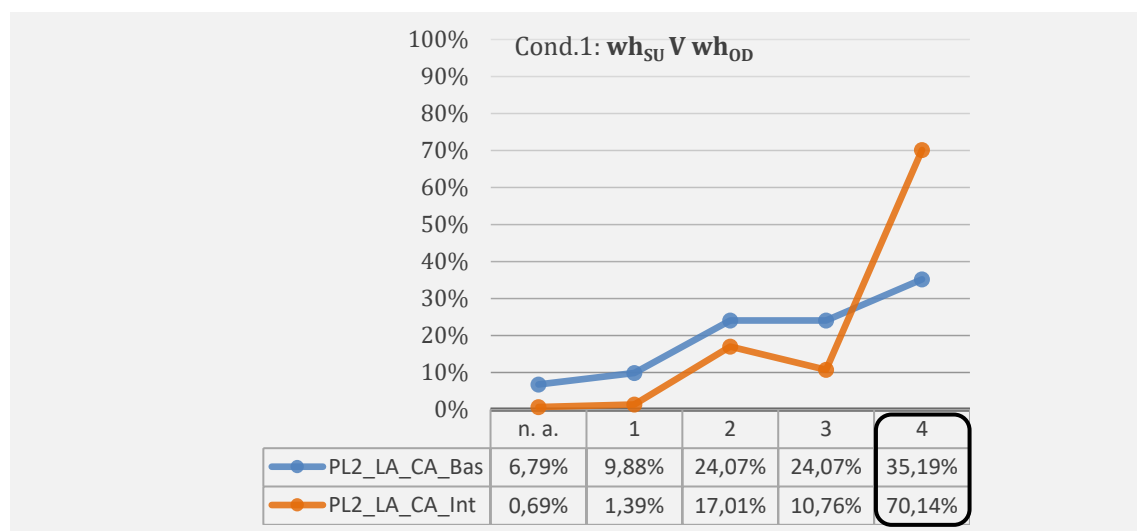


Figura 45. Contraste entre os falantes em contexto académico de nível básico e nível intermédio: Condição 1

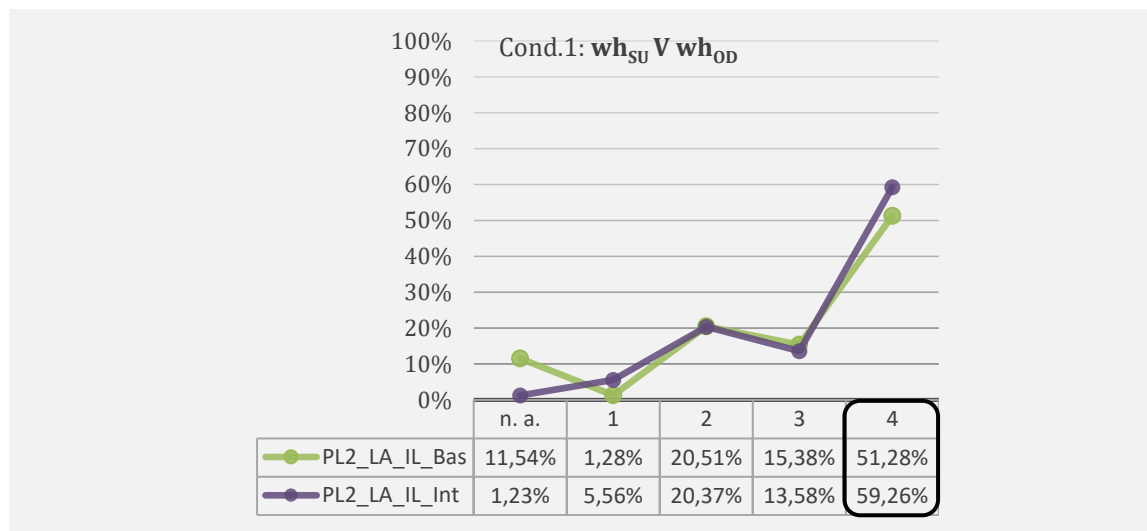


Figura 46. Contraste entre os falantes em imersão linguística de nível básico e nível intermédio: Condição 1

Verificou-se ainda que, nos dois grupos de nível básico, nas condições que testam estruturas interrogativas múltiplas com *é que* (condições 2, 4, 5), o comportamento dos falantes parece ser menos consistente do que nos dois grupos de nível intermédio. Assim, no que diz respeito à análise qualitativa, as correções propostas pelos sujeitos de nível básico refletem estruturas em que o morfema cristalizado *é que* é omitido, ou são sugeridas estruturas em que o *é que* poderá ser interpretado como ocupando quer o núcleo de CP ou quer o núcleo de WHP. Esta variação, apesar de existir pontualmente nos grupos de *Late Arrivals/Late Acquisition* de nível intermédio, observa-se em muito menor escala, tanto nos casos de aquisição em contexto formal como nos casos em que *input* é naturalista.

Por outro lado, tendo em conta a variável “contexto de aquisição de L2”, os falantes de nível intermédio que adquirem a língua com base em *input* naturalista aparentam uma preferência pelas estruturas que incluem o morfema cristalizado *é que*. Esta preferência é refletida, sobretudo, nas correções das estruturas-WH múltiplas e não múltiplas sem este morfema realizado (condições 1, 3, 6, 8), sendo que as retificações vão no sentido da inserção de *é que*. No caso das interrogativas-WH não múltiplas, o comportamento do grupo de *Late Arrivals* de nível intermédio em imersão linguística – no que toca ao uso das estruturas com *é que* – aproxima-se do comportamento tanto do grupo PL1 como do grupo de *Early Arrivals* (tabela 24).

Tabela 24. Percentagem das correções das estruturas que exigem a realização de *é que* calculada em 100% de oportunidades de resposta.

Condição	PL1	PL2_EA_IL	PL2_LA_CA_Int	PL2_LA_IL_Int
1 <i>wh_{SU} V wh_{OD}</i>	2%	9%	2,1%	21,6%
3 <i>* wh_{SU} wh_{OD} V</i>	32,7%	24,4%	7,3%	30,3%
6 <i>wh_{OD} V ontem SU</i>	15,3%	20,5%	4,9%	32%
8 <i>* wh_{OD} ontem V SU</i>	26%	14,1%	4,5%	29%

Nota-se que os falantes nativos de português e os falantes *Early Arrivals*, ao optarem pela inserção da sequência *é que*, propõem sempre uma estrutura interrogativa gramatical, tendo em conta a gramática-alvo (60), o que pode não acontecer nos grupos de falantes *Late Arrivals/Late Acquisition*. Neste último caso, o sujeito pode limitar-se a inserir *é que*, sem, no entanto, corrigir a frase quanto à posição do constituinte mais baixo (61).

(60) Item de teste: *Quem o que vendeu?*

Correção: *Quem é que vendeu o quê?*

(61) Item de teste: *Quem o que vendeu?*

Correção: a. *Quem é que o que vendeu?*

b. *Quem o que é que vendeu?*

No caso das interrogativas não múltiplas que testam o conhecimento de falantes de português como língua não materna em relação aos traços relevantes que compõem o núcleo C em PE, foi constatado que os falantes de todos os grupos, inclusive os falantes do grupo de controlo, privilegiam uma estrutura em que C é preenchido com *é que*, em detrimento do movimento do verbo para a periferia esquerda. Em construções em que o morfema *é que* não é realizado (condições 6 e 8), apesar de os falantes PL1 terem uma taxa mais alta de aceitação, no caso da condição 6, que integra uma estrutura gramatical em PE, e também de rejeição, na condição 8, tratando-se neste caso de uma estrutura agramatical, em comparação com os falantes PL2 *Early Arrivals* e *Late Arrivals/Late Acquisition*, a diferença já não é tão acentuada. Em todos os grupos, – PL1 e PL2 –, nas correções apresentadas, observou-se uma tendência comum de colocação do advérbio temporal *ontem* em posição final da frase, o que aponta para uma preferência por uma estrutura em que a subida do verbo não tem lugar. O evitamento das estruturas em que ocorre o

movimento V-para-T-para-C, sendo selecionados outros tipos de estrutura interrogativa, quer seja através do uso de *é que*, quer através da colocação do advérbio em posição final, sugere que, em português, o fenómeno V2, já residual, está a desaparecer.

Em relação aos resultados do grupo de *Early Arrivals*, apesar de a análise meramente quantitativa sugerir um comportamento muito semelhante em comparação com os dois grupos de PL2 de nível intermédio, o cruzamento das análises quantitativa e qualitativa aponta para um desempenho muito mais consistente nos *Early Arrivals* e ao mesmo tempo mais convergente com o grupo de controlo. Mesmo tendo em conta que a taxa de aceitação difere entre os falantes PL1 e PL2_EA, a análise qualitativa sugere que estes dois grupos são idênticos no uso das estruturas testadas.

Ao fazer o cálculo final dos resultados obtidos no âmbito da tarefa de juízo de gramaticalidade que recorre a uma escala de Likert de quatro pontos, pode dizer-se que, em todos os grupos de informantes, os dados vão encontro do esperado na maior parte das condições. Assim, o desempenho do grupo de controlo confirma a predição de que, em PL1, a única estratégia possível para a construção das estruturas interrogativas-WH múltiplas se restringe ao movimento de apenas um constituinte-WH, enquanto o outro permanece *in situ*, quer esteja o morfema *é que* realizado ou não. Em relação às estruturas-WH não múltiplas, a predição é confirmada parcialmente, visto que, na condição 6, que integra uma interrogativa gramatical em PE, se esperava uma taxa de aceitação mais alta. As propostas de correção dos falantes nativos apontam no sentido de uma preferência pelo preenchimento de C com *é que* em detrimento do preenchimento de C com verbo.

Considerando o problema discutido no presente trabalho, centrado nas dificuldades na seleção, reagrupamento e (re)mapeamento de traços relevantes dos itens-WH e do núcleo da projeção CP na aquisição das estruturas IWHM, foram observadas várias diferenças importantes nos (e entre) grupos de falantes PL2. Assim, conforme esperado, no nível básico, os traços dos itens-WH parecem não ser especificados na numeração, tal como na L1, obrigando a mover todos os WH- para as posições onde podem ser especificados. No nível intermédio, o processo de reconfiguração de traços, observado através da subida da taxa de aceitação das estruturas gramaticais e através da rejeição das estruturas agramaticais, já é notório, sendo, portanto, confirmada a hipótese de acordo com qual os falantes não nativos de português são capazes de atingir um conhecimento linguístico semelhante ao de falantes nativos mesmo no caso das estruturas extremamente escassas no *input*.

Tendo apresentado os resultados empíricos, no capítulo seguinte avançamos uma interpretação e discussão global destes resultados face à hipótese proposta e às perguntas de investigação formuladas.

CAPÍTULO IV. INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, pretende-se discutir os resultados de falantes nativos e não nativos de português recolhidos no âmbito de uma tarefa de juízo de gramaticalidade, esperando que ajudem a compreender melhor como as interrogativas-WH múltiplas e não múltiplas são adquiridas em PL2, tendo em conta as seguintes variáveis: a) nível de proficiência em português: básico vs. intermédio; b) contexto de aquisição do português: sala de aula vs. imersão linguística; c) idade de primeira exposição à língua: *Early Arrivals* vs. *Late Arrivals/Late Acquisition*.

No primeiro capítulo da presente dissertação, foi avançada uma proposta para a derivação sintática das estruturas IWHM em duas línguas relevantes para este estudo, português e russo. Assim, na primeira secção deste capítulo (4.1.), voltamos a discutir a proposta sugerida face aos dados obtidos com o grupo de controlo. Tendo em consideração os resultados verificados nas condições que abrangem as estruturas-WH não múltiplas incluídas para controlar movimento do verbo para C, integraremos ainda algumas reflexões quanto às estratégias de evitamento na subida do verbo observadas também no grupo de controlo. Face à interpretação proposta, o estatuto do fenómeno V2 em português será avaliado.

Face às predições feitas e perguntas de investigação formuladas na secção 2.4., na secção 4.2., pretende-se apresentar alguns argumentos que procuram responder à primeira pergunta de investigação, que questiona se, na aquisição das estruturas IWHM em PL2 por falantes não nativos de português inseridos nos níveis mais avançados, os efeitos de reconfiguração de traços relevantes dos itens lexicais seriam observados em maior escala do que nos níveis iniciais.

Como tem sido referido ao longo da presente exposição, as interrogativas-WH múltiplas são muito escassas no *input*. Assim, na secção 4.3., no âmbito da segunda pergunta de investigação, procura-se saber se este tipo de estruturas é passível de aquisição apesar da sua baixa frequência.

Tendo em conta a variável “contexto de aquisição de português”, que é pertinente para resposta à terceira pergunta de investigação, na secção 4.4., discutimos algumas diferenças observadas no desempenho dos grupos em contexto de sala de aula, contrastando esse desempenho com o desempenho dos grupos PL2 em contexto de imersão linguística. Assim, tendo sido verificada, nos grupos com acesso a *input* naturalista, uma preferência pelo uso de estruturas com o morfema *é que*, será apresentada uma análise de ocorrências que abrangem as estruturas-WH múltiplas, tendo em conta a realização ou não realização deste morfema. Por outro lado, serão discutidas as interrogativas-WH simples (com e sem *é que*), que integram obrigatoriamente os programas de português como L2

desde o nível A1, fazendo parte, portanto, da instrução explícita. Assim, nesta secção ainda, será prestada uma especial atenção à composição de C com os traços [*uT/iT*], e contrastando os resultados dos grupos de PL2 *Late Acquisition* em contexto académico e dos grupos de PL2 *Late Arrivals* com exposição a *input* naturalista.

A última pergunta de investigação põe em destaque a variável “idade de primeira exposição à língua”. Para responder à pergunta de investigação relevante, na secção 4.5., apresentarei algumas conclusões a que cheguei quanto aos dados de falantes PL2 *Early Arrivals* a par dos dados de falantes PL2 *Late Arrivals/Late Acquisition*.

4.1. Estrutura IWHM de português em L1

De acordo com a análise proposta no primeiro capítulo da presente dissertação, em PE, a estrutura de uma interrogativa-WH múltipla pode ser derivada do seguinte modo, dependendo de o núcleo C ser preenchido com *é que* (1) ou não (2):

(1) *Quem é que comprou o quê?*

C_{é que}

[_{CP} **Quem**_i [_{C'} [_C *é que*] [_{TP} _{-i} [_T comprou] **o quê**]]]

(2) *Quem comprou o quê?*

C_T

[_{CP} **Quem**_i [_{C'} [_C comprou_j] [_{TP} _{-i} [_T _{-j}] **o quê**]]]

No âmbito da proposta, foi sugerido que o movimento de um e apenas um constituinte-WH para Spec, CP se dá para efeitos de desambiguação do núcleo C, que, em português, é subespecificado na numeração relativamente aos traços [Q: ?; REL: ?; EVAL: ?]. Não sendo os constituintes-WH ambíguos, *i.e.*, tendo os seus traços [Q: *yes*; REL: *no*; EVAL: *no*] especificados já no início da derivação, os restantes constituintes-WH permanecem *in situ*.

Como já foi indicado na descrição dos resultados empíricos, os falantes do grupo de controlo têm desempenhos de acordo com o esperado, o que corresponde a uma taxa de aceitação alta nas estruturas IWHM gramaticais (condição 1: 90%; condição 2: 92%) e uma taxa de aceitação baixa nas IWHM agramaticais (condição 3: 1,33%; condição 4: 3,33%; condição 5: 6,66%).

Ao comparar as condições 1 e 2, que integram estruturas IWHM gramaticais do PE, as taxas de aceitação praticamente iguais nas duas condições, bem como a análise qualitativa das retificações propostas pelos informantes de PL1, sugerem que, para os falantes de português, as duas estratégias para a construção das IWHM, com ou sem preenchimento lexical do C com *é que*, são válidas, não se verificando nenhuma predominância de uma

estratégia sobre outra. O que poderá ser discutido aqui é se, no caso da estrutura IWHM sem *é que* ($wh_{SU}V\ wh_{OD}$), o C é preenchido com V ou não. Embora a análise sintática das estruturas IWHM sem *é que* avançada na primeira parte desta dissertação indique o preenchimento lexical do C com verbo, os resultados do grupo de controlo recolhidos no âmbito das condições que testam o movimento do verbo para C parecem apontar para um evitamento das estruturas em que seja necessária a subida do verbo para C. Assim, a seleção do ponto 4 na escala de avaliação da estrutura gramatical com subida do verbo ($wh_{OD}V\ ontem\ SU$) ronda apenas 62%, verificando-se que só nove sujeitos do grupo (do total de 25) aceitam a estrutura em 100% de oportunidades de resposta. Por outro lado, os juízos de aceitabilidade expressos relativamente a esta estrutura parecem ser menos seguros/categóricos, sendo que, neste caso, os informantes recorrem mais frequentemente aos pontos intermédios da escala. Como já foi indicado nas secções anteriores, a correção mais frequente reflete uma estrutura sem movimento do verbo para C (3).

(3) Item de teste: *O que leu ontem a Maria?*

Correção: *O que é que a Maria leu ontem?*

Esta preferência por uma estrutura com o núcleo C preenchido lexicalmente com *é que* é confirmada também no âmbito da condição 7 ($wh_{OD}\ é\ que\ SU\ V\ ontem$), que obtém uma taxa de aceitação de 96,67%. Deste modo, atendendo ao Princípio de Economia (Chomsky, 1991, 1995), assumindo que uma operação pode ser aplicada apenas se, noutro caso, a derivação resulta numa estrutura agramatical, o movimento do verbo para C, sendo esta uma operação de último recurso, talvez seja mais custoso não somente no caso de aquisição de uma L2, mas também no caso do processamento da estrutura em L1.

A noção do “mais custoso” poderá ser articulada em termos da Hipótese da Complexidade Derivacional (Jakubowicz, 2004, 2011), que prediz um contraste no desempenho das crianças quanto à aquisição de estruturas que incluem constituintes derivados por *Merge* ou por *Move*. De acordo com esta hipótese, as estruturas que envolvem *Internal Merge* são menos económicas e, como tal, são mais complexas, do que estruturas que envolvem *External Merge*. Os dados recolhidos com o grupo de controlo parecem apontar no mesmo sentido, ou seja, a preferência dos falantes nativos de português pela estrutura testada na condição 7 ($wh_{OD}\ é\ que\ SU\ V\ ontem$) sobre estrutura da condição 6 ($wh_{OD}V\ ontem\ SU$) é confirmada tanto através da análise quantitativa, como da análise qualitativa. No caso da interrogativa $wh_{OD}\ é\ que\ SU\ V\ ontem$, o C é preenchido por *é que*, que é inserido por *Merge* diretamente no núcleo de CP. Por sua vez, a interrogativa $wh_{OD}V\ ontem\ SU$ envolve, para além do movimento do constituinte-WH para Spec, CP, o movimento do verbo. O preenchimento de C por *Merge* parece ser menos custoso do que o preenchimento através de *Move*. Portanto, ao evitarem, – ou pelo menos, aceitarem com menos frequência,

– as estruturas com subida do verbo, os falantes nativos de português optam também por operações menos complexas.

Dado este raciocínio, poderíamos considerar uma nova derivação para as estruturas IWHM como as que ocorrem na condição 1 em que o núcleo C não será preenchido com nenhum material lexical (4):

(4) C_{\emptyset}

$[_{CP} \text{Quem}_i [_{C'} [_{C} -] [_{TP} [_{T} \text{comprou}]] \text{o quê}]]]$

Quanto a uma IWHM com o C preenchido com *é que* (condição 2), mantém-se a assunção anterior, ou seja, a subida do verbo também não tem lugar (5).

(5) $C_{\text{é que}}$

$[_{CP} \text{Quem}_i [_{C'} [_{C} \text{é que}]] [_{TP} [_{T} \text{comprou}]] \text{o quê}]]]$

Tendo em conta as observações feitas, concluo que o fenómeno V2 em PE parece, de facto, estar a desaparecer, o que é sustentado pelos resultados do grupo de falantes nativos de português, o que pode encontrar uma explicação na complexidade relativa das estruturas e, por sua vez, poderá ter consequências para a aquisição de português como uma L2, sendo que isto será um dos assuntos da secção seguinte.

4.2. (Re)configuração de traços nas IWHM: nível básico vs. nível intermédio

Assumindo que os falantes não nativos usam como ponto de partida itens compostos por matrizes de traços da L1, no âmbito da primeira pergunta de investigação, pretendia-se saber se as consequências sintáticas desta configuração de traços seriam observadas nos níveis mais avançados de aquisição. Para responder à questão colocada, comparámos os dados dos falantes de PL2 com um nível de proficiência básico com os falantes de PL2 de nível intermédio, tendo em conta a variável “contexto de aquisição de L2”. Note-se que, aqui, ao proceder à análise do desempenho dos falantes de PL2, apenas uma das variáveis é tida em conta, *i.e.*, os resultados, por exemplo, do grupo PL2 de nível básico em contexto de imersão linguística são analisados por comparação com o grupo PL2 de nível intermédio que adquire a língua no mesmo contexto.

Assim, em relação aos grupos que adquirem a língua em contexto académico, verificámos uma diferença considerável entre o nível básico e o nível intermédio, com uma vantagem para o grupo de nível intermédio, tanto na avaliação das estruturas múltiplas gramaticais como agramaticais.

Enquanto, no caso dos sujeitos de nível básico, encontrei muita variação na avaliação de estruturas com um predomínio do uso das estruturas IWHM com todos os constituintes-WH em posições pré-verbais, no nível intermédio o desempenho dos falantes é visivelmente

mais consistente quanto à seleção das IWHM em que apenas um *WH-* ocorre na periferia esquerda. Assim, no nível básico, as retificações sugeridas pelos informantes apontam para a seleção de traços [*uwh/iQ*], os mesmos que são relevantes para os itens-*WH* em L2, mas que, no entanto, são especificados de modo distinto. O tipo de correções sugere que, de facto, no nível básico, o traço [*Q*] dos constituintes-*WH* será subespecificado na numeração, o que obrigaria ao movimento destes elementos para posições periféricas pré-verbais, de acordo com a predição feita.

O desempenho mais estável dos falantes de nível intermédio revela, por sua vez, uma evolução positiva na aquisição das IWHM. Deste modo, no grupo PL2_LA_CA de nível intermédio, a variação na avaliação das estruturas testadas observou-se em escala muito mais pequena. As propostas de correção refletem, principalmente, as interrogativas múltiplas em que um *WH-* se encontra em posição pré-verbal e o outro *in situ*, o que mostra mais convergência com a gramática alvo. Segundo a explicação avançada na secção 2.3., ao passo que, nos estádios iniciais de aquisição, os itens lexicais compostos por traços especificados entram subespecificados na derivação quanto aos traços [*Q: ?; NEG: ?; ESP: ?*], sendo especificados na sintaxe, nos níveis mais avançados, os falantes de L2 não apenas selecionam os traços da língua-alvo [*wh/Q*], como também os especificam conforme a gramática-alvo [*wh: yes; Q: yes; REL: no*].

Quanto aos dois grupos de PL2 de aquisição tardia em contexto de imersão linguística, apesar de existir também uma diferença nos resultados entre o grupo de nível básico e o grupo de nível intermédio com uma vantagem para o grupo de nível intermédio, tanto nas condições que avaliam as estruturas IWHM gramaticais como agramaticais, o progresso do último grupo parece não ser tão notável como no grupo de nível intermédio de contexto académico.

À parte esta diferença na dinâmica de aquisição das estruturas IWHM entre os grupos em contexto académico e com *input* naturalista, foram observadas bastantes semelhanças. Assim, a análise qualitativa mostra que a tendência comum verificada nos dados de falantes de PL2_LA_IL_Bas é idêntica à tendência nos dados do grupo PL2_LA_CA_Bas, ou seja, também, em contexto de imersão linguística, em nível básico, o traço [*Q*] dos constituintes-*WH* parece ser subespecificado na numeração, o que se reflete no movimento de todos os *WH-* para a periferia esquerda da frase. No entanto, uma taxa de aceitação bastante elevada observada na condição 1 (51,282%) revela-se inesperada, aparentando uma certa vantagem do contexto naturalista na aquisição de português. Embora o resultado não esperado seja observado apenas na condição 1, sendo a predição avançada para o grupo de falantes PL2 de nível básico em imersão linguística confirmada no âmbito das restantes condições que testam estruturas-*WH* múltiplas, procurámos uma explicação para estes resultados.

Assim, explorou-se a variável “número de anos em Portugal”, que, como indicámos na nota 81, não foi considerada para efeitos de determinação de nível de proficiência em português como L2, devido à ausência de várias informações necessárias para caracterizar o informante de modo mais preciso, mas que agora poderá revelar-se pertinente. Na figura 42, é apresentada informação acerca de treze sujeitos que compõem o grupo PL2_LA_IL_Bas relativamente à sua estadia em Portugal expressa em número de anos.

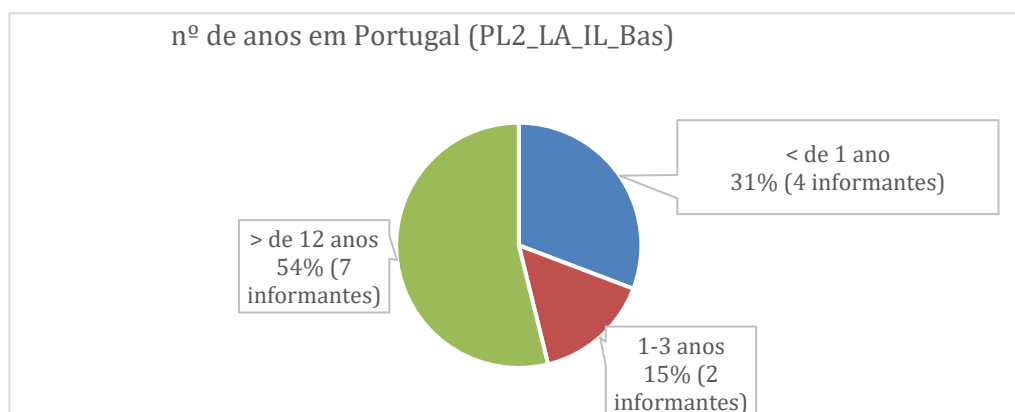


Figura 47. Período temporal de exposição ao português: nível básico

De acordo com as informações da figura 47, 54% dos indivíduos estão em Portugal há mais de 12 anos, sendo que a idade destes informantes varia entre 34 e 56 anos (média = 40,4). Porém, nenhum destes falantes apresenta resultados que poderiam ser interpretados como próximos da gramática alvo, o que exclui uma explicação com base nesta variável. A inserção destes sujeitos no grupo de nível básico pode também servir como uma indicação de que o número de anos passado em imersão linguística não se revela, obrigatoriamente, fundamental na aquisição de uma língua não materna, sendo que outros factores, – por exemplo, quantidade e qualidade de *input*, evidência negativa, motivação –, poderão ser predominantes. Quanto à *performance* que evidencia uma possível convergência com a gramática alvo, no caso das estruturas IWHM, esta é refletida nos dados de apenas um informante deste grupo. É um sujeito cuja estadia em Portugal, na altura de aplicação da tarefa, não era superior a oito meses. De acordo com as informações fornecidas, restringindo-se a aquisição do português a este período, o falante esteve ainda inscrito num curso de curta duração de português para estrangeiros da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Ao analisar os dados deste informante, verifiquei que as estruturas gramaticais são corretamente assinaladas com o ponto 4 na escala de avaliação e as estruturas agramaticais com os pontos 1 ou 2, propondo correções que representam uma reconfiguração de traços relevantes dos constituintes-WH e do núcleo C de acordo com a língua em aquisição.

No que toca aos resultados do grupo PL2_LA_IL_Int, tal como no grupo em contexto académico, a variação no uso das estruturas IWHM observa-se em grau mais pequeno, em

comparação com o grupo de nível básico. Sendo já referidas as semelhanças dos dois grupos de nível intermédio nas secções anteriores (3.3.3.3., 3.3.4.), sublinha-se que a diferença mais nótoria se deve à preferência pelo uso do morfema *é que* detetada no grupo em contexto de imersão linguística. Note-se que uma parcela de rejeições observada no âmbito da análise qualitativa na condição 1 – *wh_{SU}V wh_{OD}* – se justifica pela ausência de *é que* e não devido à posição do constituinte-WH mais baixo. Mais adiante, na secção 4.3., será avançado um possível motivo para explicar o uso preferencial deste morfema em contexto de *input* naturalista.

No que diz respeito à variável “número de anos em Portugal”, ao analisar os dados do grupo de nível básico, vimos que o período temporal de exposição à L2 não parece ser preditivo quanto ao desempenho linguístico em L2. No caso do grupo de nível intermédio, foi observado que alguns falantes que fazem parte do grupo têm um tempo de exposição ao português bastante reduzido (Fig. 48), porém, tal como no grupo de nível básico, isto não determina a competência linguística do falante de L2.

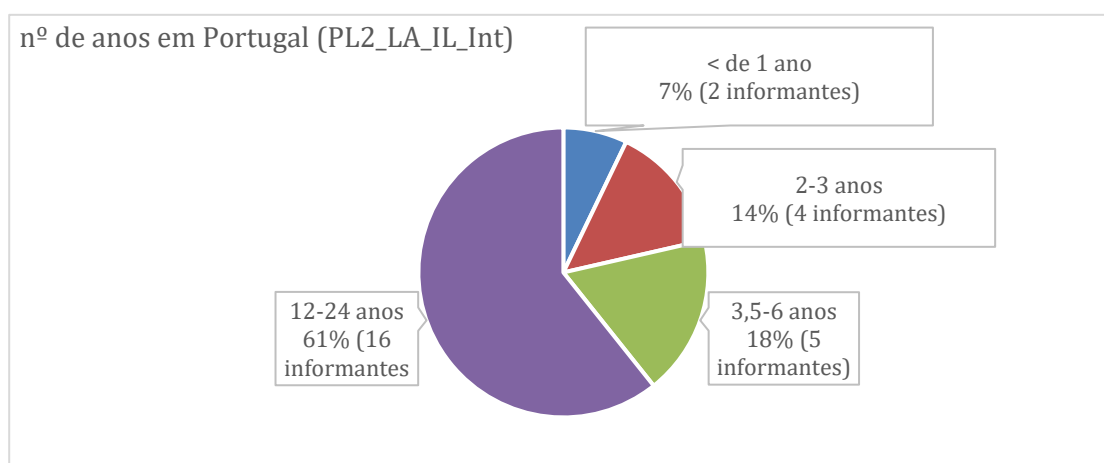


Figura 48. Período temporal de exposição ao português: nível intermédio

Os dados que apresento em (6) servirão como amostras de produção de alguns falantes de PL2 de nível intermédio em imersão linguística atendendo ao número de anos em Portugal, para provar que a influência da variável “tempo de exposição à L2” sobre o *steady state* dos falantes de PL2 é pouco provável, pelo menos em contexto de *input* naturalista.

(6) a. 10 meses em Portugal (idade: 25 anos)

Item de teste: 1. *Quem o que vendeu?*
Correção: *Quem vendeu o quê?*

2. *Quem é que o que preparou?*
Quem é que preparou o quê?

b. 14 anos em Portugal (idade: 36 anos)

Item de teste: 1. *Quem viu o quê?*
Correção: *Quem o que é que viu?*

2. *Quem é que fez o quê?*
Quem é que o quê fez?

c. 20 anos em Portugal (idade: 47 anos)

Item de teste:	1. <i>Quem é que contou o quê?</i>	2. <i>Quem é que o quê encontrou?</i>
Correção:	<i>Quem o que contou?</i>	<i>Quem o que encontrou?</i>

d. 21 anos em Portugal (idade: 53 anos)

Item de teste:	1. <i>Quem é que o que preparou?</i>	2. <i>Quem o que tomou?</i>
Correção:	<i>Quem é o que preparou o que?</i>	<i>Quem é o que tomou o que?</i>

Este último informante (4d) apresenta dados bastante interessantes. Mesmo tendo em conta que apenas um falante recorre a este tipo de estruturas, acho pertinente olhar para elas com mais atenção. Assim, voltarei à análise de estruturas que incluem o morfema *é que* na secção 4.4..

Nesta secção, pretendeu-se responder à primeira pergunta de investigação formulada de seguinte modo:

Sendo assumida a hipótese de acordo com qual os falantes não nativos usam como ponto de partida os itens compostos por matrizes de traços de L1, o fenómeno de transfer das propriedades da língua materna será observável em todos os estádios de aquisição ou apenas no estádio inicial?

Para responder à pergunta, foram comparados os dados recolhidos através de uma tarefa de juízo de gramaticalidade junto de dois grupos de falantes de português como L2 – de nível básico e de nível intermédio – inseridos em contexto de sala de aula e dois grupos inseridos em contexto de *input* naturalista.

De facto, foi verificado que, embora o progresso na aquisição das estruturas IWHM tenha sido observado em ambos os contextos de aquisição, a gramática e o léxico de alguns falantes de nível intermédio continuam a caracterizar-se por itens-WH compostos por matrizes de traços definidos de acordo com a L1. Assim, tanto no grupo PL2_LA_CA_Int como no grupo PL2_LA_IL_Int, ainda ocorrem estruturas IWHM com todos os *WH*- em posições pré-verbais (7), o que aponta para uma configuração de traços dos itens-WH como a apresentada em (8) e que resulta em derivações sintáticas como as apresentadas em (9).

- (7) a. *Quem o que viu?*
 b. *Quem é que o quê fez?*
 c. *Quem o que é que viu?*

(8) Numeração:

- a. Especificação de traços dos constituintes-WH:
 WH: *yes*
 Q: *?*
 NEG: *?*

ESP: ?

- a. Especificação do núcleo C:

C_{\emptyset} [*uwh: yes, iQ: yes*]

$C_{\text{é que}}$ [*uwh: yes, iQ: yes*]

- (9) Derivação:

- a. *Quem o que viu?*

C_{\emptyset}

$[_{CP} \text{Quem}_i [_{C'} [_{C} -] [_{WHP} \text{o que}_j [_{WH} -] [_{TP} -_i \text{viu} -_j]]]]]$

- b. *Quem é que o quê fez?*

$C_{\text{é que}}$

$[_{CP} \text{Quem}_i [_{C'} [_{C} \text{é que}] [_{WHP} \text{o que}_j [_{WH} -] [_{TP} -_i \text{comprou} -_j]]]]]$

- c. *Quem o que é que viu?*

C_{\emptyset}

$[_{CP} \text{Quem}_i [_{C'} [_{C} -] [_{WHP} \text{o que}_j [_{WH} \text{é que}] [_{TP} -_i \text{comprou} -_j]]]]]$

No âmbito do enquadramento teórico da estrutura IWHM em russo (veja-se a secção 1.3.), assumiu-se uma análise segundo a qual os constituintes-WH em russo não formam um bloco como em búlgaro ou em romeno, mas ocupam posições diferentes, ou seja, o russo é uma língua [-MFS]. Nesse sentido, apresentamos em (9) o que nos parece ser a hipótese mais provável de derivação de interrogativas múltiplas do tipo em (7), produzidas em português L2 por falantes de L1 russo. No caso da estrutura IWHM apresentada em (9c), a aceitação e produção de frases com o morfema *é que* adjacente ao constituinte-WH mais baixo pode significar a associação do morfema *é que* ao núcleo WH e não ao núcleo C, podendo, portanto, apontar para o facto de que a plena aquisição de *é que* ainda não teve lugar. Por outro lado, considerando a hipótese avançada na descrição da condição 4 do desenho experimental (**wh_{SU} wh_{OD} é que V*, veja-se a secção 3.2.2.), também é possível que esta estrutura não seja derivada de acordo com a gramática do russo. Se os falantes não nativos de português associarem o morfema cristalizado *é que* a C (face ao *input* existente), então aqui poderá tratar-se não da estrutura em (9c), mas de um caso de derivação de acordo com a gramática do búlgaro ou do romeno, por exemplo, em que dois constituintes-WH interrogativos são movidos para Spec, CP em bloco (10).

- (10) *Quem o que é que viu?*

$C_{\text{é que}}$

$[_{CP} \text{Quem}_i \text{o que}_j [_{C'} [_{C} \text{é que}] [_{TP} -_i [_{?} \text{comprou}] -_j]]]$

Neste cenário, a aceitação desta estrutura pode apontar para a possibilidade de acesso total à Gramática Universal. Portanto, podemos estar perante um caso em que, na aquisição

de L2, a interlíngua dos falantes não nativos reflete estruturas que não são possíveis na sua L1, mas também não correspondem à L2.

Apesar de, no nível intermédio de aquisição, ainda se observarem estruturas IWHM cuja derivação parece corresponder às possibilidades apresentadas em (9, 10), o processo de reagrupamento dos traços dos itens-WH é também confirmado.

Quanto às condições que testam o conhecimento dos falantes PL2 relativamente à subida do verbo para C (condições 6-8), os resultados empíricos são muito interessantes. Vimos que, em todos os grupos de informantes, inclusive no grupo de controlo e no grupo de *Early Arrivals*, a tendência geral vai no sentido de evitamento de estruturas em que o verbo se move para C, optando por uma alternativa sem subida do verbo. Enquanto, no caso do grupo de controlo, os falantes nativos de português parecem preferir uma estrutura que, do ponto de vista da complexidade derivacional, seja menos custosa, de acordo com a sugestão apresentada na secção 4.1., no caso dos falantes PL2 talvez não se trate (apenas) da necessidade de escolher uma estrutura menos complexa entre várias possibilidades de que a língua dispõe, mas de uma eventual impossibilidade de adquirir estruturas que não ocorrem no *input*. Por outras palavras, a “resistência” por parte de falantes nativos relativamente à subida do verbo para C pode refletir-se também na *performance* dos falantes não nativos, o que, por sua vez, pode ser relacionado com a dificuldade em encontrar aquilo que funciona como *trigger* no *input*, assunto que irei abordar na secção seguinte.

Agora, no que toca aos dados observados nos dois grupos de falantes PL2 de nível básico, a taxa de aceitação, no caso da condição 6 (*WH_{OD} V ontem SU*) é inesperadamente alta, pelo menos na seleção do ponto 4 na escala de avaliação. É consideravelmente mais alta do que apresentam os falantes PL2 de nível intermédio e é semelhante à taxa verificada no grupo *Early Arrivals* (Fig. 49).

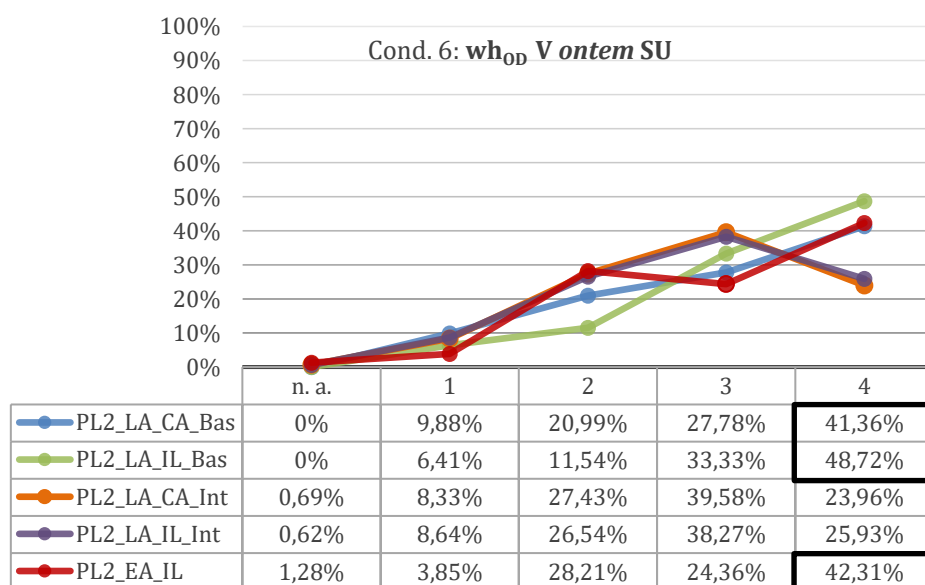


Figura 49. Desempenho de todos os falantes PL2: condição 6

Nas secções 3.3.3.1-3.3.3.3., em que apresento os resultados empíricos dos falantes PL2 inseridos em nível básico, indico que os dados vão ao encontro da predição de acordo com qual, nos níveis iniciais de aquisição de uma L2, os falantes usam os itens lexicais e categorias funcionais compostos por matrizes de traços da sua língua materna. Baseio esta minha afirmação na análise qualitativa individual. Assim, ao verificar os dados de informantes que aceitam, sistematicamente, os itens de teste da condição 6, constatei que estes informantes ou aceitam também os itens de teste da condição 8 (WH_{OD} ontem V SU), uma condição agramatical em português, ou, ao rejeitar os itens da condição 8, propõem um outro tipo de construção em que a subida do verbo também não tem lugar (11):

- (11) Item de teste: *O que ontem leu a Maria?*
Correção: a. *O que é que leu a Maria ontem*
 b. *O que a Maria leu ontem?*
 c. *O que é que a Maria leu ontem?*

Note-se que nenhum informante de nível básico, quer seja do grupo em contexto académico, quer do grupo com *input* naturalista, que aceita a estrutura com subida do verbo sistematicamente rejeita, em simultâneo, a estrutura sem subida do verbo. O que acontece é que as alternativas que os falantes não nativos propõem – e, neste caso, trata-se de todos os grupos de L2 testados, e não apenas de nível básico, embora, nos níveis mais avançados, a taxa de propostas gramaticais seja mais alta – são construções sintáticas gramaticais em que o movimento do verbo para C não ocorre.

Concluindo, no que toca aos dados dos falantes PL2 de nível básico, apesar de a taxa de aceitação observada na condição 6 ser bastante alta, a análise qualitativa individual indica que, de facto, a aquisição das estruturas interrogativas-WH em que o verbo sobe para C é problemática⁸⁷. As produções de falantes PL2 de nível intermédio apontam no mesmo sentido.

4.3. Pobreza de estímulos e *triggers* para o reagrupamento de traços

Um dos objetivos do presente estudo prende-se com a questão da aquisição de estruturas IWHM cuja ocorrência em *input* naturalista é extremamente baixa. Assim, pretendia-se saber se este tipo de estruturas é passível de aquisição, avançando nesta secção com um pressuposto sobre o que poderia funcionar como *trigger(s)*, quando estas estruturas também não são apresentadas, explicadas e exercitadas na sala de aula.

De acordo com os resultados observados, nos níveis iniciais de aquisição, tendo os falantes de L2 à sua disposição apenas matrizes de traços da sua língua materna na

⁸⁷ Soares (2006) apresenta também alguns dados semelhantes, quanto à aquisição de subida do verbo para C em português como língua materna.

numeração, o mapeamento realiza-se também conforme a língua materna, resultando em *transfer* negativo. No caso de existir correspondência de traços entre L1 e L2, o *transfer* positivo tem lugar. Nos níveis mais avançados de aquisição, a seleção de traços necessários para os itens lexicais relevantes e a sua especificação, em conformidade (parcial ou completa) com a L2, já poderá ser observada. Assim, tendo em consideração a segunda pergunta de investigação, que pretende saber se as estruturas IWHM são passíveis de aquisição face à sua baixa frequência no *input*, a resposta é positiva. De facto, foi constatado que existe progresso na aquisição das interrogativas-WH múltiplas, progresso esse aferido tanto através da análise quantitativa como qualitativa. Assim, verificou-se que os falantes PL2 inseridos nos grupos de nível básico apresentam um conhecimento consideravelmente diferente dos falantes no nível intermédio, que se traduz, no caso dos falantes de nível básico, numa taxa de ocorrência mais frequente de estruturas cujos itens-WH parecem ser compostos conforme as matrizes de traços da sua língua materna.

Considere-se agora a questão do movimento de V para T para C. O evitamento de interrogativas com subida do verbo por parte de falantes nativos de português pode repercutir-se na aquisição das mesmas. Em português, o traço T em C pode ser interpretável e não interpretável. Em russo, um traço *uT* não está presente em C. Os dados de falantes PL2 de aquisição tardia observados nas condições que pretendem controlar a subida T-para-C são, de facto, indicativos de que, pelo menos, o traço [*uT*] é de difícil aquisição. Esta afirmação vai ao encontro das hipóteses de interpretabilidade (Hawkins, 2005; Hawkins & Hattori, 2006; Tsimpli & Mastropavlou, 2001; Tsimpli & Dimitrakopoulou, 2007). No entanto, sugiro que o traço [*uT*] é de aquisição mais custosa não porque não faz parte da matriz de C em L1 e, como tal, já não estará disponível para selecção em L2, mas porque não há dados suficientes no *input* que desencadeiem a sua aquisição.

Por outro lado, no âmbito do presente estudo, não foi possível determinar com segurança se, no caso dos falantes PL2 de aquisição tardia, o traço *uT* em C é adquirido, ou seja, se o núcleo C é reconfigurado em conformidade com a matriz de traços de C em português, visto que algumas estruturas produzidas pelos falantes são ambíguas desse ponto de vista (e.g. *O que viu a Maria ontem?*). Assim, em L2, a estrutura interrogativa-WH sem subida do verbo para C pode ser idêntica, ao nível de superfície, àquela que ocorre na produção de falantes nativos, o que, de facto, observámos tanto em nível básico, como em nível intermédio. Esta possibilidade leva-me a pensar que, se, nas etapas iniciais de aquisição, o traço *uT* em C não é selecionado, – e como assumimos, neste trabalho, o ponto de partida dos falantes não nativos é a sua língua materna –, resultando a derivação numa estrutura superficialmente convergente com o alvo, os falantes de PL2 não têm necessidade de proceder à reconfiguração de traços, também, nas etapas mais avançadas. Deste modo,

presumo que, sendo a reconfiguração de traços incompleta, a convergência com a gramática-alvo também poderá ser parcial.

Quanto aos estímulos que podem, eventualmente, ser relevantes na aquisição das estruturas IWHM, especula-se o seguinte.

De facto, os resultados observados permitem-nos afirmar com toda a certeza que, na aquisição das estruturas IWHM em PL2, estruturas com muito baixa ocorrência em *input* naturalista e *input* manipulado, o progresso é visível. Tendo em conta que uma das prioridades do presente trabalho está ligada à necessidade de caracterizar o *input* observável, *i.e.*, aqueles estímulos físicos que desencadeiam, eventualmente, a aquisição e baseando-me na análise contrastiva do português e do russo que desenvolvi nos primeiros capítulos deste trabalho, sugiro que, para a aquisição das estruturas interrogativas-WH múltiplas, os falantes nativos e não nativos não precisam de ser expostos a sequências gramaticais em que, obrigatoriamente, ocorre mais de um constituinte-WH. O que pode funcionar como um *trigger* para a aquisição das interrogativas múltiplas talvez tenha a ver com a presença no *input* de determinados itens lexicais que são indicativos de que os constituintes-WH e pronomes de polaridade positiva/negativa do português se distinguem, quanto à sua composição de traços e à sua especificação, do russo.

No primeiro capítulo desta dissertação, foi apresentada uma sucinta descrição dos constituintes-WH interrogativos do russo (secção 1.3.3.2.) e do português (secção 1.4.4.2.). De acordo com a informação relatada, em russo os constituintes de natureza diferente (interrogativos, negativos, específicos) têm, obrigatoriamente, todos o traço [wh], distinguindo-se na seleção e na especificação de outros traços que refletem a sua natureza semântica (tabela 25).

Tabela 25. Constituintes-WH em russo.

Constituintes-WH	INTERROGATIVO Ex: kto <i>quem</i>	NEGATIVO Ex: nikto <i>ninguém</i>	INDEFINIDO Ex: kto-to <i>alguém</i>
Traços no final da derivação	+ wh - definido - específico + Q - negativo	+ wh - definido - específico - Q + negativo	+ wh - definido ± específico - Q - negativo

Por sua vez, em português, apenas o pronome/determinante interrogativo tem o traço [wh] selecionado a partir do repertório universal (tabela 26).

Tabela 26. Constituintes-WH e quantificadores indefinidos em português.

Quantificador	INTERROGATIVO Ex: quem	NEGATIVO Ex: ninguém	INDEFINIDO Ex: alguém
Traços no final da derivação	+ wh - definido - específico + Q - REL	- definido - específico + negativo	- definido ± específico

Assim, estando itens interrogativos, negativos e específicos presentes no *input*, o falante não nativo constata, numa determinada altura, que a forma destes itens se distingue em função da sua natureza semântica, assim, em português, os quantificadores negativos e indefinidos não têm traços [wh, Q] presentes, enquanto o item interrogativo tem. Assim que os falantes detectarem a diferença entre quantificadores de natureza distinta no português, começa o processo de reconfiguração que se traduz no reagrupamento de traços diferentes e/ou na especificação destes traços de modo diferente cuja consequência será visível na computação. Desta forma, no caso das IWHM, o *trigger* é o próprio constituinte-WH configurado de determinada maneira, ou melhor, determinada(s) forma(s) que funciona(m) como uma(s) pista(s) robusta(s) que desencadeiam a aquisição, o que significa que a propriedade fulcral para ter sucesso na aquisição de determinadas estruturas não está ligada à frequência destas estruturas no *input*, mas prende-se com a presença de certos itens lexicais.

4.4. Contexto académico vs. contexto de imersão linguística

Ao longo da presente redação, foi referido, repetidamente, que as frases interrogativas-WH múltiplas ocorrem com muito pouca frequência tanto em contexto de *input* manipulado, como em contexto de *input* naturalista. Sendo assim, é-nos, aparentemente, impossível medir o papel da aprendizagem explícita e, também, o papel da instrução explícita na aquisição das interrogativas com constituintes-WH múltiplos. Por outro lado, não fazendo estas estruturas parte dos programas de PL2, a questão da evidência negativa não se levanta. Atendendo a estas limitações, no âmbito de uma das perguntas de investigação colocadas pretendia-se saber se os falantes de PL2 que começaram a aprender o português em idade adulta e em situação de imersão teriam um comportamento diverso de falantes de PL2 que adquirem a língua em situação de aprendizagem formal.

Para responder à pergunta, os resultados dos falantes PL2 de aquisição tardia foram comparados, tendo em conta a variável “contexto de aquisição de L2”. Assim, no que toca às estruturas IWHM, de acordo com os dados apresentados nas secções 3.3.2. e 3.3.3., foram observadas bastantes semelhanças entre dois grupos de falantes PL2 de nível básico e dois grupos de falantes PL2 de nível intermédio, inseridos em contextos de aquisição diferentes. Sem pretender repetir aqui os resultados empíricos descritos anteriormente, saliento apenas que a evolução na aquisição das estruturas IWHM foi observada em ambos os contextos. Contudo, o contraste entre os falantes PL2 de nível básico e de nível intermédio que adquirem a língua em ambiente formal é maior do que aquilo que foi verificado entre falantes de níveis diferentes inseridos em *input* naturalista. Mesmo tendo em conta que as interrogativas múltiplas não fazem parte dos programas de Português como Língua Estrangeira, na linha dos argumentos apresentados na secção anterior, as estruturas IWHM

não precisam de estar, obrigatoriamente, realizadas no *input* (manipulado ou não) para serem adquiridas. Basta que os falantes de PL2 sejam expostos a itens lexicais de natureza diferente (interrogativos, negativos, específicos), sendo que estes funcionam como *triggers* para a aquisição de movimento-WH nas estruturas interrogativas-WH múltiplas e não múltiplas. Portanto, a reconfiguração de traços de itens-WH em PL2 adquirido em contexto acadêmico, que parece ser mais célere, pelo menos no caso de alguns informantes, talvez seja facilitada pelo ambiente em que estes itens são adquiridos. Por outras palavras, embora as estruturas IWHM não sejam alvo de instrução explícita, os quantificadores, em geral, e os pronomes interrogativos, em particular, fazem parte dos programas de PL2 desde as primeiras aulas, o que pode acelerar o processo de aquisição.

Quanto às diferenças observadas, no que toca à variável “contexto de aquisição de L2”, foi verificado que os falantes de PL2 em contexto de *input* naturalista, sobretudo, de nível intermédio parecem optar mais frequentemente pelo uso de *é que*. Ao comparar o desempenho de informantes de níveis e contextos diferentes, nas condições sem o morfema cristalizado (condições 1, 3, 6, 8), constatei que, nos grupos de nível básico, o comportamento dos falantes é semelhante. Agora, como vimos na tabela 24, a diferença entre os dois grupos de nível intermédio é considerável, recorrendo os falantes de PL2 em imersão linguística ao morfema *é que* com mais frequência em comparação com o grupo de nível intermédio em contexto de aquisição formal. Embora, nas perguntas de investigação, não conste nenhuma predição quanto à preferência pelo uso de *é que* em contexto de *input* naturalista, o resultado não é muito surpreendente, dado o uso generalizado de *é que* por falantes nativos de português.

Se compararmos os dois contextos de aquisição – sala de aula vs. imersão linguística –, constatamos que, geralmente, estes se distinguem em vários pontos. Assim, ao definir os diferentes tipos de contexto para aquisição de uma L2, Collentine & Freed (2004: 155) identificam a aprendizagem formal (*Learning context*) e a aquisição em imersão linguística (*Communicative context*) do seguinte modo:

Communicative contexts require that the learner use the L2 as a tool of sorts for exchanging information and participating in important social and interpersonal functions. Learning contexts are those in which input and learner output are fashioned (normally with the assistance of a teacher) so that learners will attend to form and take risks toward the ultimate goal of improving their linguistic expertise. Furthermore, in communicative contexts, learners may or may not be as oriented toward furthering their linguistic development as they would be in a learning context.

Portanto, tendo em vista que a aquisição em contexto formal pressupõe, normalmente, uma manipulação de material linguístico, sendo que este material é fornecido ao aluno de forma faseada, privilegiando, nas etapas iniciais de aquisição, estruturas canónicas, a ocorrência da sequência *é que* em escala mais baixa no grupo PL2_LA_CA_Int é

explicável. Ao consultar alguns manuais de Português para Estrangeiros, verifiquei que, fazendo as interrogativas-WH parte das primeiras aulas do nível A1 (Nível Inicial), as estruturas com *é que* ou não são abordadas ou a inserção desta sequência é feita de forma muito diminuta, por exemplo, pode aparecer numa nota pequena (veja-se “Passaporte para Português” de Kuzka & Pascoal, 2014) ou ser descrita como uma sequência enfática que pode aparecer numa série de contextos (veja-se “Portugalski Yazik/Língua Portuguesa” de Rodionova & Petrova, 2000).

Por sua vez, os falantes inseridos em contexto de imersão linguística são expostos a um *input* em que o morfema não segmentável *é que* ocorre de forma generalizada. De facto, se o uso de *é que* continua a não ser obrigatório, os falantes nativos de português empregam esta partícula recorrentemente, sobretudo no registo oral, que é, por excelência, o tipo de *input* a que os falantes não nativos em imersão linguística estão expostos.

Todavia, apesar de os falantes de PL2 de nível intermédio com acesso a *input* naturalista usarem as estruturas com *é que* com mais frequência, a sua *performance* difere da *performance* tanto dos falantes nativos como dos falantes *Early Arrivals*, o que foi constatado através das análises quantitativa e qualitativa. Assim, os falantes de PL2, para além de aceitarem construções agramaticais com o morfema *é que* (ou o constituinte-WH mais baixo) numa posição atípica no português (condição 4) (12), usam este morfema quando corrigem a frase, ora lexicalizando o núcleo de CP (13a), ora numa posição que não sabemos se corresponde a C ou ao núcleo de WHP (13b):

(12) Item de teste: *Quem o que é que preparou?*

(13) Item de teste: *Quem viu o quê?*

Correção: a. *Quem é que o que viu?*
 b. *Quem o que é que viu?*

A aceitação das frases em que a sequência *é que* está adjacente a um dos constituintes-WH, estando ambos em posições pré-verbais, pode ser indicativa de que, para os falantes não nativos, *é que* poderá ser inserido na derivação em diferentes núcleos funcionais: C ou WH. Ambos os exemplos em (13) mostram que os traços dos itens-WH ainda não foram reconfigurados conforme a língua-alvo. Os desvios na *performance* dos falantes PL2 *Late Arrivals/Late Acquisition* sugerem ainda que a reconfiguração de C lexicalizado com *é que* poderá ser mais custosa do que C *bare*, devido à plurifuncionalidade deste morfema. O mesmo pode ocorrer em variadas estruturas sintáticas, tendo ele estatutos discursivos diferentes⁸⁸. Deste modo, considerando que as pistas ligadas ao discurso podem ser mais

⁸⁸ Veja-se Gonçalves (2001: 66), que propõe, para a sequência *é que*, a seguinte classificação: “O “*é que*”, como morfema contínuo, apresenta três “variedades”: pode ser interrogativo, enfático/focalizador e apresentador de frase”. Ou Vercauteren (2010), que descreve vários contextos em que a sequência poderá ser encontrada.

difícilmente detectáveis do que as pistas sintáticas (veja-se Ionin, 2003, por exemplo, que apresenta este argumento para explicar dificuldades de falantes nativos de russo na aquisição de determinantes em inglês como L2), concluo que as pistas que desencadeiam a aquisição de estruturas com *é que* em PL2 podem ser ambíguas e os falantes podem analisar a sequência *é que* como uma sequência cristalizada ou um conjunto *SER que*. Um argumento a favor dessa hipótese provém dos dados de um informante que parece analisar *é que* como sequência variável *SER que* (amostra apresentada em 6d, repetida aqui em 14).

- (14) a. Item de teste: *Quem é que o que preparou?*
 Correção: *Quem é o que preparou o que?*
- b. Item de teste: *Quem o que tomou?*
 Correção: *Quem é o que tomou o que?*

Se o meu raciocínio estiver correto, o falante identifica a forma *é* do verbo *ser*, como forma do verbo *ser* identificacional. Ao comparar o desempenho deste falante nas condições que integram interrogativas-WH não múltiplas, verifiquei que ele faz parte do grupo de poucos falantes *Late Arrivals* deste estudo que aceita a estrutura em que o verbo sobe para C (*WH_{OD} V ontem SU*) em 100% de oportunidades de resposta, recusando, corretamente, a estrutura agramatical em que a subida do verbo não tem lugar (*WH_{OD} ontem V SU*), sugerindo, neste último caso, uma estrutura com *é que*.

Em modo de conclusão, quero notar que, atendendo ao facto de que as interrogativas-WH consideradas canónicas (sem *é que* e com subida do verbo para C) são as primeiras a ser abordadas em contexto de sala de aula, em detrimento das interrogativas com *é que*, seria esperada uma taxa de aceitação mais alta, pelo menos, no grupo de aquisição em contexto formal de nível intermédio, o que não aconteceu. Assim, os resultados do teste podem ser sugestivos de que a instrução explícita de algumas estruturas sintáticas não funciona como um fator facilitador na aquisição destas, sendo que outras propriedades poderão sobrepor-se a este fator, por exemplo, escolha de estruturas que o falante de L2 considera menos custosas (*Merge* em detrimento de *Move*; *triggers* mais salientes). Por outro lado, a preferência pelas estruturas interrogativas com *é que* pode ser justificada pelo maior número de contextos em que estas ocorrem, generalizando-se assim o seu uso. Vercauteren (2010: 47), seguindo Amaral (2009), aponta para a possibilidade de as interrogativas com *é que* aparecerem tanto nas interrogativas *standard* como nas interrogativas *eco*, contrariamente às interrogativas com inversão, o que justificaria ainda a mais alta frequência de interrogativas de *é que*.

4.5. Fator idade na aquisição das IWHM

A última pergunta de investigação que se considerou põe em destaque o papel da idade na aquisição de uma língua não materna, pretendendo saber se existe uma relação entre a idade de primeira exposição à língua e a *performance* observada na aquisição de estruturas interrogativas-WH múltiplas.

Para responder à pergunta, foi usada a abordagem comparativa, sendo contrastados os resultados de grupos PL2 *Late Arrivals/Late Acquisition* e *Early Arrivals*, confrontando estes últimos ainda com os dados do grupo de controlo.

Como foi descrito na secção 3.3.4., em relação às estruturas IWHM múltiplas, no caso das condições que abrangem estruturas múltiplas gramaticais em PE (condições 1-2), a análise meramente quantitativa indica que o grupo de *Early Arrivals* é mais próximo dos dois grupos de nível intermédio do que do grupo de controlo. No entanto, a análise qualitativa sugere que o comportamento dos *Early Arrivals* é não só muito mais homogéneo, em comparação com os falantes de aquisição tardia, como reflete, em termos de correção de estruturas, as mesmas escolhas que se observam nos dados de falantes nativos de português. Nas condições com estruturas IWHM agramaticais (condições 3-5), tanto a análise quantitativa como a qualitativa apontam no mesmo sentido. Assim, nenhum sujeito classificado como *Early Arrival*, em nenhuma condição com estruturas-WH múltiplas, apresenta uma IWHM com todos os constituintes-WH em posições pré-verbais, de forma semelhante ao que acontece com o grupo de controlo, mas diferentemente de todos os grupos PL2 de aquisição tardia, quer de nível intermédio ou inicial.

No que se refere às estruturas interrogativas não múltiplas, os falantes PL2 *Early Arrival* optam, sistematicamente, por uma estrutura-WH sem subida do verbo (15) (ou que não é forçoso interpretar como implicando subida do verbo (15a)).

- (15) Item de teste: *O que leu ontem a Maria?*
 Correção: a. *O que leu a Maria ontem?*
 b. *O que é que leu a Maria ontem?*
 c. *O que a Maria leu ontem?*
 d. *O que é que a Maria leu ontem?*

Repare-se que a estrutura testada na condição 6 (WH_{OD} V ontem SU), uma construção considerada gramatical em português, é aceite com uma certa relutância mesmo por falantes nativos, sendo que, por vezes, os falantes a substituem por uma estrutura que, de acordo com a gramática da norma, é agramatical (15c). Embora, na condição 6, apenas um falante nativo use este tipo de estrutura de modo sistemático, na condição 8, que inclui outro tipo de estrutura não disponível na norma (WH_{OD} ontem V SU), este tipo de correção é

proposto, ainda que pontualmente, por vários falantes de PL1. Na tabela 27, apresento a tendência de uso desta estrutura agramatical em todos os grupos testados.

Tabela 27. Uso da estrutura WH_{OD} SU V *ontem* em 100% de oportunidades de resposta nas condições 6 e 8

Condição	PL1	PL2_EA_IL	PL2_LA_CA_Int	PL2_LA_IL_Int	PL2_LA_CA_Bas	PL2_LA_IL_Bas
6 <i>wh_{OD} V ontem SU</i>	4,7%	6,4%	26,4%	23,5%	22,2%	1,7%
8 <i>* wh_{OD} ontem V SU</i>	6,7%	14,1%	25,3%	17,3%	24,1%	2,6%

A percentagem mais baixa observada no caso do grupo de nível básico em imersão linguística pode ser explicada, por um lado, pelo número reduzido de informantes que compõem este grupo, mas, sobretudo, por uma taxa de aceitação bastante alta quer nas estruturas gramaticais quer nas agramaticais e, conseqüentemente, muito poucas propostas de retificações.

Agora, quanto às diferenças entre o grupo de controlo e o grupo de *Early Arrivals*, com efeito, no âmbito deste estudo foram encontradas algumas na taxa de avaliação de estruturas interrogativas-WH múltiplas e não múltiplas, que nos poderiam levar a pensar que os falantes de PL2 de aquisição precoce são mais próximos dos PL2 de aquisição tardia do que dos PL1. No entanto a análise qualitativa contesta esta dedução, como julgo ter já mostrado. Concluo, assim, que o *steady state* dos falantes *Early Arrivals* será idêntico ao dos falantes nativos, pelo menos no que se traduz numa configuração de traços de itens lexicais em matrizes relevantes para PE. Os falantes bilingues, contudo, e como se observou na secção 3.3.4., oferecem juízos menos categóricos do que os falantes monolingues (veja-se a taxa mais baixa de escolha do ponto 4 na escala pelos falantes *Early Arrivals*, no caso das condições gramaticais, e do ponto 1, nas condições agramaticais; a exceção é a condição 7, em que a taxa de aceitação associada a escolha do ponto 4 é muito próxima da taxa dos falantes PL1.).

Este tipo de comportamento dos falantes *Early Arrivals* levanta a questão de saber se, na aquisição de uma L2 na infância, se trata de verdadeira reconfiguração de traços de L1 para L2, como no caso da aquisição tardia, ou se o ponto de partida na aquisição precoce será semelhante ao das crianças bilingues num sentido mais estrito (*i.e.* com duas L1), desenvolvendo-se duas (ou mais) gramáticas de modo autónomo, ou, ainda, se neste caso existe uma competição entre o acesso à gramática-alvo via L1 ou via Gramática Universal.

Tendo em conta que os informantes *Early Arrivals* do presente estudo estão num estágio final de aquisição, não se pretendeu responder a esta questão.⁸⁹

Quanto ao *steady state* dos grupos de PL2 *Late Arrivals/Late Acquisition*, na senda dos argumentos de White & Genesee (1996), Birdsong & Molis (1998), Birdsong (1999), Marinova-Todd (2003), Hopp (2007), foi assumido que, na aquisição tardia de uma língua não materna, é possível obter proficiência linguística semelhante à de um falante nativo em alguns domínios de língua, apesar de evidências fortes de que a *performance* de um falante de L2 possa ser distinta da proficiência de um falante de L1 e que a taxa de sucesso na aquisição tardia se revelar relativamente baixa.

Esta predição, de facto, foi confirmada. A variável “idade precoce de primeira exposição à língua” revela-se, com efeito, um fator preponderante para obter uma proficiência linguística idêntica à de falantes nativos, no entanto, a diferença entre os resultados dos grupos de PL2 de nível básico e de nível intermédio é sugestiva de que, na aquisição tardia, esta aquisição é progressiva. Considerando os resultados de alguns falantes de nível intermédio, avanço ainda que o *steady state* de alguns falantes que começaram a adquirir a língua em idade adulta pode ser equivalente ao *steady state* dos falantes *Early Arrivals* e de falantes nativos. Como foi indicado nas secções 3.1.2./3.1.3., o teste de diagnóstico abrange apenas tarefas de nível elementar e de nível intermédio, sendo que, mesmo aos falantes com os resultados acima de 90% de respostas certas no teste, foi atribuído o nível intermédio, mesmo que possam ter, eventualmente, um nível mais avançado. Ao observar o desempenho dos falantes que atingiram uma taxa de acerto igual ou superior a 90% no teste de diagnóstico (12 sujeitos do total de 27 informantes inseridos em nível intermédio em contexto de imersão linguística e 20 sujeitos do total de 48 informantes inseridos em contexto de sala de aula), constatei que, no que toca às estruturas IWHM, o grupo inclui tanto falantes que apresentam resultados equivalentes aos falantes nativos, como falantes que ainda recorrem a uma configuração de traços relevantes para itens lexicais e categorias funcionais da sua L1, *i.e.*, do russo (tabela 28).

Tabela 28. Desempenho dos informantes que têm uma taxa igual ou superior a 90% no teste de diagnóstico, relativamente ao uso de estruturas IWHM

	PL2_LA_CA_Int		PL2_LA_IL_Int	
	Convergência com a gramática-alvo	Não convergência com a gramática-alvo	Convergência com a gramática-alvo	Não convergência com a gramática-alvo
IWHM	15 suj. (75%) ⁹⁰	2 suj. (10%)	8 suj. (67%)	4 suj. (33%)

⁸⁹ Veja-se a bibliografia relevante sobre o desenvolvimento na aquisição de L1 vs. L2 de *Early Arrivals* vs. L2 de *Late Arrivals* em Sopata (2010).

⁹⁰ A percentagem indicada abrange apenas as estruturas IWHM, assim, outras estruturas possíveis propostas pelos falantes (por exemplo, estruturas gramaticais não múltiplas em detrimento de múltiplas) não são incluídas na contagem.

Os dados da tabela 28 sugerem que alguns daqueles informantes que tiveram uma taxa inferior a 90% no teste de diagnóstico mostraram, também na tarefa experimental, a reconfiguração de traços de itens-WH convergente com a gramática do português. Assim, concluo que, no que toca à reconfiguração de traços de itens-WH, os falantes não nativos de português que adquirem a língua em idade adulta podem atingir uma proficiência equivalente aos falantes nativos, o que é evidenciado através do cruzamento de dados em função da variável “nível de proficiência em português”, comparando, por sua vez, os falantes em nível intermédio com os falantes de aquisição precoce e falantes de PL1.

CAPÍTULO V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação discute a aquisição de estruturas interrogativas-WH múltiplas, estruturas extremamente escassas no *input*, por falantes não nativos de português, adultos, em diferentes estádios de aquisição e em diferentes contextos de aquisição e que têm o russo como língua materna. Tendo em conta que os constituintes-WH das duas línguas, bem como o núcleo funcional C são compostos e especificados de modo diferente, e com base na *Feature Reassembly Hypothesis* (Lardiere 2005, 2007, 2008, 2009), pretendeu-se explicar a variabilidade na aquisição em PL2 por falantes cuja língua materna é tipologicamente distinta da língua em aquisição. Tendo em consideração os dados recolhidos através de uma tarefa de juízo de gramaticalidade, neste último capítulo, apresentarei, de forma sumária, as conclusões a que chegámos e assuntos que deixamos por resolver no futuro.

No primeiro capítulo do presente estudo, considerando várias propostas existentes para a derivação sintática de estruturas interrogativas-WH múltiplas padrão nas línguas pertinentes para este trabalho, russo e português, foi definido que, embora dispondo as duas línguas de uma estratégia de formação de estruturas IWHM, estas são tipologicamente distintas. Assim, foi estabelecido que, enquanto o russo pertence ao tipo de línguas *wh-ex-situ*, o português é uma língua do tipo misto.

Para a caracterização das duas línguas, os dados empíricos do russo e do português foram observados, tendo ainda sido consideradas várias propostas existentes (Ambar, 1988; Bailyn, 2011; Barbosa, 2001; Bošković, 1997, 1998, 2002; Cheng, 1991, 1997; Cheng & Cover, 2006; Chomsky, 1977, 1995, 1998; Duarte, 2000; Hagstrom, 1998; Huang, 1982; Liakin, 2005; Rizzi, 1996, 1997; Rudin, 1988; Scott, 2012; Soares, 2006; Stepanov, 1997; Stoyanova, 2008; Zavitnevich, 2002; Zavitnevich-Beaulak, 2005; *e.o.*). Assim, verificou-se que, apesar de a distribuição dos constituintes-WH ser diferente em português e em russo, as línguas apresentam também algumas semelhanças. Assim, vimos que as duas línguas partilham a propriedade de movimento de pelo menos um constituinte interrogativo para a posição Spec, CP, sendo este movimento justificado pela atribuição de *clause typing* através de verificação dos traços [*uwh/iQ*].

Quanto à propriedade distintiva mais óbvia, que se prende com a posição dos constituintes-WH mais baixos, foi sugerido que, em russo, o *fronting* obrigatório de todos os constituintes-WH – sendo que o mais baixo se move para outra projeção, WHP, que será uma projeção reservada a constituintes-WH que ficam sob o escopo da posição de Spec, CP – acontece porque estes constituintes são desprovidos de conteúdo semântico relevante na numeração, ou seja, são ambíguos e, para serem desambiguados na computação, quanto a traços que têm subespecificados, se deslocam para junto de categorias funcionais relevantes. O domínio de verificação de traços depende da natureza dos constituintes-WH,

sendo que, no caso das interrogativas-WH, a identificação é efetuada por movimento sintático de um constituinte-WH para especificador do núcleo C. É o que se verifica, também, em português. No entanto, nesta língua, foi assumido que os morfemas-WH não são subespecificados na numeração, como em russo, porém, o núcleo da categoria funcional CP é ambíguo quanto a traços que definem uma frase como interrogativa, exclamativa ou relativa. Assim, a subida do constituinte-WH mais próximo do núcleo C é necessária, sendo este núcleo desambiguado e o *clause type* atribuído (Cheng, 1991).

Uma outra característica distintiva entre as duas línguas em análise é ligada ao movimento do verbo para fora do domínio T. O russo, neste caso, é uma língua em que não se verifica o movimento V-para-T-para-C, enquanto em português, pelo menos de acordo com as descrições da norma, se observaria o fenómeno V2 residual, de que resulta a subida do verbo para C e que se reflete na propriedade de inversão Sujeito-Verbo verificada em algumas frases interrogativas do português. O facto de, em português, ser possível mover o verbo para o núcleo C indica que este núcleo funcional é composto não apenas por traços [*uwh/iQ*], mas também inclui o traço [*uT*].

Feita uma comparação das estruturas IWHM do russo e do português, foram descritas duas derivações sintáticas possíveis para as interrogativas do português (1):

(1) a. C_T

[_{CP} **Quem**_i [_{C'} [_C comprou]_j] [_{TP} _{-i} [_T -]_j] **o quê**]]]

b. C_{é que}

[_{CP} **Quem**_i [_{C'} [_C é que] [_{TP} _{-i} [_T comprou] **o quê**]]]

No entanto, uma certa resistência do grupo de controlo, composto por falantes nativos de português, na avaliação das estruturas-WH em que a subida do verbo é necessária aponta no sentido de que T-para-C é preterido em favor de outras estruturas que parecem envolver menos custos na derivação. Assim sendo, conclui-se que, no caso das interrogativas-WH múltiplas (2a) e não múltiplas (2b), o traço [T] de C, provavelmente, pode ser um traço interpretável [*iT*] e não [*uT*], ao contrário do que foi assumido no capítulo 1 e resultando em derivações como em (2).

(2) C_∅

a. [_{CP} **Quem**_i [_{C'} [_C -] [_{TP} _{-i} [_T comprou] **o quê**]]]

b. [_{CP} **O que**_i [_{C'} [_C -] [_{TP} - [_T comprou] a Maria _{-i} ontem]]]

Assumindo o quadro do Programa Minimalista, em que o processo de aquisição se caracteriza pelo menos por dois processos, 1) a seleção de traços relevantes do inventário universal; 2) o agrupamento destes traços num item lexical (Chomsky, 2000, 2001), a

variação entre línguas pode envolver, portanto, diferente seleção de traços, ou o modo como os mesmos são agrupados. Assim, tendo em conta diferenças interlinguísticas, assumiu-se que esta variabilidade é caracterizada não apenas pela seleção e agrupamento de traços, como na aquisição de L1, mas também pela necessidade de reconfigurar traços disponíveis na L1 no sentido da aquisição da L2, visto que são configurados diferentemente em duas línguas diferentes. Assim, admitiu-se também que, pelo menos no caso de falantes de aquisição tardia, os estádios iniciais de aquisição são marcados pela transferência de matrizes de traços disponíveis na L1, sendo que a reconfiguração de traços em matrizes de traços da L2 se revela necessária. Considerando o forte poder preditivo da hipótese de reconfiguração de traços (*Feature Re-Assembly Hypothesis*, Lardiere, 2005, 2007, 2008, 2009, *e.o.*) para a aquisição de constituintes-WH em frases IWHM do português como L2, foi avançada a proposta de que os possíveis desvios poderiam dever-se quer aos problemas de reconfiguração de traços destes elementos, quer às eventuais dificuldades na seleção de traços não instanciados na L1. Tendo em conta esta predição, na última secção do capítulo 2, foram colocadas várias questões de investigação que procuram compreender o comportamento de falantes nativos e não nativos do português, pondo em destaque variáveis linguísticas e sociolinguísticas.

Assim, assumindo que, na aquisição de uma L2 em idade adulta, os falantes não nativos tomam como ponto de partida as matrizes de traços da sua língua materna, no âmbito da primeira pergunta de investigação, questionava-se se o processo de reconfiguração de traços em matrizes pertinentes para a L2 seria visível nos grupos de falantes de nível de proficiência intermédio. Para responder à pergunta, foram apresentados os resultados empíricos dos grupos de falantes não nativos de aquisição tardia, sendo descritos, em primeiro lugar, os dados de falantes inseridos em grupos de nível básico. Comparando o desempenho dos dois grupos cuja diferença consiste no contexto em que a L2 é adquirida, verificou-se que, nos estádios iniciais de aquisição, a variabilidade nos dados é bastante alta, o que foi previsto. Constatou-se, ainda, que os falantes em nível básico recorrem sistematicamente às estruturas que espelham uma configuração de traços de itens lexicais e categorias funcionais idênticas à sua língua materna, o que significa que o ponto de partida para a aquisição das estruturas IWHM em PL2 é, de facto, a L1, que, no caso deste estudo, é o russo. Já nos grupos de nível mais avançado, observou-se um progresso atestado através da diferença, entre os grupos de nível básico e os grupos de nível intermédio, na taxa de aceitação no caso das estruturas gramaticais, e na taxa de rejeição nas estruturas agramaticais, sendo assim a predição confirmada. Assim, concluiu-se que, no caso das estruturas IWHM, os falantes *Late Arrivals/Late Acquisition* começam a aquisição usando as matrizes de traços da sua L1. Por sua vez, os falantes de nível intermédio mostraram um desempenho muito mais consistente, confirmando, portanto, a predição de que a

reconfiguração de traços é possível em alguns casos, o que foi confirmado através da diferença entre os grupos de nível básico e de nível intermédio observada nas condições que testam estruturas IWHM. No entanto, sugeriu-se também que, ao passo que estas estruturas são passíveis da aquisição, nem todos os falantes apresentam o mesmo tipo de progressão.

Por outro lado, vimos que alguns traços são de aquisição mais difícil do que outros. É o caso do traço [uT] em C. Esta dificuldade foi observada em todos os grupos de aquisição tardia. Dado o comportamento dos falantes nativos e, também, dos falantes *Early Arrivals*, em relação às estruturas com subida do verbo para C, sendo esta estratégia preterida em favor de outras, talvez consideradas menos custosas, concluiu-se que os falantes *Late Arrivals/Late Acquisition* não têm, ou têm muito pouca, evidência para a aquisição das estruturas com subida do verbo para C. Neste caso, contudo, a dificuldade na aquisição de [uT] não se deverá à natureza do traço, mas à falta de evidência no *input* para a sua aquisição.

Ainda no âmbito da discussão dos dados dos *Late Arrivals/Late Acquisition*, levantou-se a hipótese de que os falantes cujo período de exposição à L2 é mais extenso poderiam apresentar uma *performance* mais convergente com a gramática alvo. Contudo, ao fazer a extração de dados em função da variável “número de anos em Portugal”, a hipótese não se confirmou. Efetivamente, os falantes que tiveram uma primeira exposição em idade adulta e que têm uma exposição mais longa não apresentaram, obrigatoriamente, uma gramática mais convergente com a gramática alvo em comparação com os falantes que estão em imersão linguística menos tempo.

A segunda pergunta de investigação pretendia saber se as estruturas IWHM são passíveis de aquisição, sendo muito escassas no *input*, e o que é que funciona como *trigger(s)*, quando estas também não são apresentadas, explicadas e exercitadas na sala de aula.

Na terceira secção do capítulo 4, sugeri que os quantificadores de natureza diferente servem este propósito, ou melhor, a forma destes elementos poderá ser pista para os traços que os compõem, sendo que os falantes nativos e não nativos não precisam de ser expostos a sequências gramaticais em que, obrigatoriamente, ocorre mais de um constituinte-WH. A aquisição das IWHM dá-se, deste modo, por intermédio da análise dos constituintes-WH e dos quantificadores em geral. Sendo estes elementos frequentes em *input* naturalista, mas também manipulado, os falantes não nativos detectam a diferença composicional entre quantificadores de natureza distinta no português, começando assim o processo de reconfiguração.

O papel da variável “contexto de aquisição de L2” é posto em destaque no âmbito da terceira pergunta de investigação, contrastando a aquisição em contexto de sala de aula e

em contexto de *input* naturalista, e questionando se esta variável teria algum efeito na produção de falantes de L2 português.

Ao comparar os dados dos falantes de aquisição tardia, quanto ao contexto de aquisição de L2, verificou-se uma diferença maior entre os dois grupos de nível diferente que adquirem a língua em ambiente formal, sendo sugerido, assim, que a aquisição de determinadas estruturas em contexto académico seja mais rápida, mesmo quando estas estruturas são muito escassas e não são exercitadas em sala de aula.

Sugeri ainda que a imersão linguística poderia influenciar substancialmente a seleção de determinadas estruturas em detrimento de outras, sendo que os falantes de nível intermédio em contexto de *input* naturalista aparentam uma preferência pelas estruturas que incluem o morfema cristalizado *é que*, o que não acontece de modo tão acentuado nos grupos que adquirem o português em contexto académico. Assim, no caso de falantes de nível intermédio expostos a *input* naturalista, observou-se uma taxa de crescimento na ocorrência de *é que*, que sugiro dever-se ao uso generalizado deste morfema em interrogativas-WH por falantes nativos de português, ainda que o desempenho dos falantes de aquisição tardia divirja tanto dos falantes nativos, como os *Early Arrivals*. Estas diferenças só poderão refletir diferenças qualitativas e quantitativas no *input* a que cada um dos grupos se encontra exposto, de acordo com o que foi sugerido neste trabalho.

A última pergunta de investigação tinha o fator idade em conta, pretendendo saber se a (não) convergência com a gramática-alvo dependia da idade de primeira exposição à língua em aquisição.

Apesar de a análise meramente quantitativa sugerir um comportamento muito semelhante em comparação com os dois grupos de nível intermédio, ao cruzar as análises quantitativa e qualitativa, concluiu-se que os falantes *Early Arrivals* têm um desempenho muito mais convergente com a gramática-alvo do que os de aquisição tardia, aproximando-se, portanto, do grupo de controlo, o que confirma a predição feita.

Assim, de acordo com os dados observados, confirmou-se a hipótese de que os falantes que começam a adquirir uma L2 na infância apresentam maior convergência com a gramática alvo do que os falantes cuja aquisição é tardia. De facto, o desempenho dos falantes *Early Arrivals* é de longe mais homogéneo, coincidindo com o desempenho de falantes de PL1. Assim, nas condições que testam interrogativas múltiplas, o grupo de aquisição precoce nunca apresenta uma configuração de traços de itens-WH e de C de CP da sua L1, contrariamente dos falantes de aquisição tardia, o que me fez concluir que a representação gramatical no *steady state* dos falantes *Early Arrivals* é idêntico à dos falantes nativos. Por sua vez, aparentando o grupo de *Early Arrivals* um comportamento muito estável, sugeri que, na aquisição precoce, a seleção de traços relevantes poderá ser feita via GU e não via L1, como na aquisição tardia.

Assim, entre várias questões que ficaram por resolver e que seria interessante abordar no futuro, levantou-se a questão do estágio inicial de aquisição de uma L2 na infância. Como foi referido no capítulo 2, há muito pouca investigação sobre aquisição de estruturas IWHM tanto em L1 como L2, possivelmente devido à sua quase total ausência no *input*. Os estudos existentes apontam para o facto de as crianças monolingues (Grebennyova, 2006; Gavarró, Lewandowski & Markova, 2010) mostrarem um conhecimento das interrogativas-WH múltiplas coincidente com a gramática de adulto na maior parte de casos. No que toca à aquisição adulta, vimos que o ponto de partida é a L1, sendo a seleção de traços relevantes feita nos estádios iniciais de aquisição sujeitos a reconfiguração posterior. Quanto à aquisição de uma L2 na infância, a questão da definição mais fina do estágio inicial de falantes *Early Arrivals* continua em aberto.

Por sua vez, no caso de falantes de aquisição tardia, vimos que, já num nível intermédio de proficiência em português, o processo de reconfiguração de traços da língua em aquisição é observável, sugerindo que as estruturas IWHM são passíveis de aquisição e que o *steady state* de alguns falantes *Late Arrivals/Late Acquisition* poderá ser semelhante ao dos falantes PL1. No entanto, o presente trabalho não incluiu falantes de níveis mais avançados (C1/C2); portanto, em investigação futura, seria apropriado criar um grupo de informantes com este perfil, tendo por objetivo a comparação do desempenho de falantes em nível intermédio e em estádios finais de aquisição em relação às estruturas IWHM e, também, quanto ao fenómeno de subida do verbo para C. Por outro lado, considero importante ver se, na aquisição de português como L2 por falantes de línguas em que o verbo pleno não sai, em geral, do domínio lexical, o movimento do verbo não apenas para C, mas, também, para T tem lugar. As condições do desenho experimental deste estudo não me permitiram opinar sobre este assunto de forma conclusiva, porém, algumas construções sugeridas pelos falantes podem apontar no sentido de que, de facto, a reconfiguração de traços das categorias funcionais (periféricas e não periféricas) envolvem os maiores custos na aquisição, em comparação, por exemplo, com a reconfiguração dos traços dos itens-WH.

Por seu lado, parece não existir nenhum estudo que teste o desempenho de falantes de português, uma língua com estruturas IWHM do tipo misto, a adquirir estas estruturas numa língua de múltiplo *fronting*, como o russo, por exemplo. O russo é uma língua que, por um lado, envolve a aquisição de uma projeção funcional que não existe em português (WHP), mas, por outro lado, não dispõe de movimento V-para-T-para-C, como em PE. Deste modo, tendo os falantes de PL1 que adquirem russo como L2 tarefas completamente diferentes, comparativamente com os falantes de russo L1 que adquirem Português L2, no que diz respeito à reconfiguração de traços de itens lexicais (constituintes-WH, verbo), seria interessante ver se as dificuldades que os falantes de L2 russo enfrentam são semelhantes às dificuldades exibidas pelos falantes de L2 português.

Por último, gostaria de notar que, embora esta investigação não seja orientada, diretamente, para o ensino, os resultados obtidos, bem como a discussão subsequente, podem contribuir para a criação e atualização de materiais didáticos. Assim, para o desenvolvimento de consciência linguística na aquisição de L2, talvez se revele pertinente sublinhar os processos subjacentes à formação de palavras e a consequência que estes processos têm na aquisição da sintaxe de determinadas estruturas gramaticais que são escassas no *input*, em português como língua não materna.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia em russo

- ВИНОГРАДОВ, В. В. *Русский язык. Грамматическое учение о слове*: учебное пособие для вузов по специальности "Русский язык и литература". 3-е изд., испр. - Москва: Высшая школа, 1986. - 640 с.
- VINOGRADOV, Viktor (1986). *Língua Russa. Estudo grammatical sobre a palavra*: para Estabelecimentos de Ensino Superior, Especialização em Língua e Literatura Russas. 3ª edição corr. Moscovo: Vischaia shkola. 640 p.
- ДОБРУШИНА Н. Р. Сослагательное наклонение. *Материалы для проекта корпусного описания русской грамматики* (http://rusgram.ru/%D0%A1%D0%BE%D1%81%D0%BB%D0%B0%D0%B3%D0%B0%D1%82%D0%B5%D0%BB%D1%8C%D0%BD%D0%BE%D0%B5_%D0%BD%D0%B0%D0%BA%D0%BB%D0%BE%D0%BD%D0%B5%D0%BD%D0%B8%D0%B5). На правах рукописи. М. 2014. электронный документ.
- DOBRUSHINA N.R. (2014). Modo Conjuntivo. *Materiais do projeto "Corpora Descritivos da Gramática Russa"* (<http://rusgram.ru>). Impresso. Moscovo. Documento digital.
- РОДИОНОВА М.А. & ПЕТРОВА Г.В. *Португальский язык*. Курс для начинающих. Издательство: Полесье, 2000. — 496 с.
- RODIONOVA, M. A. & G. V. PETROVA (2000), *Língua Portuguesa*. Curso Inicial. Polecie. Minsk.
- САЙ, С. С. (дата не указана). Нефинитные формы сослагательного наклонения в русском языке. *Материалы для проекта корпусного описания русской грамматики* (<http://rusgram.ru>).
- SAI, S. S. (s.d.). Formas Não Finitas do Conjuntivo em Russo. *Materiais do projeto "Corpora Descritivos da Gramática Russa"* (<http://rusgram.ru>).

Restante bibliografia

- ADGER, David (2003). *Core Syntax*. Oxford University Press: Oxford.
- ADGER, David & Peter SVENONIUS (2010). Features in Minimalist Syntax. in *The Oxford Handbook of Linguistic Minimalism*, edited by Cedric Boeckx, 27–51. Oxford University Press, New York.
- AMARAL, Diana Travado (2009). Algumas construções-Wh em Português Europeu - Periferia Esquerda e Fases. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa.
- AMBAR, Manuela (1988). *Para uma Sintaxe da Inversão Sujeito-Verbo em Português*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Colibri (publicado em 1992).
- AMBAR, Manuela (1989). "Sobre a posição do sujeito - movimento do verbo e estrutura da frase". In *Actas do 5º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL,

- pp. 369-399.
- AMBAR, Manuela (2000). Wh-questions and Wh-exclamatives – unifying mirror effects. Em Beyssade et al. (eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2000*, John Benjamins, 15-40.
- AMBAR, Manuela (2001). Wh-Asymmetries. Communication présentée à l'Asymmetry Conference 2001, Université du Québec à Montréal, 7-10 mai.
- AMBAR, Manuela (2003). Wh-Asymmetries. In A. M. Di Sciullo. *Asymmetry in Grammar*, 209-249. Amsterdam: John Benjamins.
- AOUN, Joseph, Norbert HORNSTEIN, David LIGHTFOOT & Amy WEINBERG (1987). Two Types of Locality. *Linguistic Inquiry* 18, pp. 537-577.
- AOUN, Joseph & Yen-hui Audrey LI (2003). *Essays on the representational and derivational nature of grammar: the diversity of Wh-constructions*. Cambridge, MA: MIT Press.
- BAILYN, John F. (1995). Underlying phrase structure and 'short' verb movement in Russian. *Journal of Slavic linguistics* 3(1): 13-58.
- BAILYN, John F. (2011). *Syntax of Russian*. Cambridge University Press. New York.
- BAKER, Mark (1996). *The polysynthesis parameter*. New York: Oxford University Press.
- BAKER, Mark (2001). *The atoms of language: The mind's hidden rules of grammar*. New York: Basic Books.
- BAKER, Mark (2003). Linguistic differences and language design. *TRENDS in Cognitive Sciences*, 7, pp. 349-353.
- BAKER, Mark (2008). The macroparameter in a microparametric world. In Theresa Biberauer (ed.). *The Limits of Syntactic Variation*. Linguistik Aktuell/Linguistics Today 132. pp. 351-373.
- BALDÉ, Nailia (2011). *A Aquisição do Artigo em Português L2 por Falantes de L1 Russo*, Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa.
- BARBOSA, Pilar (2001). "On Inversion in Wh-questions in Romance". In A. Hulk & J.-Y. Pollock (orgs.), *Romance Inversion*. New York: Oxford Press.
- BARD, Ellen G., Dan ROBERTSON & Antonella SORACE (1996). Magnitude estimation of linguistic acceptability. *Language*, 72(1), 32-68.
- BELLETTI, Adriana (2001). "Inversion" as Focalization. In A. Hulk et J.-Y. Pollock (eds.), *Subject Inversion in Romance and the Theory of Universal Grammar*, 60-90. New York: Oxford University Press.
- BIRDSONG, David (1999). *Second language acquisition and the critical period hypothesis*. Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers.
- BIRDSONG, David (2005). Interpreting age effects in second language acquisition. In J. Kroll & A. de Groot (Eds.), *Handbook of Bilingualism: Psycholinguistic Approaches* (pp. 109-129). Oxford: Oxford University Press.

- BLEY-VROMAN, Robert (2002). Frequency in production, comprehension, and acquisition. In *Studies in Second Language Acquisition*, 24, 209-213.
- BLEY-VROMAN, Robert & Naoko YOSHINAGA (2000). The acquisition of multiple wh-questions by high-proficiency non-native speakers of English. *Second Language Research*, 16(1), 3-26.
- BOECKX, Cedric, and Kleanthes K. GROHMANN (2003). *Multiple Wh-fronting*. Amsterdam: John Benjamins.
- BOŠKOVIĆ, Željko (1997). Superiority Effects with Multiple Wh-Fronting in Serbo-Croatian. *Lingua* 102: 1-20.
- BOŠKOVIĆ, Željko (1998). Wh-Phrases and Wh-Movement in Slavic. *Position Paper*, Indiana Workshop on Comparative Slavic Morphosyntax. Ms., University of Connecticut.
- BOŠKOVIĆ, Željko (1999). On Multiple Feature-Checking: Multiple Wh-Fronting and Multiple Head-Movement. in *Working Minimalism*, ed. by S. Epstein and N. Hornstein, pp. 159-187.
- BOŠKOVIĆ, Željko (2002). On multiple wh-fronting. *Linguistic Inquiry* 33: 351-383.
- BOŠKOVIĆ, Željko (2003). On the interpretation of multiple questions. *Linguistic Variation Yearbook* 1: 1-15.
- BOŠKOVIĆ, Željko (2007). A Note on Wh-Typology. In *Proceedings of FDSL 6* : 159-170
- BRITO, Ana Maria (1988). *A Sintaxe das Orações Relativas em Português: Estrutura, mecanismos interpretativos e condições sobre a distribuição dos morfemas relativos*, Dissertação de Doutorado, INIC: Porto.
- BROWN, Sue (1999). *The Syntax of Negation in Russian: A Minimalist Approach*. Stanford, CA: CSLI Publications.
- CARROLL, Susanne (1999a). Putting 'input' in its proper place. *Second Language Research* 15 (4), pp. 337-388.
- CARROLL, Susanne (1999b). Input and SLA: Adults' Sensitivity to Different Sorts of Cues to French Gender. *Language Learning* 49:1, March 1999, pp. 37-92
- CARROLL, Susanne (2001). *Input and Evidence: The Raw Material of Second Language Acquisition*. Amsterdam: John Benjamins.
- CARROLL, Susanne (2009). Re-assembling formal features in second language acquisition: beyond minimalism. *Second Language Research* 25,2: pp. 245-253.
- CARROLL, Susanne (2012). When Is Input Salient? An exploratory study of the sentence location principle and word length. *International Review of Applied Linguistics (IRAL)* 50: 1-29.
- CASTELEIRO, João Malaca (1979). Sintaxe e Semântica das construções enfáticas com *é que*. In *Boletim de Filologia*, XXV.
- CHENG, Lisa Lai-Shen (1991). *On the Typology of Wh-Questions*. Tese de Doutorado,

- Cambridge, Mass: MIT Press.
- CHENG, Lisa Lai-Shen (1997). *On the Typology of Wh-Questions*. New York/Londen: Garland Publishing.
- CHENG, Lisa Lai-Shen & Norbert COVER (eds.) (2006). *Wh-movement: Move On*. Cambridge, MA: MIT Press.
- CHO, Jacee & Roumyana SLABAKOVA (2014). Interpreting definiteness in a language without articles: the case of Russian, *Second Language Research* 30/2: 159–90.
- CHO, Jacee & Roumyana SLABAKOVA (2015). A Feature-based Contrastive Approach to the L2 Acquisition of Specificity. *Applied Linguistics* 2015: 1–23.
- CHOI, Myong Hee (2009a). *The acquisition of wh-in situ constructions in second language acquisition*. Doctoral dissertation, Georgetown University.
- CHOI, Myong-Hee (2009b). Acquiring Korean Wh-in Situ Constructions by Native English Speakers. *Language Research* 45.2, 349-392.
- CHOI, Myong Hee & Donna LARDIERE (2006). The interpretation of wh-in situ in Korean second language acquisition. In A. Belletti, E. Bennai, C. Chesi, E. DiDomenico, & I. Ferrai (Eds.), *Language Acquisition and development: Proceedings of GALA 2005*. Cambridge: Cambridge Scholars Press, pp. 125-135.
- CHOMSKY, Noam (1965). *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, MA: MIT Press.
- CHOMSKY, Noam (1973). Conditions on Transformations. In N. Chomsky, *Essays on Form and Interpretation*, 81-160. New York: Elsevier North-Holland.
- CHOMSKY, Noam (1977). On wh-movement. In P. W. Culicover, T. Wasow, & A. Akmajian (Eds.), *Formal syntax* (pp. 71-132). New York: Academic Press.
- CHOMSKY, Noam (1981). *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.
- CHOMSKY, Noam (1986). *Barriers*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- CHOMSKY, Noam (1991). Some Notes on Economy of Derivation and Representation. In R. Freidin, ed., *Principles and Parameters in Comparative Grammar*. Cambridge: MIT Press.
- CHOMSKY, Noam (1995). *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT press.
- CHOMSKY, Noam (2000). Minimalist inquiries: The framework. *MIT Occasional Papers in Linguistics*, 15, 1-56.
- CHOMSKY, Noam (2001a). Beyond explanatory adequacy. *MIT Occasional Papers in Linguistics*, 20, pp. 1-28.
- CHOMSKY, Noam (2001b). Derivation by phase. In M. Kenstowicz (Ed.), *Ken Hale: a life in language* (Vol. 18, pp. 1-50). Cambridge, MA: MIT Press.
- CHOMSKY, Noam (2005). *On Phases*. Mass: MIT Press.
- CHOMSKY, Noam & Howard LASNIK (1977). Filters and control. *Linguistic Inquiry* 11, pp. 425-504.

- COLLENTINE, Joseph & Barbara F. FREED (2004). Learning Context and its Effects on Second Language Acquisition. In *SSLA*, 26, 153–171. Cambridge University Press.
- CORDER, Pit (1967). The significance of learners' errors. *International Review of Applied Linguistics*, 5, 161–170.
- COSTA, João (1998). *Word Order Variation. A constraint-based approach*. La Haye: HIL.
- COSTA, João (2001). Opcionalidade, sujeitos e interrogativas múltiplas: convergência entre sintaxe, semântica e prosódia. *Actas do XVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: APL, pp. 159-168.
- COSTA, João (2008). *O Advérbio em Português Europeu*. Edições Colibri.
- COSTA, João & Inês DUARTE (2001). “Minimizando a estrutura: uma análise unificada das construções de clivagem em português”. *Actas do XVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: APL, pp. 627-638.
- COWART, Wayne (1997). *Experimental Syntax: Applying Objective Methods to Sentence Judgments*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- CRAIN, Stephen (2010). What are Core Linguistic Properties? In *Proceedings of the 9th Conference of the Australasian Society for Cognitive Science*, pp. 67-71.
- DOMÍNGUEZ, Laura, María J. ARCHE, & Florence MYLES (2011). Testing the Predictions of the Feature Assembly Hypothesis: Evidence from the L2 Acquisition of Spanish Aspect Morphology. In *Proceedings of the Boston University Conference on Language Development* (Vol. 35). Cascadilla Press.
- DÖRNYEI, Zoltán (2009). The L2 Motivational Self System. In Z. Dörnyei & E. Ushioda (Eds.), *Motivation, language identity and the L2 self*. Bristol: Multilingual Matters. pp. 9-42.
- DÖRNYEI, Zoltán (2010). *Questionnaires in second language research: construction, administration, and processing*. 2nd ed. / with Tatsuya Taguchi. Taylor & Francis.
- DÖRNYEI, Zoltán (2014). Motivation in Second Language Learning. In M. Celce-Murcia, D. M. Brinton & M. A. Snow (Eds.), *Teaching English as a second or foreign language* (4th ed., pp. 518-531). Boston, MA: National Geographic Learning/Cengage Learning.
- DUARTE, Inês (2000). Sobre Interrogativas-Q em Português Europeu e Português Brasileiro, Comunicação apresentada no *Congresso Internacional 500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil*, Évora, Portugal, 8 – 13 Maio.
- DYAKONOVA, Marina (2002). *A phase-based approach to Russian free word order*. Utrecht: LOT.
- ELLIS, Rod (1989). Are classroom and naturalistic acquisition the same? A Study of the Classroom Acquisition of German Word Order Rules. *Studies of Second Language Acquisition*, 11, pp. 305-328.
- ELLIS, Rod (2009). Implicit and Explicit Learning, Knowledge and Instruction. In R. Ellis, S.

- Loewen, C. Elder, R. Erlam, J. Philp & H. Reinders (eds.), *Implicit and Explicit Knowledge in Second Language Learning, Testing and Teaching*, Bristol: Multilingual Matters.
- ELLIS, Rod, Shawn LOEWEN, Catherine ELDER, Rosemary ERLAM, Jenefer PHILP & Hayo REINDERS (eds.) (2009). *Implicit and Explicit Knowledge in Second Language Learning, Testing and Teaching*, Bristol: Multilingual Matters.
- EUBANK, Lynn (1993/1994). On the transfer of parametric values in L2 development. *Language Acquisition* 3: 183–208.
- EUBANK, Lynn (1994). Optionality and the initial state in L2 development. In T. Hoekstra and B. D. Schwartz(eds.), *Language acquisition studies in generative grammar* (pp. 369–88). Amsterdam: John Benjamins.
- EUBANK, Lynn (1996). Negation in early German-English interlanguage: more valueless features in the L2 initial state. *Second Language Research* 12: 73–106.
- EUBANK, Lynn & Kevin R. GREGG (1999). Critical Periods and (Second) Language Acquisition: Divide et Impera. In D. Birdsong (ed.). *Second Language Acquisition and the critical hypothesis*. Mahwah NJ: Erlbaum, pp. 65-99.
- FRANCESCHINA, Florencia (2005). *Fossilized second language grammars: the acquisition of grammatical gender*. Philadelphia: John Benjamins Publication.
- FRANKS, Steven & Tracy H. KING (2000). *A Handbook of Slavic Clitics*. Oxford University Press: New York.
- GARDNER, Robert C. (2006), Motivation and Second Language Acquisition. *Seminario Sobre Plurilingüismo: Las Aportaciones Del Centro Europeo de Lenguas Modernas de Graz*, on December 15, 2006 at the Universidad de Alcalá, Spain.
- GAVARRÓ, Anna, Wojciech LEWANDOWSKI & Angelina MARKOVA (2010). An approach to multiple interrogatives in child Bulgarian and Polish. In Costa, Joao; Castro, Ana; Lobo, Maria; Pratas, Fernanda (eds.). *Language Acquisition and Development Proceedings of GALA 2009*. Newcastle: Cambridge Scholars Press, pp. 170–181.
- GASS, Susan M. & Alison MACKEY (2005). *Second language research: methodology and design*. Lawrence Erlbaum Associates Inc., Publishers.
- GASS, Susan M. & Alison MACKEY (2011). *Data elicitation for second and foreign language research*. Lawrence Erlbaum Associates Inc., Publishers.
- GASS, Susan M. & Alison MACKEY (2012). *Research Methods in Second Language Acquisition*. Oxford: Wiley-Blackwell.
- GASS, Susan M. & Alison MACKEY (eds.) (2012). *The Routledge handbook of second language acquisition*. London: Routledge.
- GASS, Susan M. & Larry SELINKER (2008). *Second language acquisition: an introductory course*. Third edition. Taylor & Francis.

- GINSBURG, Jason R. (2009). *Interrogative features*. PhD dissertation. University of Arizona.
- GONÇALVES, Sofia Cluysen Pereira (2001). *Construções de "é que" em Português Europeu*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto.
- GONÇALVES, Rita (2012). Construções-Q e de clivagem no português de São Tomé. In *Textos selecionados do XVIII Encontro Nacional da APL*.
- GOAD, Heather & Lydia WHITE (2004). Ultimate Attainment of L2 Inflection: Effects of L1 Prosodic Structure. In *EUROSLA Yearbook 4 (2004)*, eds. S. Foster-Cohen, M. Sharwood Smith, A. Sorace & M. Ota. John Benjamins, pp. 119-145.
- GREBENYOVA, Lydia (2006). *Multiple Interrogatives: Syntax, Semantics and Learnability*. Doctoral dissertation, University of Maryland.
- HAGSTROM, Paul (1998). *Decomposing Questions*. Doctoral dissertation, Massachusetts Institute of Technology. Distributed by MIT Working Papers in Linguistics.
- HAGSTROM, Paul & Svetlana McCOY (2002). Presuppositions, wh-questions, and discourse particles: Russian ŽE. Paper presented at *Formal Approaches to Slavic Linguistics (FASL-11)*, University of Massachusetts-Amherst.
- HÅKANSSON, Gisela, Manfred PIENEMANN & Susan SAYEHLI (2002). Transfer and typological proximity in the context of second language processing. In *Second Language Research* 18: 250-73.
- HALLE, Morris & Alec MARANTZ (1993). Distributed morphology and the pieces of inflection. In K. Hale and S. J. Keyser (eds.), *The view from building 20*. Cambridge, MA: MIT Press, pp. 111-176.
- HAWKINS, Roger (2005). Revisiting Wh-movement: The Availability of an Uninterpretable [wh] Feature in Interlanguage Grammars. *Proceedings of the 7th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2004)*, ed. Laurent Dekydtspotter et al., 124-137. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.
- HAWKINS, Roger & Cecilia CHAN (1997). The partial availability of Universal Grammar in second language acquisition: the 'failed functional features hypothesis'. *Second Language Research* 13, 187-226.
- HAWKINS, Roger & Hajime HATTORI (2006). Interpretation of English multiple wh-questions by Japanese speakers: A missing uninterpretable feature account. *Second Language Research* 22 (3), pp. 269-301.
- HOPP, Holger (2007). *Ultimate Attainment at the Interfaces in Second Language Acquisition: Grammar and Processing*. PhD Dissertation. Groningen: Grodil Press.
- HUANG, James (1982). *Logical Relation in Chinese and the Theory of Grammar*. PhD Dissertation. MIT.
- HWANG, Sun H. (2012). *The Acquisition of Korean Plural Marking by Native English Speakers*. PhD Dissertation, Georgetown University.

- HWANG, Sun H. & Donna LARDIERE (2013). Plural-marking in L2 Korean: A feature-based approach. *Second Language Research*, 29(1), 57-86.
- HYAMS, Nina (1987). The Core/Periphery Distinction in Language Acquisition. In *The Annual Meeting of the Eastern States Conference on Linguistics* (4th, Ohio State University, October 2-4, 1987).
- IONIN, Tania (2003). *Article Semantics in Second Language Acquisition*. Dissertação de Doutorado, MIT.
- IONIN, Tania (2012). Formal Theory-Based Methodologies. In *Research methods in second language acquisition: a practical guide* (ed. Alison Mackey and Susan M. Gass. Blackwell Publishing Ltd), pp. 30-52.
- IONIN, Tania, Heejeong KO & Kenneth WEXLER (2004). Article Semantics in L2 Acquisition: The Role of Specificity. *Language Acquisition* 12(1), pp. 3-69.
- JAKUBOWICZ, Celia (2004). "Is Movement Costly? The Grammar and the Processor in Language Acquisition". Comunicação apresentada na JEL'2004 (Journée d'Etudes Linguistiques), Nantes, 5 a 7 de maio.
- JAKUBOWICZ, Celia (2005). "The Language Faculty: (Ab)normal Development and Interface Constraints". Comunicação apresentada no GALA 2005 (Generative Approaches to Language Acquisition), Sienna, 8 a 10 de setembro.
- JOHNSON, Jacqueline S. & Elissa L. NEWPORT (1989). Critical Period Effects in Second Language Learning: the Influence of Maturational State on the Acquisition of English as a Second Language. In *Journal of Cognitive Psychology* 21, pp. 60-99.
- KALLESTINOVA, Elena (2007). *Aspects of Word Order in Russian*. PhD Dissertation. University of Iowa.
- KALLESTINOVA, Elena & Roumyana SLABAKOVA (2008). Does the verb move in Russian? *Proceedings of FASL 16*, 199-214. Michigan Slavic Publications.
- KATO, Mary, Maria Luisa BRAGA, Vilma CORRÊA, Maria ROSSI & Nilmara SIKANSI (1996). As construções-Q no Português Brasileiro falado: perguntas, clivadas e relativas. In Ingedore G. V. Koch (org.), *Gramática do Português Falado*, vol. VI. Campinas, SP: Ed. Unicamp, pp. 303-368.
- KAYNE, Richard S. (2000). *Parameters and Universals*. Oxford: Oxford University Press.
- KAYNE, Richard S. (2005). *Movement and Silence*. Oxford: Oxford University Press.
- KHOMITSEVICH, Olga (2007). *Dependencies across Phases from Sequence of Tense to Restrictions on Movement*. Tese de Doutorado. LOT.
- KISS, É. Katalin (1998). Identificational focus versus information focus. *Language* 74: 245-273.
- KRASHEN, Stephen D. (1981) *Second Language Acquisition and Second Language Learning*. Oxford: Pergamon Press.

- KRASHEN, Stephen D. (1982). *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. London: Pergamon.
- KUZKA, Robert & José PASCOAL (2014). *Passaporte para Português*. Livro do Aluno. Níveis A1/A2. Lidel, Lisboa.
- LARDIERE, Donna (1998a). Case and tense in the 'fossilized' steady state. *Second Language Research*, 14, pp. 1-26.
- LARDIERE, Donna (1998b). Dissociating syntax from morphology in a divergent end-state grammar. *Second Language Research*, 14, pp. 359-375.
- LARDIERE, Donna (2000). Mapping features to forms in second language acquisition. In J. Archibald (Ed.), *Second language acquisition and linguistic theory*. Malden, MA: Blackwell, pp. 102-129.
- LARDIERE, Donna (2003). Second language knowledge of [\pm past] vs. [\pm finite]. In J.M. Liceras et al. (eds.) *Proceedings of the 6th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2002)*. Somerville, MA: Cascadilla Press, pp. 176-189.
- LARDIERE, Donna (2005). On morphological competence. In L. Dekydtspotter, R. A. Sprouse, & A. Liljestrant (Eds.), *Proceedings of the 7th Generative Approaches to Second Language Conference (GASLA 2004)*. Somerville, MA: Cascadilla Press, pp. 178-192.
- LARDIERE, Donna (2007). Acquiring (or assembling) functional categories in second language acquisition. In A. Belikova, L. Meroni, & M. Umeda (Eds.), *Proceedings of the 2nd Conference on Generative Approaches to Language Acquisition North America (GALANA)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 233-244.
- LARDIERE, Donna (2008). Feature-Assembly in Second Language Acquisition. In J. Liceras, H. Zobl & H. Goodluck (Eds.), *The role of formal features in second language acquisition*. New York: Lawrence Erlbaum Associates, pp. 106-140.
- LARDIERE, Donna (2009a). Some thoughts on the contrastive analysis of features in second language acquisition. *Second Language Research* 25,2, pp. 173-227.
- LARDIERE, Donna (2009b). Further thoughts on parameters and features in second language acquisition: a reply to peer comments on Lardiere's 'Some thoughts on the contrastive analysis of features in second language acquisition' in SLR 25(2). *Second Language Research* 25,3 (2009), pp. 409-422.
- LARDIERE, Donna (2012). Linguistic approaches to second language morphosyntax. *The Routledge Handbook of Second Language Acquisition* (ed. Susan M. Gass and Alison Mackey). London: Routledge. Charter 7, pp. 172-201.
- LARDIERE, Donna (2013). Native language influence at the L2 steady state. In *19th International Congress of Linguists (2013)*. Geneva, Switzerland.
- LENNEBERG, Eric (1967). *Biological Foundations of Language*. New York: John Wiley.
- LIAKIN, Denis (2003). Sur la typologie des questions multiples. In *Actes de l'ACL 2003/2003*

- CLA Proceedings: 145-152.
- LIAKIN, Denis (2005). Les questions multiples: Le débat continue. In *La revue canadienne de linguistique*, 52(3), November/novembre 2007, pp. 279-312 (Article). Published by University of Toronto Press.
- LIAKIN Denis & Juvénal NDAYIRAGIJE (2001). New Look at an Old Problem Multiple Wh-Fronting in Slavic. In *Aktuelle Beitrage zur formalen Slavistik*. Linguistik international, pp. 206-213. Frankfurt.
- LICERAS, Juana (2009). On parameters, functional categories and features ... and why the trees shouldn't prevent us from seeing the forest ... *Second Language Research* 25,2 (2009); pp. 279-289.
- LICERAS, Juana (2010). Second Language Acquisition and Syntactic Theory in the 21st Century. *Annual Review of Applied Linguistics*, 30. Cambridge University Press, pp. 248-269.
- LICERAS, Juana (2014). The Multiple Grammars Theory and the nature of L2 grammars. *Second Language Research* 2014, Vol. 30(1), pp. 47-54.
- LIGHTFOOT, David (1997). Catastrophic change and learning theory. In *Lingua* 100, pp. 171-192.
- MARINOVA-TODD, Stefka H. (2003). *Comprehensive analysis of ultimate attainment in adult second language acquisition*. Unpublished doctoral dissertation, Harvard University.
- MARTOHARDJONO, Gita & Suzanne FLYNN (1995). Is there an age factor for universal grammar? In D.Singleton & Z.Lengyel (Eds.), *The age factor in second language acquisition*. Clevedon, England: Multilingual Matters, pp. 135-153.
- MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês & Isabel HUB FARIA (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*, 7ª edição, Caminho, SA, Lisboa.
- McCOY, Svetlana (2001). *Colloquial Russian Particles -to, zhe, and ved' as Set-Generating ("Kontrastive") Markers: A Unifying Analysis*. Doctoral dissertation, Boston University.
- MEISEL, Jürgen (2011). *First and Second Language Acquisition: Parallels and Differences*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MEYER, Roland (2004). Superiority Effects in Russian, Polish, and Czech: Judgments and Grammar. *Cahiers linguistiques d'Ottawa*, June/juin 2004, Vol. 32: 44-65.
- MONTRUL, Silvina & James YOON (2009). Putting parameters in their proper place. *Second Language Research* 25,2 (2009); pp. 291-311.
- NORRIS, John M. & Lourdes ORTEGA (2012). Assessing learner knowledge. In *The Routledge Handbook of Second Language Acquisition* (ed. Susan M. Gass and Alison Mackey). London: Routledge. Charter 35, pp. 825-849.

- PARODI, Teresa & Ianthi-Maria TSIMPLI (2005). 'Real' and apparent optionality in second language grammars: finiteness and pronouns in null operator structures. *Second Language Research* 21,3 (2005), pp. 250–285.
- PASCOAL, José & OLIVEIRA (s. d.) Português Língua não Materna no Currículo Nacional Orientações Nacionais: Diagnóstico de Competências em Língua Portuguesa da População Escolar que Frequenta as Escolas Portuguesas, <http://www.dgicd.minedu.pt/plnmaterna/DN7/PLNMAV.pdf>.
- PENFIELD, Wilder & Lamar ROBERTS (1959). *Speech and Brain Mechanism*. New York: Athenaeum.
- PIENEMANN, Manfred (ed.) (2005). *Cross-linguistic aspects of processability theory*. Amsterdam: John Benjamins.
- PIENEMANN, Manfred, Bruno Di BIASE, Satomi KAWAGUCHI & Gisela HÅKANSSON (2005). Processability, typological constraints and L1 transfe', in M. Pienemann (ed.), *Cross-linguistic aspects of processability theory*, pp. 86–116. Amsterdam: John Benjamins.
- PIRES, Acrísio & Heather L. TAYLOR (2007). The Syntax of Wh-in situ and Common Ground. In *Romance Languages: Structure, interfaces, and microparametric variation*, ed. Pascual Masullo. Amsterdam: John Benjamins.
- POTSDAM, Erik (1999). A Syntax for Adverbs. In *The Proceedings of the Twenty-Seventh Western Conference on Linguistics*. Fresno, Ca.: Department of Linguistics, California State University, pp. 397-411.
- PRÉVOST, Philippe, & Lydia WHITE (2000). Missing surface inflection or impairment in second language acquisition? Evidence from tense and agreement. *Second Language Research*, 16(2), pp. 103-133.
- RAPOSO, Eduardo P. (1987). Case theory and Infl-to-Comp: The inflected infinitive in European Portuguese. *Linguistic Inquiry*, 18, pp. 85-109.
- RAST, Rebekah (2008). *Foreign Language Input Initial Processing*. Clevedon: Multilingual Matters.
- RENAUD, Claire (2009). Constraints on Feature Selection in Second Language Acquisition: Processing Evidence from the French Verbal Domain. *Selected Proceedings of the 2009 Second Language Research Forum*, ed. Luke Plonsky and Maren Schierloh, 129-141. Somerville, MA: Cascadia Proceedings Project.
- RICHARDS, Norvin (1997). *What moves where when in which language?* Unpublished Ph.D. dissertation, MIT.
- RIZZI, Luigi (1996). Residual Verb Second and the Wh-Criterion. In A. Belletti & L. Rizzi, eds., *Parameters and Functional Heads*, Oxford University Press, 1996, pp. 63-90.
- RIZZI, Luigi (1997). The fine structure of the left periphery. In Haegeman (ed.) *Elements of Grammar: Handbook of Generative Syntax*. Kluwer, 281-337.

- RUDIN, Catherine (1988). On multiple questions and multiple wh-fronting. *Natural Language and Linguistic Theory* 6: 445-501.
- SCHÜTZE, Carson T. (2016). *The empirical base of linguistics: Grammaticality judgments and linguistic methodology*. Chicago: The University of Chicago.
- SCHÜTZE, Carson T. & Jon SPROUSE (2013). Judgment data. In Robert J. Podesva & Devyani Sharma (eds.), *Research methods in linguistics*, 27–50. New York: Cambridge University Press, pp. 27-50.
- SCHWABE, Kerstin (2004). The Particle *li* and the Left Periphery of Slavic Yes/No Interrogatives. In *Lohnstein, Horst & Susanne Trissler* (eds.): *The Syntax and Semantics of the Left Periphery*. Berlin: Mouton de Gruyter. 385–430.
- SCHWARTZ, Bonnie & Rex SPROUSE (1994). Word order and nominative case in non-native language acquisition: A longitudinal study of (L1 Turkish) German interlanguage. In *T. Hoekstra and B. D. Schwartz*, 317–68.
- SCHWARTZ, Bonnie & Rex SPROUSE (1996). L2 cognitive states and the Full Transfer/Full Access model. *Second Language Research* 12(1): 40–72.
- SCOTT, Tatyana V. (2012). *Whoever doesn't HOP must be superior: the Russian left-periphery and the emergence of superiority*. Doctoral dissertation, Stony Brook University.
- SEKERINA, Irina A. (1997). *The syntax and processing of scrambling constructions in Russian*. Ph.D. dissertation, City University of New York.
- SHIMANSKAYA, Elena (2015). *Feature Reassembly of Semantic and Morphosyntactic Pronominal Features in L2 Acquisition*. Unpublished Ph.D. thesis, University of Iowa.
- SHIMANSKAYA Elena & Roumyana SLABAKOVA (2014). Re-assembling Objects: A new look at the L2 acquisition of pronominal clitics, in *WILL ORMAN and MATHEW J. VALLEAU* (eds.) *BUCLD 38 Proceedings*, Cascadilla Proceedings Project, pp. 416–427.
- SIMPSON, Andrew (2000). *Wh-movement and the Theory of Feature-checking*. John Benjamins (Amsterdam).
- SINGLETON, David (2005). The Critical Period Hypothesis: A coat of many colours. *International Review of Applied Linguistics*, 43, 269-285.
- SLABAKOVA, Roumyana (2006). Is there a critical period for semantics? In *Second Language Research* 22,3 (2006); pp. 302–338.
- SLABAKOVA, Roumyana (2009a). What Is Easy and What Is Hard to Acquire in a Second Language? *Proceedings of the 10th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2009)*, ed. *Melissa Bowles et al.*, pp. 280-294. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.
- SLABAKOVA, Roumyana (2009b). Features or parameters: which one makes second language acquisition easier, and more interesting to study? *Second Language Research*, 25(2), pp. 313-324.

- SLABAKOVA, Roumyana (2012). L2 Semantics. *The Routledge Handbook of Second Language Acquisition* (ed. Susan M. Gass and Alison Mackey). London: Routledge. Charter 8, pp. 202-230.
- SLABAKOVA, Roumyana (2014). The bottleneck of second language acquisition. *Foreign Language Teaching and Research*, 46, (4), pp. 543-559.
- SLAVKOV, Nikolay (2011). Derivational Complexity Effects in L2 Acquisition. *Selected Proceedings of the 4th Conference on Generative Approaches to Language Acquisition North America (GALANA 2010)*, ed. Mihaela Pirvulescu et al., 227-240. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.
- SLAVKOV, Nikolay (2015). Long-distance wh-movement and long-distance wh-movement avoidance in L2 English: Evidence from French and Bulgarian speakers. In *Second Language Research 2015*, Vol. 31(2) 179-210.
- SLIOUSSAR, Natalia (2007). *Grammar and information structure: A study with reference to Russian*. Doctoral dissertation, Utrecht University.
- SOARES, Carla (2003). The C-domain and the acquisition of European Portuguese: The case of wh-questions. *Probus* 15, pp. 147-176.
- SOARES, Carla (2006). *La syntaxe de la périphérie gauche en portugais européen et son acquisition*. Dissertação de Doutoramento. Univ. Paris 8.
- SOPATA, Aldona (2010). V2 Phenomenon in Child Second Language. In *Selected Proceedings of the 2008 Second Language Research Forum*, ed. Matthew T. Prior et al., 211-228. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project
- SORACE, Antonella (1996). The use of acceptability judgments in second language acquisition research. In W. C. Ritchie & T. K. Bhatia (Eds.), *Handbook of second language acquisition* (pp. 375-409). San Diego, CA: Academic.
- STEPANOV, Artur (1997). On wh-fronting in Russian. In *NELS 28*, ed. by Pius N. Tamanji and Kiyomi Kusumoto, 453-467. Amherst: University of Massachusetts, GLSA.
- STJEPANOVIĆ, Sandra (1999). *What do second position cliticization, scrambling, and multiple wh-fronting have in common?* PhD. Dissertation, University of Connecticut, Storrs.
- STOYANOVA, Marina (2008). *Unique focus: languages without multiple wh-questions*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- TAVAKOLI, Hossein (2012). *A Dictionary of Research Methodology and Statistics in Applied Linguistics*. Ranhama Press. Iran.
- TREMBLAY, Annie (2005). Theoretical and methodological perspectives on the use of grammaticality judgment tasks in linguistic theory. *Second Language Studies*, 24(1), pp. 129-167.
- TSIMPLI, Ianthi Maria (2003). Interrogatives in the Greek/English interlanguage: a minimalist account. In *Mela-Athanasopoulou, E. (ed.), Selected papers on theoretical*

- and applied linguistics*. Thessaloniki: Aristotle University, pp. 214–25.
- TSIMPLI, Ianthi Maria & Maria DIMITRAKOPOULOU (2007). The Interpretability Hypothesis: evidence from wh-interrogatives in second language acquisition. *Second Language Research* 23 (2), pp. 215–242.
- TSIMPLI, Ianthi Maria & Maria MASTROPAVLOU (2001). Feature interpretability in L2 acquisition and SLI: Greek clitics and determiners. In J. Liceras, H. Zobl, & H. Goodluck (Eds.), *The role of formal features in second language acquisition*. New York: Lawrence Erlbaum Associates, pp. 142–183.
- VAINIKKA, Anne & Martha YOUNG-SCHOLTEN (1994). Direct access to X'-theory: evidence from Korean and Turkish adults learning German. In T. Hoekstra and B. D. Schwartz(eds.), *Language acquisition studies in generative grammar* (pp. 265–316). Amsterdam: John Benjamins.
- VAINIKKA, Anne & Martha YOUNG-SCHOLTEN (1996). Gradual development of L2 phrase structure. *Second Language Research* 12: 7–39.
- VANPATTEN, Bill (2000). Thirty years of input. In B. Swierzbins, F. Morris, M. Anderson, C. Klee and E. Tarone (eds), *Social and Cognitive Factors in Second Language Acquisition: Selected Proceedings of the 1999 Second Language Research Forum*. Somerville: Cascadilla Press, pp. 287–311.
- VANPATTEN, Bill (ed.) (2004). *Processing instruction: theory, research, and commentary*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- VANPATTEN, Bill, Jessica WILLIAMS & Susanne ROTT (2004). Form-Meaning Connections in Second Language Acquisition. In *Form-Meaning Connections in Second Language Acquisitions* (eds. B. VanPatten, J. Williams, S. Rott & M. Overstreet). Lawrence Erlbaum Associates, Inc. Mahwah, New Jersey.
- VANPATTEN, Bill & Alessandro G. BENATI (2010). *Key Terms in Second Language Acquisition*. New York: Continuum.
- VAZ, Stephanie D. (2012). *Aquisição de Exaustividade em Crianças Falantes de Português Europeu*. Dissertação de Mestrado. FCSH/UNL.
- VERCAUTEREN, Aleksandra (2010). *Como é que é com o é que? Análise de estruturas com é que em variedades não standard do português europeu*. Dissertação de Mestrado. FCSH/UNL.
- YOSHINAGA, Naoko (1999). Who Knows What and Why? The acquisition of multiple wh-questions by adult learners of English and Japanese. In Kazue Kanno (ed.), *The acquisition of Japanese as a second language*, v. 20, 115–139.
- WHITE, Lydia (1985). The pro-drop parameter in adult second language acquisition. *Language Learning* 35, pp. 47–62.
- WHITE, Lydia (2000a). Universal Grammar in second language acquisition: The nature of

- interlanguage representations. University of Pittsburgh Working Papers in Linguistics, 4, 3-13.
- WHITE, Lydia (2000b). Second language acquisition: From initial to final state. In J. Archibald (Ed.), *Second language acquisition and linguistic theory*. Malden, MA: Blackwell, pp. 130-155.
- WHITE, Lydia (2003). *Second Language Acquisition and Universal Grammar*, Cambridge University Press, UK.
- WHITE, Lydia & Fred GENESEE (1996). How native is near-native? The issue of ultimate attainment in adult second language acquisition. *Second Language Research*, 11, pp. 233-265.
- WOLTER, Brent & GYLLSTAD, Henrik (2013). Frequency of Input and L2 Collocational Processing: a Comparison of Congruent and Incongruent Collocations. In *Studies in Second Language Acquisition*, 2013, pp. 1-32.
- ZAVITNEVICH, Olga (2002). *Wh-Movement: The Minimalist Approach*. Ph.D. Dissertation, Cambridge University, England UK.
- ZAVITNEVICH-BEAULAC, Olga (2005). On Wh-movement and the Nature of Wh-Phrases – Case Re-Examined. *Skase Journal of Theoretical Linguistic*, 2(3): 75-100.

ANEXO 1. Perfil do informante (versão em russo)☐

ФИО (не обязательно) _____

Родной язык _____

Язык, на котором говорите дома _____

Язык, на котором говорите на работе _____

Другие языки, которые Вы знаете _____

Возраст _____

Пол _____

Профессия _____

Образование _____

Вы изучали португальский язык на курсах?

☐ Да☐ Нет

Если выбрали “Да”, укажите где Вы проходили курс?

☐ в Португалии ☐ в другой стране (в какой) _____

В каком учреждении _____

Укажите продолжительность курса

☐ менее 1 года ☐ 1-2 года ☐ 2-4 года ☐ более 4 лет

Сколько лет Вы живёте в Португалии? _____

ANEXO 2. Perfil do informante (versão em português)☐

Nome (não obrigatório) _____

Língua materna _____

Língua(s) que usa em casa _____

Língua(s) que usa no trabalho _____

Outras línguas que conhece _____

Idade _____

Sexo _____

Profissão _____

Habilitações _____

Teve algum curso de português?

☐ Sim☐ Não

Se respondeu “Sim”, onde teve o curso?

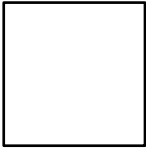
☐ Em Portugal ☐ Outro país (indicar onde) _____

Indique o estabelecimento _____

Durante quanto tempo

☐ menos de um ano ☐ de um a dois anos ☐ de dois a quatro anos ☐ mais

Há quanto tempo está em Portugal? _____

ANEXO 3. Teste de diagnóstico.**Teste diagnóstico**

Escolha A, B, C ou D para as questões 1 a 29.

1. Onde é que estás?
 - A. No quarto.
 - B. De Alemanha.
 - C. Filipe Fernandes.
 - D. Não, não estou.
2. Como é a tua namorada?
 - A. É alemã.
 - B. É morena.
 - C. É casada.
 - D. É advogada.
3. Quanto é?
 - A. 28 anos.
 - B. 14 de março.
 - C. 6 euros e 60 cêntimos.
 - D. Na sexta.
4. Hoje faço anos.
 - A. Em casa ou num restaurante?
 - B. Muitos parabéns.
 - C. Não faz mal.
 - D. Bom apetite!
5. Em que dias não trabalhas?
 - A. Na próxima sexta.
 - B. Às segundas.
 - C. É terça.
 - D. Dois dias por semana.
6. A tua carteira ____ debaixo da mesa.
 - A. é
 - B. fica
 - C. está
 - D. há
7. O Nuno ____ sempre um duche de manhã.
 - A. leva
 - B. faz
 - C. toma
 - D. tem

8. Ele fala português muito ____.
- A. má
 - B. mau
 - C. mal
 - D. bom
9. Estou? Posso falar com Joana Neves?
- A. Com licença.
 - B. É a própria.
 - C. Mas eu não sou Joana Neves.
 - D. Muito prazer!
10. Perdi o avião!
- A. Tiveste muita sorte!
 - B. Como é que aconteceu?
 - C. Então, boa viagem!
 - D. O que é que lhe fizeste?
11. Isto é para si, Júlia. Gosta de doces, não gosta?
- A. Fantástico! Ela adora doces!
 - B. Gosto imenso. Obrigada.
 - C. Não sei, mas vou perguntar.
 - D. Obrigada, mas não gosto de si.
12. Quando foi a última vez que foste ao teatro?
- A. Só fui três vezes.
 - B. Há dois meses.
 - C. Três semanas.
 - D. Daqui a dois dias.
13. Podes emprestar este livro ao João?
- A. Ele não tem este livro.
 - B. Ainda não o li.
 - C. Quando é que ele mo dá?
 - D. Já lhe peço.
14. Não ____ esses sapatos!
- A. vistas
 - B. vestes
 - C. calças
 - D. calces
15. ____ oito quando ____ de casa.
- A. Eram, saia
 - B. Eram, saí
 - C. Foram, saí
 - D. Foram, saia

16. Eles ____ num café.
- A. vieram
 - B. viram
 - C. entraram
 - D. saíram
17. Não ____ de trabalhar no domingo.
- A. importo
 - B. me importo
 - C. interesso
 - D. me interesso
18. Como é possível não ____ a diferença entre essas duas coisas?
- A. dizer
 - B. saber
 - C. conhecer
 - D. falar
19. Os resultados já ____ disponíveis?
- A. são
 - B. estão
 - C. foram
 - D. ficam
20. ____ que caiu ontem deixou muitas casas sem electricidade.
- A. O nevão
 - B. O nevoeiro
 - C. A tempestade
 - D. O aguaceiro
21. ____ pensar em sair de casa com este mau tempo!
- A. Nem
 - B. Não
 - C. Mal
 - D. Até
22. Quando ____, não ____ quase ninguém. 20 minutos depois, enquanto ____ pela refeição, o restaurante ____ cheio.
- A. entravam / houve / esperaram / ficou
 - B. entraram / havia / esperavam / ficou
 - C. entram / havia / esperavam / ficava
 - D. entraram / há / esperaram / ficava

23. As pessoas ____ informadas do novo horário na semana passada.
- A. têm sido
 - B. foram
 - C. iam sendo
 - D. tinham sido
24. Gostava que ____ cá em casa mais uns dias!
- A. ficas
 - B. ficasses
 - C. ficavas
 - D. fiques
25. Vem ____ que possas! Temos muitas saudades tuas!
- A. até
 - B. logo
 - C. ainda
 - D. mal
26. A neve não chegou a ____ constrangimentos ao trânsito.
- A. colocar
 - B. pôr
 - C. causar
 - D. impedir
27. Os investigadores ____ descoberto uma vacina para a doença.
- A. têm
 - B. teriam
 - C. terão
 - D. tinham
28. Vamos esperar ____ a situação rapidamente!
- A. que resolvam
 - B. para resolverem
 - C. que resolvem
 - D. para resolvem
29. Quando ____ , o concerto já ____ começado.
- A. chegámos / tinha
 - B. chegamos / tem
 - C. chegámos / terá
 - D. chegarmos / teria

ANEXO 4. Tarefa de juízo de gramaticalidade

INSTRUÇÕES

Vai ler pequenos textos com uma frase sublinhada. Avalie estas frases numa escala de 1 a 4: o 1 significa que a frase é muito má (=incorrecta) e o 4 que é boa (=totalmente correcta). Se não tiver nenhuma opinião sobre a frase sublinhada, escolha a opção "Não sei". Assinale apenas uma opção na escala. Se quiser alterar a escolha já assinalada, risque-a e ponha uma bola a volta da nova opção.

Se considerar a frase incorrecta, corrija-a no espaço "Correcção:".

Use apenas caneta esferográfica e não lápis.

ИНСТРУКЦИИ

В предложенных ниже заданиях требуется оценить подчеркнутую фразу по возрастающей шкале от 1 до 4: 1 означает, что фраза грамматически абсолютно неправильна, а 4 означает, что фраза грамматически правильна. Опцию "Não sei" можно выбрать только лишь, если у вас нет никакого варианта ответа по предложенной шкале. Можно отметить только одну опцию. Если вы захотите изменить ваш выбор, зачеркните крестом уже отмеченную опцию и обведите новый вариант.

Если вы считаете, что фраза неправильна, исправьте её в специально отведённом месте "Correcção:".

При заполнении используйте ручку, а не карандаш.

Exemplo:

A: Onde estão a Helena e o Sérgio?

B: Eles foi ao cinema.

①

2

3

4

Não sei

Correcção: Eles foram ao cinema.

Muito obrigada e bom trabalho!

1. A: O que é que aconteceu?
B: O António fez trabalhos de casa. 1 2 3 4 Não sei
Correcção: _____
2. A: O que é que aconteceu?
B: A criança escolheu brinquedos caros. 1 2 3 4 Não sei
Correcção: _____
3. A: A Paula é boa tradutora?
B: Ela, felizmente, fala várias línguas. 1 2 3 4 Não sei
Correcção: _____
4. A: Os dois amigos compraram flores diferentes.
B: Quem é que comprou o quê? 1 2 3 4 Não sei
Correcção: _____
5. A: Vou oferecer um computador à escola.
B: Não o ofereceste no mês passado? 1 2 3 4 Não sei
Correcção: _____
6. A: A Maria ouve sempre notícias diferentes.
B: O que ontem ouviu a Maria? 1 2 3 4 Não sei
Correcção: _____
7. A: O Luís já leu “Os Maias”?
B: Ele conhece a literatura mal. 1 2 3 4 Não sei
Correcção: _____
8. A: A Maria come carne?
B: Ela come muito carne de vaca. 1 2 3 4 Não sei
Correcção: _____
9. A: A Natacha sabe línguas estrangeiras?
B: Ela fala línguas estranhos. 1 2 3 4 Não sei
Correcção: _____
10. A: O teu filho vê televisão?
B: Ele vê filmes americanas. 1 2 3 4 Não sei
Correcção: _____
11. A: A Maria come carne?
B: Ela só come pratos vegetarianas. 1 2 3 4 Não sei
Correcção: _____
12. A: Vou saber a nota do trabalho de Literatura.
B: Também apresentaste-o na terça-feira? 1 2 3 4 Não sei
Correcção: _____
13. A: A Maria escreve sempre histórias diferentes.
B: O que ontem escreveu a Maria? 1 2 3 4 Não sei
Correcção: _____

14. A: Os dois amigos prepararam trabalhos diferentes.

B: Quem o que é que preparou? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

15. A: O que é que aconteceu?

B: O vizinho gritos estranhos ouviu. 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

16. A: Os dois amigos pediram livros diferentes.

B: Quem o que é que pediu? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

17. A: A Sandra é popular?

B: Ela tem poucos amigos, francamente. 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

18. A: A Maria lê sempre histórias diferentes.

B: O que leu ontem a Maria? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

19. A: Os dois amigos escolheram roupas diferentes.

B: Quem é que o que escolheu? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

20. A: Ontem falei com a Carla.

B: Ela contou-te as novidades? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

21. A: O pai tem problemas de coração?

B: Sim. Ele, francamente, toma muitos cafés. 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

22. A: Vou pagar as calças.

B: Também as compraste? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

23. A: O Artur gostou da festa.

B: Ele viram o Manuel lá? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

24. A: Vou escrever uma carta para a mãe.

B: Não escreveste-a ontem? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

25. A: O Miguel já foi ao supermercado.

B: Ele trouxeste vinho? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

26. A: Os dois amigos fizeram coisas diferentes.

B: Quem é que fez o quê? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

27. A: Os dois amigos contaram histórias diferentes.
 B: Quem é que contou o quê? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
28. A: Os dois amigos leram revistas diferentes.
 B: Quem é que o que leu? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
29. A: A Paula passou no exame?
 B: Sim. Felizmente, ela estudou a matéria. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
30. A: O *Real Madrid* jogou no sábado.
 B: Eles ganhou o jogo? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
31. A: O José escolhe sempre pratos de caril?
 B: Ele escolhe sempre comida indiana. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
32. A: Os dois amigos estudaram línguas diferentes.
 B: Quem o que é que estudou? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
33. A: Vou comer uma mousse.
 B: Também fizeste-a? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
34. A: A Maria conta sempre coisas diferentes.
 B: O que é que a Maria contou ontem? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
35. A: O que é que aconteceu?
 B: A Patrícia uma saia muito curta usou. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
36. A: A Maria encontra sempre músicas diferentes.
 B: O que encontrou ontem a Maria? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
37. A: O que é que aconteceu?
 B: O tio viu um acidente. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
38. A: Vou escolher o champô *Pantene*.
 B: Já o usaste? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
39. A: Achas a Maria bonita?
 B: Sim. Ela usa, francamente, roupas muito feias. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____

40. A: Os dois amigos venderam livros diferentes.
 B: Quem o que vendeu? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
41. A: Os dois amigos viram programas diferentes.
 B: Quem viu o quê? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
42. A: A Maria compra sempre jornais diferentes.
 B: O que é que a Maria comprou ontem? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
43. A: A Maria traz sempre comidas diferentes.
 B: O que é que a Maria trouxe ontem? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
44. A: Os dois amigos responderam coisas diferentes.
 B: Quem o que respondeu? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
45. A: Os dois amigos viram filmes diferentes.
 B: Quem viu o quê? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
46. A: A Maria apresenta sempre temas diferentes.
 B: O que ontem apresentou a Maria? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
47. A: O José usa sapatos desportivos?
 B: Ele, realmente, gosta de ténis. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
48. A: O António telefona para o Brasil?
 B: Muito ele usa o Skype. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
49. A: O teu irmão trabalha naquela empresa alemã?
 B: Não. Mal ele fala alemão. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
50. A: Vou comprar um carro.
 B: Já o escolheste? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
51. A: Os dois amigos entregaram trabalhos diferentes.
 B: Quem o que entregou? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
52. A: A Maria faz sempre bolos diferentes.
 B: O que é que a Maria fez ontem? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____

53. A: Ontem o restaurante estava cheio.

B: Nós vendeu tudo? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

54. A: A Catarina já acabou a universidade.

B: Ela fez o curso de Medicina? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

55. A: O teu filho tem um Mercedes?

B: Sim. Ele ganha muito dinheiro, felizmente. 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

56. A: A Maria estuda sempre temas diferentes.

B: O que estudou ontem a Maria? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

57. A: O meu primo quis comprar um computador novo.

B: Ele já encontrou trabalho? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

58. A: A Paula fala espanhol?

B: Ela fala várias línguas. 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

59. A: A Maria come sempre bolos diferentes.

B: O que é que a Maria comeu ontem? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

60. A: Os dois amigos comeram frutas diferentes.

B: Quem é que comeu o quê? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

61. A: Gostas da música do Tiago?

B: Realmente, ele toca boa música. 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

62. A: Vou telefonar à Catarina.

B: Não a viste hoje? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

63. A: Vou ouvir a ópera *Rigoletto* no domingo.

B: Não ouviste-a antes? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

64. A: O que é que aconteceu?

B: O Paulo leu o seu primeiro livro. 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

65. A: Vou comprar aquele filme de Almodóvar.

B: Tu o viste ontem? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

- 66.** A: Vou falar com aquele escritor.
 B: Tu o conheceste na faculdade? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 67.** A: Os dois amigos organizaram conferências diferentes.
 B: Quem o que é que organizou? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 68.** A: O Luís fez um bom almoço?
 B: Sim. Ele prepara a pizza bem. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 69.** A: Fiz um exame muito difícil.
 B: Tu estudaste muito? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 70.** A: A Joana pediu uma prenda?
 B: Ela quer uma bicicleta muito. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 71.** A: O teu filho também vê televisão?
 B: Ele vê, felizmente, pouca televisão. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 72.** A: A tua filha gosta de futebol?
 B: Ela vê as jogos. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 73.** A: Os dois amigos tomaram bebidas diferentes.
 B: Quem o que tomou? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 74.** A: Vou organizar um concurso de História.
 B: Tu o organizaste alguma vez? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 75.** A: Os dois amigos leram jornais diferentes.
 B: Quem é que leu o quê? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 76.** A: O que é que aconteceu?
 B: A polícia dois carros roubados encontrou. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 77.** A: O que é que aconteceu?
 B: O filho à aula de Matemática faltou. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 78.** A: Ontem fui com os amigos a um restaurante japonês.
 B: Eles pediram sushi? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____

- 79.** A: Os dois amigos trouxeram revistas diferentes.
 B: Quem o que trouxe? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 80.** A: Gostas da professora?
 B: Ela explica mal a gramática. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 81.** A: Os dois amigos contaram coisas diferentes.
 B: Quem é que o que contou? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 82.** A: O que é que aconteceu?
 B: A Ana comprou flores feias. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 83.** A: O Pedro compra roupas sozinho?
 B: Não. Ele mal escolhe roupas. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 84.** A: Os dois amigos escreveram músicas diferentes.
 B: Quem escreveu o quê? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 85.** A: A Helena estudou em Londres?
 B: Sim. Bem ela conhece a cultura inglesa. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 86.** A: A Maria vê sempre programas diferentes.
 B: O que ontem viu a Maria? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 87.** A: O Pedro usa roupa chinesa?
 B: Ele só usa roupas caras. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 88.** A: Achas a Maria bonita?
 B: Ela tem olhos lindas. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 89.** A: Os dois amigos fizeram trabalhos diferentes.
 B: Quem é que o que fez? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 90.** A: Vou usar o teu manual.
 B: Já trouxeste-o? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 91.** A: O que é que aconteceu?
 B: O jornalista um artigo polémico escreveu. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____

- 92.** A: A tua filha gosta de música clássica?
 B: Ela ouve, realmente, Mozart. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 93.** A: Vou comprar um CD de fado.
 B: Tu o ouviste antes? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 94.** A: Os dois amigos ouviram canções diferentes.
 B: Quem ouviu o quê? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 95.** A: Os dois amigos encontraram empregos diferentes.
 B: Quem o que é que encontrou? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 96.** A: A Maria prepara sempre sobremesas diferentes.
 B: O que preparou ontem a Maria? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 97.** A: O que é que aconteceu?
 B: A menina comeu tudo. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 98.** A: Gostas da Sónia?
 B: Ela é um querida. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 99.** A: Esta loja tem vestidos bonitos.
 B: Tu escolheram alguma coisa? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 100.** A: Os dois amigos apresentaram trabalhos diferentes.
 B: Quem apresentou o quê? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 101.** A: A Teresa conhece autores russos?
 B: Ela bem conhece Tolstoi. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 102.** A: Vou preparar um bife.
 B: Também o compraste? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 103.** A: O que é que aconteceu?
 B: A Teresa pouca comida preparou. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 104.** A: O Sérgio está outra vez sem dinheiro?
 B: Francamente, ele compra roupas caras. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____

105. A: O teu amigo sabe línguas estrangeiras?

B: Ele fala bem russo. 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

106. A: A Maria organiza sempre encontros diferentes.

B: O que organizou ontem a Maria? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

107. A: O João compra romances?

B: Ele só compra livros pequenos. 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

108. A: Os dois amigos disseram coisas diferentes.

B: Quem o que disse? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

109. A: Os dois amigos tocaram músicas diferentes.

B: Quem o que é que tocou? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

110. A: A Teresa gosta de ler?

B: Ela lê autores checos. 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

111. A: Os dois amigos compraram livros diferentes.

B: Quem é que o que comprou? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

112. A: A Maria diz sempre coisas diferentes.

B: O que ontem disse a Maria? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

113. A: Vou pedir um livro à funcionária.

B: Já encontraste-o? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

114. A: Não te encontrei na cantina.

B: Tu comeu na cantina hoje? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

115. A: A Maria pergunta sempre coisas diferentes.

B: O que ontem perguntou a Maria? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

116. A: O meu filho levou-me ao aeroporto.

B: Ele já comprou carro? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

117. A: Vou pedir uma bolsa de estudo.

B: Tu a pediste no ano passado? 1 2 3 4 Não sei

Correcção: _____

- 118.** A: O João gosta de literatura?
 B: Ele muito lê romances. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 119.** A: A Maria pede sempre jogos diferentes.
 B: O que pediu ontem a Maria? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 120.** A: A Luísa tem problemas de estômago?
 B: Sim. Ela come comida do McDonalds, realmente. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 121.** A: O Jorge tem problemas de saúde?
 B: Ele tem vários problemas. 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 122.** A: Os dois amigos escolheram prendas diferentes.
 B: Quem é que escolheu o quê? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 123.** A: Os dois amigos perguntaram coisas diferentes.
 B: Quem perguntou o quê? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 124.** A: A Maria escolhe sempre filmes diferentes.
 B: O que é que a Maria escolheu ontem? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 125.** A: Os dois amigos comeram pratos diferentes.
 B: Quem é que o que comeu? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____
- 126.** A: Vou comprar o livro de Dostoievski.
 B: Tu o encontraste na livraria? 1 2 3 4 Não sei
 Correção: _____

ANEXO 5. Estruturas Interrogativas-WH Múltiplas e Não Múltiplas: Resultados Globais

CONDIÇÃO	GRUPO	ESCALA				
		1	2	3	4	n.a.
1 <i>wh_{SU} V wh_{OD}</i>	PL1	2,666%	0,666%	5,333%	90%	1,333%
	PL2_EA_IL	5,128%	2,564%	25,641%	65,384%	1,282%
	PL2_LA_CA_Int	1,388%	17,013%	10,763%	70,138%	0,694%
	PL2_LA_CA_Bas	9,876%	24,074%	24,074%	35,185%	6,79%
	PL2_LA_IL_Int	5,555%	20,37%	13,58%	59,259%	1,234%
	PL2_LA_IL_Bas	1,282%	20,512%	15,384%	51,282%	11,538%
2 <i>wh_{SU} é que V wh_{OD}</i>	PL1	2%	1,333%	4,666%	92%	0
	PL2_EA_IL	6,41%	3,846%	14,102%	75,641%	0
	PL2_LA_CA_Int	9,375%	13,541%	6,597%	70,138%	0,347%
	PL2_LA_CA_Bas	15,43%	22,839%	20,987%	33,95%	6,79%
	PL2_LA_IL_Int	10,493%	19,753%	9,876%	59,876%	0
	PL2_LA_IL_Bas	12,82%	24,358%	12,82%	38,461%	11,538%
3	PL1	74%	21,333%	3,333%	1,333%	0
	PL2_EA_IL	29,487%	30,769%	35,897%	3,846%	0

* wh_{SU} wh_{OD} V	PL2_LA_CA_Int	25,347%	29,166%	24,305%	21,18%	0
	PL2_LA_CA_Bas	3,086%	11,728%	26,543%	57,407%	1,234%
	PL2_LA_IL_Int	19,753%	38,888%	20,987%	20,37%	0
	PL2_LA_IL_Bas	8,974%	17,948%	17,948%	42,307%	12,82%
4 * wh_{SU} wh_{OD} é que V	PL1	66,666%	22,666%	6%	3,333%	1,333%
	PL2_EA_IL	37,179%	25,641%	21,794%	11,538%	3,846%
	PL2_LA_CA_Int	36,458%	30,208%	18,402%	14,583%	0,347%
	PL2_LA_CA_Bas	12,345%	20,37%	14,814%	45,061%	7,407%
	PL2_LA_IL_Int	23,456%	31,481%	12,962%	30,864%	1,234%
	PL2_LA_IL_Bas	12,82%	17,948%	20,512%	38,461%	10,256%
5 * wh_{SU} é que wh_{OD} V	PL1	72%	15,333%	4%	6,666%	2%
	PL2_EA_IL	41,025%	24,358%	24,358%	5,128%	5,128%
	PL2_LA_CA_Int	31,597%	28,472%	22,222%	17,361%	0,347%
	PL2_LA_CA_Bas	8,024%	20,37%	28,395%	36,419%	6,79%
	PL2_LA_IL_Int	18,518%	34,567%	21,604%	23,456%	1,851%
	PL2_LA_IL_Bas	12,82%	15,384%	23,076%	37,179%	11,538%
6	PL1	11,333%	10,666%	16%	62%	0

wh_{OD} V ontem SU	PL2_EA_IL	3,846%	28,205%	24,358%	42,307%	1,282%
	PL2_LA_CA_Int	8,333%	27,43%	39,583%	23,958%	0,694%
	PL2_LA_CA_Bas	9,876%	20,987%	27,777%	41,358%	0
	PL2_LA_IL_Int	8,641%	26,543%	38,271%	25,925%	0,617%
	PL2_LA_IL_Bas	6,41%	11,538%	33,333%	48,717%	0
7 wh_{OD} é que SU V ontem	PL1	0	1,333%	2%	96,666%	0
	PL2_EA_IL	1,282%	1,282%	3,846%	92,307%	1,282%
	PL2_LA_CA_Int	4,861%	2,777%	7,986%	84,375%	0
	PL2_LA_CA_Bas	0	1,234%	8,641%	87,037%	3,086%
	PL2_LA_IL_Int	1,234%	6,79%	3,703%	88,271%	0
	PL2_LA_IL_Bas	12,82%	1,282%	21,794%	64,102%	0
8 * wh_{OD} ontem V SU	PL1	40,666%	26,666%	12,666%	18,666%	1,333%
	PL2_EA_IL	12,82%	29,487%	25,641%	29,487%	2,564%
	PL2_LA_CA_Int	10,763%	28,472%	34,722%	25,694%	0,347%
	PL2_LA_CA_Bas	8,641%	14,814%	27,16%	48,148%	1,234%
	PL2_LA_IL_Int	11,111%	33,95%	24,691%	27,16%	3,086%
	PL2_LA_IL_Bas	11,538%	11,538%	20,512%	56,41%	0